



SÉRIE DONO DO MEU
DESEJO
LIVRO 5

ENZO

“Nem sempre o amor é o bastante.”

E D U A R D A G O M E S



PERIGOSAS NACIONAIS

ENZO

Eduarda Gomes

PERIGOSAS ACHERON

©2019 Eduarda Gomes

Design: Creatus Design Editorial

Revisão: Eduarda Gomes

Diagramação digital: Eduarda Gomes

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida, transmitida e/ou gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou outros, sem autorização por escrito da autora.

SINOPSE

•LIVRO 5 DA SÉRIE•

Nem sempre o amor é o bastante.

Enzo Salvatore é o Chefe da Máfia Italiana. Veio para o Brasil comandar um esquema de tráfico internacional de armas e drogas, montando um clube da Família e empresas-fachada. Ele é controlador, vingativo, impiedoso, frio e calculista. Um predador, um assassino.

Kiara Moraes perdeu o irmão sem saber o porquê, encontrou seu corpo no jardim da sua casa com uma bala cravada na testa e sinais claros de tortura. Passados cinco anos do assassinato do seu irmão e sem nenhum sucesso nas investigações da polícia, algo acontece. Kiara é pega por homens de Salvatore, que a levam até Enzo para que possam esclarecer o que, até então, ela não sabia.

Enzo acredita ter sido traído pelo irmão dela. Kiara
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jura não saber de nada. Um encontro turbulento e cruel.

Venha conhecer essa intensa história de desejo e sangue.

PERIGOSAS ACHERON

Playlist



- 1- Everybody wants to rule the world – Lorde
- 2- How bad do you want it – Sevyn Streeter
- 3- Partition – Beyoncé
- 4- Escape – Thirty Seconds to Mars
- 5- Perfect – Ed Sheeran
- 6- Gangsta – Kehlani
- 7- Evil in the night – Adam Lambert
- 8- Search and destroy – Thirty Seconds to Mars
- 9- Payback – Juicy J
- 10- Criminal – Nati Natasha, Ozuna
- 11- Human – Christina Perri
- 12- Strani amori – Laura Pausini
- 13- Incancellabile – Laura Pausini

PERIGOSAS NACIONAIS

- 14- Dangerous – David Guetta
- 15- Salvation – Gabrielle Aplin

PERIGOSAS ACHERON



.•. ATUALMENTE .•.

KIARA

Não sei quanto tempo passei distraída com a limpeza dos pontos, quando escuto Salvatore falando do outro lado da porta. Ele está mexendo na fechadura, parece bravo.

— Abra a porta.

Não respondo e continuo empenhada no que estou fazendo. Salvatore silencia do outro lado e eu

PERIGOSAS ACHERON

solto um suspiro, ele foi embora.

De repente, o estampido seco de um tiro me faz gritar e a porta é aberta com um pontapé, revelando o homem que deve ter, no mínimo, dois metros. Ele entra no quarto, ainda empunhando a arma, parece descontrolado de raiva.

Salvatore vem até mim e, com a mão livre, segura meu maxilar com uma força tremenda. Com certeza, um hematoma vai se formar em meu rosto.

— Quando eu mandar, obedeça. Entendeu?

Capítulo 1



"Bem-vindo à sua vida
Não há volta
Mesmo enquanto dormimos
Nós encontraremos você"
Everybody wants to rule the world - Lorde

.•. DIA ANTERIOR .•.

KIARA

Saio da academia junto com Marina, minha
PERIGOSAS ACHERON

amiga e colega de trabalho. Nós duas ensinamos em uma academia de dança, nos conhecemos na entrevista de emprego, cinco anos atrás, quando precisei largar a faculdade. Desde então, não nos separamos mais.

— Tem certeza que vai ficar sozinha hoje? Acha que é seguro?

— Fica tranquila, Mari, moro aqui há anos. — tento tranquilizar minha amiga.

— Mas eu tenho medo por você, sua cabeça dura, seu irmão foi assassinado e ninguém sabe o motivo — argumenta. — Fora os seus pais, que você nunca soube nada deles a não ser que era perigoso conhecê-los. Acha isso normal?

— Vou ficar bem. Obrigada pela preocupação.

Não parecendo muito satisfeita, Marina balança a cabeça, me dá um abraço rápido e vai embora. Entro em casa e fecho a porta com a mesma sensação estranha de todos os dias. A sensação de estar sendo constantemente observada, desde que Rodrigo morreu.

Sigo para meu quarto e vou direto para o banheiro, preciso de um bom banho. A academia tem sido bastante requisitada, então eu tive que

abrir mais turmas para dar aulas de dança de salão, enquanto Marina ensina os ritmos soltos. Apesar de toda a correria, isso veio na hora certa, as contas só crescem.

Tomo um banho demorado e quente, afim de relaxar os meus músculos. Ao terminar, visto uma camisola e, ao sair do banheiro, encontro meu quarto escuro. Um arrepio toma a minha espinha e o pânico me invade com força. Alguém está aqui.

A única luz que há no quarto é a que vem da rua através da janela. Vejo apenas penumbra, mas sei que tem alguém no quarto, me observando. Meu corpo inteiro começa a tremer de medo.

— Q-Quem está aí?

— Apague a luz do banheiro. — Uma voz com um forte sotaque ordena.

Fico paralisada, tremendo. O horror me toma inteira.

— *Dio santo*^[1], é surda? Apague a porra da luz. — A voz ganha um tom ameaçador. — Agora!

Rapidamente, em um impulso, apago a luz e o silêncio volta a permear no quarto. Minha respiração começa a descompassar pelo medo. A figura aparece na frente da janela, um homem encapuzado, enorme. Isso só fez o meu medo

triplicar.

— O q-que você quer? — murmuro.

— Salvatore tem um assunto a tratar com você.

Uma confusão sem tamanho toma a minha cabeça. O que Salvatore, um dos homens mais ricos desta cidade, iria querer comigo? Não sou ninguém além de uma dançarina pobre que luta para pagar as contas. Será que ele quer me contratar?

— O que ele quer? Por que invadiu minha casa?

— Vai descobrir quando chegar lá.

O homem começa a andar em minha direção e eu grito, em desespero. Vai que ele esteja usando o nome do Salvatore para atrair as pessoas?

Tento correr, mas sou agarrada com força e uma mão enorme tapa minha boca. Fica quase impossível respirar e eu luto ainda mais.

— É melhor ficar quieta, *cazzo*^[2]. Vamos.

Noto que ele permanece no mesmo lugar. Veio acompanhado.

Eu já havia ouvido boatos de que Enzo Salvatore era um mafioso, que comandava o tráfico de drogas na cidade, mas nunca acreditei. Ele sempre aparece em eventos no orfanato, faz

caridades em nome de sua empresa de automotivos, é muito bem visto pelas pessoas no Brasil.

Agora, não sei mais de nada.

O homem que tapa minha boca me força a andar, me guiando para os fundos da minha casa. Ao pararmos em frente à porta dos fundos, agora podendo ver, graças à luz acesa, o homem me solta.

— Nós vamos sair como três amigos e você vai entrar no carro, *capisce*^[3]? — Se aproxima, feroz. — Faça algum sinal ou tente alguma merda fodida e nós matamos você e sua amiga.

Balanço a cabeça, derrotada. Jamais deixaria que meus problemas atingissem Marina. Mesmo sem saber que problemas são. Será que Rodrigo era envolvido em algo?

— *Grande, andiamo*^[4].

Eles me entregam um casaco e esperam que eu o vista para cobrir a camisola, depois me empurram para fora e eu sigo para o carro preto estacionado na rua. O homem que permanece em silêncio abre a porta traseira para mim, enquanto o que me ameaçou vai ocupar o lugar do motorista.

— Andreoli, vá atrás com ela.

O vejo bufar, ele sequer havia falado ainda. Ambos me assustam. Meu corpo inteiro treme de

medo pelo que me aguarda pela frente.

— Entra logo — ordena para mim, que ainda estou paralisada.

Ao sair do carro, puxam o capuz que cobria o meu rosto e o homem intitulado Andreoli, que veio ao meu lado, agarra meu braço direito e o outro homem, que vi Andreoli chamar de Enrico durante o percurso, agarra meu braço esquerdo. Sou guiada por um caminho que estranho.

Eles me arrastam porta adentro e me guiam por corredores luxuosos e bem iluminados. Então a ficha cai... Por fora o lugar é horroroso para não deixar tão na cara que ele manda e desmanda em tudo por aqui. Paramos em frente à uma porta de metal e Andreoli digita algo em um painel ao lado dela, fazendo-a se abrir.

Os corredores metálicos não me agradam, parece mais um lugar feito para abafar o som que vem daqui. Sou empurrada com força e eles arrancam o casaco de mim enquanto adentramos, caminhando pelo corredor frio. Noto várias portas, também metálicas, mas com pequenos quadrados

PERIGOSAS NACIONAIS

em vidro fumê na altura exata para que uma pessoa possa ver pelo lado de fora.

O terror me toma quando, em uma das salas, vejo um homem amarrado e seu rosto está completamente coberto de hematomas e cortes. Então eu entendo tudo, meu irmão foi torturado e morto aqui, por Enzo Salvatore, e sua gangue maldita e eu estou indo para o mesmo caminho. Mas por quê?

Tento à todo custo me livrar dos dois, mas eles me apertam ainda mais firme. Pela primeira vez desde que vi os dois, o choro me invade.

— O que vocês vão fazer?! Eu não fiz nada, isso é um engano! — explico. — Você pegaram a pessoa errada!

— Isso você explica a Enzo.

Eles abrem uma sala e me empurram para dentro, me fazendo perder o equilíbrio e cair com tudo no chão. Sinto meus joelhos arderem e uma dor aguda na minha testa, a bati no chão. Andreoli me ergue com apenas um puxão pelos braços, enquanto Enrico pega uma corda.

Andreoli me faz sentar em uma cadeira e me segura, enquanto Enrico prende minhas mãos atrás das costas e amarra meus pulsos com força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto algo quente escorrendo pelo meu rosto e sei que é sangue. Esses malditos me machucaram e tenho medo do que ainda podem fazer.

Encaro o homem que me segura e ele retribui o olhar. Assim que assegura que os nós não serão desfeitos, ele vem para minha frente e amarra os meus pés. Olho fixamente para ele, não há expressão em seu rosto. O homem não demonstra nada. Um calafrio de medo toma minha espinha.

— Trate de ficar quieta — ordena.

Observo os dois deixarem a sala fria, esse lugar cheira a éter. Sinto meus pulsos adormecerem, paro de sentir as minhas mãos em pouco tempo. Temo pelo que vai me acontecer.

ENZO

Bebendo tranquilamente a minha dose de whisky, sento em um banco, em frente ao balcão do bar do clube. Estou esperando a volta de Enrico e Andreoli com a irmã do Rodrigo. Hoje tudo sobre o sumiço daquele filho da puta vai ser esclarecido.

Aquela mulher vai falar, nem que para isso eu tenha que arrancar de sua boca. Passo a mão na

PERIGOSAS ACHERON

minha pistola, presa no cós da minha calça e observo o cassino apinhado, abrindo um sorriso satisfeito. Vejo Dante Rocha e Pedro Castillo vindo na minha direção.

Ela chegou.

— Então?

— Está pronta — Dante diz.

— Ótimo. — Finalizo minha dose e levanto.

Coloco o copo sobre o balcão, mas antes de seguir para onde ela está, Pedro obstrui minha passagem.

— Chefe, tome cuidado, não vá matá-la. Se Rodrigo estiver nos traindo, ela pode estar sendo protegida por eles, isso iniciaria uma guerra.

— Sei disto. Onde está o meu consigliere quando preciso dele?

— Não vi Pozzani esta noite.

— Maldito viciado em putas — rosno, bravo. — Saia.

Pedro balança a cabeça e sai da minha frente. Sigo apressado para os fundos do cassino e noto que Catarina, mesmo dançando, me acompanha com o olhar. Fazem dias que não visito seu quarto. Depois do que fez à Benjamim e Lara, abrindo o bico para a imprensa, nem os prazeres

PERIGOSAS NACIONAIS

que me proporciona me fazem voltar ao normal com ela.

Assim que chego ao meu destino, vejo Enrico e Andreoli na porta. Paro para analisar os irmãos que são os meus braços direitos para a execução do serviço sujo.

— Podem ir, cuido do resto.

— Ela jurou, Salvatore — Andreoli ousa me desafiar. — Creio que ela não saiba de nada.

— Pessoas juram quando querem se safar, você sabe disso. Vamos ver se essa jura vai permanecer até o final.

— Está defendendo *questa donna*^[5]? — Enrico ralha com o irmão.

— Estou dizendo que ela não parece ser a traidora que vocês dizem ser, ela nem sabia porque estávamos lá, *dannazione*^[6].

— São especulações, eu vou arrancar a verdade dela. Agora vão e garantam que ninguém vai me atrapalhar enquanto eu estiver aqui.

Os dois saem e eu digito a senha no painel. A porta metálica se abre e eu não hesito em entrar. Finalmente vou descobrir o fim daquele maldito. Sigo para a última sala e me choco com a beleza da mulher amarrada. Ela tem poucos traços do irmão.

PERIGOSAS ACHERON

Me pergunto porque ele escondeu a existência dela de nós, afinal os pais deles também eram da *Famiglia* como nossos pais... é dever dela assumir seu lugar. Isso só me deixa ainda mais certo de que Rodrigo nos traiu e que ela pode ser a protegida de algum filho da puta ou se vendeu para outra máfia.

Abro a porta e a mulher ergue o olhar para mim. Em sua testa há um corte e o sangue ainda está vivo em seu rosto.

— Kiara Moraes. — Estreito o olhar para ela. — Bem-vinda ao cassino... Uma pena que de uma maneira não muito interessante.

A mulher fica muda.

Travo a porta e caminho até ela, devagar. Paro em sua frente e ela permanece do mesmo jeito, quieta.

— Bom, vamos dispensar apresentações já que você sabe muito bem quem sou e eu sei exatamente quem você é. — Agacho em sua frente para ficar na altura dos seus olhos. — Você sabe o que eu quero?

Ela balança a cabeça, negando.

— Cazzo! — grito. — Me responda.

— Eu não sei do que você está falando...

Não s-sei porque estou aqui, sou somente uma professora de dança.

Dou-lhe um tapa forte no rosto e seguro firme sua mandíbula. Faço com que ela olhe para mim, o olhar assustado e confuso me faz querer matar essa miserável de uma vez. Traidores, estou rodeado deles.

— Não gosto de bater em mulheres, bonita, então trate de responder o que eu perguntar. *Capisce?* — A sacudo. — *Capisce?!*

Ela apenas balança a cabeça.

— Vou resumir para você. — Solto sua mandíbula. — Seu irmão trabalhava para mim, nossas famílias são unidas pela máfia... União de sangue. — O olhar confuso ainda está ali. — Cinco anos atrás, seu irmão saiu para se encontrar com uma mulher, que ele dizia ser sua amante, e nunca voltou... ele quem tomava conta dos negócios aqui no Brasil.

Vou até a mesa, retiro o meu blazer e pego uma das facas.

— Algum tempo depois eu descubro que essa mulher não era sua amante, mas sim a irmã dele.

Kiara entreabre a boca, espantada. Seu

teatro é tão bom que eu quase caio. Quase. Passo o dedo na ponta da faca e volto a me agachar em sua frente. Olho para seu corpo, coberto por um fino tecido branco e desço o olhar para as suas belas pernas torneadas.

— Imagine a minha surpresa, quando soube que a *Famiglia* foi traída... que há uma mulher que nos pertence solta pelo mundo. Seus pais tiveram sorte para escondê-la, estávamos em guerra com os mexicanos.

Deslizo a ponta da faca por sua pele, o que faz a mulher tremer diante de mim. Ela está com medo. Medo de me contar a verdade?

Cravo a faca na sua coxa e a mulher solta um longo grito desesperado. Lágrimas começam a descer descontroladamente pelo seu rosto moreno e belo. Enxugo algumas lágrimas que escorrem e ela afasta o rosto, tremendo.

— Trate de engolir esse choro — rosno. — Ou vou dar bons motivos para que chore... E muito. Ela engole em seco.

— *Parlami*^[7], conhece alguém chamado Giulio Federici? Ou há alguém de outro país que esteja protegendo você? Outra máfia?

— Não, merda. Eu não sei de nada! Você

PERIGOSAS NACIONAIS

pegou a pessoa errada, não podemos estar falando do mesmo Rodrigo!

Fico de pé bruscamente e lhe dou mais um tapa no rosto antes de me afastar e pegar um alicate. Kiara. Ela que não brinque de ser esperta comigo.

— Você prefere que eu comece pelas unhas? Ou pelos dentes?

A mulher grita, descontrolada, quando me aproximo novamente. Arranco a faca da sua perna, deixando o sangue escorrer. Ela implora.

— Já arranquei a verdade de muita gente, *figlia di puttana*^[8], você é somente mais uma nesta cadeira.

— Eu não sei de nada. Não fazia ideia de que ele trabalhava...

— Pare de...

— Rodrigo está morto fazem cinco anos... Cinco malditos anos. — Seu rosto está banhado de suor, ela está perdendo sangue. — Não sei de família nenhuma! N-Não...

Não, agora que eu quero ouvir, ela não pode perder a consciência. Chego perto dela e seguro seus cabelos antes de sua cabeça pender para frente.

— Termine!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A irmã de Rodrigo perde a consciência. Olho para o sangue e não é tanto para que fique desse jeito, ela está nervosa. Ensandecido, enfio o dedo na abertura que a faca causou em sua coxa e a dor a faz acordar de novo e gritar.

— Fale, *cazzo*! — Mostro o alicate. — Ou arranco os seus dentes!

— O que você fez, Rodrigo? — Seu olhar é vago e ela pisca leve, não vai demorar para perder a consciência de novo. — Me prometeu que era trabalho honesto... P-Prometeu.

A mulher volta a perder a consciência e eu xingo. Merda, ela não sabe de nada. Voltamos à estaca zero de novo e agora tenho uma mulher da *Famiglia* nas mãos que não sabe que pertence a nós.

Encaro o fardo que terei que carregar a partir de agora. Kiara será um problema, coisas assim não acontecem na família. *Non* posso matá-la, ela pode ser útil.

Desamarro seus pés e depois suas mãos, a pego nos braços e ela não dá nenhum sinal de que está acordando. Subo pelas escadas dos fundos e encontro Lucca se agarrando com uma das prostitutas do clube.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lucca! — rosno. — *Smettila di fottere e chiama Filippo* (Pare de foder e chame Filippo).

— Estou aproveitando, já que não posso tocar nas bonitas da Famiglia — solta, zombeteiro. — Qual o problema com ela?

— Faça o que eu disse.

Ando depressa com ela nos braços e abro a porta do quarto interligado ao meu. Coloco a mulher desacordada na cama e vou para o banheiro, limpar as mãos sujas de sangue.

— Che cazzo hai fato, Salvatore? (Que porra você fez, Salvatore?) — Filippo pergunta. — Quem é essa mulher?

Saio do banheiro com uma toalha nas mãos, me livrando do sangue. Olho para Kiara na cama e penso na porra do problema que tenho pela frente.

— Fai il tuo lavoro (Faça o seu trabalho). — Sento na poltrona, ao lado da cama.

Penso no que a mulher me disse. Se ela é mesmo inocente nisso tudo e estava dizendo a verdade, então quem matou Rodrigo? E por que esconder Kiara por tanto tempo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2



KIARA

Abro os olhos com dificuldade, a claridade no quarto indica que já é dia e a dor em meu corpo me lembra onde estou. Fecho os olhos, mal conseguindo me mexer e somente assim a minha ficha cai. Estou em um quarto grande e a última coisa de que me lembro é ver Salvatore desesperado para que eu falasse.

— *Buongiorno*^[9]. — Me assombro com o homem sentado na poltrona. — Como se sente? A perna?

Retiro o fino lençol que cobre meu corpo e
PERIGOSAS ACHERON

vejo que já foi feita a sutura do corte. Apaguei completamente e não consigo sequer me lembrar como cheguei até aqui. Não respondo ao homem e ele abre um leve sorriso.

— Tranquila, não vou fazer nenhum mal a você. Sou Filippo, médico da Famiglia. Vai ficar uma cicatriz aí, tentei amenizar o máximo, mas não vai ter muito jeito... Os analgésicos e antibióticos estão na gaveta do criado-mudo junto com a receita detalhada dos horários.

O homem fica de pé e pega a sua maleta. Ele é médico, Kiara, fez a sutura e deixou remédios... acalme-se e seja educada.

— Obrigada — murmuro, sem encará-lo diretamente.

Ele assente e deixa o quarto. Olho em volta, analisando cada detalhe do luxuoso quarto decorado em tons de marfim. Eu já havia ouvido falar do cassino, mas nunca acreditei. Com certeza tem muito dinheiro nas mãos de autoridades para que isso aqui funcione. De acordo com o que ouvi, aqui é onde os prazeres são enormes e onde tudo é coisa de filme, mas pensava que eram apenas lendas.

Vejo uma porta em outra parede e franzo o

cenho, pensativa. Um quarto interligado, mas com o de quem seria? Alguém abre a porta principal e eu me assombro.

— Bom dia. — Um homem carregando uma bandeja entra. — Trouxe seu desjejum.

Hesitante, balanço a cabeça. Vai me envenenar?

— Meu nome é Odilon e eu estou aqui para ajudar você, ok? — Senta na cama e sorri para mim. — Como se sente?

— Sinto dor.

O homem sorri outra vez e toca meu braço em apoio, mas levanta-se e vai buscar a bandeja. Me pergunto porque está sendo gentil comigo, mas fico quieta. Quando volta para perto de mim, me olha e parece hesitar antes de falar:

— Soube que é irmã de Rodrigo... É verdade?

A bandeja é colocada ao meu lado na cama e eu hesito, com medo de que a comida esteja com algo.

— Sim. — Acabo cedendo e sirvo uma xícara de café para mim, estou faminta. — O que ele fazia aqui? O que aconteceu?

— Não tenho permissão para dizer nada,

meu bem, apenas para cuidar de você. — Suspira, olhando ao redor. — Catarina Bastos esteve aqui?

— Não que eu saiba.

— Não confie nela, é uma cobra falsa, que espera uma fraqueza para se aproveitar.

— Não confio em ninguém.

Odilon abre a boca para responder, quando a porta que interliga meu quarto com outro é aberta. Meu coração gela na hora quando a porta aberta revela Enzo Salvatore com uma expressão indecifrável no rosto. Emudeço.

— Está completamente certa, Kiara — diz, sem olhar para mim. — Não se deve confiar em ninguém... principalmente nos que se dizem amigos. *Capisce?*

— Ai, chefinho, pensei que somente chuva caísse do céu. — Leva a mão ao coração. — Mas vejo que um anjo lindo desses só pode ter vindo de lá mesmo.

— Cale essa boca — rebate e se aproxima de nós. — Não são horas para brincadeira. Vá, preciso falar com a moça.

Assim que Odilon sai do quarto, volto meu olhar para Enzo e percebo que ele me observa. Sinto medo, mas pela primeira vez, faço o mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem é dono de uma beleza exorbitante, o maxilar quadrado e bem definido, os olhos azuis misteriosos, os lábios rosados e um pouco carnudos, os cabelos fartos e aparentemente macios... Isso sem falar dos ombros largos e do peito bem demarcado na camisa social branca.

Enzo caminha calmamente e para ao meu lado, de pé. Olha para a minha perna e depois os meus olhos. Medo e ódio me dominam, o homem não esboça nenhuma reação. É como se tivesse sido treinado para não demonstrar nenhuma.

— Diga o que sabe sobre o seu irmão. —
Puxa a poltrona mais para perto da cama e se senta.
— Disse que ele está morto.

Olho para o homem, incrédula. Ele não o matou? Deveria saber.

Enzo continua me olhando e recordo do olhar frio quando cravou a faca em minha coxa. O mesmo olhar quando a arrancou de propósito para que eu sangrasse e lhe contasse o que supostamente era para saber. Maldito.

— Ele está morto há cinco anos... Foi assassinado. — Hesito. — Encontrei seu corpo no jardim da nossa casa.

— O que ele dizia a você sobre o trabalho?

PERIGOSAS ACHERON

Bufo com as perguntas, é um entrevistador agora.

— Ele nunca me contou sobre trabalho, apenas dizia que fazia bicos... e que queria que eu terminasse a minha faculdade, queria um futuro para mim — conto devagar. — Até que um dia eu o acho com uma bala cravada na testa, em meu jardim.

— Rodrigo era um dos homens em quem eu mais confiava.

— Um bandido.

Salvatore soca a mesa de cabeceira e se põe de pé, fazendo com que eu me encolha na cama. Não desvio o olhar do seu nem por um segundo. Mesmo com medo, a minha raiva por ele é maior.

— Um homem da Famiglia, honrado e de palavra... um capo. Pelo menos era o que ele demonstrava. — Curva o corpo, aproximando nossos rostos. — Está na porra do seu sangue, não fale como se estivesse fora disso.

— Eu estou fora disso.

— Essa sua carinha de boa não me engana, Kiara.

— O que eu tenho que fazer para que você entenda que eu não sei de nada? Já não bastou ter

me esfaqueado?

— Quem faz as perguntas aqui sou eu, *capisce?* *Non* me faça perder a paciência com você.

Ao ouvir suas palavras, lembro-me de quando ele costumava me contar histórias, todas eram relacionadas à máfia. Os costumes, casamentos arranjados, homens que começam treinamento aos dezesseis anos. Sempre achei que fossem somente histórias, claro que achei.

Seu olhar frio como gelo e suas feições enrijecidas me fazem estremecer. Desço o olhar até o cabo da arma aparecendo no cóis da sua calça e depois volto a encarar seu olhar gélido. Fico calada. Salvatore passa as mãos nos cabelos e respira fundo, como se tentasse se controlar.

— Então você é dançarina... — Seu olhar percorre todo o meu corpo, como se analisasse um produto.

— Dou aula, é meu trabalho.

— Eu sei. — Faz uma pausa. — Sei tudo, cada passo, cada horário, cada nome das pessoas que rodeiam você.

Engulo em seco. Há quanto tempo venho sendo observada? Quanto tempo esse louco levou

para chegarmos aqui?

— O que você quer de mim?

— Finalmente chegamos ao ponto da conversa. — Um sorriso assustadoramente frio surge em seu rosto. — Já que você não sabe de nada sobre o que seu irmão fazia, ou que pertence à *Famiglia*, pensei em uma maneira de você me ser útil...

— Útil?

— *Esatto*^[10], enquanto não aprende suas obrigações e seus laços com a *Famiglia*. Quero que trabalhe aqui no cassino, será dançarina e vai me ajudar a investigar alguns figglios di puttana^[11] que tenho aqui... Giulio Federici será o primeiro.

— Por que eu faria isso? — Cruzo os braços. — Não sou prostituta e não vou trabalhar aqui, eu tenho um trabalho, uma casa e uma amiga que se preocupa comigo. Quero voltar.

— Sua amiga recebeu uma mensagem sua... você está na Itália neste momento. Foi procurar os seus parentes.

— O quê?!

— Sabe por que você vai fazer isso, Kiara?

Salvatore curva o corpo em minha direção outra vez e apoia uma das mãos na cama, ele rosna,

muito próximo ao meu rosto. Está tentando me intimidar, querendo me dobrar às suas vontades.

— Porque você pertence a nós e eu tenho certeza que quer saber como seu irmão morreu e tenho certeza também de que não vai me querer ver irritado de novo. — Silêncio por completo quando ele olha para minha perna. — Foi o que eu pensei.

Ele ergue o corpo, arruma a camisa e me dá as costas. Enzo segue calmamente para a porta que liga meu quarto ao seu e, de repente, para de andar.

— Mais tarde virei aqui para dizer o que deve fazer. Assim que melhorar desta perna quero você trabalhando.

— Por acaso virou meu dono?

— Desde o momento em que seus pais e seu irmão esconderam você da Família — diz com convicção. — Agora você não tem mais ninguém.

— Eu odeio você, maldito.

— Não pedi para que me amasse, pedi? — Está impassível, frio. — Odilon virá ajudá-la a se vestir, quero que participe de uma reunião mais tarde. Vou apresentar você aos amigos do seu irmão.

Não respondo e ele deixa o quarto, batendo a porta. Olho para a bandeja que Odilon trouxe e

sinto um embrulho no estômago, estou com medo deste lugar e das pessoas daqui. Enzo diz que pertenço à máfia, mas como?

Ele conheceu meus pais, falou sobre eles e eu preciso saber o que eles faziam, saber porque eu nunca os conheci. Saber porque faço parte disso.

ENZO

Passei a noite praticamente toda em claro, sabendo que questa figlia di puttana que está no quarto ao lado não sabe de nada. Agora o irmão está morto, não posso lhe arrancar nada.

O que eu vou fazer com essa mulher aqui no meu cassino se ela não sabe de nada? Eu sei, ela pertence à nós, mesmo tendo sido criada longe e escondida, ela tem em seu sangue a frieza e força da Famiglia.

Então o que ela faz da vida me vem à cabeça. Kiara dá aulas de dança, pode ser útil para atrair quem eu quero para arrancarmos algumas informações. Preciso saber como Rodrigo foi morto, quem o matou. Ninguém mexe com um dos meus e sai ileso dessa merda, quero o sangue de

quem o matou.

Mesmo sentindo raiva daquela mulher por ela ter me acusado de matar meu irmão de máfia, lei è caldo. A ida em seu quarto essa manhã me trouxe nada menos que um pau duro, mas não posso simplesmente tocá-la.

Mulheres da máfia devem se casar virgens; a não ser que ela queira me dar o seu lindo rabo. Também sei que ela não deveria ser exposta desta maneira, para dançar como uma prostituta, mas ela esteve longe por muitos anos, não sabe nada e quem manda nesta merda ainda sou eu. Quero saber até onde ela é capaz de aguentar.

O modo como insiste em não se dobrar para mim, às minhas vontades e ordens me faz ver que ela não foi criada como todas as mulheres da máfia são. Elas são preparadas a vida inteira para se casar com capos, filhos dos capos e/ou até mesmo o chefe. Criadas para obedecer. Essa porra de mulher é um problema gigante nas minhas costas.

Sou o Chefe da Famiglia, ela vai aprender a se curvar para mim, ou vai sofrer por isso. Schifosa^[12]. Vou dominar esta mulher, a começar pelo momento em que ela pisar naquele palco, vai estar cedendo às minhas ordens e ao que eu quero.

Deixo de lado minhas preocupações com este assunto e foco nos problemas que tenho para resolver na SQUAD. Benjamim e Felipe me ligaram dizendo que precisamos resolver um problema que surgiu nas contas. Devo ter esquecido de informar sobre o novo carregamento da empresa.

Assim que chegar da SQUAD irei me reunir com todos, Enrico, Matteo, Andreoli, Lucca e Ettore. Eles tinham contato direto com Rodrigo e são os melhores do grupo quando em ação. Dante, Pedro e Lucca já começaram a investigar essa história mal contada da morte de Rodrigo.

Quando chego da SQUAD, cheio de problemas e a cabeça fervilhando, vou direto para a minha sala. Preciso de uma boa dose de whisky e do meu cigarro para clarear os pensamentos.

Entro na sala e sirvo a bebida quente em um copo, pego um cigarro do maço e o isqueiro no bolso. Ascendo o cigarro e dou uma tragada profunda. Verifico o celular e noto uma ligação perdida do homem para quem forneço as drogas em

Florença, na Itália. Solto a fumaça pelo nariz e resolvo retornar a ligação. Será que algo aconteceu com o fornecimento?

— *Al capone! Infine!* (Chefe! Finalmente!)

— *Ciò che si vuole, maledizione?* (O que você quer, maldição?)

— *Così sono modi di parlare con un amico, Salvatore?* (Isso são modos de falar com um amigo, Salvatore?) — Ele ri e eu me mantenho sério. — *Le merci sono sulla loro strada?* (A mercadoria está a caminho?)

— *Domani lascerà i depositi.* (Amanhã deixarão o depósito.)

— *Grande, man mano che arrivano nelle mie mani, io mando i soldi.* (Ótimo, assim que chegarem nas minhas mãos, mando o dinheiro.)

— *È bene di inviare.* (É melhor enviar mesmo.) — Meu tom é uma ameaça. — *O ti caccia giù all'inferno, cazzo e ucciderti lentamente.* (Ou te caço até no inferno, porra, e te mato lentamente.)

Desligo sem esperar resposta e sento em minha cadeira, puto da vida. Dou um longo gole na minha dose de whisky e tento mentalizar alguma coisa que me faça desestressar. Sexo.

Ouçó alguém bater à porta e, sem paciência,

PERIGOSAS NACIONAIS

mando que entre. Ao ver Odilon acompanhado por Dante e Pedro, lembro-me da reunião que marquei com todos, dou mais um trago no cigarro e relaxo na cadeira.

— Chefinho, devo ir ajudar a Kiki agora?

Solto a fumaça devagar e nego com a cabeça.

— Apenas quando todos chegarem, preciso falar com eles antes.

— Ok.

Olho para Dante e Pedro, que seguram o riso e bufo.

— Saia.

— Calma, chefinho.

— Não teste minha paciência. — Olho para Dante e Pedro. — Preciso pensar no que fazer com Kiara.

— Eu sei o que fazer com ela. — Dante sorri. — Se quiser me dar uma missão extra...

— Sabe que não pode encostar nas mulheres da família.

Essa mulher é a fonte dos meus problemas.
Maledizione!^[13]

Nesse momento, os cinco filhos di puttana entram na sala totalmente sérios. A parte principal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do meu grupo é formada por sete homens de minha total confiança, os mais impiedosos e precisos quando necessário. Somos uma família e respeitamos isso. Para mim lealdade e honra são as qualidades mais importantes de um homem.

Todos têm sua função corretamente dividida dentro da família. Eu sou o chefe, a mente daqui. O meu sub-chefe é Lucca Pozzani, é dele que partem as informações para os capos. Ettore Barbieri é o consigliere, não costumamos nos dar bem, mas nos obrigamos a isso, pelo bem da Famiglia.

Os capos são os chefes das famílias, cada uma tem uma função. E essas funções consistem em tráfico de armas, tráfico de drogas, distribuição das mercadorias e os clubes da Famiglia.

Os soldados mais próximos são Dante Rocha e Pedro Castillo. Os demais soldados com mais confiança são os irmãos Caligiuri, Enrico e Andreoli. Matteo é um Irmão, ele é o homem de maior confiança depois do sub-chefe e é ele quem administra e organiza o tráfico, planejando e executando os ataques aos rivais junto comigo.

Não costumo colocar associados novatos, não confio nem em minha própria sombra, quem dirá em figlios di puttana que podem nos entregar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma simples tortura? Quando necessário, eu os coloco em uma zona de constates testes, onde permanecem longas datas e ficam cientes de que traição é morte.

Por falar em associados, temos os políticos, policiais e juízes pelo mundo todo. São pessoas que possam abrir caminhos para mim em troca de uma boa estabilidade e da vida dos seus familiares.

— Salvatore. — Lucca sorri.

— Pozzani — respondo, completamente sério e apago o cigarro no cinzeiro.

— Por que nos chamou, chefe? — Andreoli pergunta.

— Vá, Odilon. — Permaneço sério e a gazela feliz sai sem dizer nada. — Rodrigo è stato ucciso. (Rodrigo está morto.)

— Stai bluffando! (Está blefando!) — Matteo se exalta.

— O miserável non fugiu? Estávamos vigiando a suposta amante que, na verdade, é irmã... Não era? — Ettore pergunta.

— Ele está morto e quero descobrir quem foi o responsável.

— Como pode ter tanta certeza? — Enrico pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No mesmo instante, vejo Kiara adentrar na sala junto com Odilon. Ela se apoia nele para andar, mas não dá o braço a torcer. Observo rapidamente o vestido que está usando, mandei providenciar tudo. As roupas encontradas na casa dela não servem.

— Aí está a certeza.

Kiara se assusta com a apresentação repentina.

— Quem é essa? A irmã dele? — Matteo pergunta.

Apenas balanço a cabeça e noto Andreoli olhando para Kiara, que agora se acomoda em uma cadeira. Volto meu olhar para ela também e sinto raiva. A mulher tem curvas enlouquecedoras e isso é um perigo para esse local.

Esta noite, com certeza, irei precisar dos serviços de Catarina Bastos, ou não conseguirei dormir com essa mulher estando no quarto ao lado. Kiara me olha, completamente séria e feroz, como se me pedisse uma explicação para tudo isso.

— Por que estou aqui, Salvatore?! Já não basta o que me fez?

— Abaixе a porra do seu tom — rosno.

Andreoli sorri, levanta da cadeira em que

PERIGOSAS ACHERON

está sentado e caminha até onde ela está.

— Kiara, não fomos apresentados formalmente. — Abre mais o sorriso e estende a mão. — Andreoli.

— Eu sei — resmunga. —, você quem me sequestrou.

— Dona de si? — Olha para mim. — *Mi piace*^[14], diferente das moças da Família.

Mesmo sem a simpatia de Kiara, Andreoli pega sua mão e a beija. Todos se entreolham e riem, sabendo o que vem a seguir.

— Tenho algo a dizer — começa e ela revira os olhos. — Sabe o significado do meu nome?

— Não.

— Varão, másculo. — Dá risada junto com todos os presentes na sala, ninguém nunca cansa da piadinha. — Se quiser averiguar a veracidade do significado...

A cara de quem vai usar a língua de cobra que tem me faz continuar sorrindo, irei adorar ouvir a cortada que ela está preparando para meu amigo. Se ela não fosse tão linguaruda e atrevida, eu a defenderia, afinal, ela não tem os pais aqui e nem o irmão para fazê-lo.

— Muito agradecida, senhor Andreoli másculo, mas se está me dizendo, eu acredito — diz, completamente séria.

— Aaaah, Kiki! — Odilon dá risada. — Já gostei de você!

— Deixe esta mulher em paz, Andreoli — Enrico repreende o irmão e libera a fumaça do cigarro.

— Afinal, vocês sabem quem matou meu irmão ou não? — pergunta, impaciente.

— Me recuso a isto, Salvatore. — Ettore cruza os braços. — Deveríamos estar em busca de algo concreto.

— Cale essa boca — me irrita. — Nós vamos descobrir quem matou Rodrigo.

— Talvez ele estivesse querendo impedir alguém de chegar ao grupo e acabou enrolado — Pedro diz.

Neste momento, Rebeca entra na sala e coloca um sorriso no rosto ao ver o esposo. Ela vai até ele e o beija de forma apaixonada. Matteo é completamente apaixonado por ela, protege e cuida da mulher como se sua vida dependesse da dela para continuar.

Rebeca é brasileira e está casada com

PERIGOSAS NACIONAIS

Matteo há dois anos, a loirinha bem feita que tirou a liberdade do pau do Irmão da máfia. Lembro-me muito bem de sua rebeldia quando a tomamos, muito parecida com a de Kiara. Mas em seu caso, seu pai a deu como pagamento das próprias dívidas conosco.

— Que reunião é essa, Matt? — Ela olha para a perna de Kiara.

— Mataram Rodrigo, mi vitta — Matteo explica e segura a cintura da esposa.

Explico rapidamente a história para Rebeca, que escuta com atenção. Vejo Kiara bufar quando falo sobre o ensaio de tortura. Tenho que me segurar para não amarrá-la naquela sala outra vez.

Rebeca beija o marido e se solta dele, caminha até Kiara e analisa os pontos mais de perto. O ato me faz pigarrear, dando a Rebeca um sinal de que pare de tentar ser amigável, não estamos aqui para isso.

— Enzo, eu não vou deixar isso aqui desse jeito — Rebeca diz em um tom brando, mas há um resquício de rebeldia. — Pode infeccionar, ela vai ficar doente. Febre será o melhor dos problemas.

Olho para Matteo, fuzilando-o com um olhar por não controlar a esposa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cazzo! Leve-a daqui — me exalto.

Odilon se coloca de pé e ajuda Kiara a sair da sala junto com Rebeca. Passo as mãos nos cabelos, sentindo meu sangue fervendo de raiva. Como essa desgraçada consegue conquistar a todos com apenas o seu silêncio?

Andreoli está no meio dos que foram aprisionados pelos poderes dela. Para mim isso é um truque para dar uma de vítima, apesar de a schifosa não saber de nada.

— A mulher é um tesão. — Enrico passa as mãos nos cabelos loiros e olha para o irmão antes de dar uma tragada profunda no cigarro. — Acho que por isso Rodrigo nunca nos apresentou.

— Claro que não — Ettore retruca. —, se os pais dela a esconderam e fizeram Rodrigo continuar essa palhaçada, é porque não queriam entregar a princesinha à Famiglia, ao seu destino... sabiam que quando crescesse, seria a mais indicada para ser esposa de Enzo. Na época, o próximo chefe.

— Ettore está certo, ela deve enfrentar o que lhe foi dado pelo sangue — me imponho. — Já tenho algo em mente... Algo que só poderá ser realizado quando Kiara estiver curada do ferimento. Aos poucos ela vai entender e se adaptar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3



KIARA

Estou quieta no quarto em que fui condenada a ficar, querendo apenas voltar para casa, querendo ver a minha amiga e receber o seu abraço de conforto. Quero a minha rotina exaustiva de volta. De repente, Odilon entra no quarto e abre um sorriso amigável.

— Vamos, *Darling*, precisa se aprontar para uma reunião com a gangue de deliciosos lá embaixo.

Reviro os olhos e faço corpo mole para

levantar da cama, enquanto Odilon pega um vestido no guarda-roupa, que nem sei como fora parar ali. Nunca vi nenhuma dessas peças.

— O que eles querem comigo? Porque estão me dando essas roupas? Essas coisas?

— Enzo recuperou você, é uma deles.

— Não sou uma deles. — Bufo.

— Sim, Kiara... você é.

— Os odeio. A todos.

Odilon solta uma risadinha.

— Qual a graça?

— Rebeca dizia o mesmo sobre a Família, odiava a todos. — Abre o zíper do vestido. — Hoje é casada com Matteo e apaixonadíssima.

— Não será meu caso — afirmo, dura. — Odeio aquele maldito homem, ele me esfaqueou, me torturou para que eu falasse algo que nem sabia.

— As filhas dos Capos arrumam bons casamentos, Kiara, se não com o chefe, com filhos de outros Capos. — Ele me ajuda a tirar o roupão que visto. — Dizem que os italianos são os melhores fodedores e os daqui são tarados em boceta... Se eu tivesse uma, iria ser a perereca suicida.

— Não. — Enrijeço. — Não quero mais

PERIGOSAS NACIONAIS

bandidos em minha vida, meu irmão já foi suficiente.

— Não há escapatória, Kiki... Enzo jamais permitirá que fuja das responsabilidades da família novamente.

— Estou presa aqui agora? Não posso mais voltar?

— Por enquanto, sim... depois o chefe vai explicar tudo.

— Não há depois, eu quero ir embora deste lugar.

— É simples, Kiki... se tentar fugir, Enzo a caçará até no inferno se for preciso.

Volto para o quarto com Rebeca e Odilon, estamos discutindo sobre como eles conseguiram ver isso aqui com outros olhos. Eu comecei a discussão, não consigo compreender como as pessoas se adaptam a isso. Morte, sangue, chantagem...

— Escute uma coisa, Kiara. — Segura as minhas mãos. — É o seu sangue, nasceu herdando isso, tem a chance de ganhar a confiança deles mais

PERIGOSAS ACHERON

rápido... Entrei aqui porque fui dada pelo meu pai para pagar uma dívida dele, eu iria ser traficada se Matteo não me quisesse. Estar aqui dentro não é fácil, é preciso ter coragem e estômago para lidar com os negócios. Mas eles se tratam como uma família, são uma família, se protegem.

Rebeca faz uma pausa, como se algo indesejado viesse à sua mente.

— No começo eu não entendia, queria enfrentar Salvatore a todo custo... Ganhei algumas cicatrizes por isso e à medida em que conheci as pessoas daqui, entendi a ligação entre elas, hoje sou esposa de um Irmão e atuo diretamente aqui dentro. Você tem uma grande vantagem, que é ser da família.

— Seu irmão fez parte disso, Kiki — Odilon diz, sorrindo. — Seus pais e você também.

— Rodrigo pode ter sido assassinado por minha causa? — Mudo o assunto quando de repente me dou conta de algo. — Por ter me escondido?

Eles disseram que não sabiam que eu era irmã, já que Rodrigo dizia que eu era sua amante. Talvez quisessem me pegar para atingi-lo e ele acabou morto tentando me defender. Mas por que

não me pegaram depois, então? Por que esperaram cinco anos?

— O quê? — Rebeca pergunta.

— Pode ou não?!

— É uma suspeita — Odilon confessa e recebe uma cotovelada. — Ai, Beca, maléfica. Ela precisa saber.

Meu coração fica apertado. Rodrigo morreu por minha causa e eu nem sabia de nada. Merda, meu irmão morreu para me proteger.

Caio em um choro desesperado, o qual segurei por anos, desde a sua morte. Se eu tivesse ido atrás, se tivesse perguntado, talvez ele tivesse me dito e tudo estivesse bem agora.

Eu me disporia a me entregar a Enzo, a dizer que sabia de tudo, se tivesse descoberto antes quem sou... se isso o fizesse ficar vivo. Só queria o abraço dele agora, que me dissesse que tudo vai ficar bem. Queria que estivesse aqui comigo.

— E-Eu preciso ficar sozinha — digo, tentando controlar as lágrimas.

— Kiki...

— Saiam, por favor — peço.

— Aqui está o comprimido e o algodão para limpar os pontos — Rebeca diz. — Se cuide.

Os dois saem em silêncio e eu tranco a porta principal do quarto. Enxugo meu rosto, sentindo a raiva e o sentimento de vingança arderem dentro de mim. Preciso ajudar a descobrir quem matou meu irmão.

Retiro o vestido que Odilon me ajudou a vestir mais cedo e procuro no guarda-roupa algo mais confortável. Pego um robe branco e o visto. Não faço ideia de quem comprou essas roupas, mas estão me servindo muito bem.

Paro em frente ao espelho e olho para o corte na minha perna. Pego o algodão, o antisséptico e limpo os pontos devagar, pedindo para que isso não infeccione, ou estarei muito ferrada. Não sei quanto tempo passei distraída com a limpeza dos pontos, quando escuto Salvatore falando do outro lado da porta e mexendo na fechadura.

— Abra a porta.

Não respondo e continuo empenhada no que estou fazendo. Não quero falar com ele agora. Salvatore silencia do outro lado e eu solto um suspiro, ele foi embora.

De repente, o estampido seco de um tiro me faz gritar e a porta é aberta com um pontapé,

PERIGOSAS NACIONAIS

revelando o homem que deve ter, no mínimo, dois metros. Ele entra no quarto, ainda empunhando a arma, parece descontrolado de raiva.

Salvatore vem até mim e, com a mão livre, segura meu maxilar com uma força tremenda. Com certeza, um hematoma vai se formar em meu rosto, ou ele vai atirar em mim antes disso.

— Quando eu mandar, obedeça. Entendeu?

— Seu tom baixo e compassado me faz tremer.

Me mantenho em silêncio, as lágrimas surgem em minha visão. Ele não brinca, sei que não.

— Por acaso arranquei sua língua naquela sala? Responda!

— E-Entendi — murmuro e engulo em seco, segurando o choro.

Ele me solta bruscamente e volta a guardar a arma no cós da calça. Passa as mãos nos cabelos e me olha, sem nenhuma expressão.

— Mandarei trazer seu almoço.

— Eu não posso sair agora?

— Não. — Bufo. — E não faça mais perguntas, não torne as coisas ainda mais difíceis para você aqui dentro.

— O que eu fiz de tão ruim para você?

PERIGOSAS ACHERON

— Você é um problema para a *Famiglia*, esteve debaixo dos nossos narizes escondida por anos.

— E o que eu fiz a você? — repito a pergunta.

Enzo me observa por alguns instantes, parece não saber responder a minha pergunta. Por fim, dá as costas e sai do quarto, batendo a porta. Ela fica entreaberta, devido à fechadura, que foi arrebentada com um tiro.

Não ousei me mexer, presenciei e experimentei da fúria de Salvatore o suficiente. Toco meu maxilar e sinto-o dolorido. Em alguns minutos, um dos homens que me pegaram na minha casa, o Andreoli, entra com uma bandeja nas mãos. Me pergunto onde Odilon está, mas permaneço quieta, acuada.

Sinto tanto medo do que pode me acontecer daqui para frente. Há homens armados em cada canto desse lugar, do lado de fora também... não sei se fugir é a melhor saída, não se eu quiser viver.

Andreoli coloca a bandeja na mesa e me olha. Seus olhos azuis me analisam demoradamente e eu noto suas intenções. Ele se aproxima devagar e agacha em minha frente. Um sorriso torto surge nos

PERIGOSAS NACIONAIS

seus lábios e eu sinto medo.

— Fique calma, não vou machucar você. —
Traz sua mão à uma mecha do meu cabelo e a leva
ao nariz. — *Dio santo... è perfetto.* (Santo Deus... é
perfeito.)

Diante de mim está o homem em que devo
apostar as minhas fichas. Ele é mau, sim. Mas
parece ter gostado de mim, pelo menos para uma
transa e é assim que eu vou me aproveitar dele.
Respiro fundo, me recompondo e afastando todo o
meu medo. Me inclino em sua direção, deixando
que ele tenha mais acesso a mim.

— Quando vou poder sair daqui? — Faço
voz de choro. — Não aguento mais o modo como
estou sendo tratada... eu preciso voltar para a minha
vida.

— Nunca — rosna. — Está no seu sangue,
deve assumir as suas responsabilidades.

— Então me ensine a viver aqui dentro.
Acabei de chegar e a única coisa que recebi foram
alguns pontos na perna e desconfianças de todos os
lados — finjo hesitar, preciso ser muito
convvincente. — Me ensine a usar uma arma, uma
faca... me ensine a minha vida daqui em diante.

Andreoli sorri e se põe de pé.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se recupere e eu ensino o que precisa saber.

O homem me dá as costas e deixa o quarto. Pelo menos consegui ter acesso a uma pessoa que possa me ajudar aqui dentro. Não posso simplesmente ficar à mercê de Salvatore.

Ele não vai me tratar como nada.

Me forço a comer, preciso estar preparada. Então, vejo uma mulher abrir a porta do quarto. Ela usa um vestido preto colado, os cabelos na altura no ombro e um olhar que não engana. Deve ser a Catarina que o Odilon falou.

— Você deve ser a Kiara, certo?

— Sim. — Coloco o garfo sobre o prato e limpo os lábios, ficando de pé, mesmo sentindo a perna doer. — E você, quem é?

Me faço de desentendida, preciso aprender muito se quiser sobreviver aqui. Então lembro do que Odilon me falou e me preparo psicologicamente.

— Catarina Bastos, a principal dançarina do clube.

— O que faz aqui?

— Vim conhecer a filha perdida da Família, que tanto falam. — Me olha de cima à baixo.

PERIGOSAS ACHERON

— Já viu? — Aponto a porta, sem ânimo.

— Uh. — Ergue as mãos em deboche.

Já posso quebrar a cara dela?

A mulher abre um sorriso diabólico e eu me pergunto como o meu irmão, o meu doce, amável e gentil irmão, pôde conviver com isso?

— O que merda você quer?

— Só vim te dar um aviso. — Se aproxima e abaixa o tom. — Não importa com quem ele case, sempre será meu. Não vai ser uma puta como você que vai me arrancar dele.

— O quê? — estou realmente sem entender.

— O que quer dizer com isso?

— Oh, você ainda não sabe? — Ela sorri outra vez e traz o dedo indicador aos lábios. — Sh!

A maldita sai do quarto fazendo barulho com os saltos e eu tenho vontade de matá-la. Que cara de mulher debochada e cobra.

Mas o que será que ela quis dizer com "ninguém vai me arrancar dele"?

ENZO

Mando chamar Catarina para meu quarto.

Depois de dançar no cassino, ela vai trepar comigo. A mulher é a puta mais bem-paga daqui e vive dizendo que me ama.

Decido subir mais cedo, depois de fazer as vezes da abertura da noite no cassino. Entro no meu quarto e olho para a porta que me dá livre acesso ao quarto de Kiara. Lembro de quando arrombei a porta do seu quarto, mais cedo. Seu olhar de medo, sua angústia em ter que me obedecer.

Desabotoo minha camisa e a retiro. Vou até uma mesa no canto do quarto e sento-me para continuar o planejamento de uma entrega de armas. Ascendo meu cigarro e me concentro nos papéis rabiscados e no mapa.

Não conseguindo me concentrar, fíco de pé e paro frente para a janela. Observo a cidade e sorrio, triunfante, sou o dono dela. Serei dono da porra do mundo.

Os toques leves na porta me fazem voltar ao meu mundo. Mando que entre e vejo Catarina vestida exclusivamente para mim, como gosto. Um robe preto e sei que por baixo está usando uma daquelas lingerie que gosto.

Dou um longo trago no cigarro e observo enquanto ela se aproxima, sem falar nada, e passa

as mãos no meu peito. Meu pau dá sinal de vida e sei que vai ser bem tratado, Catarina sabe o que faz. Solto a fumaça lentamente e quando Catarina avança para me beijar, eu desvio.

— Sabe das minhas regras. — Me torno incisivo. — Não force.

— Você sabe que eu sempre quis provar dos seus lábios... mesmo tendo provado todo o seu corpo e me deliciado nele.

— Palavras falsas que pulam de sua boca com uma facilidade absurda, Catarina. Você quer poder... quer ser minha esposa. — Apago o cigarro no cinzeiro. — Sabe que era para estar morta, depois do que fez pelas minhas costas com Lara e Benjamim.

— O que você queria que eu fizesse, Enzo? Você estava focado demais neles.

— Cale a boca, mulher — rosno. — Eu decido no que focar. Ande, vamos começar com isso.

Catarina se ajoelha, abre o botão e desce o zíper da minha calça. Observo a mulher lambe os lábios antes de começar a me masturbar e usar sua boca experiente em mim. Agarro os seus cabelos e rosno, sentindo que finalmente posso canalizar todo

o meu tesão acumulado.

Somos amantes desde que ela entrou aqui, alguns anos atrás. Ela é boa no que faz, no sexo, mas preciso de uma mulher que saiba estar ao meu lado, nenhuma das filhas das famílias da máfia me agradaram e todas sabem disso. Muito novas, inexperientes para ser a esposa que a máfia precisa.

Catarina é louca para se casar comigo, sei que sim. Mas não posso simplesmente colocar uma aliança no dedo de uma prostituta, os capos cairiam em cima de mim. Ela gosta do que faz; se eu a descobrisse me traindo, a mataria sem hesitar.

— Está gostando? — pergunta. — Não vejo a hora de ter você dentro de mim.

Catarina está deitada ao meu lado, inteiramente nua e ofegante. Solto um suspiro pesado e sinto quando ela beija o meu peito, raspando as unhas no meu peito. Fico quieto, sem encostar nela.

— Vá para o seu quarto — ordeno.

Estico-me, pego meu copo com whisky no criado-mudo e bebo todo o líquido presente no

nele. Levanto da cama, nu, para encher outra vez o copo.

— Por que sinto como se estivesse perdendo você? — Puxa o lençol para cobrir o corpo nu. — Está querendo se casar com Kiara? Está mesmo querendo?

— Querer não é algo que eu diria. — Sento na minha poltrona e fico quieto. — Dever é mais correto... ela seria a solução para muitos problemas.

— E eu, Salvatore? Como fico nisso tudo?

— Não comece. Vá para o seu quarto.

Catarina se veste rápido e sai do meu quarto sem dizer mais nada. Não tenho paciência para esses ataques de ciúmes que ela resolve dar. Bufo, irritado. Porra, só queria desestressar com uma trepada e acabo ainda mais estressado.

Resolvo ficar apenas com a luz do abajur acesa, o quarto à meia-luz me deixa confortável, minha mente trabalha melhor. Fixo meu olhar na porta de acesso ao quarto de Kiara e fico de pé. Visto uma cueca e abro a porta devagar, o escuro no quarto não me deixa ver nada. Ascendo um abajur e só então posso ver a mulher dormindo.

Observo um pouco a mulher e estreito o olhar para ela. Kiara não me engana. Pode tentar

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer isso com todos daqui, mas não comigo. Ettore, meu consigliere, já está me pressionando sobre casamento. Os capos, assim que souberam da filha perdida da Famiglia, começaram a incitar a união.

Nego com a cabeça e apago o abajur rapidamente, voltando ao meu quarto. Fecho a porta e tranco, pegando de volta o meu copo e finalizando o conteúdo amargo e quente. O clube ainda está agitado lá embaixo, pode-se ouvir a música e as risadas vindas.

Olho pela janela e bufo. Kiara é um problema, mas nada que eu não consiga domar quando ela começar a fazer tudo conforme eu mandar.

Ninguém ultrapassa os meus limites.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4



.. ALGUNS DIAS DEPOIS ..

KIARA

Levanto-me cedo da cama e vou para o banheiro. Ontem Filippo, o médico, veio tirar os pontos da minha perna e me disse que eu já poderia fazer as atividades que Salvatore me obrigou a executar.

Esses últimos dias têm sido um verdadeiro inferno, exceto por Odilon e Rebeca, que me apoiam muito. Enzo faz de tudo para me

PERIGOSAS ACHERON

enlouquecer, mas eu me mantenho firme, preciso disso. Sinto muitas saudades da minha amiga, ela deve estar preocupada pela falta de notícias.

Hoje, irei me adaptar ao palco, criar alguma coreografia sensual para Salvatore me apresentar amanhã na dança principal da noite e eu atrair Giulio Federici. Não sei como fazer isso, nunca me apresentei dessa forma, e sei que preciso ganhar a confiança de Salvatore, ou não terei nada aqui dentro. Hoje também irei me iniciar nas armas, Andreoli vai me ensinar.

— Kiara? — A voz de Andreoli vem do quarto e eu me assusto. — Bonita?

— Oi? — Saio do banheiro.

Ele sorri ao me ver somente com o roupão e eu tento sorrir de volta, preciso dele para aprender a me defender aqui dentro. Preciso que esse homem confie em mim, que me deseje.

— Seu ensaio? — Seu sotaque forte me faz abrir mais o sorriso. — Que horas?

— Daqui a pouco.

— Vou assisti-lo, de lá mostrarei como usar uma arma. — Cruza os braços, isso não foi um pedido.

Balanço a cabeça e ele me lança um sorriso

PERIGOSAS NACIONAIS

sedutor antes de deixar meu quarto. Volto ao banheiro e tomo um banho rápido, ao sair, enrolada no roupão, encontro Odilon sentado na minha cama.

— Buongiorno! — exulta. — Hoje, eu vou ver a minha diva Kiki arrasando no palco! Que música pretende dançar para cativar os melhores clientes de Salvatore?

— Partition. — Olho para ele e seu queixo despenca. — Beyoncé.

— Essa eu preciso ver. — Fica de pé, batendo pequenas palmas. — Posso, posso?

Acabo sorrindo e apenas balanço a cabeça. Estou tão nervosa que mal consigo raciocinar direito. Se algo der errado, estou ferrada.

Depois de ser assistida por todos os homens da gangue de Salvatore e pela mulher com cara de nojo, apenas eles demonstraram reação à minha dança. Eu tinha uma coreografia em mente de quando me apresentei pela academia em que trabalhei, só precisei deixá-la mais sensual e ousada.

PERIGOSAS ACHERON

Lembro de quando divulgávamos o nosso trabalho na rua, costumava ser incrível. Penso na minha amiga e sinto uma vontade imensa de falar com ela, de abraçá-la. Deve estar preocupada com o meu sumiço.

Vejo quando Salvatore se exalta com a mulher, ela fica no pé dele o tempo inteiro. Antes de deixar o salão principal, me fuzila com um olhar e eu realmente não entendo. Não sei porquê, mas já sou odiada aqui.

— *Perfetto* — Andreoli grita, sorrindo. — Podemos ir agora, *bella*?

Seu irmão, Enrico, o fuzila com um olhar e Enzo faz a mesma coisa. Decido apenas assentir, vendo Odilon subir no palco e começar a falar o quanto eu "arrasei" na dança. Desço com ele e Salvatore se aproxima, já me segurando com força pelo braço e me puxando para um canto.

— Que porra de história é essa? Aprender a atirar?

— Não é isso que todos fazem aqui dentro, Salvatore? Por que eu não posso? Não disse que sou da família também?

— Não fale do que não entende — rosna.

— Chefe! — Andreoli se coloca entre mim

e Salvatore, me mantendo atrás dele. — A culpa foi minha, eu pensei que não tivesse problema em Kiara aprender, já que ela está com a gente agora e, bom, não é igual às mulheres da Famiglia. A culpa foi minha.

Ainda me fuzilando com um olhar duro, Enzo assente.

— *Va bene*^[15]. — Volta o olhar para Andreoli. — Me consulte da próxima vez. Sabe que tudo o que se passa aqui dentro deve ser reportado a mim.

Salvatore libera nossa passagem e Andreoli me puxa para sairmos da área do clube. O lugar é magnífico, tem muito luxo e poder. Não posso imaginar a quantia de dinheiro que rola aqui clandestinamente todos os dias.

— Não queria prejudicar você.

— *Non ti preoccupare*^[16]. Isso é o de menos.

Andreoli digita a senha em uma sala do corredor e as portas se abrem, revelando alguns alvos no fundo da sala e armas de diversos tipos e tamanhos nas paredes. Vou até uma das paredes e começo a observar cada uma delas.

— *Vieni qui*, Kiara. (Venha aqui, Kiara.)

Abro um pequeno sorriso e vou até ele, que está com uma pistola nas mãos.

— Isso aqui é o carregador ou pente. — Me mostra um objeto retangular, com algumas balas dentro. — Você deve posicioná-lo desta maneira.

Ele insere o carregador dentro da arma para que eu veja como se faz e eu fico atenta. Depois, me mostra um pequeno botão ao lado do gatilho.

— Esse botão ejeta o carregador. — Puxa a parte de cima do cano para trás. — Esse aqui é o ferrolho, ele faz a trava da arma quando está sem munição.

Presto atenção a todos os detalhes que Andreoli me diz e percebo o quanto as armas são fascinantes. Vi a de Rodrigo uma vez, mas ele disse que era para se defender e me obrigou a não tocar mais no assunto e nem nela. Agora posso entender.

— Alça de mira. — Toca uma pequena elevação no ferrolho. — Para colocar uma munição no cano, você puxa o ferrolho e o solta. Sua bala vai estar bem aqui, pronta para ser disparada, como essa pistola é automática, você só precisa puxar uma vez.

Me olha, se certificando de que estou entendendo. Apenas balanço a cabeça, seu sotaque é

forte, mas consigo entender bem tudo o que diz. Por fim, ele aponta para uma pequena alavanca.

— Puxe isso e sua arma vai estar travada.

Finalmente ele me entrega a arma carregada, com um leve sorriso no rosto. *Não tem medo que eu atire?* Empunho a arma e sinto algo me tomar, uma sensação de que nasci para isso. Olho para um dos alvos, sinto sua presença atrás de mim, ele arruma minha postura e me faz esticar os braços.

— *Così*^[17] — diz ao meu ouvido, com sua voz rouca. — *Perfetto*, atire.

Aperto o gatilho e o estampido seco ecoa pela sala, me fazendo fechar os olhos rapidamente.

— De novo — diz. — Não feche os olhos e mantenha a alça de mira alinhada.

Desta vez, miro sozinha, prendo minha respiração e aperto o gatilho. Acerto a parte mais externa do alvo, mas mesmo assim me sinto feliz por ter conseguido. Olho para Andreoli e, pela primeira vez desde que cheguei aqui, consigo sorrir de maneira sincera.

— Tem o talento do seu irmão.

Coloco a pistola na mesa e cruzo os braços.

— Tenho?

Ele se aproxima e me prende contra a mesa, cola seu corpo no meu e deixa nossos rostos muito próximos. Lembro imediatamente do que Odilon me disse sobre os italianos foderem bem. Será mesmo?

Andreoli roça seus lábios nos meus lentamente e os mordisca. Oh, merda, isso é bom. Toco o seu peito duro e ele fecha os olhos com força.

— Ainda vou possuir todo o seu corpo, Kiara.

— É? — Sorrio. — E por que o interesse?

— Porque não é como as outras mulheres da *Famiglia*...

— E como eu sou? — Me aproximo, quase colando nossos lábios.

— Dona de si. — Ele sorri. — Me...

A porta é aberta bruscamente e nós nos afastamos. Não consigo decifrar olhar de Salvatore para Andreoli.

— Volte ao ensaio — diz, olhando para mim com desprezo. — Pelo visto, já praticou muito suas habilidades.

Olho para Andreoli e ele acena com a cabeça para mim. Encaro os olhos azuis de Enzo e

a sua capacidade de não demonstrar nada me assusta. Engulo minha vontade de dar uma boa resposta e saio da sala. Volto ao salão principal do cassino para retomar os ensaios para o dia seguinte.

Durante o meu ensaio, escuto alguma coisa sobre galpão e entrega de drogas. Todos os homens de total confiança de Salvatore foram com ele, inclusive Andreoli.

— Acha que vai permanecer muito tempo na dança principal da noite, Kiara? — A mulher diz meu nome como se sentisse nojo.

Então é isso? Ela tem raiva de mim porque fui forçada a estar aqui na dança principal? Ou será que tem mais alguma coisa?

— Não, os meus planos vão além da dança aqui dentro e muito além de ser um brinquedo de Salvatore, como você. Até porque — provoco também. —, eu sou da Família.

Catarina fica vermelha de raiva e está prestes a avançar, quando Rebeca se coloca no meio de nós duas. Maldita puta, estou louca para arrancar cada fio desses cabelos.

— Kiara, Enzo deu uma ordem expressa para que participasse da noite do cassino hoje... Para se familiarizar. — Segura meu braço. — Deve

começar a se aprontar, logo eles voltarão.

Faço um pequeno aceno com a cabeça para Catarina Bastos e saio com um sorriso no rosto. Estou alegre por ter conseguido atingi-la de alguma maneira, já que ela tem me provocado há dias com uma história estranha.

— Você não tem medo do que Catarina é capaz?

— Ela quem tem que ter medo do que eu sou capaz, Rebeca. — Olho para a mulher que aprendi a confiar aqui dentro. — Vou fazer tudo para vingar meu irmão e para isso eu preciso ser forte. Não importa o que isso venha a me custar.

Nesses dias aqui dentro, eu aprendi a buscar as forças dentro de mim. Aprendi da pior forma que, se quiser vingar meu irmão, eu preciso ser forte e não demonstrar medo.

ENZO

Quando Andreoli disse que ensinaria Kiara a atirar, pensei que realmente fosse fazê-lo e não usar isso como um meio de conseguir tê-la para si. Entrei na sala para chamar o mais novo dos irmãos

PERIGOSAS ACHERON

Caligiuri para a nossa carga de drogas que iria sair dos depósitos e flagro os dois trocando beijos.

— O que porra pensa que está fazendo? —
Bato na sua cara. — Aquela mulher é da Família, sabe as regras!

— Ela vai dançar, não é? Está sendo exposta, vou...

— A estou testando, cazzo! Ela precisa entender que eu mando aqui!

— Chefe...

— Encoste nela e eu mato você, Caligiuri. A porra de um soldado não deve se meter na família, isso nunca será permitido.

Cazzo! Homens como nós não amam nunca. Sentimentos são a nossa ruína, nos levam à queda certa. Temos muitos inimigos, amar é arriscado.

Andreoli é um soldado, não pode casar-se com a filha de um capo. As famílias casam os filhos entre elas, onde os negócios possam fluir melhor. Não há essa merda toda de amor, é sexo até ter um ou dois herdeiros e pronto.

— O dinheiro? — Solto a fumaça pelo

nariz, sem pressa.

Ao meu lado estão os irmãos Enrico e Andreoli e Matteo juntamente com Ettore. Dentro do contêiner, tomando conta da mercadoria, estão Dante e Pedro junto com alguns soldados.

— A mercadoria primeiro, Salvatore. — O homem careca e magrelo sorri, revelando os dentes danificados.

Maldito viciado.

Me aproximo calmamente do homem e dou mais um trago profundo no cigarro. Fico em silêncio, apreciando a sensação de que, em breve, estarei tomando a vida deste homem que tenta me enganar. Solto a fumaça de uma só vez e apago o cigarro em seu pescoço.

— Tá maluco? — Passa a mão no local vermelho.

— Acha que isso é algum jogo? Eu não estou aqui para brincadeira, porra!

— Eu sei, Salvatore...

— Onde está o meu dinheiro, Marcelo? Minha produção de dias foi voltada para você e seu distribuidor. Já tentou enganar meu Capo e me fez vir até aqui para isso, minha paciência é curta.

— Podemos negociar o pagamento. — Fica

nervoso. — Se eu conseguir vender o seu produto todo...

Olho para os quatro e faço um sinal para que cuidem das seguranças do homem. Darei um jeito nesse canalha, ele me fez perder tempo e, conseqüentemente, dinheiro. Os quatro saem e o homem começa a tremer.

— O que vai fazer? — Tenta correr, mas eu o seguro pelas golas da camisa. — Salvatore, eu não sou responsável pelo dinheiro... sou somente um negociador, me mandaram.

Jogo o homem contra uma parede e avanço para socar seu rosto. Antes de me afastar, dou uma cotovelada na boca do seu estômago e ele curva o corpo para frente.

— Não tenho misericórdia de quem tenta ser esperto comigo. Agora me diga, onde está o meu dinheiro?

— Por favor — implora, com o nariz sangrando, devido ao meu soco.

— Mal comecei, cazzo! Melhor me dizer!

Marcelo fica quieto, o que me irrita completamente.

— *Va bene.* — Tiro a faca do sapato. — *Facciamo così*^[18], você escolhe: Corto sua

língua e mando de presente para...

— Seu dinheiro está no primeiro carro. —
Ele chora. — Me deixe ir.

Abro um sorriso diabólico antes de rasgar a garganta do homem e observá-lo sangrar um pouco. O olhar desesperado para mim e as mãos tentando conter o sangue que jorra. Logo não haverá mais vida em seus olhos.

— Ninguém banca o esperto comigo, Marcelo.

Limpo a faca na sua roupa e saio calmamente em direção aos meus homens. Os encontro posicionados em frente ao galpão, apenas aguardando as minhas ordens. Os homens de Marcelo estão no chão, assim como ele.

— Ele falou? — Enrico pergunta.

— Primeiro carro. — digo. — Peguem o dinheiro e vamos arrumar isso aqui, repassarei essa mercadoria para os viciadinhos do México. E Marcelo, enviem o corpo para o *figlio di puttana* do mandante dele. Comigo ninguém brinca.

Depois de nos livrarmos dos corpos, fechamos o galpão, montamos nas motos e saímos levantando poeira.

Assim que chegamos ao cassino, entramos

todos juntos e vemos que os preparativos para a noite estão quase prontos. Quero ver como ela vai ficar no vestido que escolhi exclusivamente para que usasse hoje.

— Vão se aprontar — ordeno e entro no elevador. — Teremos uma longa noite pela frente.

Escuto as vozes de Rebeca e Odilon vindas do quarto de Kiara. Não demora muito para que eu também escute sua voz. Abotoo minha camisa, coloco a pistola na calça e vou em direção à porta de acesso ao seu quarto.

Abro a porta e dou de cara com Kiara vestida exatamente com o que disse a Rebeca para que ela usasse. Todos se calam. Kiara me olha através do espelho, um olhar desafiador natural dela.

— Vem, Odi, você vai me ajudar com meu vestido. — Rebeca arrasta Odilon e os dois saem do quarto.

Analiso com um olhar o corpo de Kiara. As costas nuas, a pele morena exposta, os braços completamente cobertos e o decote faz parecer que

PERIGOSAS NACIONAIS

seus peitos vão pular dali a qualquer momento. Bem que me disseram, as brasileiras possuem algo fora do comum.

— Você quem escolheu? — pergunta, interrompendo minha análise.

— Sim.

Me aproximo quando vejo que ela tenta colocar o fino colar de brilhantes.

— Por que todas essas coisas? — Se refere às joias e roupas.

— São necessárias, você é filha de um capo, deve se vestir como tal.

— Quando vou saber sobre minha família?

— Permita-me colocar — mudo o assunto.

Chegar perto dela é como ser tentado diretamente pelo diabo. O cheiro, a pele macia e o olhar de mulher misteriosa me provoca de maneira intensa.

— O que você quer?

— Não entendi, Salvatore?

Seguro seus braços e faço com que ela vire para mim.

— Aprender a atirar? Seduzir Andreoli? — Inclino um pouco meu corpo para frente, ficando cara a cara com ela. — O que você quer? Escapar

PERIGOSAS ACHERON

daqui? Desista, isso nunca vai acontecer. Você é uma propriedade da Famiglia.

— Eu quero a vingança pela morte do meu irmão tanto quanto você. — Me olha como se me enfrentasse. — E eu não seduzi ninguém. Estou fazendo o que me disse, não estou?

— Não me desafie, sou o monstro que você jamais vai desejar irritar. — Ofereço meu braço para ela.

Kiara segura meu braço e abre um sorriso desafiador.

— Eu não tenho mais medo, Salvatore.

Capítulo 5



"Você não sabe que é tóxico?
Está ficando tarde para desistir de você
Tomei um gole do copo do demônio
Lentamente está tomando conta de mim"
Toxic - Sofia Kalberg Cover

KIARA

Desço pelas escadas de braços dados com Enzo, o salão principal do cassino está apinhado. Pessoas muito bem vestidas e cobertas de joias, são

muito ricas. A movimentação no lugar chega a ser espantosa, ninguém imaginaria que tanta gente se envolve com esse tipo de coisa.

Há muitas ocupações, prostitutas, dançarinas, jogos, rodas de conversa... de tudo se faz aqui dentro. Agora entendo os quartos. Em um canto, há apenas alguns assistindo aos jogos, outros, a maioria, jogando blackjack, poker, entre outros.

— Bem-vinda ao seu mundo de verdade, Kiara Moraes — Salvatore sussurra em meu ouvido. — Sorria.

Vejo os homens dele espalhados pelo cassino, todos observando o movimento. Olho para o palco, onde Catarina dança junto com as outras para os homens que estão sentados. Andreoli está entre eles, camuflado como um convidado.

Como se sentisse que o observo, ele olha para o lado e seu olhar encontra o meu. Lhe dou um breve sorriso e volto minha atenção para Enzo, que me observa, completamente sério.

— Vai me mostrar?

— Trouxe você para isso. Vamos descer.

Enzo me faz soltar seu braço e coloca sua mão em minha cintura. Retomamos a descida e eu

só consigo pensar em como devo suportar isso para conseguir sua confiança. Devo ser louca em pensar isso justamente com ele, mas preciso fazer alguma coisa.

Esse homem me torturou, ele me mataria se fosse necessário. Talvez se eu seduzi-lo, consiga a liberdade necessária aqui dentro para escapar. Preciso de muita força para fazer isso.

— Amanhã, nosso alvo vai estar assistindo você na primeira fileira — diz, enquanto caminhamos em direção ao bar. — Quero que desça e dance para ele, procure algo nos bolsos, seja discreta.

Balanço a cabeça, odiando a ideia. Enzo acena para o barman e o homem vem atendê-lo prontamente.

— Uísque para mim. — Me olha. — Orgasm drink para a moça.

Quando vou perguntar sobre o drink de nome exótico, um homem se aproxima de nós e cumprimenta Salvatore em italiano.

— É a sua dançarina?

Ergo minha sobrancelha e olho para Enzo, incrédula. Dele? Sou dançarina dele?

— Sim. — Ele sorri, nem parece que é o

próprio diabo. — Irá estrear amanhã.

O homem pega minha mão e a beija demoradamente. Olho para Enzo, fuzilando-o e seu olhar se torna incisivo, competindo com o meu. Não posso me curvar a isso, não posso.

— Ansioso para vê-la dançar. — O homem finalmente me solta e se afasta.

O barman entrega nossas bebidas e eu, ao pegar o copo, analiso o drink bem preparado.

— Experimente. — Seu tom é autoritário.

Sugo um pouco do líquido e o sabor me remete imediatamente a Rodrigo. Lembro-me do dia em que ele levou algumas coisas para casa e disse que seria o nosso dia, pois estava de folga. Fecho os olhos e sorrio, posso dizer exatamente o que tem nesse drink, vi meu irmão preparar.

Volto a abrir os olhos e vejo Salvatore me observando com uma cara de quem está me achando louca. Desmancho o sorriso e arrumo a postura, não posso mostrar a ele minhas fraquezas.

— Muito boa. — Me limito a dizer.

— Rodrigo fazia piadas com esse drink. — Enzo está sério. — Sempre levava alguém para a cama com isso.

Sorrindo, engulo o nó que se forma em

minha garganta. Nunca fui muito boa em expressar o que sinto, a não ser quando é raiva... nisso eu tenho que dizer que sou igual ao meu irmão.

— Sinto muito a falta do meu irmão. — Me mantenho firme enquanto Enzo me analisa. — Falando nisso, preciso me comunicar com a minha amiga... ela vai acabar desconfiando sobre essa falsa viagem.

— Não se preocupe, vocês conversam todos os dias.

— O quê?!

— Você está vivendo feliz da vida na Itália, que é para onde iremos em algum tempo. Estou apenas organizando os negócios aqui e um capo ficará responsável.

— Itália? — Estou perplexa. — Eu preciso falar com ela, por favor. Sinto saudades.

— Não insista, Kiara. Não vai se comunicar com o seu passado.

A noite foi muito cansativa, apesar de ter sido proveitosa. Enzo me explicou exatamente como fazer para que Federici não desconfie do que

estarei fazendo. Preciso de calma e muito descaramento.

Conheci algumas pessoas muito influentes na cidade, todas passando a noite na clandestinidade do clube. É incrível como Enzo conseguiu trazer todos para o seu lado; pelo menos os dessa cidade. Ouvi sobre problemas em uma carga de armamentos em outro estado.

Livro-me do vestido e o estendo na poltrona, com cuidado. Paro diante do espelho e amarro meu cabelo em um coque. Sigo calmamente para o banheiro, preciso tomar um banho e tentar ficar calma. Esse lugar ainda me assusta.

Tento pensar em algo que me acalme, amanhã será um dia decisivo para mim aqui dentro.

.•. DIA SEGUINTE .•.

Olho para a roupa em cima da cama e me sinto nervosa. Cruzo meus braços e comprimo os lábios um contra o outro. Se algo der errado hoje, estarei muito ferrada.

— *Darling?* — Odilon me chama. — Tem que se aprontar, vim te ajudar.

— Agradeço. — Tento sorrir.

— Não fique nervosa, Kiki. — Afaga os meus ombros. — Você é uma mulher sensual, vai conseguir seduzir facinho o Federici.

— Nunca fiz algo assim — confesso. — Tenho receio de não conseguir, de Federici perceber. Se tudo der errado, não sei o que vai ser de mim.

— Calma, se concentra, ele vai cair nos encantos da sereia Kiki. Vai ver.

Sorrio para ele e me livro do roupão, ainda muito tensa. Visto a roupa, peço ajuda a Odilon com o zíper e olho o meu reflexo no espelho. O vestido curto, brilhoso e dourado agarra meu corpo, valorizando todas as minhas curvas, com tecido segunda pele na barriga e costas.

Odilon emite um som animado e me faz dar uma volta em torno de mim mesma. Algo nele me desperta confiança, quero muito não estar enganada.

— Está tão maravilhosa! — Abre um sorriso sacana. — Se gostasse da coisa, me apaixonaria por você agora mesmo!

Sorrio e deixo que ele arrume meu cabelo, enquanto faço minha maquiagem. Olho-me no

PERIGOSAS NACIONAIS

espelho e analiso a mulher que me tornei em poucos dias. Desço o olhar para minha perna e a cicatriz ali me lembra que não devo brincar com Salvatore.

— Pronto, *darling*. — Olha para mim através do espelho. — Sua hora de mostrar à cascavel sem chocalho da Catarina quem é a diva daqui.

Enzo entra sem bater, como sempre, e para ao nos ver. Odeio quando ele invade os lugares dessa maneira, principalmente o quarto.

— Por que ainda não está pronta?

— Chefinho...

— Falei com Kiara — rosna, bravo.

— Me atrasei — minto, estava nervosa mesmo.

Salvatore caminha até mim, feroz. Olho-o firme nos olhos, não me permitindo ceder a ele. Sinto meu coração palpitando de medo, se ele resolver me bater, eu o mato.

— Então trate de se apressar, Federici já está aí.

Seus olhos azuis atrevidos analisam todo o meu corpo e, descaradamente, Enzo lambe os lábios, deixando muito clara a sua intenção. Ele

PERIGOSAS ACHERON

quer me foder?

— Suas sandálias, *darling*. — Odilon me entrega um par de saltos. — Eu mesmo as escolhi.

Vejo quando Salvatore cruza os braços e fica ali parado como um poste. Merda, tudo está nas minhas mãos esta noite. Um vacilo e tudo irá para os ares, incluindo eu.

Quando fico de pé sobre as sandálias, me olho uma última vez no espelho e viro-me para Enzo. Ele olha para Odilon que, imediatamente, entende o recado e deixa o quarto. Em silêncio, o homem caminha ao meu redor, me intimidando.

— *È molto bella.* ^[19] — Cheira meu pescoço e eu estremeço de medo.

Não posso demonstrar medo, mesmo que ainda sinta um pouco, preciso seduzi-lo para conseguir que confie em mim. Preciso crescer aqui dentro se quiser sobreviver.

— Vamos.

Salvatore coloca sua mão em minha cintura e começa a andar rápido, me guiando para fora do quarto. Quase não consigo acompanhar, andando com os saltos que Odilon me deu.

Ao chegarmos na parte de trás do palco, olho-me no espelho uma última vez e fico parada,

esperando por Enzo. Ele está em uma guerra com a camisa.

— Vou anunciar você — Enzo diz, enquanto arruma a camisa social, sem me olhar. — Não erre, *capisce*?

O tom é uma ameaça. Me mantenho em silêncio e fecho os meus olhos, tentando me acalmar. Já fiz isso milhares de vezes, dançar, seduzir... posso distraí-lo enquanto danço e fazer o que preciso. Posso e preciso fazer isso.

Olho para o lado e Catarina está me olhando; cobra. Preciso manter essa mulher longe de mim, quero fazê-la entender que também posso seduzir o amante dela. Mesmo que não queira.

— *Cazzo* — xinga sua camisa com seu sotaque forte. — *Questa merda!*^[20]

— Posso? — pergunto, receosa, e ele me estende o braço, sem responder.

Dobro as mangas da sua camisa e as ajusto rapidamente ao seu braço grosso e duro. Quando termino de arrumar sua camisa, noto que ele me observa. Seus olhos estão fixos em mim e eu me sinto ligeiramente constrangida, mas tento manter o olhar.

Ele está com tesão, quer me foder. Era

somente o que eu precisava para conseguir o que quero, preciso suportar isso... pelo meu irmão.

— Estou pronta.

ENZO

Somente a pronúncia do nome Kiara me perturba. Odeio a forma como ela consegue conquistar as pessoas, Odilon e Rebeca agora são seus melhores amigos; mas logo isso vai acabar.

Anuncio a sua presença na dança principal e o cassino inteiro aplaude. Muitos já ofereceram grandes quantias para dormir com ela, mas eu, discretamente, os ameacei. Ninguém toca nas mulheres da Famiglia, principalmente na minha futura noiva.

Alguns clientes se aproximam do palco e Kiara entra com um sorriso no rosto. Me impressiono com isso, já que ela aparentava não estar bem com a exposição e era o que eu queria, que ela não estivesse bem com isso.

Esta mulher pode ser muito mais forte do que imaginei. Verei como ela se sai hoje e decidirei se realmente serve para ser a esposa da máfia.

PERIGOSAS ACHERON

Desço do palco e a música com o toque lento e sensual começa a ecoar pelo cassino. Kiara começa a ondular seu belo corpo, esbanjando sua sensualidade. As mãos deslizam por suas próprias curvas, provocando cada fibra minha. Isso me deixa realmente irritado.

Seu corpo se ondula em movimentos sensuais e provocantes. Nunca uma mulher criada nas nossas normas faria algo assim. Kiara é uma exceção à regra, um problema para mim e para a Famiglia. Os capos estão começando a pegar no meu pé para que eu domine esta mulher e rápido. Tenho que fazer alguma coisa.

Observo fixamente quando dança em uma cadeira, ondulando o corpo, se esfregando. Ela fecha os olhos e passa as mãos pelo corpo, joga o cabelo para o lado e fica em pé para começar a descer do palco. Kiara vai diretamente para o colo de Andreoli. *Figlia di puttana!* O que merda pensa que está fazendo?

Ela dança nele, provocando-o. Suas mãos seguram os cabelos do homem e o olhar do canalha o entrega, ele a quer. A mulher aproxima o rosto do dele e continua firme em seu rebolado sensual. Preciso respirar fundo para não acabar com o que

planejo.

Em instantes, Kiara sai do seu colo e vai diretamente em Giulio Federici. O canalha sorri e abre os braços, adorando tê-la dançando para ele.

Quando Kiara monta em seu colo, ele a agarra e passa as mãos nela, enquanto a vejo fazer o nosso combinado. Esse foi o teste dela aqui dentro. Ela é mesmo boa com as mãos, fará qualquer coisa para saber quem matou seu irmão e isso eu vou usar.

— Salvatore, onde buscou essa? — um cliente pergunta.

— É irmã de um dos meus.

— Pagaria qualquer coisa para ter essa beleza cavalgando em mim. — Dá risada. — Que mulher gostosa.

— Essa não está à venda, estou fazendo um teste com ela.

— Federici é um desgraçado de sorte.

Paro de ouvir o homem, quando Kiara sai do colo de Federici e caminha até mim, no ritmo da música. Por vezes, ela para e ondula o quadril provocando com olhares e deslizando as mãos pelo seu corpo. FRANZO o cenho e tenho vontade de matá-la por estar desafiando as minhas ordens, por

estar me desafiando.

Ela monta em mim, sem me tocar, rebola com as mãos nos cabelos e aproxima a boca do meu ouvido. Meu pau pulsa forte dentro da calça, minhas mãos pousam nas suas coxas grossas e tentadoramente quentes.

Voglio scopare questa donna^[21], de hoje ela não escapa.

— Sabia que ele não tem nada aqui e agora, não é? — Rebola em cima do meu pau, provocando minha raiva. — Está me testando... quer saber o quanto posso obedecer?

Quando volta a me olhar, está completamente séria e com uma das sobrancelhas erguida. Também ergo a sobrancelha, desafiando, e percebo que esta mulher faz jus ao irmão *figlio di puttana* que possuía. A inteligência e esperteza deve ser de família.

Ela poderia simplesmente ter pensado que ele não trazia nada, mas notou meu jogo com ela. Notou tudo.

A música chega ao fim e ela se coloca de pé, sem tirar o olhar de mim. Me coloco de pé também e agarro sua cintura. Subimos juntos ao palco e esperamos os aplausos encerrarem.

Praticamente arrasto Kiara para subirmos pelo meu elevador privativo. O silêncio dela e a expressão de desafio me deixa puto. A empurro contra a parede fria do elevador, prendendo-a com meu corpo.

Beijo sua boca macia e carnuda e ela me puxa para si com força, deixando o beijo intenso, duro, cheio de tesão. Paro o beijo para olhar para ela e sou puxado outra vez. Kiara está subindo pelas paredes de tesão e eu não estou longe disso.

Assim que as portas do elevador se abrem, seguro Kiara pelo braço e seguimos para meu quarto. Assim que entramos, ataco sua boca viciante outra vez e fecho a porta com um chute.

— Não me desafie nunca mais, entendeu?
— digo, segurando firme seu maxilar.

— Não tenho medo, Salvatore. — Sorri e traz as mãos ao meu peito para desabotoar minha camisa. — Não mais. Eu tinha medo porque você me torturou, mas vi que é a sua maneira de agir... descobri que ser forte faz mais o meu tipo.

— É mesmo?

— Eu sou parte disso, não sou? — Me olha, séria. — Quero vingar meu irmão.

Seguro seu pescoço e olho no fundo dos

olhos dela. Ela seria capaz de qualquer coisa para descobrir quem matou o irmão.

— Não tem medo de que eu simplesmente mate você aqui? Agora?

— Não. Eu não tenho absolutamente nada a perder, você tem.

Seguro com um pouco mais de força seu pescoço e ela não muda a expressão. Sorrio, completamente frio, e solto seu pescoço. Minhas mãos vão diretamente para as suas costas, para abrir o zíper do seu vestido.

— Este já é um passo para se tornar como eu, *bella*.

Kiara se livra do vestido, se expondo para mim. É deliciosa como imaginei que fosse.

Capítulo 6



KIARA

Depois de ter percebido a jogada de Salvatore comigo tive a certeza de que, mesmo sendo errado, eu queria ficar aqui. Não somente pelo meu irmão, mas também por ter a oportunidade de saber mais sobre os meus pais, os quais nunca conheci.

É a primeira vez, em toda a minha vida, que eu conheço alguém que teve contato com eles e que queira falar sobre eles. Meu irmão evitava o assunto, fugia como diabo foge da cruz, a minha babá também.

Agora, em seu quarto, me forcerei a colocar
PERIGOSAS ACHERON

todo o meu ódio por ele de lado e deixarei que transe comigo. Sexo com ele me trará algo aqui dentro, preciso ganhar sua confiança.

— Fique nua — ordena, tirando sua camisa.

Livro-me das minhas roupas íntimas e das sandálias. Eu só preciso transar com Enzo e entrar de vez no grupo, preciso que ele me aceite... depois ele pode foder quem quiser. Catarina pode guardá-lo inteiro para ela.

Sou filha e irmã de membros, talvez isso facilite para mim. Não conheço muito bem a máfia e suas regras, mas creio que laços de sangue sejam muito importantes, já que desde que cheguei, eles não param de falar em família e em destino.

Enzo me empurra para a parede e encaixa sua perna entre as minhas, mantendo-as abertas. O homem enorme me cobre completamente com seu corpo e eu levo minhas mãos às suas costas, dedilhando cada músculo duro. Ele segura forte meus braços e os prende acima da minha cabeça.

— Vou comer o seu rabo, *bella*... sua virgindade não vai me impedir.

— O quê? — Seguro o riso e ele franze o cenho.

— É virgem, não é?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Sorrio. — Deveria ser?

— As mulheres da *Famiglia* devem manter sua honra — rosna. — Que porra é essa?

— Você não parece muito preocupado com minha honra, Salvatore.

— Sua honra iria continuar intacta, se ainda a tivesse. Eu iria comer o seu rabo!

— Aqui ninguém toca, aceite isso.

— Você deveria ser virgem, porra. Quer me foder? Eu te resgatei.

— Não tem nada que possamos fazer quanto à isso — provoco, aproximando nossos lábios. — Não devo nada a você, não me cobre.

O homem bufa como um touro bravo e aperta um pouco mais os meus pulsos.

— Claro que me deve! — Parece irritado. — Já pensou se alguém te descobre? Se não fosse eu? Estaria sendo estuprada e torturada agora em um galpão por meus inimigos e sem saber o porque.

— Eu estava bem até você aparecer.

— Pede.

— O quê?

— Peça! Diga que me quer dentro da sua boceta!

PERIGOSAS ACHERON

— Não.

— É isso que você quer, não é? — Me prensa ainda mais forte contra a parede.

Merda, será que ele pode ir logo com isso? Quero me livrar disso.

— É exatamente o que eu quero, Salvatore. — Subo minha perna, fazendo-a roçar na sua, ainda coberta pela calça social. — Que me foda sem fazer perguntas.

— Me mostre o que sabe, *bella*. — Seu tom é baixo e rouco, provocante. — E aí sim esse segredo pode ser nosso.

Salvatore passa a língua nos meus lábios, me fazendo sorrir e chupá-la lentamente, olhando fixamente nos seus olhos azuis escurecidos pelo tesão. Ele rosna e eu preciso respirar fundo para continuar toda essa merda. Enzo mantém meus pulsos presos com somente uma mão e desliza a outra para meu pescoço.

— Você já quebrou regras demais, Kiara... é hora de aprender a segui-las.

— Não me curvo, Salvatore. — Movo minhas mãos e ele me solta. — Nunca.

— Isso é o que vamos ver.

Deslizo as minhas mãos pelo seu peito e

PERIGOSAS NACIONAIS

barriga até encontrar o cinto da sua calça. Abro-o rapidamente, assim como a calça e trato de colocar o que quero para fora. Seu membro duro.

Me espanto com toda a sua exuberância. Não há outra definição para isso. Talvez não seja tão ruim gozar com ele uma vez. As veias marcam toda a sua extensão e isso me dá água na boca.

Enzo livra-se da calça, ficando completamente nu. Pega um preservativo e abre a embalagem com o dente, envolve seu pau duro e volta a me prensar contra a parede. Suas mãos descem para minha bunda, apertando e segurando-a com força para me suspender. Envolvero seu quadril com minhas pernas e olho no fundo dos seus olhos.

Sinto algo no meu peito quando lembro do que ele fez comigo naquela sala. Respiro fundo, afastando as lembranças, preciso me adaptar a isso e focar em descobrir quem matou o meu irmão e quem era a minha família.

Salvatore me penetra com firmeza, a expressão de fúria em seu rosto é como se estivesse me castigando por desafiá-lo. Solto um gemido e cravo minhas unhas nos seus ombros. Me descubro apreciando as suas investidas firmes, que fazem todo o meu corpo estremecer.

PERIGOSAS ACHERON

O homem geme de maneira completamente erótica e começa a estocar forte, sem desviar o olhar do meu. Posso sentir seus músculos enrijecidos movendo-se contra meu corpo, receber suas estocadas duras e brutas me fazem gemer alto.

Seu olhar de fúria ainda está bem ali, me fazendo ficar rendida em suas mãos.

— Hum — rosna.

Sinto uma palmada forte em minha coxa e ele agarra o local com força. Enzo inclina a cabeça e passa a língua em meu pescoço, subindo até chegar em minha orelha. Minha pele arrepia e eu deslizo minhas mãos pelas suas costas duras e suadas.

Não fazia ideia do quanto ele podia ser bruto e bom no sexo, eu o via apenas como o chefe cruel da máfia. Nunca nada além disso, até porque, independentemente, do que aconteceu agora, eu vou odiá-lo por me torturar.

Enzo mantém o lóbulo da minha orelha preso entre os seus lábios e geme. O ar quente que ele emana arrepia a minha pele e eu o sinto dentro de mim, me fodendo forte. Um calor intenso me toma, se espalhando desde o meu sexo.

— Estou louca para te ver gozar —

sussurro, provocando-o.

E estou mesmo, mas para me livrar.

Solto um gemido surpreso quando seu membro atinge um ponto sensível dentro de mim. Enzo sorri e se aproveita disso, movendo-se mais forte e de maneira mais precisa. O maldito sabe muito bem o que está fazendo.

— Faça-me gozar, Salvatore.

O homem sorri outra vez, de maneira perversa, e volta a segurar meu pescoço com uma das mãos. Seus olhos azuis gélidos e repletos de tesão estão focados em mim.

Fecho os olhos enquanto ele estoca duro e fundo sem qualquer piedade. O orgasmo nos atinge e nós gememos juntos. Peço baixinho para que não pare, mas ele faz exatamente o contrário. Enzo sai de dentro de mim e me coloca no chão.

— Não terminei com você, fique aí.

— É sério isso, Salvatore?

— O quê? — Vai até um móvel e serve um copo de uísque para si.

Me aproximo dele, brava.

— Pedi que não parasse... estava indo outra vez — minto, fingindo querer mais.

— E? — Dá um breve gole no líquido

âmbar e sorri. — Não gozou uma vez? Você é muito gulosa... está aqui para o meu prazer, não?

Em um impulso, perdendo todo o controle que lutei para manter, minha mão vai de encontro ao seu rosto, dando-lhe um tapa forte. *O que ele acha que sou?* Somente pelo fato de não ser virgem e de estar aqui com ele, não quer dizer que eu vou virar um brinquedo, como Catarina é. Não sou uma prostituta e não me permitirei virar uma.

Não tenho tempo de pensar depois do tapa que lhe dei, Salvatore devolve o tapa em meu rosto três vezes mais forte. Cambaleio alguns passos para trás e sinto um gosto de sangue em minha boca. Ao olhar para ele, noto a fúria transbordando em seu olhar.

— Quem você pensa que é? — ruge e me empurra para a cama com força, me fazendo cair nela. — Acha que pode me dar ordens? Me controlar? Ninguém me questiona, *maledizione!*^[22]

Em fúria, Enzo vem para cima de mim e eu grito, tentando me livrar dele. Acerto mais um tapa em seu rosto e o arranho, suas mãos agarram meus braços com muita força e eu sinto meu sangue fervendo.

— Me solte! Monstro! — berro, exaltada.

— Quieta — rosna. — Cale a porra da boca e morda a sua língua fodida antes de erguer a mão para mim outra vez. Isso não é nem metade do que fiz com alguém que ergueu a mão para mim no passado.

Me enganei quanto a ele, pensei que pudesse melhorar minha situação aqui dentro. O homem é um monstro e irritado é ainda pior.

— Eu te odeio, Salvatore.

— Me odeia, mas está na minha cama, sendo domada por mim.

Enzo é um monstro com cara de anjo, que sabe foder. Ele me força para baixo e sai da cama bufando de ódio. Vejo quando livra-se da camisinha e vai até sua poltrona. Fico quieta assistindo-o ascender um cigarro.

Só consigo odiá-lo ainda mais agora, sinto tanta raiva que lágrimas descem pelo meu rosto sem permissão. O que merda era para eu estar vivendo? Deveria estar casada com alguém parecido com esse homem? Esse seria o pior dos meus pesadelos.

Apesar de tudo, agora eu realmente estou disposta a conhecer de onde eu realmente vim, mas de outra forma. Quero entender porque as mulheres

precisam ser virgens ou porque precisam aceitar esse tipo de merda. Culturas enraizadas não se desfazem.

Preciso falar com a minha amiga, preciso conversar com ela, preciso sair daqui.

ENZO

Coloco o cigarro na boca e o ascendo, enquanto observo a mulher na minha cama. Kiara tem muito o que aprender ainda como membro da máfia, o sangue que corre em suas veias é atrevido como o do irmão e dos pais. Precisa ser moldada e polida, como uma joia.

Me espanta que seus pais e Rodrigo tenham conseguido escondê-la da Famiglia por tantos anos. Eu sei que os negócios no Brasil não precisam de muitas pessoas no comando, então isso foi um ponto a favor. A guerra entre nós e os mexicanos naquela época pode ter ajudado, meu pai deu tudo naquela guerra.

Dou uma profunda tragada e seguro a fumaça. Quando vê que estou observando, Kiara levanta da cama e começa a recolher as suas

PERIGOSAS ACHERON

roupas. Solto a fumaça devagar, sentindo os arranhões em meu rosto arderem.

Perché questa donna^[23] tinha que ser tão desobediente? Ela vai aprender a me respeitar como chefe da máfia, ou o fará da maneira mais difícil.

Observo enquanto ela se veste e continuo quieto, em silêncio. Quando suas roupas estão de volta em seu corpo, Kiara encara o cigarro na minha boca e bufa.

— Essa merda vai matar você e eu rezo para que seja o mais breve possível.

A mulher abaixa para pegar seus sapatos e se dirige à porta que liga meu quarto ao dela.

— Aprenda a me obedecer, eu sou o Chefe da Famiglia — digo antes de a porta ser batida com força. — *Figlia di puttana*.

Dio santo, o dia mal começou e eu já estou irritado. Porra.

— A produção já foi iniciada? — pergunto a Dante. — Onde porra Matteo e Odilon estão?!

— Sim, Salvatore, em alguns dias a carga estará pronta e poderemos despachar — afirma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Perfetto.*

— Odilon está auxiliando Kiara, que acordou indisposta — Pedro responde minha segunda pergunta. — Matteo está resolvendo as pendências do carregamento.

— Cazzo — xingo. — Ela acha que Odilon é dama de companhia?! Ele trabalha para mim! Mande que Rebeca cuide dela e tratem de trazer ele aqui, agora.

— Mas...

— Desde quando você me questiona, Rocha? — corto. — Mande trazer ele aqui.

Os dois saem com o rabo entre as pernas. O que eu tenho a ver se ela amanheceu "indisposta"? Kiara deve aprender que não é o centro das atenções aqui e logo vai sentir isso na pele.

Bufo e destravo a segunda gaveta da minha mesa, dentro dela está a arma que Rodrigo usava e um caderno de anotações do pai dos dois, que encontrei ao lado dos corpos do casal. Rodrigo morreu sem saber da existência desse caderno, mas com ele irei conseguir o que quero de Kiara. Ela vai se dobrar à mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7



KIARA

Acordo meio perdida pelo quarto estar escuro, olho para as pesadas cortinas em um tom creme e solto o ar pela boca. Sinto dor ao fazer o simples movimento e lembro do tapa que levei. Meu corpo inteiro treme somente em lembrar do nome dele.

Ouçó dois toques leves à porta e já sei de quem se trata. Odilon abre a porta sem esperar que eu dê permissão.

— *Buongiorno* — exulta e segue até as

cortinas para abri-las. — O dia hoje está lindo, Kiki.

Quando vira o corpo para mim, ele se espanta e para de falar no mesmo instante. Merda, Salvatore marcou meu rosto.

— Meu Deus. — Hesita antes de vir sentar na cama ao meu lado. — Salvatore fez isso com você? E você fez aquilo no rosto dele? Estavam brincando de luta?

Sorrio com a sua tentativa de fazer humor. Toca meu queixo para que eu vire o rosto, ele analisa o lugar e eu suspiro.

— Odilon...

— Não saia deste quarto hoje, você está indisposta, entendeu? Vou avisar aos safados lá fora.

Odilon sai e sua demora para voltar me preocupa. Será que ele foi tirar satisfações com Salvatore? Ele não pode ter ido, não posso perder a única pessoa que confio um pouco aqui dentro.

De repente, a porta é aberta por Andreoli, que, ao me ver, hesita antes de vir até mim. Viro o rosto para que ele não veja o que Salvatore me fez.

— Kiara, *guardami*^[24]. — Senta na cama e segura meu queixo para que eu o olhe. — *Cazzo!*

Enzo não tem limites!

— Andreoli, fique calmo...

— Calmo? Acha bonito o que ele fez em você?!

— Não — me exalto. — Só não quero que o enfrente e acabe sendo morto... você é um dos poucos aqui com quem tenho contato.

O seu olhar surpreso faz com que eu me aproxime e toque seu rosto, sua barba loira faz uma carícia deliciosa em minha mão. Um sorriso sacana brota nos seus lábios rosados.

— *Va bene.* — Bufa. —

Mas *perché*^[25] você me pediu.

Com meu peito queimando em pura angústia, eu o abraço sem qualquer permissão e deito a cabeça em seu ombro. Não sei o que ele é aqui dentro, mas não é como os demais. É como se fosse forçado a estar aqui.

Andreoli demora um pouco, mas retribui meu abraço, sinto quando ele mexe a cabeça para aproximar seu nariz dos meus cabelos.

— Posso ficar um pouco — diz contra os meus cabelos. — Se quiser.

— É o que eu mais preciso que você faça. — Hesito. — Diga que vai continuar a me ensinar a

usar uma arma, por favor... minha vontade é meter uma bala na testa do...

— Não diga isso nem de brincadeira. — Tapa a minha boca. — Se algo acontecer à ele, você será a primeira torturada... aqui as paredes têm ouvidos.

Entendi tudo. Catarina. Volto a olhar nos olhos azuis clarinhos dele e balanço a cabeça, assentindo.

— Deve aprender a se proteger aqui dentro, as pessoas têm motivos para querer vê-la morta agora que sabem da sua existência.

O olhar de Andreoli nubla quando ele vê que o estou observando. Desço meu olhar para seu pescoço e vejo as veias que demarcam sua pele se avolumarem.

— Kiara. — Retesa a mandíbula. — Se ainda tem um pouco de senso, pare de me olhar dessa maneira.

— Desculpe.

— *Dio santo*. — Bufa.

Antes que eu possa piscar outra vez, Andreoli me puxa para ele e me beija. Sua língua percorre cada canto da minha boca e eu retribuo o beijo forte e quente. Toco seus braços duros e ele

me puxa para ainda mais perto.

A dor em meu rosto incomoda, mas o beijo é tão delicioso que supera qualquer dor que eu esteja sentindo. Andreoli morde meu lábio e para o beijo para me olhar.

— Há muito eu tive vontade de fazer isso.

— Abaixa a cabeça. — Mas eu não deveria...

— Por quê?

— Logo saberá.

Ele traz sua mão ao meu rosto, seu polegar acaricia meu lábio e, outra vez, eu o beijo. Por mim, Enzo Salvatore pode ir à merda.

— Andreoli — murmuro. — Eu tenho muito o que aprender aqui dentro... preciso de alguém que me ensine.

— Eu posso ensinar o que precisa saber sobre as armas e regras. — Afaga o lado dolorido do meu rosto e parece apreensivo. — Mas sem que Salvatore saiba, precisamos ter cuidado.

— Tudo bem.

Penso em Odilon, ele não deu mais as caras e eu estou começando a ficar preocupada. Olho para Andreoli e ele me faz deitar de volta na cama. Me surpreendo por ele estar cuidando de mim, todos os homens que vi aqui são muito duros, mal

PERIGOSAS NACIONAIS

falam.

— Por que está me ajudando?

O silêncio cai sobre nós por alguns instantes.

— Não faça perguntas difíceis. — Fica de pé. — Preciso ir.

— Não ia ficar?

— Eu tenho que ir... depois venho ver você.
— Beija meus lábios, depois minha testa.

Andreoli me dá as costas e sai do quarto. Que coisa mais esquisita, primeiro ele diz que não deveria me beijar, depois me pede para não fazer perguntas "difíceis". Tem algo nesse meio que me envolve e eu não estou sabendo.

ENZO

Furioso, olho para os soldados em que mais confio. Os quatro sabem que calculo precisamente qualquer movimento e agiram sem pensar, mataram alguns homens de Federici ontem, enquanto eu me deliciava entre as pernas de Kiara.

— Cazzo! O que porra faço com vocês? São os soldados que mais confio e fazem *questa* merda.

PERIGOSAS ACHERON

— Bufo. — Arrumem aquela bagunça.

Dante, Pedro e Enrico saem da sala, Andreoli permanece e com uma cara nada boa.

— Não ouviu o que eu disse?

— Ouvi muito bem, Salvatore. — Chega mais perto. — Fiquei *perché* quero saber o motivo de ter batido em Kiara.

— O que eu faço ou deixo de fazer com minha futura noiva não é problema seu — rosno. — Logo ela vai entender que é uma mulher da *Famiglia* e que nasceu para isso... esqueça a ideia de conquistá-la, isso não acontece na *Famiglia*.

— *Per l'amour de Dio*^[26] — me enfrenta. — Ela não vai aceitar essa loucura.

— Isso não é você que decide, Caligiuri. Kiara está sob os meus cuidados, deixe que ela decida isso depois que ouvir a minha proposta. Tem sorte de eu estar me controlando, suma da minha frente antes que eu degole você.

Espero que ele saia e ascendo um cigarro, penso um pouco e decido que Kiara deve ser introduzida logo nos seus deveres. Odilon e Rebeca irão fazer isso perfeitamente bem. Kiara vai se tornar a esposa do chefe, deve dar exemplos, sua

PERIGOSAS NACIONAIS

vida antiga será completamente apagada de sua mente.

Odilon entra em minha sala e fica sério, tivemos uma conversa mais cedo sobre Kiara. Ele não é a porra de uma dama de companhia. A irmã de Rodrigo faz parte de uma das famílias, seu pai era um Capo e seu irmão o substituiu muito bem. A porra da mãe dela não queria que a princesinha enfrentasse seu destino.

— Traga Kiara até mim — rosno.

— Chefinho, ela...

— Eu sei muito bem o que ela tem — corto. —, traga-a aqui, tenho muito a conversar com minha noiva.

Ele parece surpreso, mas me obedece. Instantes depois, Kiara entra em minha sala com ele e eu faço um aceno para que saia.

— O que você quer, Salvatore? Não foi o bastante ontem?

— Sente. — Apago o cigarro ao vê-la.

A mulher em minha frente sabe que não foi um pedido e me obedece.

— Sabe que está no seu sangue, você é da *Famiglia*.

— Eu sei e já estou aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Soco a mesa. Odeio que me respondam.

— Saber e estar aqui não é suficiente — me imponho. — Temos regras, juramentos, códigos de comportamento e conduta! A *Famiglia* não é a merda de um puteiro!

— Me ensine, então. — Está brava. — Me manter trancada naquele quarto não vai me fazer aprender nada e muito menos obedecer você. Só está me fazendo odiar isso, odiar a minha herança e querer sumir daqui!

— Mulheres da *Famiglia* são treinadas a vida inteira para o casamento. — Relaxo na cadeira, abrandando o tom. — Os casamentos são arranjados da melhor forma para os negócios de cada família envolvida... os Capos decidem com quem fechar o casamento dos seus filhos.

— Meu pai está morto, não pode fechar meu casamento.

— Agora chegamos ao ponto. — Ergo uma sobrancelha. — Seu pai deixou uma pista antes de morrer e foi por ela e por um deslize do seu irmão que descobrimos você.

Lágrimas enchem os olhos dela, mas a infeliz se recusa a chorar na minha frente. Esse casamento vai me dar muitas dores de cabeça, mas

ela vai aprender a ser a esposa que a Máfia precisa.

— Você está sozinha neste mundo, senhorita Moraes, filhas rebeldes vão para os clubes da *Famiglia*, satisfazer os soldados.

O horror toma seu rosto e eu abro um sorriso *figlio di puttana*. Ela só tem à mim. Andreoli pode esquecer suas esperanças, ela dirá sim sem hesitar.

— Você me colocou naquele palco para me tornar uma prostituta? — A voz quase a abandona, está perplexa.

— Foi um teste. O clube que você atuaria fica na Itália.

— Eu não sou uma prostituta!

— Não há muito o que fazer por você, Kiara. Seu caso só piorou com a morte de toda a sua família.

— Eu quero voltar para a minha casa!

— Impossível. Os capos caçariam você.

— O que você quer de mim, afinal? Por que ainda estou aqui?

— Bom, você é uma mulher da *Famiglia*, a mais velha das filhas nascidas. — Tomo um gole do meu uísque. — Depois de você, a mais velha tem quinze anos, não quero uma criança para fazer

o juramento.

— Juramento?

— Um casamento.

— Você quer se casar comigo? — pergunta, perplexa. — E se eu não aceitar?

— Prepare-se para morar em um clube pelo resto da sua vida, condenada a ser prostituta dos piores assassinos da Itália. — Faço uma pausa. — A escolha é inteiramente sua, estou dando a opção. O livre arbítrio.

Silêncio. Kiara não tem saída, a não ser casar-se comigo. Preciso de uma esposa para gerar os meus herdeiros e calar alguns capos miseráveis e ela precisa de um marido para tirá-la da vida, é um ótimo negócio.

Se eu simplesmente a libertasse, Kiara não teria nem meia hora de vida. Sua amiga acharia o seu corpo na rua. Ninguém abandona a Famiglia, a única saída é a morte.

— E-Eu... — Engole em seco, parecendo sentir dor. — Aceito.

Bingo.

— Peça ajuda a Rebeca, apronte-se para esta noite, esteja bem vestida e com um sorriso nesse rosto. — Meu tom não é de brincadeira. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou apresentar você como minha noiva e como futura esposa da máfia.

Kiara parece segurar o choro e eu aguardo o que ela tem para dizer.

— Mais alguma coisa?

— Não, futura esposa, pode ir... e me aguarde pronta em seu quarto.

Espero que ela saia e me retiro logo em seguida, preciso dar algumas ordens antes que o noivado se concretize.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8



"Hora de escapar
Das garras de um nome
Não, isto não é um jogo
(Isto é só um novo começo)
Eu não acredito no destino
Mas no ponto de partida
É hora de pagar
Você sabe o que esperar
Isto é guerra"

Escape - Thirty Seconds to Mars

KIARA

Atordoadada e ainda sem acreditar, abro a porta do quarto e finalmente me entrego ao choro. Lágrimas grossas escorrem pelo meu rosto, não consigo mais controlar. Rebeca abre a porta e, ao ver meu estado, me puxa para ela com força, me consolando em silêncio.

Fico quieta, anestesiada, ainda sem acreditar no que acabou de acontecer, querendo, com todas as forças, que seja uma brincadeira de mau gosto. Quando meu choro cessa, Rebeca enxuga meu rosto e me faz olhar em seus olhos.

— O que houve?

— Enzo... estamos noivos. Ele não me deu saída, seria aceitar ou ser enviada para a Itália para ser prostituta.

— Querida, sei que ele não deve ter sido lá um cavalheiro quando falou sobre as suas condições, mas é o melhor para você. — Enxuga mais uma lágrima que insiste em cair. — Pelo menos você é da família e tem opção... eu não tinha até Matteo me salvar, ele brigou até mesmo com Salvatore para me ter... eu iria trabalhar como prostituta no México, seria informante.

Ouvindo seu relato, algo dentro de mim faz

com que eu me recomponha. Sou mais forte que isso e sei que se fugir daqui, não viverei para contar a história. Nem eu e nem a minha querida amiga.

— Diga-me o que preciso saber. — Seguro as suas mãos. — Já que não tenho qualquer outra saída e eles nunca me deixarão sair.

— Querida, se tentar fugir, Enzo irá matá-la em questão de minutos. Ninguém abandona a Família.

Respira fundo e eu espero, sentindo meu peito arder em angústia.

— As mulheres da família provavelmente irão odiar você porque irá se casar com o Chefe e não a filha delas, treinadas desde o nascimento.

Se afasta para ir ao meu guarda-roupas.

— Não dou a mínima para elas... tenho problemas maiores aqui.

— A mulher da família deve sempre sorrir, mesmo que esteja tudo esteja desmoronando; tudo o que ocorre em sua casa deve ficar ali dentro, entre vocês. Nunca, em hipótese alguma, questione os horários do seu marido ou o porquê de ele ter tomado determinada decisão, principalmente o Chefe, os negócios deles não interessam à nós.

— Isso é ridículo — rebato. — Como vou

viver com isso?

— São as regras... seja sempre doce e boa, seu marido precisa de uma mulher que lhe sorri e apoia. — Ergue meu queixo devagar e sorri. — Sei que você consegue, apesar de toda a independência que sempre teve... isso é para a sua sobrevivência. Você é boa, em suas veias corre o sangue de sua mãe, ela era gentil, corajosa e... ela nunca esqueceu você.

— Você a conheceu?

— Soube pelos relatos de Rodrigo... eu sabia de você, mas jurei para seu irmão que nunca contaria. No fundo, eu sempre quis conhecer você. — Hesita e volta a atenção para os vestidos pendurados no guarda-roupas, que me foi inteiramente dado por Salvatore. — Se Enzo ou Matteo souberem disso, estou morta.

— Eles não saberão.

— A última coisa que eu tenho para te dizer é que, aqui dentro, traição ou qualquer ação que prejudique os negócios da família, significa morte.

— Entendi — digo, seca.

— Faça o que eu disse e conseguirá viver com Salvatore... aprendi essas regras da pior maneira. — Pega um vestido no armário. — Este é

o melhor para essa ocasião.

Rebeca tira do guarda-roupas um vestido tomara que caia vermelho e longo. O vestido é lindo, mas nada nele me faz querer vesti-lo, principalmente pela ocasião em que irei usá-lo.

De repente, a porta é aberta com toda a força e Odilon irrompe junto com Andreoli. A cara de bravo dele me faz temer o que ele veio fazer aqui.

— Noivos, Kiara?! — rosna. — Aceitou mesmo *questa* merda?

— O que queria que eu fizesse? — Meus olhos voltam a encherem-se de lágrimas. — Que negasse Enzo e fosse ser prostituta na Itália?

— Não. — Segura meu rosto entre as suas mãos. — Eu a tomaria para mim, *bella*. Você teria a mim.

— Caligiuri — Rebeca chama em tom de aviso.

— Você não vai enfrentar Salvatore — digo, firme. — Já está feito, vou ser a esposa dele, vai anunciar nosso noivado hoje.

— Ele fez sua cabeça, não foi? Merda, Kiara.

Andreoli me solta bruscamente e sai do

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto. Olho para Odilon, que tem uma caixinha coberta de veludo azul. Ele se aproxima de mim e a abre, revelando um colar de brilhantes e um par de brincos combinando com eles. Estou tão atordoada que apenas olho para a caixinha.

— Chefinho mandou para que usasse. —
Me entrega a caixa. — O casamento será daqui a um mês, o consigliere já marcou.

— Quem é o consigliere?

— Ettore — afirma. — Temos um mês para organizar tudo, precisamos correr.

— Vamos providenciar tudo — digo vagamente.

— Venha, querida, precisa se vestir. —
Rebeca me puxa para que eu me apresse.

Quando estou finalmente pronta, os dois pedem para que eu me olhe no espelho. Me dou conta de que ali naquele espelho não está mais refletida a mulher que eu era antes de entrar aqui. O espelho reflete a única pessoa que resta da família Moraes, sou marcada por causa do nome e do sangue que carrego.

PERIGOSAS ACHERON

Penso em Marina, minha amiga, ela deve pensar que estou feliz na Itália e que a abandonei com a academia. Quero tanto falar com ela.

É o meu dever fazer o que é certo, mesmo não gostando do meu noivo, mesmo não aceitando muito bem as regras. Somente através disso é que saberei mais sobre os meus pais e sobre o que aconteceu de verdade comigo e com meu irmão.

— Está linda, Kiki.

— Deixem-me. — Olho para os dois através do espelho. — Por favor.

— Vamos, Odi, temos que nos aprontar também.

Rebeca arrasta Odilon para fora do quarto e eu me olho fixamente por longos instantes. Apesar de tudo, algo dentro de mim me diz que eu pertencço a este lugar, que nasci para isso e realmente nasci. Só não compreendo porque tem que ser tão difícil, tão duro.

— *Bella*. — A voz rouca me faz congelar no lugar.

Os passos de Enzo são calmos e ele não parece ter pressa em chegar até mim. Meu corpo inteiro reage à sua presença, o medo, a palpitação...

— As joias lhe caíram muito bem. — Fica

por trás de mim e desliza os dedos pelo meu pescoço. — Querida noiva.

Essas duas palavras me arrepiam quando saídas de sua boca em um sussurro cruel. Estou condenada a viver com esse homem pelo resto da minha vida. Seus dedos apertam meu pescoço e eu o olho, pensando se ele vai me matar aqui logo e acabar com isso. Maldito.

— Tome. — Estende um aparelho celular para mim. — Para emergências. Seu celular foi destruído juntamente com o chip e este aparelho contém apenas o número de Filippo, o de Rebeca e o meu.

— E Marina? Como vou falar com ela?

— Não vai falar com ela.

Pego o celular da sua mão e o observo por alguns instantes, antes de assentir. Sinto tantas saudades da minha amiga.

— Não pense em me trair, está me entendendo, Kiara? — diz em meu ouvido. — A matarei antes que se concretize, não haverá nada sobre você que eu não saberei.

— Por que eu o trairia? Está acostumado a mulheres fúteis, que se vendem por dinheiro — disparo, me referindo à Catarina. — Não tenho

ninguém, Salvatore. Não é isso que quer ouvir?

O sorriso diabólico surge em seu rosto e eu penso que ele pode ser muito pior do que imagino. Nesse casamento irei descobrir muita coisa sobre meu noivo, o seu pior lado.

— Coloque esse anel, é o símbolo de que estamos noivos e que ninguém se aproxima.

Salvatore me entrega a joia que tem uma linda pedra em cima. Coloco o celular sobre a mesa de cabeceira e eu mesma o encaixo no meu dedo.

— Vamos anunciar você.

ENZO

Olhar para aquela mulher vestida daquela forma me fez pensar em como vai ser desejada e odiada ao mesmo tempo. Não gosto da ideia de desejarem minha futura esposa; o que é meu, é meu. Não divido e vou deixar isso bem claro para ela também.

Lembrar da sensação de me afundar em sua boceta me faz ficar duro outra vez. E pensar que será um prazer domar essa mulher e fazê-la obedecer a mim, aos meus caprichos. Preciso de

PERIGOSAS ACHERON

uma esposa que me dê herdeiros, a *Famiglia* me pressiona por causa da idade.

— Sorria — rosno para ela quando aparecemos no topo da escada.

Kiara abre um belo sorriso antes de iniciarmos nossa descida. Ótimo, minha futura esposa é boa em fingir, vai ser muito útil para mim. Fiz a escolha certa. Dizem que por mais que se afaste alguém do seu sangue e do seu destino, a vida se encarrega de trazer de volta. Minha noiva pertence à *Famiglia* e não vai mais fugir, eu irei garantir que não se desvie do seu caminho.

Completamente sério, desço as escadas junto com Kiara. Vejo, no palco, Catarina fuzilar a mulher ao meu lado somente com seu olhar de cobra. Volto meu olhar para Andreoli e a raiva queima em seu olhar, sei que nutre algo por Kiara, mas eu estarei sempre lá para lembrar a quem ela pertence.

Negócios da Família em primeiro lugar, sempre. Quem interfere é tratado como traidor.

— *Buona notte, bella.* — Lucca Pozzani, o sub-chefe, se aproxima.

Outro sorriso surge nos lábios traiçoeiros de Kiara, cumprimentando Lucca. O canalha pega a

PERIGOSAS NACIONAIS

mão dela e deixa um beijo no dorso. Me mantenho sério e ele pisca para mim.

— Tem sorte de ter uma mulher tão bela ao seu lado, *amico mio*^[27].

— *Lo so*^[28]. — Olho para Kiara e ela abre mais o sorriso, mas em seus olhos vejo raiva. — *Questa donna* é o tesouro perdido, Pozzani.

— Sei que sim. Agora com licença, as moças me esperam.

Calma como uma onça que pretende dar o seu bote, Kiara olha para mim. A mulher é muito bonita, isso não se pode negar. Ainda segurando o meu braço, vejo seu sorriso forçado morrer.

— Tesouro perdido?

— Negócios, *bella*, negócios. — Meu olhar para ela se torna ainda mais duro. — Não lhe diz respeito, preocupe-se apenas em sorrir. As famílias estão loucas para conhecer a ovelha perdida da *Famiglia* e saber se ela merece mesmo confiança.

Seguimos em frente para cumprimentar um dos Capos da Famiglia, Pietro DiGrassi. Ele é um dos frequentadores assíduos do cassino, é o pai da menina de quinze anos com quem queria que eu me casasse.

PERIGOSAS ACHERON

— DiGrassi.

— Salvatore. — Acena com a cabeça e olha para Kiara. — Quem é a bela mulher que o acompanha?

— Minha futura esposa, Kiara Moraes.

— A filha perdida da família Moraes? — Analisa a mulher. — Mas você sabe que minha filha foi criada a vida inteira para o casamento, essa mulher foi criada fora dos limites da *Famiglia*. Esse é um caso a ser pensado em separado. Minha filha, mesmo jovem, está muito bem preparada para assumir o compromisso de um casamento.

— Tenho certeza que minha esposa será doce e gentil como qualquer mulher da *Famiglia* e saberá o seu lugar. — Ergo minha sobrancelha. — Sua filha tem pouca idade para assumir um compromisso tão grande de esposa da máfia. Os negócios ficarão mais firmes com este enlace.

— Está duvidando da criação da minha filha, Salvatore?

— Senhores. — A voz aveludada de Kiara nos faz olhar para ela. — Não queremos estragar uma noite de festa, não é? Tenho certeza de que sua filha foi muito bem educada, senhor DiGrassi, mas meu noivo apenas citou as responsabilidades que

vêm junto com a idade adulta. — Abre um sorriso gentil, me surpreendendo. — Deixe que sua filha viva sua adolescência. Um casamento traz muitas responsabilidades.

— Tem toda a razão, me surpreende a sua sabedoria, senhorita Moraes... mesmo tendo estado longe da boa educação da *Famiglia*.

— DiGrassi — rosno. — Exijo que respeite a minha noiva e somente assim respeitarei sua filha. — Me aproximo. — Mais uma das suas gracinhas e você perde a sua língua.

Pietro abaixa a cabeça e trata de arrumar logo alguém para falar. Olho para Kiara e encontro seu olhar sobre mim.

— Se saiu muito bem, vejo que Rebeca a orientou como mandei — digo. — Irá aprender muito esse mês. Será moldada.

— Não preciso ser moldada, querido noivo — debocha. — Sei...

— Me provoque outra vez e terá cada fio dessa sua maldita cabeça arrancado, porra. Vamos.

Puxo para que ela recomece a andar. Pouco me importa se ela quer esse casamento ou não, eu também não quero, mas preciso de herdeiros para ensinar o negócio da *Famiglia*. Preciso deixar um

PERIGOSAS NACIONAIS

legado que continue tudo o que eu deixar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9



KIARA

Estou perdida em pensamentos com meu irmão, querendo apenas seu abraço carinhoso e protetor, me dizendo que me queria na faculdade, que iríamos ficar bem. Queria que cumprisse a promessa de que ninguém jamais tocaria em mim. No tempo eu não entendia suas palavras, mas agora entendo e muito bem.

— Está me ouvindo? — Rebeca pergunta.

— Desculpe. — Solto o ar que estava preso e olho para os papéis em cima da mesa. — Me

distraí.

— Estava falando sobre os arranjos, de que cor você quer as rosas?

— Gosto de rosas brancas. — Olho para Odilon e em seguida para Rebeca.

— Vamos cuidar disso. — Rebeca anota algo em seu caderno e sorri. — Já marquei com o costureiro da Família, ele vem aqui ainda hoje para tirar suas medidas e começar a costura.

— Isso, Rebs — Odilon se pronuncia. — Chefinho quer sua noiva deslumbrante no dia do casamento.

— Façamos o que deve ser feito.

— Kiara, é o seu casamento. — Rebeca tenta me animar. — É uma oportunidade única na sua vida, o juramento é um grande momento na vida de uma mulher da Família, principalmente quando é com o Chefe... Salvatore não escolheria uma mulher que não daria conta de ser a esposa da Máfia.

— Acham que eu e Salvatore poderemos — hesito. — nos dar bem algum dia?

— Precisamos ser francos com você, Kiki. — Odilon pega minha mão. — O Chefe não é uma pessoa fácil de lidar, nunca foi, mas talvez você

consiga, com o tempo.

Balanço a cabeça e tento arrumar algum resquício de força dentro de mim para me manter sã até o dia desse casamento. Já que o destino jogou essa bomba nas minhas mãos, eu tenho que saber lidar com ela.

Preciso aprender a conviver com Enzo e tentar fazer isso ser, pelo menos, suportável já que tenho que passar o resto da minha vida com ele. E eu pretendo viver.

— Vamos voltar — digo, firme.

Nos despedimos do costureiro da Família depois de ele tirar todas as minhas medidas para fazer o vestido e Rebeca sai junto com Odilon do meu quarto, me deixando sozinha.

Olho pela janela do quarto e penso em Andreoli, ele pareceu tão zangado comigo ontem. Hoje eu não o vi. O que ele queria que eu fizesse? Enzo me humilharia todos os dias dentro de um puteiro, eu seria usada pelos soldados dele.

Salvatore só vai me usar para ter filhos seus, ser uma boa e exemplar mãe. Merda, eu preciso

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer alguma coisa, não vou deixar que Salvatore me humilhe, ele precisa saber que não sou como todas as outras da Família.

Escuto quando a porta é aberta de uma só vez e viro-me, assustada, para encarar a face rígida do meu noivo. Junto as mãos na frente do meu corpo e o olho, sentindo medo.

— Fui informado que já começou com os preparativos do casamento.

Ele solta a fumaça pela boca e eu nego com a cabeça. O homem entra no quarto e apaga o cigarro no cinzeiro da mesa.

— Sim, já escolhi as flores e os arranjos. — Hesito. — O costureiro já tirou as medidas para o vestido.

— Muito bom. — Aproxima-se. — Você já tem a lista dos convidados da Família?

— Sim, de todos os Capos e de suas famílias — respondo, seca. — Os convites já estão sendo distribuídos.

— Eu espero, querida noiva. — Fala bem próximo ao meu rosto, em tom de ameaça. — Que você se comporte como deve e que me respeite como seu marido... não terei piedade em cortar sua garganta se me trair.

PERIGOSAS ACHERON

— Me casarei com você, Salvatore, não espero nada diferente — confesso. — Mas eu espero que, pelo menos, você me respeite como sua esposa também.

Um sorriso sombrio paira no belo rosto do homem cruel à minha frente. Sei que o que pedi é uma tolice, mas se ele pode exigir coisas, eu também posso.

— Não faça exigências, Kiara, não está em posição para isso.

— Sou a sua noiva, Enzo, sua futura esposa. — Me aproximo ainda mais. — Pelo que sei e aprendi aqui, me deve respeito.

Noto quando seu corpo inteiro fica tenso e sei que está irritado, ele tensiona o maxilar e fica em silêncio. Sei que estou certa, apesar de não conhecer quase nada.

— Saiba que eu nunca quis me casar, para mim você só vai servir para os negócios, porque eu preciso de herdeiros — cospe as palavras com o intuito de me machucar. — Não pense que vou me apaixonar, isso não vai acontecer.

O olhar de Enzo é frio, ele parece sempre sentir raiva e isso me assusta. Quando transamos, suas íris azuis só transmitiam sua raiva, como

fazem agora.

— Tenho certeza que vai se acostumar — continua quando vê que não respondo. — Terá todas as regalias que quiser quando nos casarmos.

— Moraremos aqui? — Franzo o cenho.

— *Non, bella*. Tenho uma casa longe daqui, que é onde deve ficar... depois, quando eu resolver os problemas daqui, iremos para a Itália. Nossa verdadeira casa.

Permaneço quieta e ele me dá as costas para sair, seus passos cuidadosos parecem os de um felino que está constantemente atrás da sua presa. Salvatore é uma bomba relógio prestes a explodir a qualquer momento, qualquer faísca pode fazê-lo ficar irritado e eu já o vi assim.

ENZO

A ideia de me casar e ficar preso a uma mulher me enlouquece, sou acostumado a usar Catarina e outras mulheres daqui do cassino. Nascemos no sangue e nas regras da Famiglia, vamos fazer o juramento e neste dia eu jurarei honrá-la e protegê-la. Preciso fazer isso, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não sendo do meu querer.

Mesmo odiando-a.

Kiara só precisa entender que não pode medir forças comigo e as coisas ficarão bem. Sou a porra do chefe dos negócios da família e ela vai ser minha esposa, questionar não faz parte do seu papel.

De volta à minha sala, vou direto ao meu melhor uísque, sirvo uma boa dose para mim. Ouço batidas à porta e bufo antes de mandar entrar. Meu consigliere entra junto com o sub-chefe.

— O que houve?

— Viemos falar sobre o casamento —
Lucca responde.

— O que tem o casamento?

— Pretende viajar com ela para uma lua de mel? — Ettore pergunta. — Precisamos convocar alguns soldados, se esse for o desejo, e planejar a segurança.

— Não. — Tomo um gole da minha bebida.
— Minha casa será suficiente para uma noite.

— Salvatore, tente pelo menos, fazer com que seja bom para ela — Lucca pede. — Ela acabou de descobrir sobre a família e tudo isso, não deve ser fácil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dio santo — Ettore resmunga, sem qualquer humor. — Minha vontade é matar vocês dois.

— Corto a sua garganta primeiro, *maledetto*^[29].

— Va bene, já chega — Lucca apazigua.

— Ninguém ligou para o que eu sentia quando me enviaram ao treinamento, Lucca, porque eu deveria pensar no que a minha esposa sente?

— Per l'amour de Dio. — Lucca passa as mãos nos cabelos. — Ela vai viver o resto da vida com você.

— Quando foi que ficou assim, Pozzani? De que caralhos serviu o seu treinamento?

— Alerto para o certo — rebate. — Sei quando usar minha força de treinamento.

Faço um gesto para que saiam e os dois não reclamam. Fico de pé e saio da minha sala em direção ao quarto de Catarina. Tenho que aproveitar esse mês o máximo que puder.

Fico de pé e visto minha calça sob o olhar

PERIGOSAS ACHERON

de Catarina, que se remexe na cama, ainda nua.

— Está vindo pouco aqui, baby.

— Acostume-se, vou me casar em breve. Estar solteiro e comandando a máfia não está fazendo bem aos negócios... os capos estão fazendo pressão.

— Está mesmo noivo daquela mulher? — Vem passar as mãos no meu peito. — Ela não sabe nada, Salvatore... é uma tonta.

— Quem é você para falar de quem sabe ou não coisas da Famiglia? — Afivelo meu cinto. — Kiara é da Famiglia, pode e vai aprender.

— Eu aprendi muito nesses anos aqui dentro, posso ser...

— Não me casarei com uma prostituta — afirmo. — E que, ainda por cima, não é da Famiglia... não vou desonrar o cargo que me foi dado.

Finalmente Catarina se cala, ela sabe que já houve paixão entre nós, mas agora é somente sexo. Depois que ela viu que não poderíamos nos casar nunca, se tornou uma prostituta poderosa aqui dentro para me provocar. Ela sabe que me atingiu no início, mas isso morreu.

Negócios são negócios e eu aprendi que o

amor é algo banal, que pode ser usado contra mim.

Meu celular vibra em cima do criado-mudo, me tirando dos pensamentos. O nome de Enrico na tela faz meu corpo retesar, o que pode ter dado errado na missão que lhes dei?

— Caligiuri?

— Salvatore, é melhor você vir. — Escuto um grito ao fundo, um homem se esgoelando. — Pegamos alguém tentando invadir. Descobriram o galpão.

— Cazzo — rosno. — Segure este figlio di puttana, já estou chegando.

Encerro a ligação e sinto as mãos de Catarina nas minhas costas. Ela beija meu pescoço, deslizando as mãos calmamente pelo meu corpo. Afasto-me e a encaro. Não somos mais as mesmas pessoas e nunca mais seremos, tudo mudou.

— Ainda serei sua amante quando se casar?

Solto uma risada irônica e o sorriso pretensioso dela desaparece.

— Não desonraria meu juramento, sou a porra de um homem de palavra — rosno. — Talvez foda alguma puta uma vez ou outra. Agora pare de inventar bobagens.

— E se ela não quiser você? Onde vai gozar

PERIGOSAS NACIONAIS

e fazer um filho? Vai obrigá-la?

Seguro o seu pescoço sem força, apenas intimidando-a.

— Não me desafie, Catarina.

— Por que não podemos nos casar? — Ela chora. — Você me obrigou a isso, a ser assim.

— Non... você escolheu ser assim para me provocar, sabe que não suportava ver você sendo tocada, mas você gostava. — Faço uma pausa e me corrijo: — Você gosta! É uma prostituta!

— Enzo, me respeite.

— Se você ao menos se desse respeito, mulher.

— Eu estou grávida.

A notícia não me afeta em nada, apenas ergo uma sobrancelha e a fito, sério. Solto o seu pescoço e passo as mãos nos cabelos.

— De quem?

— Como de quem? É seu!

Solto uma gargalhada, entendendo o seu jogo, mas ela fica séria.

— Não é meu, Catarina. Você ganha muito bem dos seus clientes, é a puta mais rica daqui... de quem é?

— Eu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sabe. — Rio em deboche. — E ainda quer dar golpe? É melhor retirar essa criança, fale com Filippo.

Saio do quarto e bato a porta, indo em direção ao meu para tomar um banho e seguir direto para o galpão. Preciso saber quem tem tanta vontade de descobrir os meus negócios e como encontrou o galpão. Dou de cara com Kiara saindo do seu quarto e ela se mantém séria.

O que me surpreende é que ela não parece ter medo de se casar comigo, mesmo depois do que eu fiz quando a torturei. Ela me analisa por inteiro e volta a me olhar nos olhos, os lábios carnudos tremem um pouco, parece sentir raiva.

Desço meu olhar para o vestido que ela usa e noto um decote um pouco grande. Matarei Odilon por providenciar roupas como esta para minha noiva. Mandeí comprar roupas, não pedaços de pano rasgado.

— Que roupa é essa? Onde vai?

— Dar uma volta pelo cassino. — Olha para o vestido. — O que tem minha roupa?

Que peitos.

— Deve se mostrar apenas para mim — rosno. — Sou seu noivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enzo. — Se aproxima e passa o dedo polegar em meu pescoço — Você acabou de transar com sua amante, essa marca de batom e o cheiro dela em seu corpo me provam isso, então me poupe do seu discurso hipócrita. Com licença.

Kiara me solta e se afasta. Estreito o olhar para ela enquanto a observo se afastar em direção ao cassino. Tento esquecer sua rebeldia por ter assuntos mais importantes para resolver e entro de vez em meu quarto.

Desço do meu carro com Ettore e Matteo e entro no galpão. Avisto os irmãos Enrico e Andreoli junto com Dante e Pedro ao redor de um homem que está amarrado.

— Não sabemos de onde ele é, o infeliz não fala — Ettore diz.

— É a segunda vez que pegamos os infelizes rondando nossas propriedades — Matteo rosna.

— Saiam — exijo. — Apenas Ettore fica. Vamos ter uma conversa com o invasor.

— Sim, chefe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10



KIARA

Sentada no balcão do bar, já há algum tempo, observo o cassino durante o dia. É vazio e chega até a ser sombrio. No palco, vejo Catarina aparecer e me olhar, cheia de raiva.

Mesmo que odeie meu futuro marido, não deixarei que ela tente arruinar a única coisa que terei na vida, o meu casamento com Enzo. Sei que aquela maldita marca de batom em seu pescoço era dela e isso me faz ferver de raiva por dentro porque sei que enquanto estiver com ela, serei escanteada e mais maltratada do que antes.

PERIGOSAS ACHERON

Ele deve amá-la e isso vai ser difícil.

Reviro os olhos quando vejo Catarina caminhar até mim calmamente. Ela tem uma mão na barriga e um sorriso nos lábios.

— Olá, futura esposa da máfia.

— Eu tenho um nome. — Bebo o uísque que pedi, precisava de algo forte. — O que você quer?

— Apenas conversar, já que vamos partilhar o mesmo homem.

— Partilhar? — Dou risada e tenho que fingir que me importo com Enzo. — Eu serei a esposa, a que o terá, você vai ficar com o que sobra.

— Você é muito ingênua, Kiara. Chegou aqui depois, não sabe nada.

— Sei que você quer a todo custo engravidar do meu noivo, mas não vai conseguir. Andei me informando aqui, pode parar com essa farsa de bebê antes que eu converse com Enzo.

A mulher fica branca como uma vela. Uma prostituta como ela não iria deixar de se prevenir, ela precisa do seu corpo para ter dinheiro. O controle disso é feito especialmente por quem as comanda aqui dentro. Enzo também não se

descuidaria.

De repente as portas do cassino são abertas com toda a força, o primeiro a entrar é Andreoli. O olhar que ele lança para mim é de dor e segue diretamente para as escadarias do cassino.

Fico paralisada, esperando que Enzo apareça. Assim que ele entra, me espanto pelo sangue que vejo em sua roupa. Mesmo que eu não o queira de todo o meu coração, levanto da cadeira em um pulo, olho para Catarina, querendo provocá-la, e vou até ele. Ela entendeu o meu ponto e espero que me deixe em paz.

— Enzo. — Espalmo as mãos em seu peito, fazendo-o parar e olho para a sua camisa manchada de sangue. — Está ferido?

— *Non, bella* — diz em um tom calmo e um tanto surpreso. — O sangue não é meu.

— Essa é a sua noiva, Salvatore? — Um homem grisalho nos interrompe.

— Sim. — Olha para mim. — *Mia donna* não é adorável, senhores? Alguns duvidam, mas vocês estão de prova... o sangue da Famiglia está nela, não há como negar.

A raiva começa a ferver dentro de mim, Salvatore está me mostrando como um prêmio,

como se eu o obedecesse a todo instante. Merda, preciso me manter firme, Catarina não pode vencer esta guerra ou eu sairei muito prejudicada.

— Iremos para meu escritório, querida. — Segura meu queixo para que eu olhe no fundo das suas íris azuis. — Negócios da Famiglia, trate para que não sejamos incomodados.

Reunindo todas as forças dentro de mim para não pedir educadamente que Enzo pare de ser tão fingido e vá se foder, exibio meu melhor sorriso. Ele deixa um beijo nos meus lábios antes que eu possa raciocinar. Pelo que sei, esses devem ser os Capos da Família que tomam conta dos negócios no Brasil, pois Pietro DiGrassi está entre eles.

— Claro, querido.

Quando ele segue seu caminho com os demais homens, solto o ar pela boca e olho para Catarina mais uma vez. A mulher está vermelha de raiva e sai pisando duro. Já vou me preparar para a sua próxima jogada.

— Kiara. — Rebeca chega correndo. — Você viu Matteo? Não encontro meu marido em lugar nenhum.

— Ele chegou com Enzo e seguiu com os Capos para a sala de reuniões. — Seguro seu braço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Algo aconteceu.

— Creio que seja a máfia Russa ou até mesmo Federici, Salvatore não confia nele.

— Por quê?

— Não sei, mas vamos, precisamos nos preparar. — Começa a me puxar pela escada. — Não sabemos o que pode acontecer.

— Podem atacar o cassino?

— É difícil, mas não é improvável... se sabem onde Enzo está, tudo é possível.

Em meu quarto, andando de um lado para o outro, preocupada por Enzo não ter noticiado nada durante todo o dia. Estou sem notícias do que está acontecendo, quero sair, mas Rebeca me pediu que não o fizesse. Preciso achar uma maneira de ter informações sobre o que está acontecendo e só há uma forma para conseguir isso.

Escuto batidas à porta e mando que entre imediatamente. Paraliso ao ver Andreoli entrar e fechar a porta. Ele para, encostado na porta e eu me mantenho em silêncio, já que foi ele quem brigou comigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Kiara. — Abaixa a cabeça, hesitando, antes de corrigir: — Senhora... Podemos falar?

Sua pergunta me pega de surpresa, me fazendo ficar em silêncio por alguns instantes.

— Ahn... Claro.

Andreoli aproxima-se e toma meu rosto entre as suas mãos quentes e fortes, em um impulso meus olhos quase se fecham. Eu sei que é uma loucura o que ele está fazendo, Enzo nos mataria em dois segundos se nos visse.

— Me desculpe ter falado com você daquela maneira... eu estava com raiva.

— Está tudo bem.

— *Non, cazzo.* — Me solta. — *Non* está, queria que você se casasse comigo. Queria que fosse minha.

Volto a silenciar e me afasto um pouco de Andreoli. Ele não podia estar me dizendo isso, não quando Salvatore está me vigiando dia e noite com seus soldados, apesar de ele também ser um.

Isso pode ser uma armadilha, não confio em ninguém.

— Mas está tudo bem. — Beija meus lábios de maneira demorada. — Mesmo querendo me casar com você, eu não poderia... sou um simples

soldado, você é da Família. Jamais seria possível.

— Não entendo — murmuro. — Ninguém escolhe por quem vai se apaixonar.

— Sei que não, mas logo vai se adaptar e entender. — Beija minha testa com cuidado e uma lágrima escorre pelo seu rosto. Ele não está mentindo. — Só quis que soubesse da minha admiração. Vou respeitar o seu casamento e protegê-la o quanto puder.

Com os olhos pinicando, observo Andreoli se dirigir até a porta e, antes de sair, olhar para mim mais uma vez. Quando ele a fecha, passo as mãos nos cabelos e sinto as lágrimas tomarem os meus olhos.

Ele me ama e eu terei de me casar com Enzo.

ENZO

A reunião de urgência com os Capos por causa da ameaça da máfia Russa nos fez tomar uma decisão, precisamos agir. Designei a cada um que fizesse uma tarefa, precisamos nos prevenir de qualquer eventual ataque que venha a ocorrer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como chefe da Família, não posso permitir.

Entro em contato com os nossos infiltrados na polícia da Itália e na polícia do Brasil. Todos ficarão em alerta sob qualquer movimento.

— Reunião encerrada — declaro. — Façam como mandei.

Fico de pé e todos começam a se retirar, Lucca para ao meu lado junto com Dante e Pedro e eu olho para os dois.

— Chamem Matteo, vamos planejar o aumento da nossa vigilância e o reforço nos armamentos.

— Pronto, chefe. — Fica de pé. — Vai entrar em vigor o mais rápido possível.

— Não pedi para medir esforços. — Fico de pé junto com ele. — Agora vá, comece imediatamente.

Saio da nossa sala de reuniões em direção ao quarto que ocupo aqui no clube. Preciso ficar sozinho e pensar sobre as possíveis maneiras de a Máfia Russa chegar até nós e barrar todas essas maneiras. Foder todas.

PERIGOSAS ACHERON

Sento-me em minha poltrona e ascendo um cigarro, dou um longo trago e engulo a fumaça. Relaxo e fecho os olhos antes de soltar toda a fumaça devagar. Coloco o cigarro na boca e abro a camisa social suja de sangue, livro-me dela e volto a relaxar na poltrona.

Minha cabeça começa a ferver com a possibilidade de um confronto. Estou prestes a me casar com Kiara, eles podem querer agir nesse dia.

Escuto leves batidas à porta e isso me faz sair dos pensamentos em que estava imerso. Identifico como vindas da porta de acesso ao quarto da minha noiva. Ordeno que entre e assim que a porta é aberta, me pego analisando seu corpo naquele maldito vestido.

— Enzo. — A voz dela atinge os meus ouvidos e eu faço um gesto para que feche a porta. — Vim saber o que está acontecendo, você chegou cheio de sangue e sumiu o dia todo.

Estranho essa doçura e preocupação toda, vou descobrir o que há por trás disso. Ninguém se transforma em um anjo assim do nada.

— Acostume-se, é absolutamente normal cenas como a que viu hoje.

— Ouvi sobre confronto com russos. —

Aproxima-se. — Isso é verdade?

Bingo, já entendi tudo. Kiara quer saber mais, por isso essa doçura repentina. Mulher fingida, vou me aproveitar disso.

— Sente-se aqui.

Aponto para as minhas pernas e Kiara hesita antes de fazer o que mandei, sei que odeia a ideia de ter contato comigo depois do que fiz a ela. Fiz o que fiz para que aprenda a me respeitar, ninguém me desrespeita dentro do meu território.

Assim que ela se senta, apoia as mãos no meu peito e faz uma expressão preocupada. Esse momento de calma está me dando tesão, essa mulher sabe como ser uma filha da puta intrometida e sabe ser polida. O problema é não ter sido treinada.

— Deixe que eu e os Capos nos preocupemos com isso. — Subo a mão livre pela sua coxa e com a outra, seguro o cigarro aceso. — Satisfaça-me.

— Sua amante não o fez? — provoca.

— Você não é virgem, pode me satisfazer já que nosso casamento acontecerá em breve. — Seguro em seu maxilar sem usar força. — E eu não preciso explicar nada para você.

Espero que ela tire da cabeça alguma ideia de que vamos viver como um casal normal. Eu não vou me apaixonar, fui treinado especialmente para comandar os negócios da Famiglia e ter filhos, apenas.

Vamos trepar até ter herdeiros o suficiente.

— Não me traia, Salvatore. — Está séria. — Não sou como as outras, que suportam ser traídas... e que suportam apanhar. Não me faça odiá-lo ainda mais ou a convivência comigo vai se tornar um inferno.

Um sorriso irônico brota nos meus lábios, a mulher gosta de testar os limites da minha irritação. Antes que eu possa responder, ela coloca a mão sobre uma cicatriz que tenho no peito. Kiara não fala nada sobre o maldito pedaço de pele deformada, apenas a acaricia. Creio que deve ter percebido minha expressão somente por ter colocado a mão ali.

Ela aproxima os lábios dos meus e o seu cheiro adocicado alcança os meus sentidos. Apago o cigarro e seguro firme a sua coxa, sentindo a cicatriz que fiz. De repente, ela sai do meu colo e arruma o vestido.

— Não vou satisfazer você.

— Mulher — rosno. — Volte para cá.

— Não sou a sua puta, Salvatore. Não é porque transou comigo uma vez que esqueci o que você fez comigo.

— É a merda da minha noiva. — Fico de pé e ela recua.

Chego perto dela em dois passos e seguro os seus braços, vendo-a engolir o choro. Ela é tão ruim quanto o irmão.

— Não banque a rebelde comigo, porra. Faça como Rebeca disse e tudo vai ficar bem com você.

A solto de uma só vez e bufo. O que eu tenho que fazer para poder ter um pouco de paz?

— Volte para o seu quarto, está proibida de sair dele até segunda ordem. Pode aproveitar o tempo para planejar o casamento.

— Está mesmo me colocando de castigo?

— Não me questione. Saia.

A mulher está tremendo de raiva.

— Eu odeio você.

Reviro os olhos e volto a acender o meu cigarro, preciso de algo para me acalmar. Kiara bate a porta e eu me seguro para não ir lá e corrigi-la por isso, mas minha paciência não duraria. Se eu

PERIGOSAS NACIONAIS

não infartar até este casamento, será uma bênção.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11



.•. DIA DO CASAMENTO .•.

KIARA

As batidas em minha porta me fazem acordar, olho para o relógio da cabeceira da minha cama e resmungo. Hoje é o dia do meu casamento, eu já deveria estar de pé à essa hora, ficando linda e muito feliz.

Irônico.

— Kiki? Posso entrar?

— Pode — resmungo.

Assim que Odilon abre a porta, se espanta ao me ver deitada na cama e vem abrir as cortinas do meu quarto.

— Vamos, você é a noiva. — Puxa o lençol de cima de mim. — O costureiro já está aí com seu vestido e a cabeleireira também junto com a maquiadora.

Senta ao meu lado na cama e ao ver a minha falta de ânimo, segura a minha mão. Quando ele sorri para mim, isso me fortalece um pouco mais.

— Os arranjos já estão arrumados nos lugares que você escolheu, tudo ornamentado.

— Nunca pensei que fosse me casar. — Ergo meu corpo na cama. — Não sei o que dizer ou o que pensar... não consigo sentir nada.

— Pense que muitas mulheres da Família gostariam de estar no seu lugar somente para ter uma posição maior. — Passa a mão em meu rosto. — Sei que pode não querer o Chefe com toda aquela ira, mas ele te salvou. Força, você é poderosa, Kiki.

Fecho os meus olhos e sou surpreendida por um abraço de Odilon, o qual eu retribuo com força. Por fim, salto da cama e sigo para o banheiro,

preciso de um bom banho para começar a me preparar para o casamento.

Desde ontem não vejo Enzo. Depois de uma ligação, ele simplesmente sumiu e até agora não voltou. Penso se deve estar em algum lugar torturando alguém.

— Odilon? — chamo, enquanto retiro a camisola. — Onde Salvatore está?

— Não posso dizer, Kiki. — Pega a camisola de mim. — Mas o que posso fazer é garantir que ele chegará para o casamento.

— Tem certeza?

— Chefinho nunca largou um compromisso, sua palavra e sua honra valem muito. Acredite.

Entro no box e abro o chuveiro, Odilon abaixa a cabeça e sai do banheiro, fechando a porta atrás de si. Penso em Salvatore e onde ele poderia estar, nosso casamento será durante o dia. Ouvi dizer que será assim por causa das ameaças. Eu espero que ele não esteja com alguma vagabunda dos clubes da Família. Não quero ter que passar uma noite de "núpcias" com um homem que transou com uma vagabunda no mesmo dia.

Quando saio do banheiro, já vejo Rebeca no

quarto junto com Odilon. Meu vestido está sobre a cama junto com o véu e, no chão, os sapatos brancos com um salto razoável. Aperto o nó do meu roupão quando vejo a cabeleireira e a maquiadora, sento-me na cadeira que me indicam e fecho os olhos, tentando segurar as lágrimas de desespero.

A ideia de ter Enzo como marido me aterroriza, mas não posso demonstrar isso a ele, ou será o meu fim, ele jamais me deixaria em paz. Já que não tenho saída, preciso me adaptar a isso. Por meu irmão.

Sempre quis encontrar o homem certo para me casar, um homem que cuidasse de mim e que me amasse independente de qualquer coisa. Mas nada está acontecendo como planejei.

— Venha ver no espelho como está linda, Kiki — Odilon chama, animado. — É a noiva mais linda que já vi.

As mulheres que arrumaram meu cabelo e minha maquiagem sorriem para mim, esperando que eu faça o que Odilon me pediu. Sorrio

educadamente para elas e me coloco de pé; pernas fraquejam, mas tento me manter firme.

Olho para Rebeca e ela sorri, me encorajando. Fecho os olhos e respiro fundo antes de me posicionar em frente ao espelho e constatar que elas me arrumaram exatamente como sempre sonhei que seria.

— Obrigada. — Olho para as duas. — Está perfeito.

Uma pena não ser o casamento perfeito, o noivo perfeito...

— Pensei que fosse querer algo mais elaborado, senhora — a maquiadora diz.

— Não — corto. —, está ótimo assim, obrigada.

Odilon entende que quero que as duas saiam e as guia para fora do quarto. Antes de sair, ele me olha uma última vez e sorri, me encorajando. Volto minha atenção para o vestido na cama e sinto o coração bater mais forte em meu peito.

— Você é forte, Kiara. — Rebeca se aproxima e toca meu ombro. — Eu chorei desesperadamente no dia do meu casamento com Matteo... não fazia ideia de que ele realmente me queria e me trataria bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já eu, tenho a certeza de que sirvo somente para a procriação com Enzo... nada mais.

— Mude isso, então. — Seu aperto em meu ombro se intensifica. — Faça com que Salvatore enxergue a mulher que você é, já que você não tem saída. Faça com que ele a respeite.

— Isso não é um conto de fadas, Rebeca... este casamento será o meu inferno.

Pego o vestido na cama. Rebeca abre o zíper e me ajuda a vesti-lo, o véu é ela quem encaixa por entre o meu penteado e, por fim, subo nos meus saltos. Me olho no espelho e Rebeca traz o meu buquê de rosas brancas e amarelas. É lindo.

Penso em Rodrigo e sinto uma vontade desesperadora de chorar. Ele sempre me disse que entraria comigo quando me casasse com o homem que amo. Essa é mais uma das muitas promessas que ele não pôde cumprir.

— Você está linda. — Puxa uma parte do véu para meu rosto. — Agora sente um pouco aí, vou me informar com Matteo para saber se Enzo já chegou.

Sento-me na cadeira e aceno com a cabeça para Rebeca. Assim que ela sai, tenho vontade de gritar para o mundo ouvir que não quero casar-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com Salvatore. Não sou parte disso.

Dois toques à porta me fazem respirar fundo, eu só queria ficar um pouco sozinha antes de dizer sim à minha condenação. Mando que entre e não ouse olhar quem é que está ali, deve ser Enzo para me torturar antes de sermos sentenciados perpetuamente.

— Senhora.

A voz de Andreoli me faz olhá-lo imediatamente. Fico em silêncio, apenas retribuindo o olhar dele. Noto quando os seus lábios tremem levemente.

— É uma bela noiva.

Me coloco de pé e tento ir até ele, mas Andreoli dá um passo para trás, recusando o contato comigo.

— Você é dele, *bella*, não me meta em problemas. — Abaixa a cabeça. — Vim apenas avisar que ele já está no aqui no clube, o casamento vai começar logo.

Sem dizer sequer mais uma palavra e sem esperar resposta, Andreoli sai do quarto e eu volto a sentar-me. Merda, eu não queria quebrar seu coração.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos, Kiki. — Odilon irrompe à porta.
— Seu noivo já está te esperando.

Meus olhos enchem de lágrimas e meu amigo vem me abraçar para me consolar. Só consigo sentir dor nesse momento, queria que Rodrigo estivesse aqui.

— Seu casamento será lindo. — Beija meu rosto. — Nem vai sentir passando. Você não quis escolher as músicas, mas eu e a Rebs escolhemos algumas lindas, principalmente a da valsa.

— Obrigada. — Pisco algumas vezes para afastar as lágrimas. — Eu não teria cabeça para isso.

Saio do quarto junto com Odilon e seguro firme em seu braço. Ele quem vai entrar comigo naquele salão e vai me levar até Enzo, meu futuro esposo. Estou tão nervosa que mal consigo me manter de pé.

Ao chegarmos no topo da escadaria, meu coração se descompassa completamente. O lugar está irreconhecível, todos os jogos e decorações grandiosas foram retirados. Estão presentes apenas os arranjos que escolhi para decorar junto com as

rosas e as pétalas espalhadas pelo chão.

Todas as famílias estão presentes, vieram da Itália especialmente para o casamento. No início foram contra Enzo casar-se aqui no Brasil e fora da igreja, já que toda a "Famiglia" é de lá e extremamente religiosa. Mas Enzo decretou que seria aqui, os negócios parecem ter dificultado, precisa ficar mais um pouco. Ele falou com um padre e o homem veio da Itália, especialmente para nos casar.

Sei que posso contar mais de duzentas pessoas me olhando fixamente e me julgando por ser a "ovelha perdida da *Famiglia*". Que culpa tenho eu de ter sido escondida? Essa gente é louca.

Ah, como sinto a falta do meu irmão, da sua proteção, do seu cuidado... da nossa vida.

Com o fino véu em meu rosto, fixo meu olhar em Salvatore e começo a descer as escadas junto com Odilon quando a marcha nupcial começa a tocar. O lugar está exatamente como discutimos que seria durante o último mês, a decoração está absolutamente linda.

Aos pés do altar improvisado dentro do luxuoso cassino, eu paro, segurando firme o braço de Odilon. Salvatore, com seu semblante sério e

duro, desce os dois degraus para me buscar. Prendo a respiração quando sua mão alcança o véu para tirá-lo do meu rosto.

Nossos olhares se encontram e ele não demonstra nada, apenas estende a mão para mim e eu seguro firme. Merda, deveria estar me casando bêbada, pelo menos não me lembraria dessa tortura. Subo ao altar e me coloco do lado dele. Sinto alguém arrumar meu vestido e simplesmente ignoro.

— O buquê, querida. — A voz rouca me faz olhar para ele. — Deve entregar a ela.

Olho para Rebeca, que tem um sorriso gentil em seu rosto e acabo por entregar meu buquê. Respiro fundo e olho fixamente para o padre, que parece nervoso em estar aqui.

— Estamos aqui reunidos para celebrar a união em casamento de Enzo Salvatore e Kiara Moraes. — A cada palavra pronunciada, meu peito queima, angustiado. — Que agora serão uma só carne.

O padre inicia as vezes do casamento e lê o evangelho antes de dar uma breve explicação sobre amor no casamento. Deus, como aguentarei isso?

— É de livre e espontânea vontade que

PERIGOSAS NACIONAIS

estão aqui hoje para essa união?

— Sim — Salvatore responde, seco.

Meu íntimo grita um "não" bem redondo.

— Sim.

— Juram amarem-se, respeitarem-se na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

— Sim. — Me olha.

— Sim.

— Tendo feito este juramento perante o Senhor, agora estão unidos na lei de Deus. Podem trocar as alianças.

Salvatore pega a menor das alianças e vira-se para mim. Me olha nos olhos e pega minha mão esquerda. Isso é um pesadelo, tem que ser.

— Kiara, receba essa aliança em sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. — Coloca a aliança em meu dedo.

Tenho vontade de rir com as palavras que ele acabou de pronunciar. Palavras as quais irei pronunciar em instantes, mentindo descaradamente. Pego a aliança e seguro em sua mão esquerda, a pele quente dele contra a minha me faz hesitar.

Enzo olha duro para mim e eu respiro

PERIGOSAS ACHERON

fundo, recuperando o meu senso. Um silêncio fúnebre se instala no salão.

— Enzo, receba essa aliança em sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. — Coloco a aliança em seu dedo anelar.

— O noivo já pode beijar a noiva.

Sou surpreendida quando ele pega os meus pulsos, me fazendo segurar os dele de volta, me olhando nos olhos. Seu toque forte e intenso me faz pensar que não vai me beijar.

— Para sempre unidos no sangue e na honra da Famiglia — diz, firme.

Hesitante, olho nas suas íris azuis e vejo quando ele ergue uma das sobrancelhas, me incitando a repetir.

— Para sempre unidos no sangue e na honra da família — digo por fim.

Finalmente, ele segura a minha cintura e me puxa para um beijo. Seus lábios quentes e macios contra os meus fazem meu corpo amolecer ao seu toque. Beijando cuidadosamente desse jeito, Enzo nem parece ser o homem que me torturou.

Os convidados explodem em aplausos e nós encerramos o beijo. Fixo meu olhar no seu e

PERIGOSAS NACIONAIS

Rebeca aproxima-se junto com Odilon e um fotógrafo. Respiro fundo, coloco um sorriso no rosto, pego o buquê de volta e olho para o homem com a câmera nas mãos.

— O fotógrafo quer fazer algumas fotos de vocês — Rebeca diz, ao lado do marido.

Vejo quando Ettore, o consigliere, se aproxima também. A cara dele nunca é boa, então não me comovo.

— Claro. — Chego mais perto do meu marido e ele não se move.

— Será que o senhor pode fazer uma pose com ela?

Discretamente, ergo um pouco minha cabeça e o olhar de Enzo me diz que se o pobre fotógrafo lhe pedir mais algo, acabará expulso daqui. Chego ainda mais perto e toco o peito de Salvatore, abro um sorriso para a câmera e tenho a certeza de que um ar de riso não apareceu no rosto impassível do meu marido.

— Já chega.

— Salvatore — Ettore o repreende.

— Mas... — O fotógrafo tenta.

— Obrigada — corto, tentando amenizar um pouco. — Pode se direcionar à festa... depois

PERIGOSAS ACHERON

faremos fotos.

Com um olhar, peço que Odilon e Rebeca saiam e os dois se retiram quase que imediatamente, levando Ettore. Fecho os olhos, pedindo inspiração aos céus para aguentar isso e viro-me de frente para Enzo.

— Poderia, pelo menos, tentar ser educado? Mesmo que você me odeie, não precisa mostrar isso para todos... eu também não queria nem um pouco estar com essa aliança na minha mão esquerda.

— Não.

Sem dizer mais nada, Enzo segura a minha mão e me puxa em direção à sala onde os convidados já estão acomodados. Esse casamento nunca vai dar certo, ele me odeia e o sentimento é completamente recíproco.

Os aplausos e sorrisos lançados a nós me força a colocar o sorriso no rosto e retribuir a todos. Meu marido continua a mesma coisa, impassível a qualquer acontecimento ao seu redor. Catarina, sempre que pode, lança um olhar para mim e eu tento ignorá-la.

Nos sentamos na mesa reservada para nós e escutamos os discursos de alguns Capos presentes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos demonstrando seu respeito com relação ao nosso casamento. Para todos eu sorri gentilmente e Enzo sempre permaneceu sério.

Por um instante, meu olhar encontrou o de Andreoli, mas logo tratei de desviar. Não quero correr o risco de Salvatore querer fazer algo com ele ou até mesmo comigo, para me punir.

Como nossos pais estão mortos, fizeram uma breve homenagem e isso me emocionou. Ouvir as pessoas falarem dos meus pais, me fez sentir uma forte emoção dentro de mim, eu sequer os conheci. Como devem ter sido?

Depois de ouvir todos os discursos, Enzo fica de pé e estende a mão para mim. Seguro firme e fico de pé. Alguém anuncia nossa valsa e a música Perfect do Ed Sheeran começa a tocar. Penso em como eu queria dançar essa música com alguém que realmente fosse me amar, em como queria que meu casamento fosse mágico.

Respiro fundo e tenho vontade de matar Odilon e Rebeca por terem escolhido uma música como essa. A mão de Enzo vem diretamente para a minha cintura e eu seguro em seu ombro, damos as mãos e começamos a dançar devagar, no ritmo da música.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto medo do que está por vir, sinto saudades da minha vida, do meu trabalho e do meu irmão. São tantas coisas que estou sentindo agora e ao mesmo tempo estou anestesiada. Quero apenas ficar em um lugar silencioso e escondido, onde eu não precise fingir que amo este homem.

— Pelo menos é um bom dançarino — comento baixinho.

Ele fixa seu olhar no meu, completamente sério.

— Não é o casamento dos seus sonhos? — pergunta somente para que eu escute.

— Meu sonho é dançar profissionalmente, Enzo.

Suas íris azuis e seu maxilar tencionado me dizem que a resposta não agradou. Apenas sorrio para mostrar aos presentes minha falsa felicidade e encosto a cabeça em seu peito, querendo morrer nesse instante.

Assim que a música chega ao fim, Salvatore segura meu queixo e curva-se um pouco para me beijar. Desta vez ele prolonga o beijo e eu sinto algo queimando dentro de mim, raiva. Raiva por ter que fingir, raiva por senti-lo tão perto assim, raiva por vê-lo bancar o bonzinho. Somos interrompidos

quando gritam que é a hora do buquê.

Todas as moças solteiras da família e Catarina se aproximam. Mas o que ela está fazendo aqui? Foi convidada?

Vejo quando Enzo se incomoda com a sua proximidade, mas ignoro isso. Dou as costas para todas e o fotógrafo se aproxima. Arrumo o vestido e ergo o olhar para dar de cara com Enzo me olhando fixamente; mais atrás dele, Andreoli faz o mesmo, ao lado do irmão.

Tomo uma respiração profunda e faço a contagem antes de jogar o buquê. Viro-me para ver quem pegou e sorrio ao ver que foi a filha mais velha de Pietro DiGrassi; a menina de quinze anos que o pai queria entregar a Enzo. Depois de mim, ela é a mais velha da família. Me aproximo da menina e Catarina está ao seu lado.

— Você está linda — a menina elogia.

— Obrigada. — Sorrio. — Gostou do buquê?

— Sim, é lindo! Quero um assim quando meu pai arrumar o meu casamento!

A frase dela me choca. Elas realmente são preparadas para isso desde o nascimento. Tento manter o meu sorriso e a abraço antes de ouvir

PERIGOSAS NACIONAIS

DiGrassi a chamar. Quando a menina se retira, fico cara a cara com Catarina.

— Parabéns pelo casamento, Kiara Salvatore... desejo a você uma...

— O que está fazendo aqui? — Enzo rosna, me fazendo pular de susto.

— Vim parabenizar a noiva pelo casamento.

— Suma. Você não é convidada.

— Também não precisa ficar assim. — Dá de ombros. — Todo mundo aqui neste salão sabe do nosso caso... inclusive a sua esposa.

Antes que ele responda, ela sai por entre as pessoas e pega uma taça de champanhe com um garçom. A raiva borbulha dentro do meu peito. Todo mundo sabe? Então eu sou mesmo a filha perdida e corna da família. Ele nunca vai deixá-la.

Enzo segue atrás dela, me deixando sozinha no meio do salão. É isso mesmo que ele está fazendo ou eu estou ficando louca? Sem pensar em nada, o sigo. Pedro tenta me impedir, mas o meu olhar para ele o faz parar de tentar proteger o seu chefe.

Paro um pouco distante quando o vejo arrastá-la com força pelo braço para um canto afastado. Sigo cuidadosamente e vejo alguns

PERIGOSAS ACHERON

soldados ficarem em alerta. Ouço vozes, mas não consigo distinguir o assunto. Me aproximo um pouco mais e apareço no momento exato em que Enzo acerta o estômago de Catarina com um soco, a deixando sem ar.

A cena me deixa petrificada, a mulher fica roxa, buscando ar. Enzo ainda não me viu, Catarina também não. Meu coração bate acelerado no peito, minha respiração está se descontrolando e eu não sei exatamente o que sentir assistindo a isso.

— Fique longe dela. *Capisce?* É o seu último aviso, não é porque tem um serviço importante para mim que não posso matá-la.

Catarina é incapaz de responder, ainda sem ar, e eu sou incapaz de reagir. Salvatore arruma o terno e os cabelos antes de virar-se. Ao me ver, ele não demonstra surpresa, apenas se aproxima um pouco e puxa o ar com força.

— Vamos — rosna para mim.

Olho para ele, expressando toda minha raiva e ele nota. Suspendo um pouco as saias do vestido e sigo na frente, sem esperá-lo. Eu o odeio. Que merda de casamento.

Em silêncio, Salvatore abre a porta do carro para mim e espera que eu entre. Sem ter nenhuma

PERIGOSAS NACIONAIS

noção de para onde ele vai me levar para a nossa lua de mel, fecho os olhos e peço para que, pelo menos, ele seja razoável ou não suportarei.

Vejo que alguns carros nos acompanham na frente e atrás. Uma escolta. Deduzo serem os soldados. Olho para Enzo e seus punhos cerrados juntamente com a mandíbula me fazem pensar em onde ele está me levando.

— Onde estamos indo?

— Nossa casa provisória aqui no Brasil.

Nossa casa.

Não sei lidar, não tem jeito, eu vou entrar em pânico quando me trancafiar em uma casa com Enzo.

Quando os carros param em frente a uma casa estonteante, fico parada alguns instantes, olhando para ela. Enzo desce e segura a porta para mim. Reúno minhas forças e seguro em sua mão para descer do carro.

Vejo os homens descenderem dos carros e entre eles vejo Enrico e Andreoli. Todos rodeiam a casa e alguns entram na frente para averiguar nossa entrada. Assim que a entrada é liberada, seguro no braço de Enzo para me apoiar devido ao vestido, ao véu e aos sapatos.

PERIGOSAS ACHERON

— Me espere em nosso quarto — diz ao fechar a porta da sala e me olha por inteira. — Livre-se disso. O quanto antes fizermos o que deve ser feito, melhor.

— Eu não quero transar com você!

— É preciso consumir o casamento ou será anulado — diz de maneira compassada e cruel. — E eu a mandarei para o clube na Itália.

Enzo me dá as costas e sai em direção a algum cômodo da casa que ainda não conheço. As cores escuras dentro dela dão um ar meio sombrio. Viro-me para as escadas, anestesiada pelas suas palavras cruéis, e subo. Um caminho de pétalas vermelhas me guiam até o quarto e tenho certeza de que essa ideia foi de Odilon.

Abro a porta do último quarto do corredor e dentro dele posso ver nossa cama, também decorada com pétalas. Na mesa de cabeceira está uma champanhe dentro de um balde de gelo e duas taças ao lado.

Sento na cama e livro-me dos meus sapatos. Com cuidado, tiro o véu dos meus cabelos e desfaço o penteado. Abro o zíper do vestido com dificuldade e me livro do tecido pesado. Me olho no espelho do quarto, vestindo apenas a lingerie

que me foi dada pelo meu marido e passo as mãos nos cabelos para desfazer completamente o penteado.

Ouçó passos no corredor e tomo uma respiração profunda, tentando me acalmar. Tentando não avançar nele e rasgar todo o seu rosto, tentando não me manter sã para fazer logo o que deve ser feito. A porta é aberta e Enzo me olha dos pés à cabeça antes de abrir seu sorriso cruel e sentar-se à poltrona.

Deus, que ele não me machuque.

— Quero que dance para mim. — Seu tom é autoritário. — Mostre o que é capaz de fazer com a mente de um homem. Mostre o quão profissional você é.

Fico olhando enquanto livra-se do blazer e da camisa social, expondo seu peito duro e definido. Fecho os olhos e respiro fundo, buscando em mim a deusa da dança. Assim que volto a abri-los, vejo quando ascende um cigarro. Odeio esta merda que ele inventa de colocar nos pulmões.

Ainda meio acuada e com medo, começo a dançar lentamente, ondulando as partes do corpo que mais chamam atenção à um homem. Mesmo sem música, posso ver o tesão crescendo em seu

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar e me sinto desejada. Hesito antes de montar em seu colo, com ele ainda na poltrona, e coloco as mãos em seus ombros para me apoiar e dançar nele.

Penso sobre o que me disse e tento manter o foco, vamos foder agora para consumir isso... ou serei mandada para um clube. Preciso fazer isso... por Rodrigo, pelos meus pais e por mim.

— Não pense que vou ser o marido que você sonha.

— Não pedi para que fosse. — Tento me concentrar em me manter calma.

Subo minhas mãos para seus cabelos macios e o beijo, dando início à minha lua de mel. Se ele não pode ser o marido que eu sempre quis, pode ser o homem que vai fazer sexo comigo e é nisso que vou fazê-lo tirar Catarina da cabeça. Ela vai perder essa guerra.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12



KIARA

Meu sexo pulsa enquanto danço para Enzo em seu colo, me esfregando e provocando-o. Seu olhar fixo em mim demonstra todo o seu tesão. Ótimo. Suas mãos sobem pela minha lingerie e ele retira tudo sem muita paciência, xinga algo em italiano e apalpa meus seios.

— Vamos, esposa — rosna. —, quero você cavalgando em mim.

Com pressa, Enzo abre sua calça e coloca para fora seu pau duro. Seus lábios se fecham ao

PERIGOSAS NACIONAIS

redor do meu mamilo e eu sinto sua língua circular ao redor dele. Solto um gemido e agarro mais forte os seus cabelos. O homem sabe o que faz.

Suas mãos apertam forte a minha cintura, me forçando a rebolar em seu colo. Fecho os olhos e seguro firme nos seus ombros, sentindo ainda mais tesão. Enzo pincela seu membro rijo contra meu sexo encharcado e entra de uma vez em mim, sem qualquer piedade.

Jogo minha cabeça para trás e não contendo um gemido alto. Quando volto a abrir os olhos, seu olhar frio está bem ali, cravado em mim. Minha pele inteira arrepia quando ele me força a rebolar com seu membro dentro de mim.

— Cavalgue gostoso em mim, *bella* — rosna.

Seu pau duro alcança o ponto sensível dentro de mim e eu me contorço em seu colo. Mordo o lábio com força e tento me manter em um ritmo firme. Tê-lo dentro de mim é enlouquecedor. O homem é grande e sabe muito bem fazer uma mulher ir à loucura.

— Awn... — gemo.

Enzo envolve minha cintura com força com seu braço e ergue o corpo da poltrona comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Enrosco minhas pernas em seu quadril, sem deixar que ele saia de dentro de mim e logo sinto a maciez do lençol nas minhas costas.

Ficando por cima de mim, Enzo segura as minhas pernas, mantendo-as abertas e começa a estocar firme contra meu sexo. A fúria em seu olhar não cessa um minuto sequer, ele traz sua mão ao meu pescoço e o aperta sem que me machuque.

Salvatore aumenta o ritmo das investidas contra meu sexo e eu sinto algo esquentando dentro de mim. Gemo, querendo que ele não pare até que me faça explodir em um orgasmo intenso. Choramingo baixinho e o puxo para mim com força, sentindo o meu corpo sucumbir lentamente ao orgasmo.

Seu peito roça contra o meu e desço as mãos pelas suas costas, ousando tocá-lo sem qualquer permissão. As investidas duras contra meu sexo me fazem fechar os olhos outra vez. Ele me fode na raiva, como se quisesse me mostrar o quanto me odeia e eu cravo as unhas nele, querendo mostrar o mesmo.

O homem rosna em meio a um gemido e mantém o ritmo do seu corpo batendo forte contra o meu. Seus olhos transbordam tesão e fúria, o que o

PERIGOSAS NACIONAIS

deixa ainda mais belo e com um ar ainda mais feroz.

Meu corpo inteiro está sendo consumido pelo calor do prazer. O suor começa a brotar e eu vejo o corpo dele ficar mais tenso. Pequenas gotículas escorrem pelo seu peito e rosto e eu não posso deixar de notar o quanto o pequeno detalhe é bonito.

Salvatore intensifica ainda mais os seus movimentos, tornando-os mais precisos e isso é a minha sentença. Alcanço o orgasmo e estremeço sob o seu corpo quente e suado. Um gemido involuntário deixa os meus lábios e eu abro os olhos para vê-lo tencionar seu maxilar antes de despejar jatos espessos e quentes dentro de mim.

Tendo terminado, Enzo sai de dentro de mim e me deixa na cama, pega de volta o cigarro e senta-se na poltrona. Franço o cenho quando o vejo dar um longo trago no cigarro e agir como se nada tivesse acabado de acontecer. Merda, nós acabamos de nos casar, ele poderia tentar ser um pouco mais amável, mesmo sendo o monstro que é.

Ergo meu corpo, sentando-me na cama e puxo o lençol para cobrir minha nudez. Então esse casamento para ele é uma foda de vez em quando?

PERIGOSAS ACHERON

Enzo realmente só quer que eu lhe dê herdeiros, vai voltar para os braços da sua amante sempre que possível.

— Não está cansada? — Solta a fumaça devagar. — O dia de preparativos deve ter sido cansativo.

Respiro fundo e mesmo querendo bater em Enzo pelo que fez, reúno todas as minhas forças e o meu cinismo, levanto da cama e paro diante da poltrona. Seu olhar analisa cada ponto exposto do meu corpo e logo em seguida, ele fixa seu olhar no meu.

— Eu sou a sua esposa agora, Enzo. — Continuo quieta, parada. — Deveríamos, pelo menos, agir como um casal normal em lua de mel.

— Não exija o que não pode ter.

— Não estou exigindo. — Sento em suas pernas e respiro fundo.

Dentro de mim está uma bagunça, eu não queria me casar com Enzo. Mas agora que estou condenada a viver o resto da minha vida com ele, quero poder ter uma convivência digna, pelo menos. Com respeito.

— Vá descansar. — Seus dedos adentram nos meus cabelos e ele fica quieto. — Tivemos um

dia cheio hoje.

Fecho os olhos com força e levanto das pernas quentes e torneadas de Enzo. Sigo para a cama e deito sem protestar, não preciso ser agredida em plena lua de mel por bater de frente com ele.

Desperto com os raios de sol batendo em meu rosto, aquecendo minha pele. Assim que abro os olhos, noto que estou sozinha na cama. Solto o ar quase todo dos meus pulmões e resolvo me levantar da cama.

Assim que chego ao banheiro, me surpreendo ao ver uma banheira. Olho para o chuveiro em outra ponta do local e resolvo ligar as torneiras da banheira. Assim água morna começa a jorrar para dentro dela, abro um leve sorriso. Nunca tive uma coisa dessas.

Penso na minha vida antiga e sinto falta de dar aulas na academia, não tive mais contato com Marina. Espero, de todo o meu coração, que ela esteja bem.

Quando a água dentro da banheira atinge

um nível bom, pego alguns frascos em cima da pia e leio um deles antes de despejar na água. Sento-me à borda da banheira e agito a água com os pés. Assim que a água está preparada, adentro na banheira e sinto meu corpo inteiro relaxar com o toque morno.

De repente, a porta é aberta de uma só vez e eu me sobressalto dentro da banheira. Meu coração é capaz de sair de mim quando vejo Enzo usando um terno completamente ajustado em seu corpo.

— Ahn... — Cubro meus seios com os braços. — D-Desculpe.

— *Non* peça desculpas por estar nua para mim, porra — xinga. — E *non* esconda o que é meu.

Não tenho muito tempo para pensar, Enzo livra-se dos sapatos e entra na banheira com todas as roupas. Sou surpreendida por um beijo intenso e gemo entre os seus lábios macios.

— *Capisce?* — Para o beijo e me olha fixamente.

ENZO

Entro na banheira com as roupas que acabei de vestir para tomar Kiara para mim outra vez. Estar nessa boceta me deixa completamente louco e saciado quando termino. Agarro as bordas da banheira e a beijo outra vez, o gemido que sai de sua garganta é abafado pela minha boca.

— Abra essas pernas para mim.

Quando ela o faz, levo a mão até a sua boceta, enfio um dedo e, com o polegar, estimulo seu clitóris de maneira lenta. Ela fecha os olhos e lambe os lábios, antes de trazer as mãos ao meu peito e fazer uma carícia gostosa.

Arranco fora as calças que me impedem de entrar nela e sinto sua mão descendo para meu pau. Kiara segura firme nele e me masturba, seu olhar encontra o meu e eu tenho a certeza de que ela pode ser muito convincente quando quer.

Esta mulher é traiçoeira. O olhar e essa boca carnuda podem fazê-la conseguir o que quer. Maldita.

— Oh — geme baixinho.

— Peça.

Uma pontada de raiva transpassa o seu olhar e eu sorrio, cruel. Não vou dar a ela o que quer enquanto não me pedir, quero ouvir sua voz

implorando para que eu a foda.

— Não ouvi ainda. — Mexo mais forte os meus dedos dentro dela.

Um gemido escapa dos seus lábios carnudos e isso me faz voltar a sorrir. Com a mão livre, aperto seu mamilo e ergo uma sobrancelha para observar suas reações ao meu toque. Levarei até o pico máximo, até que ela não aguento mais, se for necessário.

— Foda-me — pede e sobe suas mãos para os meus cabelos. — Oh.

— Isso, querida esposa. — Mordo de leve sua orelha e ela geme. — Rendida, como gosto.

Me encaixo entre as suas pernas grossas e coloco meu pau dentro dela de uma só vez. Kiara grita e isso me deixa enlouquecido para fodê-la ainda mais forte, sua boca vem até a minha e eu aceito seu beijo.

Fodo com força, não lhe dando tempo para protestar ou pensar. A água se agita dentro da banheira e seu corpo se move aos comandos do meu. Subo minha mão para sua nuca e seguro firme nos seus cabelos escuros, ela fecha os olhos com força e tenta se afastar.

Sinto algo me tomar, uma fúria fora de

PERIGOSAS NACIONAIS

controle. Imagens que há muito tempo esqueci voltam a permear minha mente e eu sinto mais raiva, uma força que não consigo controlar. É algo que chega a doer em mim.

— Não me interrompa — rosno.

— E-Está me machucando. — Me bate no rosto. — Enzo!

Não respondo, apenas continuo fodendo forte até gozar dentro dela outra vez. Com a respiração sem qualquer ritmo, saio de dentro dela e vejo em seu olhar um misto de medo e raiva. Estou acordando de um transe. Que merda eu fiz?

— Não espere de mim o marido que sempre quis ter, Kiara. — Saio da banheira. — Eu não sou esse homem.

— Eu odeio você — berra. — Não vou deixar que me machuque mais! Vá logo para o clube e me deixe sozinha, monstro! Você é um monstro!

Meu sangue ferve de raiva por causa dessa maldita respondona, mas bufo antes de deixar o banheiro. Afinal, eu a machuquei, foram poucas as vezes que perdi o controle dessa maneira. Eu nunca perco o controle, nunca.

Atravesso o quarto para buscar um terno

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seco e me visto rapidamente. Preciso ir ao cassino resolver o pequeno problema que quase atrasou o meu casamento ontem.

Saio da casa acompanhado pelos meus soldados, deixando alguns rodeando a casa e entre eles estão Enrico e Andreoli. São os meus homens mais fiéis, apesar de desconfiar dos sentimentos de Andreoli pela minha esposa.

— Vai terminar com o homem hoje? — Ettore pergunta.

— Minha paciência com ele esgotou. — Ascendo um cigarro. — Se ele não falar hoje, irá falar no inferno.

— E a lua de mel, chefe? — Matteo deixa o tom brincalhão.

— Doce, como deve ser.

Solto a fumaça e lanço um olhar mortal para ele, mas o infeliz não se contém e dá uma risada.

— Com todo o respeito, chefe... Não consigo imaginar dona Kiara sendo doce.

Em um impulso, seguro seu pescoço e olho nos olhos do infeliz. A raiva fervendo dentro de mim. Os únicos soldados que têm peito para falar comigo são Andreoli e Enrico; Ettore e Matteo são os únicos que ousam tirar alguma brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

— Mais alguma especulação sobre a minha esposa e eu não hesito em matar você. — O empurro e ele bate a cabeça na janela do carro. — Preocupe-se com Rebeca e com os problemas da *Famiglia*.

O silêncio volta a se estabelecer dentro do carro e os meus pensamentos se voltam para a minha casa, onde deixei minha esposa. Ensinarei Kiara a ser a esposa que deve ser, a ensinarei a responder somente o que quiser e se desviar de comentários maldosos das cobras da *Famiglia*, ela é a porra da minha esposa, não deve nada a ninguém além de mim.

Capítulo 13



KIARA

Olho para Enzo saindo do banheiro completamente nu e todo molhado, depois de ter me fodido até me machucar e sinto raiva dele. Sento-me dentro banheira e deixo que o choro me atinja com força.

Não posso deixar que ele me machuque dessa forma, não sou um objeto que ele coloca o pau dentro quando quer e como quer. Como poderei conviver com esse homem o resto da minha vida?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouçó algumas batidas à porta e me assombro, ele tem que ter ido embora. Saio imediatamente e visto um roupão, que está pendurado na parede do banheiro, enxugo meu rosto e ouço outra vez as batidas à porta.

— Senhora? — Uma voz feminina vem do outro lado da porta e isso me alivia. — Precisa de algo? Senhor Enzo disse que a senhora iria precisar de auxílio.

Ah, ele disse? Maldito.

Abro a porta e dou de cara com uma mulher de meia idade e ela sorri para mim. Eu quis sorrir para ela, mas não consegui ser sincera. Depois de Enzo ter me machucado, nada tem graça. Minhas esperanças estão diminuindo mais a cada minuto que passa.

— Meu nome é Nicola. Posso preparar algo para seu desjejum?

— Por favor, eu mesma posso preparar. — Toco seu braço. — Não se preocupe.

— *Non*, senhora, é o meu trabalho. — Junta as mãos, afobada. — Posso preparar algo reforçado? Irá precisar de forças para a sua lua de mel. Uma noite de núpcias é cansativa para uma moça.

PERIGOSAS ACHERON

Forço um sorriso e balanço a cabeça. Se a lua de mel não for amarga como fel, é o que ela quer dizer.

— Tudo bem, então.

A mulher sorri e me deixa no quarto. Merda, todos devem pensar que Enzo é um verdadeiro cavalheiro e um bom marido. Fecho a porta, me livro do roupão e vou para o closet. Ao entrar, encontro algumas roupas femininas perto dos ternos de Enzo, todas muito bem dobradas e organizadas.

Não reconheço nenhuma das coisas que encontro, mas escolho um dos vestidos e o visto. Me olho no espelho e noto que coube muito bem em mim, sei que isso tem o dedo de Rebeca e de Odilon. Penteio os meus cabelos e hidrato minha pele com um creme que encontrei ao lado dos perfumes de Enzo.

Deixo o quarto e sigo devagar pelo corredor, analisando cada peça de decoração e cada cor de cada parede. Desço as escadas de mármore branco devagar, admirando a beleza da casa pela primeira vez desde que cheguei aqui.

Na sala, vejo um sofá branco e algumas decorações simples, mas que deixam o lugar

bonito. Sigo para onde imagino ser a cozinha e encontro a mulher que se identificou como Nicola, preparando um café da manhã reforçado para mim.

— Olá, senhora. — Ela sorri. — Sente-se, preparei algumas coisas.

— Obrigada.

Sento-me, ainda acuada. Nicola coloca um copo de suco em minha frente e um prato com algumas frutas. Vejo alguns pedaços de bolo cortados em um prato mais à frente e pães quentinhos ao lado de croissants que fumegam. O cheirinho delicioso de tudo me traz fome.

— Espero que esteja do seu agrado.

— Está perfeito, Nicola. — Sorrio, tentando tranquilizá-la. — Obrigada.

A mulher pede licença e deixa a cozinha. Começo a comer devagar, ela preparou tudo com tanto esmero que até faz pena desfazer uma mesa tão bonita. Lembro-me da brutalidade de Enzo mais cedo e sinto medo pelo que ele ainda pode ser capaz de fazer comigo.

Pelo que sei, ele passa o dia inteiro no clube, resolvendo as broncas e os negócios de uma das maiores organizações criminosas do mundo. À noite, ele quer chegar em casa e ter sua doce esposa

esperando para ser usada sem questionamentos e sem fazer perguntas. Melhor que comprasse uma boneca inflável. Cretino.

Ao terminar meu café da manhã, subo as escadas de volta para o quarto e sigo para o banheiro. Depois de tudo, pego o meu celular e vejo uma ligação de Rebeca em meu telefone, retorno e espero.

— *Kiara? Como você está, querida?* — Sua voz soa preocupada. — *Enzo chegou aqui e parece muito calmo, fiquei preocupada.*

— Eu deveria me sentir tão mal em minha lua de mel? — sussurro, com medo que Nicola ouça. — Estou apavorada.

— *Fique calma* — pede. — *Vocês consumaram o casamento?*

— Sim.

Penso em dizer o que ele me fez hoje pela manhã, mas me lembro do que ela me disse sobre manter nossas coisas entre nós. Não quero preocupá-la.

— *Se acalme, ok? Aqui o clima está um pouco tenso, Catarina não gostou nada do casamento de vocês* — cochicha.

— Isso eu já esperava. Aquela cretina teve a

audácia de me parabenizar ontem.

— *Não amoleça, querida, ou vai sofrer se ela conseguir Enzo de volta.* — Solta um suspiro. — *Sofrerá ainda mais... sei que é difícil a convivência com seu marido, mas não desista. Pense sempre nisso.*

— Obrigada pelo conselho. — Hesito. — Passou por isso em seu casamento?

— *Até entender todas as regras aqui dentro, eu sofri. Matteo me queria, mas eu me recusava a dormir com ele...* — Abaixa o tom da voz. — *Descobri que conseguiu prostitutas e foi um verdadeiro inferno, depois entendi que Matt realmente me queria e tudo melhorou. O importante é: Não acredite no que todas as mulheres da Famiglia dizem, isso pode trazer desavenças entre vocês e são propositais.*

— É tanta coisa. — Sento-me na cama. — Não sei se vou conseguir... a única coisa que consigo nesse momento é odiar Enzo e a merda dessa organização.

— *Seja forte, Kiara.* — Solta um beijo. — *Tenho que ir.*

Nos despedimos rapidamente e fecho os olhos quando a ligação é encerrada. O que me resta

agora é esperar. Ser doce e compreensiva não combina comigo.

— Não nasci para isso — murmuro para mim mesma.

ENZO

Quando o soldado estaciona o carro no clube, saio sem hesitar e sigo diretamente para a sala de tortura. A porra do meu casamento quase atrasou ontem por causa desse *disgraziato*^[30] que tentou invadir o cassino. Eu nunca me atraso para um compromisso.

Retiro o blazer e o penduro em um canto da sala. O homem está com a cabeça baixa para frente, o cheiro de sangue vivo na sala causaria náuseas aos mais fracos. Reviro os olhos ao lembrar que terei que ouvir outra vez os gritinhos de menininha que ele tem.

— *Guardami, cazzo.* — Lhe bato na cabeça e ele acorda. — Minha paciência não costuma ser tão grande.

Aproximo meu rosto do dele e solto uma risada amarga. Ignoro quando ele implora e reviro

PERIGOSAS ACHERON

os olhos.

— Sorte sua que me casei ontem e que a boceta da minha esposa é deliciosa... agora me diga quem mandou você.

O homem fica apenas me olhando, esperando meu próximo passo na sua tortura. Reviro os olhos outra vez e vou até a mesa onde estão as facas. *Dio santo*, meu humor está terrível.

Pego uma das facas e volto até ele, seguro seu dedo polegar e o olho nos olhos. O homem grita antes mesmo de eu cortar seu dedo. Assim que arranco fora o pedaço de carne, ele berra ainda mais alto e chora, me implorando por sua vida.

— Deus perdoa, eu não — rosno. —, o inferno já é meu... já me disseram que sou o próprio diabo. Não é um mau apelido.

Jogo a faca na mesa de volta e ela pinga o sangue do homem. Pego o blazer e volto a vesti-lo. Saio da sala e deixo o miserável lá, sangrando. Faço um gesto para os dois soldados e eles ficam de prontidão. O homem grita o meu nome e eu abro um sorriso cruel. Errou se metendo comigo.

Assim que saio no corredor, dou de cara com Catarina e bufo antes de passar as mãos nos cabelos. Sua ousadia em se aproximar de Kiara

PERIGOSAS NACIONAIS

depois de tê-la proibido ainda não me desceu.

— O que você quer?

— Será assim o nosso fim, Salvatore? Você me abandona por outra? Não iremos nem nos despedir?

— Não é abandonar se você nunca me teve — digo, completamente sério. — Sabe disso.

— Então por que não podemos ficar juntos, mesmo quando se casou com aquelazinha? — diz com nojo.

— Não desonraria a palavra que dei naquele altar. — Aponto o dedo em sua cara cínica. — Minha palavra vale muito, Catarina.

— Baboseira. — Cruza os braços. — Vocês foderam? É isso? Aquela maldita puta abriu as pernas e satisfez você? Por quanto tempo até me procurar novamente?

Acerto um tapa forte no seu rosto e o silêncio reina no corredor.

— Nunca mais dirija a palavra a mim dessa maneira — rosno.

— Temos tanto em comum. — Chora. — Me diga que...

— Chega. Suma da minha frente, *cazzo*.

A mulher me olha intensamente antes de me

PERIGOSAS ACHERON

dar as costas e seguir pelo corredor batendo os pés. Mal me casei e já tenho que lidar com coisas como esta. Minha honra e minha palavra valem mais do que qualquer coisa, eu não mancharia com uma coisa fútil dessas.

Se precisar me satisfazer, será com uma outra prostituta, a qual nunca mais terei que ver a cara. Não com Catarina que já foi minha amante, ela traz problemas. Não mancharei minha palavra e o meu juramento com Kiara.

Sigo para minha sala e antes de sentar-me, sirvo uma boa dose de uísque para clarear meus pensamentos. Pego um cigarro no bolso interno do blazer e o ascendo. Me afundo em minha cadeira e dou um trago.

Escuto algumas batidas à porta e bufo antes de mandar que entre. Quando vejo a cara de Rebeca, sei que é para falar de sua amiga. Meu humor está infernal hoje e não sei se conseguirei manter a calma quando ela começar com suas perguntas.

— Licença, Chefe. — Ela fecha a porta.

— O que quer?

Hesitante, Rebeca para de frente à minha mesa e junta as mãos atrás das costas. Solto a

fumaça e ergo uma sobrancelha, esperando que fale.

— Vim saber de Kiara.

— E por que não liga? — Dou um gole em minha dose.

— Já liguei, mas ela não quis me dizer muita coisa. — Puxa a cadeira e se senta em minha frente. — Por favor, eu imploro... trate-a bem, Kiara não tem culpa...

— Você sabe que nada que eu e minha esposa vivemos diz respeito à você — rosno, bravo.

— Eu sei. — Abaixa a cabeça. — Só me preocupo com ela... é minha amiga.

— Kiara está segura e vai sobreviver assim que souber seu lugar na *Famiglia*. Era somente isso?

Sem dizer mais nada, ela sai da minha sala e eu penso no que ela me disse sobre Kiara não ter lhe contado muita coisa. Espero que ela esteja entendendo seu papel aqui e assim que ela assimilar isso, será forte.

O soldado para o carro em frente à minha

PERIGOSAS ACHERON

casa e eu avisto Enrico e Andreoli rondando o jardim. Os outros soldados estão entocados nos fundos da casa. Saio do carro e os cumprimento antes de entrar em casa.

O silêncio que encontro me faz suspirar, pelo menos aqui eu posso ter um pouco de alívio. Nicola vem correndo até mim e junta as mãos na frente do corpo, afobada.

Dio, onde está meu alívio?

— Senhor Enzo, quer alguma coisa?

— Onde ela está?

— Mal saiu do quarto o dia todo, senhor.

Não respondo, sigo para as escadas e as subo devagar. Olho para as minhas mãos e camisa sujas de sangue e bufo ao me lembrar que ela ainda me perguntará o que fiz para ganhar isso.

Abro a porta do quarto e a vejo sentada na poltrona, com um livro nas mãos. Sua concentração me faz observá-la mais um pouco. FRANZO o cenho e fecho a porta atrás de mim com um pouco de força para que ela note minha presença.

— Ah? — Fecha o livro e fica de pé. — Não vi você chegar.

— *Lo so.*

Kiara desce o olhar para a minha camisa e

minhas mãos sujas e, relutante, vem até mim. Ela não me toca, apenas olha o sangue nas minhas mãos, mas o ignora.

— Você está com fome? — Noto o medo e a raiva na sua voz. — Preparei algo com Nicola e...

— Já comi — corto e a olho por inteira antes de começar a andar até o banheiro. — Vou tomar um banho, me espere na cama.

— Não.

— O quê?!

— N-Não vou esperar você na cama, você não vai me machucar de novo.

Rosnando como um animal bravo e sentindo aquela raiva descontrolada me dominar, volto para perto dela e seguro em seus cabelos com força. O olhar aterrorizado e cheio de lágrimas dela me mostra o quanto se arrependeu em ter me desafiado.

— Você é a porra da minha mulher, entendeu? — A jogo com toda a força na cama e um grito escapa de sua boca.

Ela se ajusta na cama, se preparando, e meu tapa atinge seu rosto. Kiara me chuta e me esbofeteia repetidas vezes. Tento segurar a mulher, mas é inútil, ela está descontrolada e isso me faz

sair da cama.

— Sai daqui — berra, fora de si. — Não vou me curvar para você! Não vou! Monstro maldito!

Em silêncio, vou para o banheiro, deixando-a lá, sozinha. Me dispo e ignoro a merda da banheira. Entro debaixo do chuveiro e tomo uma ducha rápida. Quando termino o banho, noto que o quarto está silencioso, enrolo uma toalha na cintura e abro a porta do banheiro. A mulher está imóvel na cama, ainda na mesma posição em que a deixei.

A ignoro e vou buscar algo para vestir. Pego uma calça de seda e a coloco, volto ao quarto e observo a mulher em minha cama por alguns momentos. Por fim, sem dizer uma palavra sequer, deixo o quarto.

Capítulo 14



"Eu posso dizer que seu coração é frio
Como um anjo caído caminhando em seu sono
Eu acho que você é apenas uma alma perdida
Mas quando a lua sai, você se transforma em uma
besta"

Evil in the night - Adam Lambert

KIARA

Não me lembro do momento em que dormi
depois de chorar. A última coisa que senti foi o
PERIGOSAS ACHERON

alívio por Enzo ter desistido de mim. Abro os olhos devagar e vejo que ainda está escuro e, no quarto, estou apenas eu. Sento-me na cama e noto o quarto à meia-luz, devido ao abajur aceso.

Olho para o meu vestido e noto que está rasgado. Sinto medo ao me lembrar da cena de Enzo, ainda posso sentir o meu couro cabeludo sensível. O homem é um monstro e eu me casei com ele. O que será de mim?

Com dificuldade, levanto da cama, sentindo meu corpo doer. Vou até o closet e pego uma camisola rosa bebê fina e um robe para colocar por cima. Penso um pouco e deduzo que meu marido deve estar no clube, se divertindo nos braços da sua amante. Ela aceita ser brinquedo dele, eu não.

Saio do quarto devagar e sigo pelo corredor até a escada, preciso de um copo com água. Estranho ao ver uma luz fraca vinda do andar de baixo e paro de andar imediatamente. Procuro nas decorações alguma coisa com que possa me defender e encontro um vaso de cristal.

Desço as escadas pé ante pé e não vejo ninguém quando chego no andar de baixo. Solto a respiração que estava presa e penso ter sido Enzo que deixou a luz acesa antes de sair para o cassino.

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente, algo tapa minha boca e eu solto o vaso no chão pelo susto. Pânico toma todo o meu corpo.

Começo a me debater e a dar cotoveladas, tentando acertar a pessoa que me segura. Sou suspendida e chuto ar, tentando me livrar, mal consigo respirar. O desespero toma cada fibra do meu corpo e eu não vejo nenhuma saída.

— Quieta, cazzo. — A voz de Enzo atinge os meus ouvidos e me alivia um pouco. Muito pouco. — Deve aprender a ser silenciosa em seus movimentos, esposa.

Ele me solta de uma vez e eu quase piso nos estilhaços de cristal no chão. Com a respiração entrecortada, sinto quando ele me ergue do chão, xingando algo em italiano. Em um impulso, coloco as mãos nos seus ombros para me segurar e Enzo me carrega até o sofá branco e macio.

— Pensei que estivesse no cassino — murmuro.

— Por que eu estaria lá, se estou em lua de mel com a minha esposa? — A ironia é clara em sua voz.

Ah, eu o odeio com todas as minhas forças.

— Lá você não teria a resistência de sua amante... aqui sim.

PERIGOSAS ACHERON

O olhar dele para mim é duro, incisivo, como se me mandasse calar a boca. Fico em silêncio e ousou descer o olhar pelo corpo do homem com quem me casei. Seus músculos parecem rochas e vê-lo assim, usando somente uma fina calça de seda me faz lembrar do calor que ele me já causou.

Tão bonito por fora, mas podre por dentro.

Ele quer descontar a raiva que sente em mim, me machucou... me bateu. Não entendo o porquê de tanta raiva. Não tenho culpa se os meus pais me esconderam, não tenho culpa se os inimigos estão descobrindo os galpões... não tenho culpa de nada.

— O que faz acordada a essa hora? — Vai até a janela e dá um gole em seu uísque. — Procura Andreoli?

— O quê?

— Ele era seu amante, não era? — Me lança um olhar inquisidor. — Lembro-me de ter visto vocês.

— Foram apenas beijos — digo, sentindo raiva. — Andreoli nunca me tocou.

— Ainda.

— O que quer dizer com isso? — Fecho as

mãos em punho. — Enzo, me respeite. Não sou a porra da puta com quem você dormia.

— Prove que é a esposa leal, digna do Chefe. — Se aproxima à passos lentos. — Prove que posso confiar em você.

— Eu não tenho nada para provar a você. — Fico de pé para me dirigir às escadas. — Vou arrumar um quarto para dormir.

De repente, sou puxada pelo braço e ele me faz sentar novamente.

— Não vai a lugar nenhum, nossa conversa não acabou.

— O que você quer que eu faça? — Sinto a minha raiva crescer. — Eu estou aqui, Enzo, mas não cresci nos muros fechados da Máfia... Sempre tive uma vida normal. Normal.

Faço uma pausa, lembrando do meu irmão. Só estou fazendo isso por ele, porque preciso saber quem o matou. Senão, já teria tentado escapar somente para morrer também... está ficando insuportável.

— Q-Quero entender a herança do meu sangue, que todo mundo diz que é importante... quero saber sobre os meus pais e porque fizeram isso comigo, mas você só me maltratou e me bateu

PERIGOSAS NACIONAIS

até agora. Isso eu não permito!

— Sabe que se tentar fugir, eu a matarei. Ninguém escapa da Famiglia, deve carregar o fardo que lhe foi dado.

— Ah, que bom que sabe que este casamento é um maldito fardo.

— Ele não precisa ser. Se você...

— Ah, o problema sou eu? Não você, que me bate?

— Entenda, Kiara. — Aproxima-se. — Os dois maiores mestres desse mundo são a dor e o medo, é com eles que aprendemos a viver.

Franzo o cenho, perplexa com o que acabo de ouvir.

— Quem colocou isso na sua cabeça?

— Sou um aprendiz dos dois. Nada me atinge agora, Kiara... quero que chegue a este ponto também, que aprenda a usar o que está no seu sangue.

— Eu não sou como as mulheres que está acostumado, nunca vou ser.

— *Bella...* — Toca o meu rosto.

— Não toque em mim, por favor. — Me afasto. — Você me bateu, rasgou minhas roupas... o que faria se eu não tivesse protestado? Me

PERIGOSAS ACHERON

forçaria?

Enzo fica em silêncio, seu maxilar tensionado me mostra que odeia quando discuto.

— Me responda.

— Cazzo! — xinga, sem deixar claro se sim ou se não.

Espero que ele respire mais algumas vezes e tomo coragem para continuar esta conversa. Eu preciso saber.

— E o que foi aquilo de manhã?

— Apenas esqueça aquilo. — O tom brando me espanta. — Capisce?

— Não, Salvatore... eu preciso saber...

Sinto as mãos quentes de Enzo nos meus braços e eu o olho, suas íris azuis estão mais escuras e a luz fraca na sala o deixa ainda mais feroz. Sem dizer uma palavra, Salvatore toma os meus lábios em um beijo quente.

— Quero foder você, esposa. Não quero conversar.

Enzo não confia em mim, preciso fazer com que confie, mesmo o odiando. Tomo uma respiração profunda, me odiando por ter que tomar esta decisão. Preciso fazer isso.

— Não me machuque, por favor.

Enzo não me responde, apenas fecha os olhos com força, como se controlasse algo, e volta a me beijar. Me agarro a ele e retribuo seu beijo, sentindo muita raiva.

Não demora para que ele esteja em cima de mim, me prendendo contra o seu corpo no sofá. Apesar do medo e da raiva que sinto dele, sei que Enzo pode ser melhor do que mostra ser. Ninguém é inteiramente escuridão, tem que haver uma luz no fim do túnel... tem que haver, ou não suportarei.

Ele desfaz o pequeno nó que mantém meu fino robe fechado e tira o tecido de mim. Vejo quando ele joga o tecido longe e analisa meu corpo sob a camisola, um arrepio me toma quando ele toca a cicatriz que fez na primeira vez em que nos encontramos.

Estremeço de medo, não há como não senti-lo.

— Tudo é para a sua rendição — diz baixo.
— Para que aprenda sobre a *Famiglia*.

— Não quero que seja assim.

Traz o dedo indicador aos meus lábios e o desliza neles, como se os meus lábios fossem algo irrereal.

— Venha, coloque sua boca em meu pau...

preciso sentir essa preciosidade em mim. Falaremos depois.

Enzo sai de cima de mim e senta no sofá, me olhando intensamente. Tomo coragem para me manter firme nisso e fico de bruços, me aproximando do seu corpo quente. Espero ele tirar sua calça de seda e deixo seu membro saltar para fora com toda a sua exuberância.

Lanço um olhar intenso para Enzo antes de segurar firme na base do seu membro e trazê-lo à minha boca. Me sinto excitada por tê-lo em minha boca, sinto tesão. Por um momento tudo parece estar bem, enquanto somos somente prazer.

Degusto devagar o seu sabor e o ouço gemer, ele não ousa me tocar e parece se esforçar muito para isso. Deixo que escorregue um pouco mais para dentro da minha boca e deslizo os meus lábios em sua pele quente.

— Oh, *cazzo* — xinga. — *Cosí... Perfetto, bella.*

Faço o oral com vontade de vê-lo sendo um homem normal, que dá e sente prazer, com vontade de vê-lo se contorcendo em minha boca e isso acontece. Enzo ergue um pouco o quadril quando está prestes a gozar e xinga algo em italiano.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porra, você é boa nisso.

Tiro-o da boca e dou uma boa lambida em toda a sua extensão, aprecio seu gosto e fixo meu olhar no dele. Suas íris azuis demonstram todo o tesão que ele sente e seus lábios comprimidos ao ponto de formarem uma fina linha me avisam que ele está quase gozando.

Em instantes, Salvatore agarra os meus cabelos e tem pequenos espasmos. Sinto seu gozo espesso e quente jorrar em minha boca e o ouço soltar um gemido misturado à um rosnado rouco e selvagem.

Ele me olha, esperando que eu engula o seu gozo e eu o faço. Um sorriso diabólico surge em seu rosto e Enzo traz seu polegar para limpar o canto da minha boca, hipnotizado.

— Deite-se, pequena sacana — ordena. — É a sua vez. Vou compensá-la.

Oh, Deus... será que ele não poderia ser um homem normal mais vezes?

Quando me acomodo no sofá, Enzo me ajuda a tirar minha camisola e traz as mãos aos meus seios. Sem qualquer cerimônia, ele cai de boca em meu sexo e me faz viajar quando sua língua alcança meu clitóris.

PERIGOSAS ACHERON

Me contorço em sua boca e nada e o faz interromper o que está fazendo. Seu olhar me queima e eu não sei porque, mas não consigo parar de encará-lo nesta posição. A sensação de ter sua língua ávida em mim me enlouquece. Enzo suga cada gota de mim sem pena.

Meu interior queima, ansiando pelo gozo e ele não falha quanto a isso. O orgasmo me atinge de forma dura, o gemido que sai da minha boca é tão involuntário quanto qualquer palavra que balbuciei neste momento. Agarro os cabelos dele e o sinto aprofundar ainda mais sua língua em mim, limpando-me.

Odeio o homem que acabou de me chupar como nunca fui chupada na vida. Ele vem para cima de mim e me encara por alguns instantes.

— La tua fica è deliziosa.

— O quê?

— Disse que sua boceta é saborosa.

Sinto seu corpo se ajustando sobre o meu e abro as pernas com hesitação. Medo me toma pela possibilidade de ele me machucar outra vez e eu levo as mãos ao seu peito. Alcanço sua cicatriz e ele rosna ao meu toque, como se não quisesse as minhas mãos ali naquele pedaço de pele

deformada.

Enzo me penetra e eu gemo, fechando os olhos com força quando ele mexe o quadril para se acomodar melhor dentro de mim. O homem é grande e eu me sinto inteiramente preenchida.

As estocadas duras se iniciam e os meus gemidos se transformam em gritos. Com as unhas cravadas nas suas costas, sinto meu corpo inteiro ferver e o suor que começa a correr em nossa pele não ajuda muito.

— Tão molhada... Ah, *deliziosa*.

O olhar de Salvatore se encontra com o meu e, mesmo mergulhada no prazer que ele sabe proporcionar, sinto medo do que aquele olhar quer me dizer. Esqueço qualquer coisa quando sinto meu interior esquentar, buscando incontrollavelmente um alívio.

— Vamos — diz com sua voz rouca — Goze, esposa.

E eu o faço.

O mundo parece parar nesse momento, é uma sensação deliciosa. Deslizo as mãos pelas suas costas suadas e, de repente, Enzo tensiona o corpo. Ele urra e vai fundo uma última vez em mim.

Com a respiração descontrolada, Enzo sai

de cima de mim e senta no sofá, puxa o ar e fica quieto. Olho para ele e o silêncio entre nós me incomoda, mas prefiro ficar quieta. Foi bom transar com ele como se fosse uma pessoa normal.

Meu corpo inteiro me dá sinal de cansaço e eu não tenho muito tempo para pensar em ir para a cama. Olhando para o meu marido, deixo que o sono me atinja.

ENZO

Finalizo meu uísque e olho para Kiara, pronto para lhe mandar sair, mas sou pego de surpresa quando a vejo dormindo. Olho para cima, impaciente, e volto a olhar para ela. Lembro-me do vaso que quebrou e me xingo por tê-la feito quebrar aquilo.

— Ótimo — resmungo como se Kiara fosse me ouvir. — Agora tenho que carregar você de todo jeito. Cazzo.

Observo o corpo nu da mulher adormecida em meu sofá. Fico de pé e visto a calça do pijama outra vez. Olho em volta e nenhum dos soldados está dentro da casa; menos mal. Junto as roupas

PERIGOSAS ACHERON

finas que ela usava e coloco sobre seus seios, pego Kiara nos braços e resmungo antes de subir com ela.

A coloco na cama e penso se deito ao seu lado. Ora, porra. Me casei com ela, devo dormir ao seu lado. Mesmo que queira me afastar o máximo possível.

Por fim, depois do conflito comigo mesmo, resolvo deitar e lhe dou as costas.

A porta do banheiro é aberta e Kiara se assusta ao me ver nu. Lhe lanço um olhar avaliativo e, sem dizer nada, volto a enxugar meu corpo.

— Pensei que já tivesse ido — diz baixo.

— Tenho coisas para resolver fora do clube.
— Largo a toalha e pego a cueca. — Quando eu voltar, quero que esteja pronta. Irá comigo ao cassino.

Kiara amarra os cabelos no alto da cabeça e cruza os braços. Visto a minha calça e a fecho antes de pegar a camisa. Noto que ela está me observando e sei que quer dizer alguma coisa.

— Fale logo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você conheceu os meus pais?

A pergunta me faz erguer uma sobrancelha e analisar mentalmente sua pergunta, desconfiado. Lembro do caderno que possuo e suspiro. Porra.

— Não tenho muito contato com os Capos.

— Visto a camisa e começo a abotoá-la, sem tirar os olhos dela. — Somente nas reuniões sobre os negócios... os seus pais tiveram mais contato com os meus. Eu estava começando quando foram mortos.

— Por que eles me afastaram? — Seus olhos enchem-se de lágrimas. — Não me queriam?

— Seus pais e seu irmão traíram a *Famiglia* escondendo você. — Passo o dedo na lágrima solitária que desce pelo seu rosto. Por que ela está chorando? — Talvez amor demais tenha sido o problema. Amor é fraqueza.

— É por isso que os Capos acham que eu trairia?

— *Esatto*. — Arrumo minha camisa e olho nos seus olhos escuros. — Esteja pronta quando eu voltar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15



KIARA

Escolho um vestido longo preto, ele tem uma fenda na minha perna e insisto que Nicola me ajude a escolher um sapato. São tantos que me foram dados, que nem sei qual escolher. Relutante, ela me mostra um par de saltos finos. Sorrio em agradecimento e calço os sapatos.

— Quer ajuda com os cabelos, senhora?

— Obrigada. — Sorrio outra vez. — Mas não vou fazer nada demais, quero deixá-los ao natural.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E as jóias? — Entra no closet. — Senhor Enzo comprou algumas quando...

— Nada exagerado — corto.

— Mas senhora...

Meu olhar faz com que ela se cale. Nicola volta do closet com duas caixinhas nas mãos. Pego uma delas e abro, sorrio ao ver os delicados cristais incrustados em um par de brincos. Eles serão perfeitos, já que Salvatore não me disse o motivo da nossa saída esta noite.

Somos surpreendidas pelo meu marido entrando no quarto de uma vez. Reviro os olhos e pego os brincos antes de ir até o grande espelho perto do closet. Nicola trata de guardar a outra caixinha e sai praticamente correndo do quarto.

Através do espelho, noto que Enzo me observa e finjo estar concentrada em acertar o buraquinho do brinco. Por fim, sabendo que ele não vai parar com isso, respiro fundo e viro-me para encará-lo. Senta-se na poltrona ao lado da cama e fica completamente sério.

Salvatore está usando um terno de três peças, sua camisa azul esverdeado dá a ele um tom elegante e sério. Mesmo sendo o diabo em pessoa, Enzo é a verdadeira definição da beleza.

PERIGOSAS ACHERON

— Pedi que se arrumasse e não que se vestisse como a porra de uma puta. — Ascende seu cigarro. — O que pensa que está fazendo?

Suas palavras me atingem como um tapa e eu me sinto ofendida com seu comentário elaborado especialmente para me colocar para baixo. O que merda deu nele? Esse homem é bipolar?

— Por que você faz isso?! — Minha voz carrega toda a minha irritação. — É pelo prazer de me ver frágil? Você gosta de me torturar, não é? Gosta de ver como só tenho você na vida, gosta de ver como estou desamparada. Aquilo na madrugada foi somente um fingimento... o que não deve ser muito difícil para você.

Um nó se forma na minha garganta, estou me sentindo humilhada. Mas não posso deixar que ele vença, não vou deixar que ganhe, sempre estarei me opondo, não vou perder quem sou.

— Não vou me arrastar aos seus pés, Enzo, faça o que quiser comigo...

— Cazzo — berra. — Esse casamento não é a merda do seu conto de fadas! Isso tem a ver com a Família e com negócios. — Passa as mãos nos cabelos e apaga o cigarro. — Eu não vou ser o

marido que você espera.

Sento na cama e enterro o rosto entre as mãos. Eu quis ser forte, quis não chorar na frente dele, quis que ele não soubesse que me atinge, mas não consigo. Meu corpo inteiro treme e eu deixo as lágrimas caírem. Estou tão cansada disso.

— Limpe esse rosto — ordena. — Não vai querer que as pessoas perguntem.

Em silêncio, me coloco de pé e olho para ele. Só consigo sentir raiva, ainda mais do que antes. Reúno o resto das minhas forças, enxugo meu rosto e vou até a pequena maleta de maquiagens que ainda está perto do grande espelho. Refaço tudo.

Enzo fica ali esperando e eu não tenho estômago para olhá-lo, muito menos para falar com ele. Quando termino minha maquiagem, analiso minhas feições no espelho e constato que ninguém vai perceber meu recente choro.

— Estou pronta.

— Vamos. — Estende o braço.

Seu rosto está impassível, sua expressão é dura e ele não evita o meu olhar. Enzo não faz questão de esconder o quanto me odeia e a idiota aqui pensou que poderia, pelo menos, haver uma

convivência entre nós.

Seguro seu braço e nós saímos juntos do quarto. Meu corpo inteiro implora para que eu me afaste, mas minha obrigação em descobrir sobre os meus pais e sobre o meu irmão me faz ficar. Preciso que Enzo me veja forte para que me fale mais deles. Assim que colocamos nossos pés fora da casa, avisto Andreoli e seu irmão, Enrico, conversando com Ettore.

— Chefe — Enrico cumprimenta e olha para mim. — Senhora.

— Senhores. — Me forço a colocar um sorriso no rosto.

Andreoli me cumprimenta com um pequeno aceno com a cabeça e Ettore continua com a sua carranca habitual. Não o culpo, trabalhar com Salvatore deve ser uma tarefa e tanto.

— Entre no carro.

Enzo abre a porta do carro para mim e eu sei que isso é uma ordem somente pelo modo como me olha. Estreito o olhar para ele, raivosa. Vendo que não o obedeci ainda, o meu marido estende a mão para mim, reforçando sua ordem. Entro no carro sem pegar em sua mão e ele fecha a porta com força. Irritadinho.

Através do vidro fumê, vejo que os quatro conversam de maneira séria e Salvatore está irritado. Deixo meu olhar ir até Andreoli e sua expressão séria me faz pensar sobre sua lealdade com Salvatore e com a Família. Ele abriu mão de seu desejo por causa de um negócio.

Ao notar que Enzo os dispensou, volto o meu olhar para a outra janela, ao meu lado direito do banco traseiro e fito a rua. A porta do motorista é aberta e, em seguida, a porta traseira. Não me mexo e o silêncio no carro me faz ficar aliviada.

Salvatore pega seu celular e parece concentrado em ler o que está na tela. Meu único desejo era uma noite de sono tranquilo agora.

ENZO

Levar Kiara ao cassino esta noite nada mais é do que uma jogada. A minha esposa tem uma língua sagaz e tem o nome de tesouro perdido, ela chama atenção naturalmente. Então eu decidi usar isso, apresentar Kiara depois da lua de mel e desviar as atenções da movimentação do cassino esta noite.

Temos uma grande carga para despachar hoje de lá e eu não quero correr riscos. Kiara só precisa cumprir seu papel de esposa dedicada e simpática. Nossa pequena discussão em casa a fez silenciar e eu agradeço por isso.

Desço do carro e estendo a mão para que a minha esposa saia dele. Lembro-me do momento agora há pouco, em casa, em que recusou minha mão para entrar no carro na frente dos meus soldados. Ainda vamos conversar sobre aquilo.

Kiara segura minha mão e sai do carro de maneira lenta. Olha-me nos olhos quando fica de pé em minha frente e solta minha mão para alisar o vestido que tem a porra de uma abertura na perna. Não gosto nada de ver essa merda rasgada, toda vez que ela anda aparece a perna quase toda.

Coloco a mão em sua cintura e fecho a porta para seguirmos para dentro do cassino. A música e a movimentação dentro do ambiente é quase palpável, pessoas famintas pelos jogos e pelo sexo fácil. E a Famiglia lucra muito com isso.

— Está cheio hoje — Kiara diz.

— Há um bom motivo — digo devagar.

— Chefe. — Um dos meus soldados se aproxima. — A carga já está sendo instalada no

carro.

— Ótimo, faça exatamente como mandei.
— Aperto a cintura de Kiara. — Quero os resultados ainda hoje.

O soldado abaixa a cabeça e sai. Kiara não ousa me perguntar sobre e sorri para um casal que nos cumprimenta. Vejo Lucca conversando com Dante e Pedro e forço a cintura de Kiara para que ela me acompanhe até os três.

— Então? Os homens já estão lá?

— Sim, Salvatore. Estão posicionados, esperando apenas o carro — Lucca responde e olha para Kiara com um sorriso no rosto. — Senhora.

— Lucca. — Ela sorri de volta antes de cumprimentar Dante e Pedro e me olha, fazendo o sorriso sumir. — Vou procurar Rebeca, devo deixar vocês.

— Irei encontrá-la em pouco tempo. — Curvo o corpo e alcanço o seu ouvido. — Não banque a esperta comigo.

A mulher me olha uma última vez, sem dizer nada, e se afasta, andando de maneira sensual por entre as pessoas. Nenhum homem ousa olhá-la, sabe a quem pertence. Desvio a atenção de Kiara e me concentro nos planos desta noite.

Olho em volta, procurando a infeliz. Desde que me disse que falaria com Rebeca, Kiara não voltou e isso já faz um tempo. Estreito o olhar e vejo Rebeca de longe. Com a irritação crescendo dentro de mim, vou até ela.

Maldita seja Kiara! Me enganou!

— Onde merda Kiara está? — rosno, segurando o seu braço.

— Pensei que ela estivesse com você, Chefe. — Franze o cenho. — Nos despedimos há algum tempo... ela disse que voltaria para você.

Imediatamente, deixo Rebeca e vou em direção à escadaria principal do cassino. Subo rapidamente as escadas e faço um sinal para Matteo, que chega perto de mim em segundos.

— Encontre minha esposa — ordeno. — Descerei o inferno na terra se ela não aparecer em cinco minutos.

Saio em direção aos quartos e abro cada um deles sem me importar com quem está trepando dentro. Cada porta que abro, a porra da minha paciência se vai ainda mais.

Onde ela está?! *Maledizione*. Se fugiu, a caçarei e farei da sua vida um inferno ainda pior.

Pego a arma imediatamente quando, no último quarto que abro, vejo Kiara sendo pressionada contra a parede por um homem o qual não conheço. Ele tem uma faca pressionada contra o seu pescoço. A raiva me cega, destravo a arma e acerto um tiro nas suas costas.

O homem solta um grito e cai no chão. Kiara também grita, mas se mantém imóvel, tremendo. Chego perto dela e aponto a arma para o homem, que geme de dor.

— Quem é ele?

— E-Eu não sei. — Sua voz soa trêmula, está nervosa. — Estava procurando v-você quando me arrastou... até aqui.

Ainda com a arma apontada para o homem, agacho do lado dele e encosto o cano na sua cabeça. Quem ele pensa que é para me desafiar dessa maneira? Pegar minha esposa dentro do meu clube? Onde estão a porra dos meus soldados?

— Quem mandou você?

— Vai se foder, seu italiano de merda.

Soco sua boca com força e seguro os seus cabelos, pressionando ainda mais a arma contra sua

testa.

— O que ele queria com você, querida? — pergunto a Kiara, mas sem desviar os olhos do canalha, que cospe sangue.

— Estava me forçando a entregar você, disse... disse que me mataria se não falasse.

Olho para a porta, quando Ettore aparece empunhando a arma junto com Matteo e alguns soldados. Rebeca surge do meio deles e corre até Kiara.

— Dê a ordem, Matteo. — Olho para o homem outra vez. — Ettore, leve este aqui lá para baixo e o prepare para mim, vou falar com minha esposa.

— Você está bem mesmo? — Ouço Rebeca perguntar baixo e olho a tempo de presenciar Kiara balançando a cabeça. — Tudo bem... vou deixar vocês dois.

— Quero uma reunião com todos os soldados bem cedo amanhã. Vão!

Espero a mulher e os meus soldados saírem, arrastando o homem e fecho a porta. Volto a guardar a arma e olho para a minha esposa, só agora vejo que seu braço sangra.

— Salvatore, o que você vai fazer hoje?

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê?

— O homem. — Coloca a mão sobre o corte no braço. — Disse que eu deveria dizer a ele os seus planos desta noite... que eu deveria entregar você e eu me libertaria.

— Você diria se soubesse?

Kiara, ainda séria, tira a mão do corte para me mostrar.

— Eu ganhei isso por não dizer onde você estava... apesar de você merecer isso. — Volta a tapar o sangramento e me olha. — Me responda você, Salvatore... eu diria?

Não. Ela não diria.

— *Disgraziato!*^[31] — xingo. — Vamos, vou levar você em casa para cuidar desse corte, tenho algo a fazer aqui.

— Eu posso ficar.

— Você vai para casa. — Seguro o braço dela e começo a arrastá-la para os fundos do cassino. — Nicola vai cuidar desse ferimento e eu vou fazer o que deve ser feito.

Procuro Lucca em todos os lugares e não o encontro. Merda, não confio em mais ninguém para levar Kiara na casa.

— Venha, eu mesmo levarei você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro a porta do carro e ela entra no banco do carona. Aceno para dois soldados e eles, imediatamente, entram no carro da Famiglia.

— Me levar ao cassino hoje foi uma estratégia sua, não foi?

— Sim. — Paro o carro em frente à casa. — Vamos.

Desço do carro e faço um sinal para o outro carro, para que aguardem. Voltarei ao cassino e só saio de lá quando tudo estiver concluído.

— Qual era o intuito de me levar lá? — pergunta enquanto caminhamos pelo jardim para entrar em casa. — Eu sou seu álibi, não é? Uma desculpa? Você me usou, Salvatore?

Não respondo enquanto não entramos em casa, mas sinto meu sangue começar a ferver dentro de mim. Quem porra ela pensa que é para me questionar assim?

— Me responda. — Bate no meu peito quando entramos em casa. — Eu poderia ter morrido por sua causa! Eu ia proteger você mesmo merecendo que eu o entregasse!

PERIGOSAS ACHERON

Minha fúria transborda e eu agarro os seus braços com força, sacolejando-a.

— Não me questione, cazzo — grito contra o seu rosto. — Eu quase matei o seu irmão por ter falado comigo da mesma maneira, não me faça fazer o mesmo com você.

Solto seus braços de uma vez e ela se desequilibra; mal pisco e Kiara já está no chão. Não queria derrubá-la, mas acabei usando muita força. Bufo e lhe dou as costas, passando as mãos nos cabelos, tentando me acalmar para não matá-la.

— Ande, vá limpar esse corte e não me espere voltar.

O silêncio na sala me faz estranhar e ao olhar para ela, me espanto ao ver seu corpo no chão e uma pequena poça de sangue ao redor de sua cabeça.

Dio santo, eu a matei?

Capítulo 16



KIARA

Escuto algumas vozes exaltadas e sinto minha cabeça doer muito. Tento abrir os meus olhos, mas sinto uma picada no meu braço e isso parece dificultar mais o simples movimento. A última coisa de que me lembro foi sentir o hálito quente de Salvatore contra o meu rosto e depois mais nada.

Tento me mexer, mas, de repente, as vozes ficam distantes outra vez e eu não consigo lutar contra, é mais forte que eu. Me entrego ao cansaço

e desisto de tentar entender o que aconteceu.

Desta vez, tomo consciência e abro os olhos sem muita dificuldade. Reconheço imediatamente o quarto que divido com Salvatore e antes que eu possa olhar de lado, Rebeca pula na cama, me assustando.

— Oh, graças a Deus que você acordou. — Beija meu rosto e me abraça. — Estava tão preocupada, Filippo disse que bateu a cabeça quando caiu e sedou você... disse que foi cansaço que causou isso.

A lembrança volta com tudo à minha mente, Enzo gritando, segurando forte nos meus braços, depois ele me empurrou e eu me desequilibrei. Ele quase me matou.

— Onde ele está?

— Seu marido está resolvendo umas coisas no cassino. — Afasta os cabelos da minha testa. — Está em reunião com os soldados, estão levando a maior chamada por não protegerem você daquele louco da faca... e você precisa descansar.

Vejo Rebeca hesitar e fico quieta, sei que

ela quer falar alguma coisa, mas está com medo da minha resposta.

— Enzo disse que você tropeçou no vestido, mas eu não acredito. — Solta o ar, parecendo preocupada. — Foi ele quem fez isso com você, não foi?

— Ele não teve a intenção — digo baixinho, disfarçando.

Estou fazendo o que ela me disse... guardando nossos problemas para nós. Dou um leve sorriso para a minha amiga, para lhe tranquilizar, e tento me levantar, mas me sinto tonta.

— Deve ficar deitada mais um pouco. — Me segura. — Vou ligar para Filippo e avisar que você já acordou.

— Quanto tempo faz que estou aqui?

— Contando que o incidente foi na madrugada, algumas horas. Filippo medicou você. — Ela sorri e leva o celular ao ouvido. — Vou chamar Nicola.

Rebeca sai do quarto e eu revivo a cena de ontem outra vez. A única coisa que ficou marcada dentro de mim foi o olhar raivoso dele. Trago a mão à cabeça e sinto o local doer um pouco.

Salvatore poderia ter me matado.

Em pouco tempo, Nicola entra no quarto com lágrimas nos olhos, carregando uma bandeja. Senta-se ao meu lado na cama e coloca a bandeja no meu colo depois de me ajudar a sentar.

— Fiquei tão preocupada quando senhor Enzo me chamou de madrugada, senhora... que bom que está tudo bem. — Me ajusta e depois me olha. — Ele estava louco.

— O quê?

— Senhor Enzo, ele estava preocupado e agitado. — Aponta para a bandeja. — Trouxe coisas leves, coma tudo.

Preocupado, é? Salvatore é um fingido, dava para ser ator. Assassino.

— Obrigada. — Seguro as suas mãos. — Você é um anjo.

— Não diga isso, senhora, pode ofender os céus com isso. — Sorri, gentil. — Coma, se precisar, estarei por perto.

Nicola levanta da cama e sai do quarto, ao passo que Rebeca entra e vem para perto de mim.

— Já liguei para Filippo e ele disse que à noite virá vê-la. — Curva o corpo e beija minha testa gentilmente. — Tenho que voltar ao cassino,

aquilo fica uma bagunça quando não estou por perto para comandar as ornamentações da noite.

— Tudo bem. — Forço um sorriso. — Obrigada por ter vindo.

— Sempre que puder, virei.

Minha amiga sacode a mão no ar, acenando, e sorri para mim antes de me deixar sozinha. Olho para a bandeja no meu colo repleta de frutas e me forço a comer alguma coisa para melhorar logo. Se saudável Salvatore tenta me matar, não quero imaginar se estiver doente.

Mordo um morango e ouço batidas à porta. De boca cheia mando que entre, deve der Nicola. A porta é aberta devagar, como se a pessoa hesitasse em fazer aquilo. Quando o belo rosto de Andreoli aparece, eu noto o porquê da hesitação.

— Com licença, senhora — pede. — Posso entrar?

— Claro.

Andreoli entra e fecha a porta atrás de si, o observo vir até mim e parar perto da cama. Trato de engolir o morango e largo as folhinhas no pratinho da bandeja, limpo a mão no pequeno guardanapo e volto a olhar para Andreoli, que permanece quieto.

Abro um sorriso para ele, mostrando que

está tudo bem, mesmo não estando. Quero que ele fale comigo, estamos tão distantes desde que me casei e me arrependo de, no começo, querer usá-lo. Eu estava desesperada.

— Não sorria desse jeito. — Chega um pouco mais perto da cama. — Não depois do que ele fez com você.

— É o meu dever, não é? — pergunto, amargurada. — Sorrir? Dizer que está tudo bem...

— Dói ver você sofrendo porque eu não tive coragem. — Abaixa a cabeça. — Não tive coragem de enfrentar... eu sou o culpado do seu sofrimento.

— Andreoli, você seria morto se o enfrentasse. — Bato na cama. — Sente-se aqui.

— Kiara...

— Sente. É uma ordem.

Sem discutir, Andreoli senta na cama, como pedi. Ele evita o meu olhar e eu sei que isso se deve ao respeito que tem por Enzo. Toco seu rosto e ele fecha os olhos com força.

— Não se culpe por coisas que herdei sem nem saber. — Meu tom é brando. — Você, mais do que eu, sabe que eu deveria me casar. A Família nunca me libertaria... Mesmo com Enzo me

odiando e eu o odiando também, temos que fazer isso. Ele pelos negócios e eu porque quero descobrir quem foram os meus pais, quem matou o meu irmão... quero descobrir quem sou e de onde vim. Isso arde em mim.

— Eu sei, mas estava disposto.

— Você não merece morrer por mim. — Sorrio, afagando seu rosto, ele desvia o olhar. — Tenho certeza que vai encontrar alguém... e esse alguém vai amar você como merece.

— Preciso ir. — Se coloca de pé e beija o topo da minha cabeça. — Mesmo que eu não venha, estarei observando de longe.

Tendo dito isso, Andreoli sai do quarto e eu percebo que meu apetite se foi. Coloco a bandeja com as frutas de lado e volto a me deitar. Pego o controle da televisão e ligo o aparelho sem muita vontade de assistir.

Vou passando os canais sem muito ânimo. Desenhos, filmes, novela, noticiário... opa! Fico atenta ao canal quando vejo a imagem focando em um local pegando fogo e a legenda me desconserta.

"Carro explode matando três pessoas e deixa mais de vinte feridas."

Aumento o volume à tempo de ouvir o

nome de uma das vítimas fatais. Giulio Federici. Então era isso? A carga era essa? Explosivos para matar Federici?

.•. UMA SEMANA DEPOIS .•.

ENZO

A última semana foi muito tensa, sempre chegava em casa quando Kiara já estava dormindo e saía cedo. Depois da morte de Federici, tive que lidar com algumas perguntas e, ainda por cima, tive alguns problemas na loja de veículos. Entro em casa e vejo Enrico na sala, conversando com Nicola. Ergo a sobrancelha e espero que os dois notem a minha presença.

— Oh, *Dio!* — Nicola pula quando me vê.
— Senhor Enzo, eu estava dizendo a Enrico exatamente sobre a saúde da senhora, para que dissesse...

— O que ela tem? — interrompo.

— Ela está recuperada. — Sorri, orgulhosa.
— Só queria que ele lhe levasse o aviso, já que não

esteve em casa nessa última semana.

— Estou sabendo agora. — Olho para Enrico. — Pode voltar ao seu posto.

Enrico deixa a sala e vai para a área externa da casa, onde os outros soldados estão guardando a casa. Uma semana atrás todos ouviram a minha fúria por Kiara ter sido pega dentro da porra do cassino. Afinal, para que foram treinados?

Solto um suspiro e passo as mãos nos cabelos. Os planos para o ataque contra Federici deram certo, o infeliz já está no inferno, aproveitando sua estadia. Descobri sua traição e resolvi fazer isso da maneira mais simples.

— Vai precisar de mim, senhor? — Nicola me tira dos meus pensamentos.

— Onde ela está?

— Lendo no quarto.

Vou diretamente para a escada e subo, seguindo para quarto e ao abrir a porta, vejo o quarto vazio. Olho para as portas abertas da varanda privada do quarto e deduzo que ela está lá. Devagar, caminho até lá e me livro do blazer. Encontro Kiara sentada, usando um vestido simples e os pés descalços.

Ela não nota minha presença, está

concentrada no seu livro. O vento balança os seus cabelos negros e eu sinto o tesão acumulado da última semana se rebelar. Fodi uma das putas do clube, mas não considero como uma foda... aquilo foi uma canalização da minha raiva.

— Está recuperada? — Ela se assusta ao ouvir minha voz. — Nicola me disse que já está bem.

— Fisicamente eu já estou bem.

Pela primeira vez, procuro palavras para dizer a alguém. FRANZO o cenho, estranhando a minha própria hesitação, e Kiara fecha o livro para vir até mim.

— Não fale comigo como se nada tivesse acontecido, como se você não fosse o culpado.

Seu olhar para mim é de acusação, mas isso não me afeta. Cruzo os braços e espero a enxurrada de xingamentos.

— Você quase me matou e ainda passou uma semana agindo como se eu não existisse... como se eu não fosse nada. Estava com sua amante, não é? Eu sou somente um instrumento para você fazer filhos legítimos.

— *Non* devo explicações a você.

— Eu odeio você. — Bate com o livro no

PERIGOSAS NACIONAIS

meu peito e eu não movo um músculo. — Odeio por me usar como objeto dos seus negócios, odeio por ser um monstro comigo — se descontrola e chora. — Odeio porque você é minha única saída.

Algo dentro de mim parece explodir. Pego o livro das mãos dela e o jogo longe, tomo sua boca em um beijo duro e faminto. Essa semana praticamente sem sexo fodeu comigo e com minha cabeça. Kiara reage, me estapeando.

— Me solte!

— Esposa, não seja rebelde. — Me esfrego nela. — Sei que quer sexo... faça sexo. É o que queremos.

A puxo para dentro do quarto e suspendo seu corpo pequeno. Ela se enrosca em mim e eu a carrego para a cama. Tiro seu vestido em um único puxão e seus seios deliciosos ficam expostos para mim. Cazzo, eu amo esses peitos e até me arrisco a dizer que senti falta deles.

Caio de boca e chupo cada um com vontade, fazendo Kiara gemer. Me afasto para arrancar minha roupa rapidamente e ela fica quieta na cama, me olhando, com o rosto ainda molhado pelas lágrimas. Me masturbo para que ela veja e volto a me aproximar da cama.

PERIGOSAS ACHERON

— *Toccare la fica per me.* (Toque a boceta para mim.) — Lambo os lábios e faço o gesto para que entenda. — Deixe-me vê-la molhada, esposa.

Devagar, ela faz o que pedi e é delicioso ver Kiara se masturbar. Fico atento a todos os seus movimentos, sei que sente tesão. Não consigo me segurar por muito tempo, vendo a mulher dessa maneira. Subo e penetro Kiara devagar, querendo sentir sua boceta engolindo todo o meu pau.

O gemido que sai dos seus lábios me faz beijar sua boca quente. Enfio minha língua em sua boca e ela retribui, enroscando a sua na minha, me deixando com ainda mais tesão. Meu corpo desesperado por um alívio, o dela não muito diferente disso, ambos enlouquecidos.

Olho nos seus olhos e solto um gemido quando meu pau entra até o talo na boceta quente. Aprecio a sensação de estar sendo apertado pela boceta molhada e quente e começo a foder forte. Ela arranha as minhas costas com vontade e geme, provocando cada célula minha. Observo a reação do seu corpo ao meu e sinto meu corpo retesar pelo tesão.

— Cazzo — xingo.

Aproximo meu rosto do seu, sentindo o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo ardendo em uma fúria descontrolada, tesão. A mulher fecha os olhos e geme, me fazendo olhar fixamente para ela. Só precisaremos fazer isso até que ela tenha filhos o suficiente para deixar um legado.

Vou fundo e saio quase todo de uma vez, levando Kiara à loucura. Sei o que estou fazendo e sei que ela está gostando de ser fodida como merece. Somos apenas isso e vamos ser até que "a morte nos separe"; somos apenas sexo de vez em quando, isso não vai mudar.

Reduzo as investidas contra a sua boceta, controlando o meu corpo, fazendo com que dure mais. Kiara está à beira da loucura, emitindo sons sacanas e se esfregando em mim; deliciosamente perigosa. Caio de boca nos seus seios novamente e me delicio neles, ouvindo gemidos mais intensos dela.

O suor escorre pelas minhas costas e eu não consigo mais segurar. Ergo o corpo, ficando de joelhos e sem sair da sua boceta, passo as mãos nos cabelos e agarro as suas pernas. Sem qualquer piedade, fodo a mulher, indo duro até o talo e saindo quase todo.

Aperto ainda mais a sua carne entre os meus

PERIGOSAS ACHERON

dedos e sinto o meu corpo sucumbindo ao gozo aos poucos. Porra, isso é delicioso. Kiara choraminga e eu entendo que está se aproximando do gozo, como eu.

— *Così* — rosno. — Geme gostoso enquanto goza, Kiara. Quero ouvir.

Então seu corpo treme embaixo do meu, seus lábios balbuciam uma palavra inaudível e eu não faço questão de escutar o que ela disse. Gozo logo depois dela, preenchendo sua boceta quente.

Depois de me despejar dentro dela, relaxo meu corpo e analiso o rosto suado da minha esposa. Passo o dorso do dedo indicador em seu nariz, retirando uma gotícula que estava me incomodando e ela abre os olhos, séria.

— Agora não odeia tanto assim — alfineto.

— Ter feito sexo com você não muda o que sinto. — Me olha nos olhos. — Você sempre deixou claro que só faz sexo comigo porque não pode quebrar o juramento que fez e eu estou deixando claro que o meu motivo é o mesmo.

— *Perfetto*.

— Nada muda — garante.

— Nada muda — repito.

Jogo meu corpo ao lado do seu e me

PERIGOSAS NACIONAIS

permito descansar um pouco na cama. Essa semana foi exaustiva, principalmente porque não dormi direito, precisava estar atento a qualquer movimento.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17



Preciso de um gangster
Para me amar melhor
Do que todos os outros amam
Para sempre me perdoar
Dirija ou morra comigo
Isso é exatamente o que os gangsters fazem*
Gangsta - Kehlani

KIARA

Fecho os meus olhos porque sei que Enzo

está me observando, não quero olhar na sua cara agora. Só estou fazendo isso porque tenho uma missão pessoal que é descobrir sobre os meus pais e o meu irmão. O homem com quem casei me odeia e eu sinto exatamente o mesmo por ele; assim viveremos até onde conseguirmos.

— O que você quis dizer com fisicamente bem?

A pergunta me pega de surpresa, realmente não esperava que ele fosse me perguntar sobre isso. Olho para ele e encontro seus olhos azuis fixos em mim, seu corpo nu e suado chama bastante atenção, mas prefiro focar em seu rosto.

— Desde que cheguei naquele cassino, tem sido tudo muito intenso, muito pesado. — Respiro fundo e sento na cama. — Eu soube de muita coisa de uma só vez, precisei aprender muita coisa de uma só vez e em um mês estava casada com o Chefe da máfia.

Faço uma pausa, olhando para ele, que se mantém deitado e imóvel, apenas me escutando. Isso é raro.

— Você me agride sempre que pode, fala coisas maldosas somente para que eu me desanime. — O encaro, firme. — Você não pode ser tão ruim

assim, não pode ser esse monstro, não pode gostar de me bater... eu nunca fiz nada contra você, somente aceitei os seus termos e os da máfia, mesmo odiando cada um deles por terem me tomado a liberdade. Eu sinto que estou enlouquecendo sem saber quem matou meu irmão, sem saber quem foram os meus pais... não sei nem quem eu sou.

Por um momento, vejo o seu olhar amansar para mim, mas isso some muito rápido. Eu preciso fazer com que ele se comova, que confie em mim para me contar sobre Rodrigo.

— Esse é o que eu sou. — O olhar furioso volta. — Não espere que eu vá mudar um dia, isso é tolice.

Me afasto para sair da cama, mas ele me segura e me puxa para ficar por cima. Enzo me faz montar nele, ainda deitado, e eu sinto seu pau roçando em mim.

— Beije-me. Esqueça qualquer coisa agora, apenas pense no nosso prazer.

Então eu o faço, beijo os lábios de Enzo, fazendo meus seios serem pressionados contra o seu peito duro e suado. No sexo é o único momento em que tenho com ele sem que sejam agressões

verbais ou físicas. Então somente irei falar com ele quando estivermos na cama.

Depois de mais uma rodada de sexo forte e muito quente, Enzo adormece ao meu lado e eu o observo. O que merda aconteceu na minha vida? Não sei nem mais dizer quem eu sou.

Saio da cama em direção ao banheiro, preciso de um banho para me livrar dos vestígios do sexo de Enzo. Ligo as torneiras da banheira e deixo que a água morna corra. Preparo a espuma, tiro as minhas roupas e amarro meus cabelos.

Sento-me dentro da banheira e me recosto, sentindo meu corpo relaxar pela primeira vez em dias. Fecho os olhos e começo a cantar baixinho a música Gangsta da Kehlani.

*I need a gangsta
To love me better
Than all the others do
To always forgive me
Ride or die with me
That's just what gangsters do**

PERIGOSAS NACIONAIS

A ironia de estar cantando essa música me faz sorrir, ainda com os olhos fechados, e sentir uma vontade desesperadora de voltar para a minha vida antiga. Mesmo com dificuldades financeiras, eu era feliz fazendo o que gostava.

Amava ver a felicidade dos meus alunos quando lhes ensinava um novo passo e conseguiam repeti-lo. Adorava verificar se todos estavam conseguindo. Sinto falta de tudo.

— Continue, a música é interessante. — A voz rouca de Enzo me faz pular de susto.

— Você precisa parar com isso.

— De ver minha própria esposa tomar banho? — Cruza os braços e se recosta na porta, ainda nu.

— De me assustar dessa maneira.

Pela primeira vez eu vejo um sorriso sincero no rosto de Enzo e nossa... é a coisa mais linda que já vi na vida. Custa esse homem sorrir mais vezes? Sem ser aquele sorriso psicopata dele quando está bravo, claro.

— Afaste-se um pouco. — Aproxima-se da banheira e meu corpo inteiro fica tenso.

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

— Vou entrar também.

Encolho as pernas para que ele se sente em minha frente, mas ele nega com a cabeça e faz um gesto para que eu vá mais para frente. Merda. Obedeço e ele entra na banheira, sentando-se atrás de mim. Sinto sua mão firme em minha barriga e Enzo me puxa para colar minhas costas em seu peito.

Sinto seu corpo quente envolvendo o meu e penso no que deu nele para querer ficar assim comigo. Afinal, ele passou uma semana fora, me evitando. Fecho os olhos quando sinto sua mão deslizar pela minha barriga lentamente. Posso sentir na pele das minhas costas seu coração batendo forte em seu peito.

Para quem disse que não tem um, o dele bate forte... forte até demais. Paro de pensar quando Enzo alcança meu sexo e acaricia meu clitóris sem pressa.

— Diga-me, esposa — sussurra em meu ouvido. — O que meu soldado veio fazer em nosso quarto enquanto eu não estava em casa? Principalmente sendo Andreoli?

Abro os olhos e sinto raiva por ele estar me fazendo essa pergunta. Então todo esse apetite pelo

sexo e a volta para casa tem um motivo. Eu sabia que Enzo estava preparando algo, algum bote.

— Seu soldado veio apenas saber como eu estava, já que eu havia pisado em meu próprio vestido... e que meu esposo não aparecia em casa para saber de mim. — Uso o tom brando. — Por que está tão preocupado?

— Me preocupo com o bem-estar da minha esposa. — Enfia um dedo em mim e eu solto um gemido. — E a minha ausência poderia ter causado carência.

— Carência? É sério?

— Muito sério, esposa.

— Não causou em você? — Me esforço para manter a voz firme, já que ele está me provocando deliciosamente bem. — Passou uma semana perto da sua amante lá no clube.

— É um bom argumento.

— Eu sei.

Sua mão abandona meu sexo e sobe devagar para os meus seios. O silêncio volta a predominar e eu apenas me permito sentir as carícias. Enzo brinca com meus mamilos entre os seus dedos e eu grunho baixinho.

— *Non* quero que o veja mais — sussurra

em meu ouvido. — Ele está aqui apenas para fazer a sua proteção.

— O colocou para me testar, não foi?

— O coloquei *perché* ele e Enrico são de minha confiança — rosna em meu ouvido e volta a descer sua mão para meu sexo. — Não se preocupe, também já falei com ele.

Penso em perguntar se ele fez algo contra Andreoli, mas não quero acabar o momento calmo de Enzo. Darei um jeito de descobrir isso depois.

ENZO

Depois de fazer Kiara gozar nas minhas mãos, deixei que ela batesse uma para mim e logo em seguida, saímos do banheiro direto para a cama. O sono chegou nela primeiro e eu vi o momento exato em que Kiara adormeceu.

Penso no que ela e Andreoli podem ter conversado neste quarto. Sei que ele não ousaria me desafiar e tocar em Kiara, ele tem medo de morrer sofrendo nas minhas mãos, como um traidor. Sua honra vale mais do que isso.

Afasto os cabelos do seu rosto e

PERIGOSAS ACHERON

imediatamente me repreendo por fazer isso. Furioso, viro as costas para ela e, ainda nu, puxo o lençol para cima de mim.

Antes mesmo de o sol nascer, abro os meus olhos em um pulo e olho em volta. É uma coisa minha, sempre achar que tem alguém pronto para me matar quando acordar. Isso eu devo ao meu pai e ao meu treinamento. Eu era acordado aos berros, pauladas ou até mesmo baldes de água fria.

Sinto um peso nas minhas pernas e olho para Kiara, que está despojada e nua, dormindo ao meu lado. Sua perna em cima das minhas me faz olhar para a cicatriz que eu fiz nela. Afasto sua perna e ela abre os olhos devagar.

— O quê? — resmunga, sonolenta. — O que aconteceu?

— Nada, mulher.

Ela vira as costas para mim para voltar a dormir. Olho para ela na penumbra da madrugada e trago uma mecha dos seus cabelos negros ao meu nariz. O cheiro deles é hipnotizante. Continuo admirando sua beleza, mesmo de costas para mim.

Escuto um barulho vindo de fora da casa e, imediatamente, pulo da cama. Abro uma pequena brecha na cortina e não consigo ver nada do que acontece lá embaixo. Praguejo e, ao me virar, dou de cara com Kiara sentada na cama.

— O que está acontecendo? — Sua voz soa embolada.

— Fique aqui. É uma ordem. — Aproximo-me da cama, ficando cara a cara com ela. — Se algo der errado, venho por você. Para tirá-la daqui.

Vou até o criado-mudo e pego minha pistola, destravo e a deixo carregada. Visto a calça de seda do pijama, antes de sair do quarto, pego o silenciador e olho uma última vez para Kiara nua na cama, reforçando a ordem para que fique.

Sigo pelo corredor escuro empunhando a arma, meus sentidos todos aguçados. Escuto vozes alteradas lá fora, me apresso e desço as escadas. Pela janela de vidro da sala, vejo homens empunhando armas e faço uma contagem rápida, vejo doze deles.

Olho para um arbusto do jardim e vejo Andreoli escondido junto com o irmão. Enrico faz um sinal para mim e eu mando que aguardem. Encaixo o silenciador no cano da pistola, seguindo

para os fundos da casa. Não vou arriscar e abrir a porta da frente.

Contorno a casa pelos fundos e me escondo atrás de um arbusto. Aponto arma para o homem que parece ser o chefe deles, mirando nele sem qualquer hesitação. Sem o chefe da missão, eles não vão durar muito.

Afundo meu dedo no gatilho, fazendo a pistola fazer pressão para trás. O homem cai e todos sacam suas armas, começando a avançar pelo jardim. Ninguém entra na minha fortaleza, principalmente quando o tesouro perdido da família está dentro dela.

Faço o sinal para Enrico e Andreoli, que comandam os outros soldados para que ataquem. A guerra está declarada no jardim da minha casa. Vieram para me pegar desprevenido, vieram para pegar minha esposa.

Jurei protegê-la e vou fazê-lo.

Saio de trás do arbusto empunhando a arma e atiro em um infeliz que está mirando em Enrico. Me amparo atrás da fonte e escuto, atento, os estampidos dos tiros, as vozes. Ao meu lado está um soldado, que, ao me ver, se espanta.

— Volte para dentro, Chefe, podemos

cuidar disso.

— Vou fazer isso, porra. — Aponto o dedo para ele. — Trate de não morrer. Me dê cobertura.

Fico de pé e atiro em um homem que se aproxima, escuto outros disparos e golpeio um homem que vem em minha direção com um ferro nas mãos. Escuto a voz de Andreoli, algo parecido com o nome da minha esposa. Olho para trás e vejo a porta da frente da casa aberta. Kiara sai correndo de dentro dela, empunhando uma arma.

Dio santo.

— Kiara! Volte para dentro! — falo alto, sentindo meu coração parar por vê-la aqui. — *Cazzo!*

Dou as costas e começo a correr até ela sem pensar em mais nada. Sou obrigado a parar quando um infeliz me puxa e acerta a minha barriga com um soco. Viro-me com tudo, possosso de raiva, lhe dou um soco no rosto e ele cambaleia. Miro e acerto o meio da sua testa com um tiro.

Volto a olhar para Kiara e vejo o momento exato em que ela atira diversas vezes contra o carro que está estacionado na rua. A porra da mulher enlouqueceu de vez.

Ela não vê um homem se aproximar,

mirando nela. Aponto a arma, mas ele é mais rápido. Assim que o homem atira, Andreoli surge na frente de Kiara e ambos caem. Fervendo de ódio, descarrego a arma no infeliz que ousou apontar uma arma para ela.

Pego outro carregador, que enfiei na calça, e recarrego a arma. Não chego perto dos dois no chão, trato de dar cobertura, pois sei que um deles está morto. Pensar que pode ser Kiara faz minha cabeça ferver, mas preciso acabar com esses infelizes primeiro.

— Cerquem! Deixem apenas um! — ordeno.

O número deles está reduzido a apenas três homens. Deixo que os meus soldados terminem e vou até o carro onde Kiara atirou diversas vezes. Há um homem morto dentro com uma AK-47 ao seu lado. Penso um pouco e olho para a sacada do nosso quarto. Kiara viu tudo de lá, ela se arriscou chegando a sair na sacada para analisar a situação. *Cazzo*.

— Kiara. — Corro em direção ao lugar em que a vi cair. Ela tem que estar viva. — Kiara!

A cena que vejo me faz ficar aliviado e ao mesmo tempo bravo. Andreoli está morto nos

PERIGOSAS NACIONAIS

braços de Kiara, que está inteiramente suja de sangue e chora copiosamente. Enrico para ao meu lado e fica em silêncio, vendo o irmão morto.

— Eu não queria que fosse assim — soluça. — Só vim porque tinha um homem naquele carro e estava mirando em você. — Aponta para mim, com o rosto banhado em lágrimas. — Eu sei que um pedido de desculpas não vai trazer seu irmão de volta, Enrico. — Abaixa a cabeça. — Não queria... não queria.

— *Non ti preoccupare*, senhora — Enrico se mantém firme. — Estamos aqui para isso.

— Não! — berra. — Não queria que ninguém morresse por mim.

Kiara me olha cheia de raiva e então eu entendo o que ela quer dizer. Ela veio para morrer, independente se foi para matar o homem no carro ou não. Quer se livrar de mim.

— Já chega — rosno. — Volte para dentro, vou precisar falar com os soldados.

Minha esposa olha para Andreoli morto nos seus braços e, lentamente, faz o que mandei. Tropeçando nos próprios pés e suja com o sangue de Andreoli, Kiara entra na casa e eu vejo as luzes sendo acesas. Nicola cuidará dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para meu soldado morto no chão e penso que isso aconteceria um dia. Eu sei que ele amava Kiara, tanto que deu sua vida pela dela, isso não foi somente dever aprendido no treinamento.

— *Vieni qui!* — grito. — Todos.

Espero que os soldados se reúnam perto de mim e noto que há alguns feridos, outros, estão caídos. Olho para Enrico e mantenho minha postura, assim como ele.

— Andreoli está morto. — Olho para ele no chão. — Alguém deu um passo maior que a perna, ninguém nos ataca e sai ileso... vou descobrir quem continua nos traindo e vingaremos a morte de Andreoli e do Rodrigo. Nossos amigos não morreram em vão.

— Chefe — Enrico interrompe. — Lhe peço que quando acharmos o infeliz traidor... deixe-me matá-lo.

— A vingança será sua. — Aceno com a cabeça. — Chamem Filippo e reforços, quero essa casa cercada.

Dou as costas e começo a caminhar para dentro de casa, onde uma mulher chorosa me aguarda. Respiro fundo, unindo todas as minhas forças para me manter são e conseguir encarar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Kiara chorando pela morte de seu amor.

— Senhor Enzo, *grazie a Dio*. — Nicola corre até mim. — Ela não quis minha ajuda, estou desesperada... está trancada no quarto e não me responde. Temo que tenha feito algo contra si.

— *Maledizione* — xingo. — Eu mesmo irei lá, traga a chave reserva do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18



Me diga, você mataria para salvar uma vida?
Me diga, você mataria para provar que você está
certa?

Quebre, quebre, queime, deixe tudo queimar
Este furacão está nos perseguindo
Hurricane - 30 seconds to mars

KIARA

Quando Enzo sai do quarto, corro para a

PERIGOSAS NACIONAIS

sacada, preciso saber o que está acontecendo. Fico abaixada, olhando todo o movimento, tremendo. Vejo quando Enzo se esconde atrás de um arbusto e atira contra um homem. É naquele instante que a guerra começa.

Assustada, assisto a tudo o que acontece, mas algo me faz afastar o meu medo. Um carro parado na rua, o vidro traseiro é abaixado sutilmente e o cano de uma arma grande é colocada na janela. Não penso duas vezes, corro para o closet e pego a pistola reserva escondida nas roupas de Enzo.

Visto uma camisola e saio do quarto correndo como louca, rezando para que dê tempo o que pretendo fazer. Salvarei Enzo e ainda me livrarei dele, quero morrer essa noite, somente assim me livrarei desse pesadelo. Saio no jardim, descalça, no meio do fogo cruzado.

Miro, como Andreoli me ensinou, e atiro diversas vezes contra o carro. O homem dentro dele cai e o motorista também. Abaixo a arma, esperando que algum tiro me atinja logo para que eu me livre desse pesadelo que estou vivendo.

Me perdoe, Rodrigo... eu prometi que vingaria você... mas não posso mais aguentar isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É tudo tão rápido, que quando me dou conta, já estou caindo no chão com o peso de um corpo sobre mim. Andreoli geme de dor e leva a mão ao abdômen. Grito ao vê-lo ensanguentado.

— A-Andreoli, o que você fez? — Coloco as mãos no sangue, tentando conter com uma pressão ali. — Está louco?! Não...

— O que v-você estava fazendo? — Segura minhas mãos, sinto seu sangue escorrer e melar minha roupa.

— Eu não queria — choro. — Me perdoe. Não era para você ter me salvo, eu queria...

— Não diga isso nem de brincadeira... você precisa viver.

Choro de maneira descontrolada, o que faz o meu corpo ter espasmos fortes. Alguns soldados nos rodeiam, me protegendo. Oh, merda.

— Usou bem o ensinei a você.

— Não fale. — Toco seu rosto. — Vai ficar tudo bem, vamos tirar essa bala daí e você... vai ficar bem, é... vai ficar tudo bem.

— Não. — Aperta a minha mão e sangue começa a sair pela sua boca. — Não tenho tempo... quero apenas dizer que — geme de dor, parece extasiado. — Amo você... eu amo você, Kiara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Não! — berro. — Me perdoe, eu não queria... Andreoli.

— Amo você.

Antes que eu possa responder, Andreoli repete a frase uma última vez, fecha os olhos e seu corpo inteiro relaxa. O último suspiro deixa os seus lábios e eu fico olhando para ele, sem acreditar. O sacudo para que acorde, mas não há reação.

— Andreoli! — chamo. —, acorde! Vai ficar tudo bem! Andreoli!

É uma sensação de horror ver alguém morrer em seus braços. Estou em choque, cheia de sangue. Matei três homens esta noite.

Enzo aparece e uma enxurrada de palavras abandonam os meus lábios. Me desculpo com Enrico e quando Enzo praticamente ordena para que eu entre em casa, eu o faço. Estou anestesiada, tudo parece estar em câmera lenta.

Nicola já me aguarda, mas eu corro dela e sigo para meu quarto. Me tranco nele e ali me permito chorar, desesperada, olhando o sangue de Andreoli em minhas mãos e roupa.

A culpa de sua morte eu carregarei comigo para sempre. Eu o matei.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda na mesma posição, sentada no chão, suja de sangue e com o cano da arma apontada para a minha cabeça, escuto quando a porta é destrancada e sei que é Enzo. Nicola não ousaria buscar uma chave reserva. Me encolho no chão, onde estou e ouço os seus passos pelo quarto.

— *Maledizione!* Kiara, abaixa essa arma — diz, preocupado. — Dio santo.

— Por que eu deveria? — Olho para ele, que dá um passo para frente. — Pare aí, Enzo! Mais um passo e você vai ver os meus miolos espalhados nesse quarto!

— Kiara. — Se mantém firme. — Abaixei essa arma, você não quer fazer isso... passou por muita coisa hoje.

— Você não sabe o que eu quero.

Minhas mãos tremem de maneira intensa e eu choro, sentindo meu coração doer. Repito a última frase mais algumas vezes e Salvatore não ousa se mexer. Vou terminar logo com isso; ele não se importa, ninguém se importa.

Quando estou prestes a afundar o dedo no gatilho, Enzo avança e bate na minha mão,

PERIGOSAS NACIONAIS

afastando a arma da minha cabeça. Seu aperto no meu pulso é forte e eu não abro mão de lutar. O chute, estapeio e um grito desesperado sai do fundo da minha garganta.

— Não vou permitir isso, porra — berra. — Solte *questa merda*! Kiara!

Enzo me puxa para si e isso me faz ceder, enquanto choro. Ele toma a pistola da minha mão e eu o empurro. Meu coração está doendo tanto, é tanta angústia... está insuportável.

Ergo o olhar para Enzo e vejo quando ele coloca as armas sobre o criado-mudo para vir até mim novamente.

— Ande, saia do chão. — Agacha em minha frente. — Precisa tirar esse sangue de você.

Ao ouvir sua voz rouca com um tom brando, sinto algo estranho, eu nunca o havia ouvido falar dessa maneira.

— A culpa é minha, eu o matei.

Me jogo nos seus braços e, por incrível que pareça, Enzo me abraça e sussurra que está tudo bem. Ele é a única pessoa que tenho agora.

— Você se mostrou uma esposa leal esta noite. — Enxuga meu rosto. — Digna de confiança e do meu respeito.

PERIGOSAS ACHERON

Fecho os meus olhos e algumas lágrimas escapam. Respiro fundo, querendo voltar a respirar normalmente e arrumo coragem para olhá-lo nos olhos.

— Não fiz aquilo por você.

— *Lo so*. Vamos tirar esse sangue de você.

Ele me ajuda a ficar de pé e me guia para o banheiro de maneira lenta. Assim que liga a torneira, vira-se para mim e me manda erguer os braços. Enzo retira minha camisola suja de sangue e a joga em um canto.

Entro na água e o meu corpo inteiro estremece com a sensação. Sinto o olhar do meu marido sobre mim, mas não reajo, apenas fico parada dentro d'água. O sangue nas minhas mãos vai se dissolvendo e Enzo passa a esponja nelas, me surpreendendo e me dando conta de que ele está me ajudando.

— Você não deve se culpar — diz, concentrado em tirar o sangue das minhas mãos. — Andreoli fez o que foi treinado para fazer desde sua iniciação, morrer pela *Famiglia*.

— Eu tentei. — Abaixo a cabeça. — Tentei entender o que vocês fazem aqui, tentei lidar com todas as mortes... mas isso não é normal para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cresci longe dos muros da máfia... não consigo me adaptar.

— Vai se adaptar.

— Como? — Puxo as minhas mãos para que ele me olhe nos olhos. — Simplesmente não sei como vou me adaptar a ver gente morrendo por minha causa, ou como vou me acostumar a apanhar de você.

Enzo cerra os punhos, fazendo a esponja sumir no meio da sua mão. Nos seus olhos eu posso ver que aquela fortaleza toda pode sim ser penetrada.

— Não quero criar um filho em uma casa onde seus pais se...

— Já chega. — Seu olhar volta a ser duro e ele pega a minha mão para voltar a esfregá-la.

— Eu só quero que você pare de me bater, Enzo, que pare de me maltratar como se eu fosse a culpada de algo. — Volto a chorar. — Não quero que me ame, pois sei que isso é impossível. Isso eu já entendi, também não vou amar você. A única coisa que peço é que me respeite.

Fico em silêncio alguns instantes.

— É somente isso que peço a você. Por favor.

PERIGOSAS ACHERON

Seu silêncio me deixa na dúvida, mas pelo menos eu consegui conversar com ele sem que ele erguesse sua mão para mim. Depois de terminar o banho, Enzo busca uma camisola limpa para mim e me faz deitar na cama.

Observo quando ele se livra da calça de seda e começa a vestir suas roupas. Não preciso perguntar para saber que ele vai ao cassino, o ataque dessa madrugada foi ousado demais. Enzo me olha através do espelho e volta a arrumar sua gravata.

— Descanse, essa madrugada foi muito intensa.

— Salvatore. — Hesito. — Por que está cuidando de mim?

— Sou seu marido, não sou? É meu dever. — Vem até a cama. — Me ajude com isso.

Acho estranho ele me pedir ajuda com a gravata, sempre admirei sua habilidade com elas. Mesmo assim, fico de joelhos na cama e o ajudo. Percebo que ele está me olhando e trato de terminar logo a briga que estou travando com essa gravata.

— Pronto. — Passo a mão para estirá-la.

Quando meu olhar encontra o dele, eu não tenho tempo para pensar. Sou puxada pela nuca

para um beijo leve e quente.

ENZO

Ver Kiara chorando por causa do Andreoli me fez sentir algo estranho. Eu não quero que ela chore por ele, mas ela o ama... não é? Vê-la com a arma apontada para a própria cabeça me faz enxergar que estou fazendo mal a ela.

Eu sou o mal.

Então eu a ajudei, tirei sua roupa e a levei para um banho. Cuidei dela, como prometi que faria. Sua atitude nessa madrugada me surpreendeu, *perché* nenhum dos meus soldados tinham notado aquele carro. Ela saiu da proteção da casa para isso... mesmo que quisesse fazer isso para morrer, não para ser heróica.

Quando me pediu para que eu parasse de bater nela, eu fiquei surpreso com o argumento. Ela usou filhos. Isso me fez lembrar quando eu via meu pai bater em minha mãe até ela não se aguentar de pé. Eu o odiava por bater nela, mas estou fazendo a mesma coisa com Kiara.

"Monstro"

Antes que eu pudesse sair do quarto, Kiara já estava dormindo. A observei até sentir um formigamento no meu peito. Antes de sair, falei com Nicola sobre o acontecido e a deixei em alerta. Kiara pode tentar se matar de novo.

Já no cassino, ordeno que tragam Matteo, Lucca e Ettore até mim. Hoje seremos nós quatro planejando o aumento da segurança da casa e do cassino. Kiara passa o dia inteiro sozinha com Nicola e alguns soldados, não quero arriscar que os peguem desprevenidos.

— Consegui contato com o fornecedor de armas. — Ascendo um cigarro. — A AK-47 que vi no carro partiu dele.

— E o que quer fazer? — Lucca pergunta.

— Já mandei buscá-lo. — Coloco o cigarro na boca e dou um trago. — Quero saber quem comprou, já que ele vende exclusivamente para nós.

Soco a mesa com força e fico de pé.

— O traidor não vai viver para contar a história — rosno. — Eu quero a cabeça dele para

expor diante dos capos.

— Kiki está bem, chefinho? — Odilon entra na sala.

— Bata antes de entrar, porra.

— Perdão, chefinho, fiquei preocupado.

— Ela vai ficar bem — digo, lembrando da cena da tentativa de suicídio.

— Kiara salvou sua vida ontem, não foi? — Matteo pergunta. — Não acha que é prova suficiente de que ela é leal?

— Eu não tinha dúvidas quanto à isso, *cazzo* — resmungo. — Kiara é uma mulher difícil, ela não aceita as regras, mas sabe ser leal.

— Como Rebeca — Ettore afirma, olhando para Matteo, o esposo dela.

— E o senhor gosta dela, chefinho?

— Que pergunta idiota é essa? Volte ao trabalho.

— Chefe — Pedro chama, entrando na sala com uma expressão séria. — O fornecedor das armas já está pronto.

— *Perfetto*.

Saio da sala e sou seguido por Dante e Pedro, sei que Odilon não nos acompanhou. Ao digitar a senha no painel, penso em Kiara, em como

ela se arriscou ontem.

— *Mio caro*^[32] — digo quando abro a porta da sala onde ele está.

— S-Salvatore, *perché* estou aqui? Eu...

— O que foi que nós combinamos? — Não o deixo terminar. — Você só repassaria as armas sob ordens minhas ou de Pietro DiGrassi, que é o Capo responsável pelos nossos armamentos.

— M-Mas eu só vendi a ele — se desespera. — Eu juro... nos últimos dias, à pedido dele.

Estreito o olhar para ele e puxo uma cadeira, que está do outro lado da sala. Monto nela e apoio os meus braços no encosto, de frente para ele.

— Me conte com que frequência DiGrassi tem procurado você.

— Toda semana, Chefe.

— Tem os registros disso?

— Sim, senhor.

— E você *non* desconfiou? — Cerro os meus punhos. — *Non* sabe que se uma agulha estiver fora do lugar, eu devo saber?

— Eu pensei que estivesse se armando por causa dos ataques dos russos. Ele falou de uma

guerra iminente. — Abaixa a cabeça. — *Per favore...* eu juro.

Penso por alguns instantes e levanto da cadeira, a empurro para longe e vou para trás do homem, para soltar suas mãos.

— A partir de agora, você só fornece com uma ordem minha... *Capisce?* Mandarei dois soldados com você, para ver de perto.

— E Pietro?

— Me resolverei com ele. Vá e faça somente o que eu mandar.

— Sim, Chefe. — Fica de pé.

— Agora suma daqui.

O homem sai praticamente correndo e eu sento na cadeira onde ele estava, pensando. Pego uma faca na mesa e sinto minha irritação me tirar do sério. Vou matá-lo lentamente por trair a *Famiglia*, maldito.

— Salvatore? — Pedro chama, parado na porta da sala. — O que ele disse?

— DiGrassi. Está nos traindo.

— O que quer fazer?

— Vamos nos preparar. — Fico de pé e largo a faca na mesa para ir buscar meu blazer pendurado. — Quero mais armas e mais

treinamento. Quanto à DiGrassi, eu mesmo cuidarei dele.

Capítulo 19



KIARA

Desperto com toques leves à porta e a voz de Nicola vinda do outro lado. Me espreguiço e olho para as janelas panorâmicas do quarto. Enzo fechou as cortinas antes de sair? Eu nem cheguei a vê-lo sair.

— Senhora? Precisa comer alguma coisa.

— Entre, Nicola.

Relutante, ela abre a porta e entra com uma bandeja nas mãos.

— *Buongiorno*, senhora. — Coloca a

bandeja na mesa próxima à janela do quarto e se põe a abrir as cortinas. — Senhor Enzo me disse o que aconteceu ontem... muito triste. Escutei tudo do meu quarto, estava apavorada. Dio santo. Nunca me acostumo com essas coisas.

Sento-me na cama e fico quieta, olhando para Nicola, que tem uma devoção imensa por Enzo.

— A senhora foi corajosa por ter ido até lá e ter salvo a vida do chefe. Isso não vai ser esquecido.

— Minha coragem não me adianta de nada se um homem teve que morrer por minha causa.

— Senhora. — Nicola vem até a cama e se compadece. — Não fique assim... sei que Andreoli era um bom rapaz e que era seu amigo, mas ele foi treinado para proteger o Chefe com a vida. É isso o que eles fazem.

Me ponho a chorar e ela me abraça, afagando as minhas costas, como se me dissesse que vai ficar tudo bem. Me agarro à Nicola, sentindo uma angústia sem tamanho no meu peito.

— Precisa se alimentar. — Me solta e enxuga meu rosto. — Vou estar lá embaixo, arrumando a casa, sim? Qualquer coisa, basta me

chamar.

— Obrigada.

Espero Nicola sair do quarto e saio da cama. Olho para a camisola de seda que estou vestindo e lembro da atitude de Enzo comigo ontem à noite. Penso no momento em que pedi para que ele não me batesse mais e em como ele reagiu.

Se tornar a me bater, dessa vez eu o esperarei com uma arma. Não vou permitir que ninguém toque em mim. Sim, posso morrer no segundo seguinte por matar o Chefe da família, mas ele não vai me agredir mais.

Sento-me à mesa e, sem muito ânimo, começo a comer. Nicola preparou um verdadeiro banquete, nem de longe conseguirei comer tudo isso. Pego o pequeno bule e sirvo uma xícara de café para mim.

Então, a cena da madrugada me vem à mente. Andreoli sangrando muito, minhas mãos sujas, minha roupa, o calor do líquido vermelho em meu corpo... as palavras dele.

"Amo você".

Afasto a bandeja de mim, sentindo um forte enjoo e cubro o rosto com as mãos. A culpa é minha. Mas e se Enzo morresse? Se eu tivesse

deixado o homem do carro matá-lo? Quem tomaria o posto de Chefe? E eu? Para onde iria?

Da Família não tem escapatória, aprendi isso da maneira mais difícil.

— Deus, que angústia — murmuro.

De repente, a porta é aberta e eu vejo Nicola novamente; mas ao seu lado está Catarina. Me coloco imediatamente de pé e espero que ela entre no quarto. Pela cara, Nicola também não gosta dela.

Aceno com a cabeça para que nos deixe a sós e, relutando, a mulher me obedece. Não faço questão de me aproximar, apenas encaro a mulher e tenho que admirar o seu cinismo.

— O que faz aqui?

— Vim apenas visitar você... as conversas que estão rolando pelo clube é que você matou um homem para salvar Enzo. Disseram que você está bastante abalada.

Disseram.

Enzo disse!

Deixo de lado as minhas dúvidas e me mantenho firme. Catarina não precisa saber que me atinge, Enzo também não.

— Que bondade a sua — capricho no cinismo. — Quer tomar café da manhã?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada, estou satisfeita. — Ela sorri, também muito cínica. — Vim apenas parabenizar você... está mesmo tentando de todas as maneiras.

— Tentando?

— Enzo ainda está comigo, Kiara... não adianta bancar a heroína.

Eu vou matar essa mulher.

— Está com inveja porque estou onde você queria estar, não é? Quer mesmo me provocar aqui?

— Ergo a mão esquerda e mostro a aliança a ela. — Você é somente um objeto, Catarina, se livre disso.

A mulher abre um sorriso diabólico e olha em volta. Pego a faca que usava para cortar o pão e mantenho a mão para trás.

— Admiro a sua coragem, senhora Salvatore. — Para bem perto de mim. — Só tome cuidado para essa coragem toda não virar pó por aí... puf.

— Fora da minha casa. — Aponto a faca para ela. — Saia!

Ainda sorrindo, a mulher caminha calmamente para a saída do quarto. Coloco a faca com força sobre a mesa e bufo, sentindo a raiva me consumindo. Ela vai abaixar essa crista dela, ou eu não me chamo Kiara.

PERIGOSAS ACHERON

Estou em frente ao espelho, penteando os meus cabelos, depois de tomar coragem para fazer alguma coisa. Tomei um bom banho e decidi esperar a chegada de Enzo, preciso saber de algo.

A porta é aberta pelo meu marido, que tem uma expressão totalmente fechada. Encaro através do espelho, mas continuo fingindo estar preocupada em pentear-me. Ele caminha até mim, mas não me toca e eu não ousa virar para olhá-lo.

— Nicola me disse que não comeu nada o dia todo.

— Não sinto fome. — Coloco o pente de lado e olho para ele através do espelho. — A todo instante todo aquele sangue me vem à mente e... — Um nó na minha garganta faz minha voz falhar. — E eu nunca vi nada disso antes. Foi horrível.

— *Lo so*. — Se aproxima ainda mais, mas não me toca. — Já mandei Nicola preparar o jantar, irá comer.

— Enzo. — Viro-me para olhá-lo nos olhos. — Se... se você tivesse morrido ontem... quem assumiria a Máfia?

Ele cerra a mandíbula e seu olhar fica furioso.

— Pietro DiGrassi.

— Aquele que duvidou de mim no cassino?

— Enxugo meu rosto, interessada no assunto.

— Sim. — Bufo, passa as mãos nos cabelos e arremessa o primeiro vaso que encontra em uma parede. — *Cazzo! Disgraziato!*

Me encolho com o barulho e com a atitude dele, mas logo me recomponho. Não ousa me aproximar, não sei o que está se passando na cabeça dele.

— O que aconteceu?

— A arma do homem que você matou ontem, a arma que iria me matar. — Bufo, raivoso. — Era de dentro da Família... era do DiGrassi. Ele quer assumir a Família, mas *non* vou permitir isso!

Trago as mãos à boca e lembro do que Rebeca me disse sobre traição. DiGrassi é um homem morto, tenho absoluta certeza disso.

— *Lo ucciderò con le mie mani* (Vou matá-lo com as minhas próprias mãos).

Não entendo o que ele acabou de dizer, mas não ousa perguntar o que é. Fico apenas olhando

enquanto ele despeja toda a sua ira ao vento. Quando nota que estou imóvel, Salvatore se livra do blazer e desabotoa o colarinho de sua camisa. Lentamente ele vem até mim.

— Andreoli era um dos meus melhores homens. — Toca meu rosto e eu estremeço. — Sua morte não vai sair impune, *bella*.

— Isso não o trará de volta para Enrico.

Enzo fecha os olhos com força e se afasta.

— Enrico quer matar esse homem tanto quanto eu — rosna. — Não coloque desculpas para tentar esconder seu amor por Andreoli.

— Amor? Está louco?

Uma risada cheia de escárnio sai dos seus lábios. O que merda ele está pensando? A puta dele vem aqui e ele quem me acusa?

— Olhe para mim — ordena. — Tenho cara de idiota? Hum?

— Não — berro. — Não! Está louco! Eu nunca quis Andreoli... no começo eu queria usá-lo. — Hesito. — Eu o usei para me ajudar dentro do cassino, mas depois...

— Você o amou.

— Depois — corto, elevando o meu tom de voz. — Eu comecei a considerá-lo como meu

amigo, mesmo sabendo das suas intenções comigo.
— Sento-me à mesa e cruzo os braços — Já não provei minha lealdade o suficiente, Chefe?

— Kiara.

— Você tem mesmo que me acusar sempre, não é?

— Kiara.

— Vou ajudar Nicola no jantar.

Levanto de uma vez e saio do quarto, deixando-o lá. Se ele tem ciúmes de Andreoli, o problema é dele e somente dele. Não precisa inventar coisas para me fazer sentir ainda pior. Quando Andreoli disse que me amava, eu me senti terrível por ele estar morrendo por mim e eu não sentir o mesmo por ele.

Decidi guardar para mim a aparição de Catarina. Precisarei dessa informação para usá-la em um momento mais propício.

ENZO

Quando Kiara deixa o quarto, minha ira me toma outra vez. Ela nega que o amou, mas não consigo acreditar nisso. Os dois viviam colados e

PERIGOSAS ACHERON

eu sei muito bem o que meu soldado era capaz de fazer com as mulheres.

Trato de tomar um banho gelado para me acalmar e, pela primeira vez desde que me casei, desço para o jantar. Quero me certificar de que Kiara não vai se matar pela falta de comida.

Ao chegar na sala de jantar, vejo a mulher sentada à mesa, encarando seu prato. Olho para Nicola e ela nega com a cabeça, dando de ombros. Bufo e sento-me à mesa junto com ela.

— Vou buscar mais um prato, senhor Enzo.
— Nicola sai.

Fico observando Kiara, mas a mulher não se mexe, apenas olha para o prato com a massa. Nicola tem as mãos de fada, sabe fazer uma massa como ninguém.

— Coma — ordeno quando a mulher volta e me serve. — Não me faça forçá-la.

Dou uma garfada na massa e trago à boca. *Dio santo*, isso é delicioso. Impressionado com o gosto do molho, dou outra garfada e escuto a risadinha de Nicola.

— Gosta, senhor Enzo? Era o preferido de vossa mãe. — Sorri, saudosa. — Não faltava em uma só refeição... ela mesma fazia questão de

PERIGOSAS NACIONAIS

preparar.

— Lembro-me disso — digo, seco. — Pode ir.

Deixo que as lembranças de minha mãe me venham à mente. Seu sorriso, seus beijos devotos... lembro de como ficou feliz quando lhe dei um desenho horrível e mesmo assim ela mentiu e, com um sorriso, me abraçou dizendo que era a coisa mais linda que já tinha visto.

Lembro também do dia em que fui mal em uma prova. Meu pai me deu uma surra e me disse que não servia nem para os estudos. Ela foi a única que chegou perto de mim e chorou. Nem eu mesmo havia chorado, eu era um inútil, afinal.

Eu a amava muito.

Sei que chorou também no dia em que meu pai me levou para a iniciação, quando eu tinha dezesseis anos. *Non* quis me despedir dela, *non* queria vê-la chorando.

Perdê-la foi um golpe muito duro, principalmente porque foi meu pai quem a matou e eu o matei depois disso. Eu já tinha dezoito anos quando o matei por ter tirado minha mãe de mim. Por isso assumi o seu cargo e, sozinho, carreguei a família nas costas.

PERIGOSAS ACHERON

— Enzo. — O toque em minha mão me faz pular na cadeira. — Calma, sou só eu... Sua massa vai esfriar.

Olho para Kiara e solto todo o ar dos meus pulmões antes de me afastar do seu toque, me recostando em minha cadeira. Olho para seu prato e noto que já começou a comer.

— *Va bene* (Tudo bem).

Depois do silencioso jantar, sigo para meu escritório particular em casa, me sirvo de uma boa dose de uísque e ascendo meu cigarro. Pego o notebook e sento em minha poltrona, me comunico com meu informante da polícia da Itália e ele me garante que não tem nada.

Cazzo! DiGrassi é um filho da puta discreto, também não é para menos... aprendi com ele. Maldito traidor.

— Enzo? — Ergo meu olhar para a porta quando escuto a voz aveludada de Kiara. — Posso entrar?

— Bata da próxima vez. — Abaixo a tela do notebook e estendo a mão. — *Vieni qui*.

Bebo um longo gole do meu uísque, sem tirar os olhos dela. Apago o cigarro enquanto ela fecha a porta e cruzo os braços, vendo-a caminhar até mim.

— Diga.

— Estava pensando no que Nicola disse sobre sua mãe. — Ajoelha no chão, em minha frente. — Como era ter uma? Ela cozinhava para você? Beijava ou cantava para dormir?

Suas perguntas me atingem em cheio. Seus pais a mantiveram afastada, mesmo correndo risco de serem descobertos, somente para protegê-la. Ela cresceu sem eles. Eu tive os meus, mas a vida se encarregou de tirar de mim.

— *Non* quero falar sobre isso.

Penso no caderno de seu pai, que encontrei e que está guardado no cassino. Não posso dar isso a ela ainda, não quero que coloque mais coisas na cabeça.

— São perguntas tão simples. — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Eu só quero saber como é ter uma mãe... só isso. A mulher que cuidou de mim não me amava.

Bufo, irritado.

— Amor é fraqueza, Kiara — rosno. —

Não quero falar da minha mãe porque eu a amava e por causa dessa fraqueza que matei meu progenitor. Agora chega desse assunto, vá fazer algo.

— Enzo? — Engole em seco, segurando suas lágrimas e toca os meus joelhos. — Matou seu pai?

— *Cazzo*, Kiara. — Cerro os punhos. — Nunca falei disso para ninguém, a Família não sabe disso. Esqueça.

— Está falando comigo agora, não poderei esquecer. — Aperta os meus joelhos. Essa mulher é uma atriz perfeita quando se trata de fingir que se importa. — Por que matou seu pai? Me diga.

Encaro os olhos escuros de Kiara e fecho os meus. Suas mãos nos meus joelhos só me deixam querendo tê-las pelo meu corpo, me dando prazer.

— Sou a sua esposa. — Fica de pé. — Você pode confiar em mim... não já provei que sou leal à você?

A mulher em minha frente aproxima-se e monta no meu colo, me surpreendendo. Olho para a sua boca e não consigo resistir, puxo Kiara pela nuca para um beijo e amasso nossos lábios. Deixo o beijo intenso e forte e, com a mão livre, agarro sua bunda deliciosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enzo — praticamente geme meu nome e para o beijo. — Não confia em mim?

— Eu o matei porque ele matou *mia mamma*. Eu a amava... foi a única pessoa que amei de verdade em toda a minha vida. *Mia mamma* era tudo.

Kiara hesita antes de tocar meu rosto e eu fecho os olhos com força. Ninguém jamais teve a ousadia de me tocar assim. Sem permissão.

O que ela está fazendo?

— Não sei o que é amor de mãe, mas sei o que é amor. — Me faz olhar para ela. — Sei como dói perder alguém que amamos... dói muito.

— Não precisa fingir que me entende ou que se importa. — A encaro. — Sei que me acha um monstro e é o que sou, afinal. A porra de um monstro, que foi criado e programado para matar quem quer que seja.

Kiara fica em silêncio, mas sua mão não sai do meu rosto. Me mantenho impassível e as lembranças da hora em que matei meu pai me vêm à mente. Não senti nenhum remorso, nenhuma dor quando o vi sangrar até morrer. Ele mereceu por matar a única pessoa que me amou nesse mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20



KIARA

Ver Enzo falar da sua mãe me doeu, porque eu nunca tive a oportunidade de ter a minha por perto. Ele matou o próprio pai para vingar a morte da sua mãe e nada nisso o abala, nada nele demonstra arrependimento.

Meu marido é um homem frio e sem coração. Um verdadeiro monstro... e eu preciso mostrar que me importo, preciso que ele confie em mim.

Consegui quebrar sua barreira e fazer com

que ele falasse sobre seus pais. Só me falta descobrir como ele se tornou esse monstro furioso e sem coração.

— Já falei demais. — Me olha. — Vá para o quarto, ficarei aqui trabalhando.

Saio do seu colo e arrumo minha roupa; observo quando ele dá um gole em seu uísque.

— Ande, preciso fazer algumas ligações. — Levanta a tela do notebook. — Tenho um traidor para lidar.

Solto o ar pela boca e saio da sala pisando firme. Como ele consegue sair do modo brando para o modo monstro tão rápido? Eu vi nos olhos dele a dor.

Sigo para meu quarto e paro em frente ao espelho. Penso em tudo o que Enzo me disse sobre sua mãe e lembro da minha infância. Me sinto estranhamente vazia.

"Mia mamma era tudo."

Me ponho a chorar no mesmo instante. É como se um buraco se formasse em meu peito, mesmo que as palavras de Enzo não tenham sido muitas. Eu sempre tentei não me abater pela falta dos meus pais, a mulher que me criou dizia que eles me amavam muito, mas não podia vê-los ou algo

muito ruim aconteceria.

A mulher só me alimentava, me dava banho e me fazia companhia. Não havia nenhum afeto, a não ser pelo meu irmão, que já tinha dezoito anos e já trabalhava. Ele cuidava de mim, me abraçava quando eu chorava pela falta de carinho e me dizia que sempre cuidaria de mim.

— Sinto tanto a sua falta, meu irmão — choro. — Onde quer que você esteja... saiba que eu nunca esqueci o que fizeram com você. — Enxugo meu rosto. — Perdoe-me por quase ter desistido... Estou aqui para ver quem te fez isso ruir. Eu quero vingança.

Me recomponho, coloco a camisola de seda e visto um robe. Abro a porta que dá para a sacada do quarto e saio. Respiro fundo, mas ainda assim me sinto sufocada, sinto uma vontade imensa de fugir, de sair correndo, uma angústia queima meu peito.

Atravesso o quarto correndo, descalça e saio para o corredor. Desço as escadas de dois em dois degraus e corro em direção à porta principal. Preciso de ar, preciso respirar.

Saio no jardim principal da casa e sinto a grama pinicar os meus pés. Arrio sobre os meus

joelhos e choro. Não consigo controlar, são soluços impulsivos, doloridos. Sinto tantas coisas juntas que nem decifrar o que são.

— Senhora. — Escuto a voz de Enrico, mas não sou capaz de erguer a cabeça para olhá-lo. — Está tudo bem? Onde está o chefe?

Nego com a cabeça, não querendo conversar com ele ou com ninguém. Quero e preciso ficar sozinha.

— Ei, você. Fique de olho, vou comunicar ao chefe.

Apenas escuto a tudo quieta. Não sei o que me deu, não sei, simplesmente não consigo parar. Fecho os olhos e repito para mim mesma: Sou uma mulher forte, vou me adaptar e passar por isso.

Repito várias vezes, como um mantra poderoso. Tento puxar o ar, mas ele não vem. Estou em pânico. A falta dos meus pais me afetou muito mais do que qualquer pessoa pode imaginar. Todos apontavam o dedo para mim na escola em que estudei, era horrível ser a órfã de pais vivos.

— Kiara. — O toque bruto me faz saber de quem se trata. — *Che cazzo* está fazendo aqui fora sozinha?

Olho para ele a tempo de vê-lo mandar

PERIGOSAS NACIONAIS

Enrico nos deixar.

— Eu precisava de ar. — Fungo. — Me senti presa de repente... foi horrível.

— Vamos para dentro.

— Não, eu não vou... não vou voltar para lá agora. — Seguro seu braço. — Não me deixe aqui. Por favor.

O silêncio reina entre nós por alguns instantes antes de Enzo finalmente soltar um suspiro, irritado, e sentar-se ao meu lado na grama. Abraço as minhas pernas e fico olhando fixamente para a grama verdinha. Respiro fundo e olho para Enzo, quando noto que ele me observa.

— *Perché* quer que eu fique aqui?

— Porque você é a única pessoa que eu tenho e eu sou a única que você tem agora... ambos gostando disso ou não. — Desvio o olhar do dele, estou sendo sincera. — E nós já conversamos sobre isso de me bater... não vou mais aceitar isso.

Ele fica em silêncio e eu volto a olhá-lo. Enzo é tão bonito, se não fosse essa coisa que ele tem de ser sempre um monstro e não me deixar chegar perto, talvez eu conseguisse amá-lo um dia.

Um dia.

PERIGOSAS ACHERON

ENZO

Quando ela olha para mim, eu me sinto exposto, é como se Kiara pudesse ver as merdas que já fiz. Como se visse minha alma manchada e sem paz.

— *Perché* agiu desse jeito?

— Não sei, não pude me controlar...

Franzo o cenho, querendo que me explique.

— Sempre quis ter os meus pais. Eu sonhava em um dia conhecê-los — ri, amargurada.
— Mas quando cresci, eu só queria esquecê-los, não queria mais conhecer ninguém... Rodrigo quem cuidou de mim, era por mim.

Penso no caderno do pai dela outra vez. *Cazzo!* Kiara não vai ver esse caderno por enquanto, não quero que ela chore de novo como está fazendo agora. Não sei quando isso começou, mas algo me faz querer protegê-la, algo que sinto quando olho para ela, isso me assusta.

— Eu sou por você agora... nos casamos. Agora vamos para dentro. — Fico de pé e estendo a mão para ela. — Já ficou tempo demais aqui fora. Não podemos nos dar o luxo de correr riscos.

PERIGOSAS ACHERON

Kiara pega a minha mão e fica de pé, limpa seu robe com as mãos e segue em minha frente para dentro da casa. Faço um gesto para Enrico e ele acena com a cabeça para mim. Sigo para dentro e vou até o quarto verificar se ela realmente deitou-se para dormir.

— Descanse, *capisce*?

— Enzo. — Agarra meu braço. — O que vai fazer para pegar Pietro?

— Não se meta nos negócios.

— Diga-me — pede. — Afinal, ele também queria me matar já que atacou a casa.

Fecho os olhos e bufo, o argumento é bom.

— Vou fazer algo grande no cassino, chamarei meus amigos da SQUAD. — Estreito o olhar. — Não quero que nenhum dos Capos note... se DiGrassi está envolvido com os ataques dos Russos, ele vai falar cada plano e cada nome. Me encarregarei disso. Depois vou expor a sua cabeça na mesa de reuniões.

— Algo grande?

— Um evento, *bella*. — Me solto dela.

— Um baile à fantasia, então? Alguns estariam com o rosto coberto e isso poderia. — Para de falar e me olha, mas eu faço um gesto para

PERIGOSAS NACIONAIS

que continue. — Facilitar para você e seus soldados. Entende?

— Sim. Seu pensamento pode ser muito útil. — Caminho até a porta. — Boa noite.

Kiara tem a puta de uma inteligência nata. Em uma festa à fantasia, eu daria um sumiço em DiGrassi e isso será como procurar agulha no palheiro para os russos. Ainda conseguirei que *questo miserabile* DiGrassi fale tudo.

Essa festa tem que acontecer o mais breve possível.

Entro no quarto depois de combinar com Pedro e Dante exatamente o que vamos fazer. Amanhã cedo comunicarei a Odilon e a Rebeca para que preparem o cassino. Me surpreendo por não ver Kiara na cama.

Olho em volta e noto que ela não está em lugar algum do quarto. Não mandei que descansasse? Vejo as cortinas balançarem e a brisa fria da noite entra no quarto. Xingo, vou até a sacada e a vejo encolhida em uma cadeira, com os olhos fixos no chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Dio santo*, mulher! *Non* disse para descansar?

— Não consigo. — Fecha os olhos. — Como você consegue dormir, sabendo que matou alguém?

— É simples, *bella*. — Aproximo-me. — Eu não penso neles, todos temos um morto na lista. A tendência é somente aumentá-la. — A observo por alguns instantes.

— Você não sente nada? Culpa? Dor?

— Absolutamente nada. — Estou firme e ela não parece surpresa. — *Guardami*, já tenho problemas demais para lidar... e além do mais, você nem viu o homem.

Sem que eu precise dizer outra vez, Kiara levanta da cadeira e me acompanha de volta para dentro do quarto. Fecho a porta de vidro blindado e puxo as cortinas.

Ao me virar, a vejo retirar o robe e revelar seu belo corpo coberto apenas por uma fina camisola de seda. Cruzo os braços e espero que se deite. O olhar que ela lança para mim fode tudo.

— Boa noite, Enzo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21



KIARA

Enzo se tornou um pouco mais maleável depois de eu ter matado aquele homem no carro para salvá-lo. O problema é que não sei se devo me alegrar com isso, ainda não consegui nada sobre os meus pais.

Fecho os olhos e sinto a sua presença intensa na cama, ao meu lado. Puxo o cobertor para cima de mim e me encolho, absorta em pensamentos, quieta.

Um arrepio gelado toma a minha espinha

quando sinto algo nos meus cabelos. Enzo. Fico imóvel e fecho os olhos, me forçando a manter minha respiração calma. Por que ele me tocaria se não fosse para o seu prazer?

Como de costume, acordo sozinha na cama. Imediatamente, recordo-me da noite anterior, da carícia nas pontas dos meus cabelos. Sabe aquela cosquinha que faz quando alguém mexe nas pontas dos seus cabelos? Foi isso que me fez saber da ação de Enzo.

Salto da cama e visto meu robe, deixo o quarto e caminho calmamente pelo corredor, até alcançar as escadas. Paro ao ouvir vozes vindas da sala.

— O senhor Enzo não está e a senhora está dormindo. — Faz uma breve pausa. — Tem enxaqueca. Pode voltar uma outra hora, sim?

— Sim, claro... diga a Enzo que estive aqui e que logo voltarei. Ele não vai se livrar dessa vez, estou reunindo provas de que ele lava dinheiro com a empresa de automotivos.

— Tenho certeza de que meu chefe não tem

nada que esconder, senhor detetive. Passar bem.

Escuto quando Nicola abre a porta e o homem sai. Desço as escadas devagar e paro no meio da sala quando ela fecha a porta.

— A senhora ouviu isso?

— Quem era, Nicola?

— Um detetive que, há anos, persegue o senhor Enzo. — Ela sorri. — Não é nada. Venha, preparei seu desjejum.

Sigo com ela para a cozinha e pergunto sobre esse detetive, mas ela não me diz muita coisa. Apenas que sempre investiga os passos de Enzo e que eu não devo me preocupar.

Tomo meu café da manhã, mas não tiro isso da cabeça. Penso um pouco e decido que preciso fazer algo que eu realmente goste. Hoje irei dançar um pouco para tentar remediar a angústia que estou sentindo.

Dançar, para mim, é libertador.

Depois de ter passado a manhã quase toda pensando sobre o que aquele detetive queria, Nicola me preparou um almoço maravilhoso e

insistiu para que eu esquecesse o assunto. E assim o fiz, por ora.

— Vou subir, sim? — Aviso, terminando de guardar a louça que ela insistiu para que eu não ajudasse. — Vou dançar um pouco para ver se esqueço das tantas coisas que aconteceram.

— Sim, senhora.

— Senhora não, Nicola. — Sorrio. — Kiara.

Ela abana a mão para mim e nega com a cabeça, o que me faz sorrir. Gosto dela, cuida de mim como uma mãe. Dou as costas e sigo para subir as escadas calmamente; imagens de Andreoli morrendo nos meus braços voltam a me assombrar e eu sacudo a cabeça.

Não aguento mais ficar trancada nessa casa sabendo que ele passa o dia inteiro naquele cassino ou na loja. Os pilares da educação deles é muito centralizado aos homens, mas eu não cresci assim... Rodrigo me ensinou coisas diferentes. Preciso fazer alguma coisa.

Entro no quarto e fecho a porta, respirando fundo, me concentrando. Alongo os meus músculos, tentando relaxar um pouco. Coloco a música Dance for you da Beyoncé no som do

quarto que divido com Enzo e fecho os olhos, sentindo o ritmo intenso e sensual.

Danço como se não houvesse amanhã, me perco nas batidas lentas e sedutoras como se não houvessem problemas. Esqueço-me de Enzo e da sua frieza, me perco na música, me entrego com tudo o que sou e tenho.

De repente, sinto um corpo quente encostar no meu e eu paraliso. Meu coração acelera pelo susto, mas sabendo que se trata de Enzo, lentamente, volto a dançar. Preciso seduzir esse homem, preciso entrar na sua mente ou nunca irei ganhar essa guerra com Catarina... sempre irei sofrer.

— *È affascinante.* (É encantadora.) — sussurra em meu ouvido.

Mexo meu quadril, dançando sem parar e esfregando-me nele. Um som delicioso escapa dos lábios do cretino e eu não paro os meus movimentos. Ele quer sexo, eu quero sexo.

— Não disse que precisa parar de me assustar? — Olho para as suas mãos atrevidas descendo por minha cintura. — Por Deus.

— *Vieni qui.*

Me aperta contra ele antes de me virar para

si. Enzo me olha inteira e me manda dar uma volta em torno de mim mesma.

— Volte a dançar... quero assistir.

Penso por alguns instantes, antes de sorrir. Preciso que ele passe a confiar em mim, preciso que ele me conte porque esse detetive o persegue... por qual dos seus crimes, na verdade. Preciso começar a agir dentro desse grupo, não nasci para ficar trancafiada e servir ao meu marido, como se fosse uma ovelhinha obediente.

Por fim, volto a colocar a música e danço para Salvatore. Ele coloca uma bolsa que aparenta ser de uma loja na mesa de cabeceira, livra-se do blazer e desabotoa alguns botões, até que a metade do seu peito duro e forte apareça. Vejo quando ele senta na poltrona perto da porta da varanda e leva a mão ao queixo, me observando.

Passo as mãos no meu corpo, seduzindo-o, e sei que está funcionando. Paro em frente a ele e mexo os quadris. De repente, um calor me toma, o olhar dele para mim, o modo como me admira... com tesão.

Enzo fica de pé de maneira brusca e se aproxima de mim, me fazendo afastar dele para provocá-lo. Sorrio ao ver a sua expressão surpresa e

rebolo, lhe olhando nos olhos. É, Salvatore, você ainda vai rastejar por mim.

— Não tente ser a menina má... comigo não funciona.

— O que vai fazer? — Me aproximo e quase colo nossos lábios.

Enzo leva a mão ao seu cinto e o tira de maneira rápida, me fazendo ficar quieta. Arranca a camisa de uma só vez e me encara, feroz.

— Estenda as suas mãos.

Lentamente, eu o faço e ele envolve os meus pulsos com o cinto. Procura algo no quarto, sem me soltar e me faz parar de costas para o espelho. De frente para mim, Enzo me faz erguer os braços e, ainda com os pulsos amarrados, ele prende o cinto em algo acima do espelho.

— Agora, quieta, *bella*.

Suas mãos enormes deslizam pelas minhas curvas. Analiso seu rosto com o olhar, enquanto ele está concentrado em apalpar meu corpo. Com força, ele abaixa minha calça de malha e a calcinha, arrancando-as de mim, jogando-as longe. Quando ergue a cabeça, encontra o meu olhar e avança para tomar meus lábios em um beijo forte e arrebatador.

Sua língua busca a minha e eu gemo,

sentindo algo incrível misturado ao medo por estar amarrada. Se ele resolver fazer qualquer coisa comigo, não terei força para nada. Sua mão desce para meu sexo e ele estimula um pouco meu clitóris antes de enfiar um dedo em mim. Me contorço e junto as coxas, apertando sua mão entre elas.

— Abra essas pernas. — Mexe o dedo dentro de mim e minhas pernas fraquejam, me fazendo afastá-las. — Isso, *bella*.

Grito quando ele enfia outro dedo e o movimenta lentamente, acariciando o meu ponto G. Com meu corpo todo tremendo, gemo, não querendo que ele pare, mas é exatamente o que ele faz.

De repente, Enzo se afasta e dá dois passos para trás. Tento ir até ele, mas as minhas mãos presas não deixam. O máximo que chego é bem perto, mas não o suficiente para beijá-lo, para seduzi-lo.

O sorriso cruel que ele abre, enquanto chupa lentamente os dedos que estavam dentro de mim me faz sentir ainda mais tesão. Salvatore começa a se livrar da camisa lentamente, me olhando, e em seguida da sua calça.

Faço força, tentando me livrar do cinto que

me prende, para tocá-lo. Meu sexo pulsa, querendo mais das suas carícias. O homem sabe muito bem o que faz.

— Disse para ficar quieta. — Joga a cueca longe, revelando seu pau duro. — Não foi um pedido.

Ele agarra minha cintura e me faz virar de costas para ele e ficar cara a cara com o espelho. Olho para o cinto que prende as minhas mãos, agora torcido por ele ter feito com que eu me vire.

— Olhe para o espelho — rosna em meu ouvido, rouco. — Veja como vou foder você, esposa. Não é assim que gosta?

— Sim. Foda-me.

A proximidade dele, roçando seu pau em minha bunda sem qualquer pudor, e suas palavras me fazem sentir ainda mais tesão. Nunca imaginei sentir tanto prazer.

Recebo uma palmada forte, que me faz sobressaltar e morder o lábio. Aproveitando-se disso, Enzo se enterra em mim e segura os meus cabelos com força. Escuto quando um breve gemido deixa seus lábios e o olho através do espelho.

Ele tem o olhar fixo em nossos sexos se

encontrando de forma dura e bruta. Fecho os meus olhos e gemo, sentindo-o ir fundo em mim. Agarro com força o cinto que prende os meus pulsos e sinto o aperto ficar mais firme nos meus cabelos.

— Agora. — Sai de dentro de mim e me faz virar de volta para ele. — Quero provar da sua boceta.

Salvatore ajoelha em minha frente e meu sexo se contrai somente na expectativa de ter sua língua ali.

— Quero que olhe para mim, entendeu? E cuidado com o barulho... *non* queremos que Nicola escute nossa diversão.

Tendo dito isso, ele avança e passa a língua em meu sexo, concentrando-se no meu clitóris já sensível. Sem desviar o olhar do meu, ele enfia o dedo em mim e estimula o meu ponto G e é quase impossível não fazer barulho. Minhas pernas fraquejam e eu solto um gemido longo.

— Oh... s-se continuar... Salvatore...

O sorriso diabólico que ele abre mostra que quer que eu goze. Então ele acelera o movimento dos seus dedos e da sua língua, me levando ao orgasmo dentro de instantes. Meu corpo todo tem espasmos violentos quando ele mexe o dedo uma

última vez em cima do ponto mais que sensível.

Enzo se coloca de pé e segura minha coxa direita para sustentar minha perna no ar. Ele aproxima nossos rostos, mas não a ponto de encostá-los e entra em mim mais uma vez, sem dó. Meu sexo sensível me faz gemer mais alto e jogar a cabeça para trás, minha coxa sendo agarrada com força não me dá saída, a maestria com que ele me fode é enlouquecedora.

Outra vez, sinto o orgasmo se aproximar, o calor, a dureza do seu corpo contra o meu, nosso suor se misturando, a ânsia de arranhá-lo inteiro como uma louca. O desejo que nos toma é animal, selvagem.

— Me fode — sussurro contra seu rosto.

Ele geme e eu sei que está próximo do gozo. Enzo agarra com ainda mais força a minha coxa e vai até o fundo em mim. Gememos juntos quando, em uma estocada final, ele goza.

Ofegando, Enzo olha nos meus olhos. A imensidão azul que enxergo é muito bonita. Uma pena que seja tão dura.

Sem dizer uma palavra, ele retira seu membro de dentro de mim e ergue os braços para soltar os meus pulsos. Quando solta o cinto longe,

PERIGOSAS NACIONAIS

ele traz as mãos ao meu rosto e afasta os fios de cabelo.

— Vim para casa comunicar sobre sua ideia da tal festa e sou desviado do assunto.

Abro um leve sorriso e me aproximo um pouco, ainda nua e sentindo meu corpo inteiro tremer.

— Acatou minha ideia?

— Sim, conversei com o *Consigliere* e a festa será amanhã, acabo de vir da empresa dos meus amigos, os convidei. — Olha em volta, procurando alguma coisa. — Trouxe algo para você usar amanhã.

Enzo se afasta para ir até o criado-mudo, onde deixou a bolsa. Ele a abre, tira de dentro uma máscara prateada e uma fita para colocar na coxa, vem até mim e me entrega.

— Quero que use isso amanhã.

— Por que isso? — Ergo o fino tecido.

— Porque aí irá uma faca, *bella*. Nunca se sabe o que pode acontecer.

— Deixe-me agir amanhã — peço.

— *Non*. Fará o que tem que fazer.

— Ficar parada, esperando você? — Cruzo os braços.

PERIGOSAS ACHERON

— *Esatto*. Não questione.

.•. DIA SEGUINTE .•.

ENZO

O dia foi agitado no cassino com os preparativos para a festa e para a captura de DiGrassi. *Questo disgraziato*^[33] vai aprender que com a *Famiglia* não se brinca.

— Lucca! — rujo.

Imediatamente, o infeliz brota na minha frente.

— Que porra estava fazendo? Está parecendo que saiu de uma guerra.

— Guerra com uma boceta, Salvatore. — Ele ri, arrumando os cabelos. — Acabei de sair dela.

— Quantas vezes falei sobre foder durante o trabalho, porra? — repreendo.

— *Lo so*, Salvatore, *lo so*... mas elas me tentam. *Non* resisto.

— Assuma tudo aqui. Vou para casa tomar

um banho e me concentrar.

— Iiih, vai pegar de jeito a esposa... — Dá risada.

— Dobre a porra da sua língua para falar assim dela — rosno.

Me viro e saio sem dizer mais nada. Quem esse puto pensa que é para falar assim? Cazzo.

Um soldado para o carro em frente à casa e eu desço sem esperar, estou irritado e à ponto de mandar ao caralho qualquer um que me faça uma simples pergunta. Entro em casa e passo direto para o quarto, onde sei que Kiara está se aprontando.

Abro a porta do quarto e paro ao ver Nicola arrumando os cabelos dela em um penteado. Imediatamente, Nicola se afasta de Kiara, como se estivesse fazendo algo errado.

— Terminem. — Ergo a mão, acenando que está tudo bem. — Vou tomar um banho.

— Sim, Chefe. — Nicola balança a cabeça.

Kiara se mantém em silêncio e eu não a cumprimento, sigo para o banheiro e fecho a porta. Em instantes, fico nu e vou até o chuveiro. Tomo

um banho rápido, preciso voltar ao cassino logo para dar início à festa.

Enrolo a toalha na cintura e saio do banheiro. Não encontro mais Nicola no quarto, mas ainda vejo Kiara em frente ao espelho. Ela está simples, mas muito bonita.

O vestido na cor vinho agarra seu corpo, cada pedaço dele, e os cabelos com os cachos mais definidos por causa do penteado a deixam elegante, mas ainda assim, simples. Olho para a cama e vejo a máscara prateada ali.

— Esposa.

— Sim? — Me olha através do espelho.

— E a fita?

— Está bem aqui. — Mexe a perna esquerda, me indicando. — Só está faltando a faca que você mencionou ontem.

— Sim. — Pego meu blazer, tiro do bolso interno a adaga e levanto para mostrar a ela. — Na verdade é uma pequena adaga. Aqui está.

Me aproximo, ainda de toalha e noto que ela fica quieta. Faço com que vire para mim e agacho em sua frente. Toco o dorso dos seus pés dentro dos saltos e subo lentamente com os dedos, por sua perna torneada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para cima e encontro Kiara com o lábio inferior entre os dentes. A mulher quer mesmo me provocar antes desse evento?

Continuo subindo minha mão lentamente, afastando o vestido e parando na coxa. Noto sua pele arrepiada e tenho vontade de arrancar esse vestido dela, mas não vou fazer isso.

— Ninguém pode saber dessa faca aqui, *bella*. *Capisce?*

— Eu sei, Enzo — murmura, parecendo brava. — Você não confia em mim, não é?

Ergo meu olhar para ela e faço minha cara de irritado antes de voltar a atenção para a pequena fita em torno da sua coxa. Encaixo a pequena adaga embainhada por dentro da fita e solto o tecido do vestido, que cobre o nosso pequeno segredo.

— Pronto.

— Eu poderia ajudar você a capturar DiGrassi.

Fico de pé e largo a toalha para começar a me vestir. Olho para Kiara e não acredito no que acabo de escutar.

— O quê?

— Sim. — Se aproxima. — Deixe-me agir... ajudar.

PERIGOSAS ACHERON

— *Non*.

— Mas Enzo, eu posso...

— *Cazzo!* — xingo. — *Non* quero você nisso. Pare com essas bobagens.

Entro com Kiara pela porta principal do cassino e somos recebidos por alguns convidados e jogadores que já se fazem presentes. Minha esposa sorri e cumprimenta a todos antes de me olhar e acenar com a cabeça para alguns Capos reunidos perto da escadaria principal. Sigo com Kiara até lá e somos cumprimentados.

— Onde estão as suas mulheres?

— *Non* vieram, Salvatore — Gazzoni responde. — Preferiram se reunir para um chá. Me surpreende que não tenham convidado a esposa do chefe.

— Sabe que nossas cobras invejam a senhora da Máfia — Rizzi comenta. — Acham que seria uma má influência para a mais nova. *Non ti preoccupare*. A sua veio, já é o suficiente.

— *Non* me faça perder a paciência em uma festa tão bonita, Rizzi — rosno e sinto a mão de

PERIGOSAS NACIONAIS

Kiara apertar meu braço. — Suas esposas deveriam estar aqui, é um evento da *Famiglia*.

— Sinto falta da Itália — Gazzoni percebe a tensão.

— Estou arquitetando tudo para que nenhum capo precise ficar aqui... logo voltaremos para casa.

Olho para Kiara e ela não parece confortável quando o assunto é a Itália. É a casa dela também, vai se adaptar.

— Vou mostrar a festa para minha esposa.

Me afasto com ela e fico quieto, enquanto caminhamos pelo cassino. Ela me faz parar em um canto vazio e me olha firme nos olhos.

— Você precisa ficar calmo, Enzo. — Me encara, séria. — Ele fez um comentário ridículo, mas aquilo não me afeta.

— Não dou a merda para o que eles pensam — rosno. — Você é minha esposa, devem respeito... nunca falei da mulher daqueles putos escrotos.

— Está com ciúmes? — Cruza os braços.

— Não diga besteira, mulher... apenas protejo o que é *mio*. — Aponto para a escadaria. — Vamos logo, daqui a pouco os meus amigos estarão

PERIGOSAS ACHERON

chegando.

Mostro todo o ambiente, tudo o que quero que ela faça e por onde deve sair — sem hesitar — se algo der errado. Kiara fica atenta à cada detalhe e não questiona nada. Não demora para que meus amigos cheguem. Primeiro Benjamim junto com Lara e Felipe, os putos cumprem muito bem os horários.

— A festa está linda — Lara elogia e cumprimenta Kiara.

— Lindas estão as mulheres — Felipe afirma, sorrindo, antes de me cumprimentar e cumprimentar minha esposa. — Com todo o respeito, senhora Salvatore.

— E o respeito à mim? — Lara cruza os braços, fingindo estar brava.

— Larinha, você já me conhece... não seja ciumenta. — Pisca para ela. — Prometo ser todo seu quando voltarmos à SQUAD.

— É? — Benjamim manifesta seus ciúmes. Meus associados são apaixonados até o último fio de cabelo. — Minha mão na sua cara, seu porra do caralho.

Kiara apenas sorri e se empenha em um assunto com Lara. Aproveito para explicar os meus

planos para Felipe e Benjamim e perguntar como andam os negócios com minha empresa de automotivos. Quando os conduzo pela escadaria, Anderson chega com Melissa e o procedimento se repete.

Celso chega com Suzana um pouco depois. O puto me provoca com a história do casamento enquanto nossas mulheres conversam.

— *Figlio di puttana* — xingo e o vejo sorrir antes de sair caminhando calmamente com Suzana.

Olho para Kiara quando DiGrassi surge em minha frente, sorrindo.

— *Buona notte* — cumprimenta e em seguida olha para Kiara. — Senhora.

Cerro as mãos em punho. Saber que *questo disgraziato* é um traidor me perturba, mas ele vai me contar tudo antes de morrer lentamente. Exatamente como funciona seu esquema.

— Senhor DiGrassi — Kiara cumprimenta. — Sinta-se em casa.

— Encantadora, sim? O tesouro perdido da *Famiglia* me surpreende mais a cada dia. — Olha para mim, esperando uma resposta.

— Sim. Cada dia que passa, tenho certeza de que fiz uma ótima escolha. — Olho para ela e,

PERIGOSAS NACIONAIS

no fundo, essas palavras têm um pouco de verdade.

Só não sei se ela percebeu.

Kiara sorri e DiGrassi nos pede licença para ir cumprimentar os capos. Aproveite, *disgraziato*, hoje é o seu último dia.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22



"De longe eu posso observar
O que sua mente pode pensar
Você diz que eu me deixo levar
Será porque você tem uma pegada
Muito criminosa, baby
Eu vi algo parecido por aí
Eu apenas vi
E fique assim, selvagem"
Criminal - Ozuna feat. Natasha

KIARA

PERIGOSAS NACIONAIS

As palavras do Enzo sobre sua ótima escolha não me comovem em nada, pois sei que faz parte do teatro que é este casamento. Eu como uma boa atriz que me tornei, sorri.

— Vamos começar isso. — Começa a andar em direção ao palco.

Catarina está entre as dançarinas da noite e eu sinto raiva quando ela e Enzo trocam um olhar. Em seguida, ela me olha e abre um sorrisinho daqueles que toda vagabunda provocadora tem. Maldita.

Me mantenho séria e quando Enzo sobe ao palco, todos no cassino aplaudem e silenciam. Ele faz um belo discurso de abertura e a festa é dada como iniciada. Uma música sensual leve começa a tocar e as dançarinas sobem ao palco.

Noto Catarina olhando o tempo inteiro para Enzo, como se dançasse para ele. O encaro quando o pego espiando a dança, mas ele logo desvia o olhar. Sabe que notei.

— Vamos, preciso dar o sinal a Matteo.

— Se eu o achar, falo sobre o sinal. — Me solto dele e sumo por entre as pessoas sem esperar resposta.

PERIGOSAS ACHERON

Não vou falar com Matteo coisa nenhuma, esse plano que Enzo armou não leva em conta que DiGrassi ficará desconfiado se Matteo não for convincente. Ele fugirá. Eu sou convincente e vou usar isso. Vou agir e pronto. Minha ideia não vai atrapalhar a dele.

Por sorte, não demoro a encontrar DiGrassi e sorrio quando paro ao seu lado no bar.

— Veio tomar alguma coisa, senhora?

— Oh, sim. Foi tudo muito agitado hoje. —
Balanço a cabeça, mentindo, e sento ao lado dele.
— Está gostando da festa?

— Está perfeita.

Em apenas alguns instantes de conversa, eu ganhei a confiança de DiGrassi. O fiz pensar que odeio Salvatore — sabemos que isso não é de todo mentira —, o fiz pensar que quero fugir dele, que quero me ver livre. Somente assim, ele me tira do bar e me puxa para um canto vazio do cassino.

Olho ao redor, preocupada. Enzo demora a chegar, o que terá acontecido?

— Quer mesmo se ver livre do seu maridinho de merda?

O olhar de ódio dele ao citar Enzo me assusta, mas eu não demonstro. Me mantenho

completamente séria e concentrada no que é preciso fazer. Vejo Salvatore surgir atrás dele e fico quieta.

— Sua ajuda será muito bem-vinda, senhora Salvatore. Um golpe de dentro da casa dele seria mais do que fatal.

— Será mesmo, DiGrassi? — A voz rouca e carregada de sotaque me faz ficar aliviada.

A cor some do rosto do homem e eu olho para a expressão furiosa de Enzo. Ele é capaz de matar somente com um olhar. Sua mandíbula cerrada e a boca comprimida em pura fúria o deixam ainda mais bonito.

— Rispondimi (Responda-me) — rosna. — O que estava fazendo com a minha esposa aqui?

DiGrassi permanece calado. Ele sabe o que vem depois, independentemente se responder a pergunta ou não.

— Matteo — chama. — Leve este homem daqui. Prepare-o.

Salvatore fixa seu olhar em mim e a fúria contida neles não cessa. Deve estar bravo por eu ter saído de perto dele.

— O que estava fazendo com ele aqui? — Aproxima-se e eu não acredito no que ouço. — Ia entregar meu plano? Ia ajudar *questo disgraziato*?

Salvatore me empurra contra a parede e eu gemo de dor. Meu pescoço é apertado com força e eu sufoco, meu ar falta. Sinto uma dor inexplicável na garganta e as minhas forças parecem me abandonar.

Empurro Enzo, mas não surte efeito, acerto seu rosto algumas vezes, mas ele não parece se importar. Me arriscaria em dizer que não está nem sentindo. Então lembro-me da faca. Levo a mão até ela e o diabo em pessoa sorri antes de tomá-la.

Em um impulso, já me sentindo tonta pelo aperto, fecho a mão em punho e pego Enzo de surpresa, socando seu rosto. Imediatamente, ele me solta e leva a mão ao rosto. Tusso algumas vezes para recuperar meu ar e ele volta a olhar para mim, furioso.

— Você é louco — afirmo, ainda recuperando o ar, meu pescoço lateja. — Eu odeio você.

Minha máscara é arrancada e ele praticamente cola seu rosto no meu. Sinto a lâmina fria da faca em meu pescoço e engulo em seco, olhando nos profundos olhos azuis dele.

— *Dammi*^[34] um motivo para não matá-la agora mesmo por traição à *Famiglia*.

— Me mate, é um favor que me faz. — Seguro sua mão, a qual está com a faca e forço mais em meu pescoço. — Acabe com esse casamento e vá para os braços da sua amada Catarina... você a ama não é?

Enzo empunha a faca com força, sem tirar os olhos dos meus e eu engulo em seco outra vez. Pelo menos, me livrarei deste inferno em que estou vivendo.

— Me mate de uma vez, Salvatore. Acabe com o inferno que estou vivendo, por favor.

Meu coração se aperta quando ele abaixa a mão e crava a faca na mesa decorativa ao nosso lado. Com o peito subindo e descendo descontroladamente em uma respiração rápida, olho para Salvatore. O silêncio entre nós é tenso.

— Non posso. — Soca a parede ao nosso lado e isso me assusta. — Non posso matar você, cazzo. — Cola sua testa na minha e eu prendo a respiração, nervosa. — Sou egoísta demais para deixar você ir.

Fico quieta e desvio o olhar do dele, sentindo uma única lágrima quente escorrer pelo meu rosto. O medo me domina, mesmo com ele dizendo essas coisas. Ele não pode saber que o

medo está de volta, não pode.

— Você estava com DiGrassi nisso?

— Não.

— E por que estava aqui com ele? — Me olha. — Sabe que traição significa morte.

— Seu plano não ia dar certo. — Toco seu peito e o afasto. — Pietro DiGrassi iria fugir, se o abordasse para uma conversa. Agora vou voltar para a festa.

Pego minha máscara, que está ao lado da faca e antes que eu possa sair, ele agarra meu braço com força e me puxa para um beijo. Enzo devora a minha boca em um beijo duro. Raivoso, eu diria.

O empurro e limpo os lábios, brava. Ele tenta me matar e ainda quer beijo? Está muito enganado se acha que vou voltar a tentar ser a boa esposa. Me cansei disso, dessa merda toda.

— Não volte a tocar em mim. — Coloco a máscara e o olho. — Eu odeio você.

ENZO

A disgraziata da Kiara sumiu por entre as pessoas e no exato momento em que eu ia segui-la,
PERIGOSAS ACHERON

Celso e Suzana aparecem avisando que vão sair pelos fundos porque estão em perigo. Che cazzo?

Não tenho tempo de perguntar quem é o infeliz que ousa entrar em meu cassino para fazer essa bagunça. Apenas indico o caminho e um soldado para ir com eles. Me concentro nas pessoas e vejo Kiara indo com Pietro para um local reservado.

Aceno para Matteo e vou até lá. Escuto tudo, o infeliz dizendo que a ajuda dela seria útil. Miserabile traidor.

Quando coloquei aquela faca no pescoço de Kiara, pela primeira vez desde a minha iniciação, minha mão tremeu antes de matar alguém. Eu hesitei como um fodido amador. Porra, eu vacilei em matar alguém.

Sinto algo por ela, algo forte dentro de mim, algo que não gostaria de sentir. Ninguém pode saber disso, não quero que ela seja usada para me atingir. Kiara entrou na minha cabeça sem permissão, fez uma bagunça sem tamanho.

Em um impulso do meu corpo traidor, eu a puxo para um beijo. O gosto dos seus lábios é doce, não consigo me livrar deles. Kiara se afasta e limpa os lábios, com raiva. Eu sei que não a mereço, sei

que fiz coisas com ela e deve me odiar por isso, não sou digno do amor dela e não quero ser. Ser doce não é do seu feitio e muito menos do meu, a dor já é familiar a nós dois, somos estragados.

— Não volte a tocar em mim. — Coloca a máscara. — Eu odeio você.

— Ettore vai levá-la em casa. — Ignoro suas palavras.

— Eu não vou.

— Isso não foi um pedido, esposa — rosno, bravo comigo mesmo, simplesmente por amá-la. — Vai para casa nesse instante, está me entendendo?

— O que fiz de tão ruim a você, Salvatore? Fiz tudo para me encaixar nisso aqui, matei um homem para salvar sua vida, segurei DiGrassi para você... me casei, tentei fazer do nosso casamento, pelo menos, suportável... me entreguei a isso, mesmo com tudo o que me fez e o que eu recebo? Agressão por cima de agressão, além de umas noites de sexo com alguns orgasmos. — Engole em seco, segurando o choro. — Pensei que houvesse algo de bom em você, mas estava enganada. Estava muito enganada.

Ela me dá as costas e sai, pisando duro. Faço um sinal para Ettore e ele a segue. Penso nas

suas palavras e sinto algo dentro de mim estranho com aquilo.

Desde quando me tornei tão mole? Ela deveria pagar pelas palavras ousadas que me disse.

— Chefe — Matteo chama. —, Enrico já está lá com o homem, devo mandar iniciar?

— Non. Eu mesmo vou arrancar a verdade daquele disgraziato.

— Sim, chefe.

— Mais uma coisa. Onde sua mulher está?

— Acredito que se dedicando à festa, Chefe.

— Traga-a até mim. Preciso conversar algo com ela.

Matteo apenas acena com a cabeça e sai. Sigo na direção das salas de tortura para onde mandei DiGrassi e lembro que o golpe final será dado por Enrico. Afinal, foi culpa daquele infeliz a morte do seu irmão.

Digito a senha e a porta se abre, revelando Enrico raivoso no corredor, ao lado de Lucca. Passo a mão nos cabelos, buscando a minha calma para seguir na direção deles.

— Se você demorasse mais dez segundos, *non* seria capaz de segurar *questo*

miserabile — Lucca me recepciona.

— Enrico, já disse que ele será seu. Terá sua vingança. — Encaro o meu soldado e ele acena com a cabeça. — Depois que eu arrancar a verdade desse canalha que ousou trair a Famiglia para os nossos inimigos.

Destravo a porta para ficar cara a cara com o infeliz. Retiro meu blazer e sorrio para ele, que se remexe na cadeira.

— *Per favore*, Salvatore! Escute!

— Non. — Me aproximo da mesa com as ferramentas. — Você sabe que traidores não têm direito à nada.

Pego o maçarico e o ascendo, o olhar aterrorizado de Pietro me faz sorrir.

— *Diga, amico mio*. — Chego perto dele. — Exatamente tudo o que você e *questos disgraziatos* estavam planejando.

— Não sei, chefe! — berra.

Reviro os olhos, aproximo o maçarico do seu rosto e forço com a mão livre para que ele mantenha o olho aberto. O homem se afasta alguns milímetros pelo fato de estar amarrado, gritando.

— Vou dar uma segunda chance, *maledetto*! — berro contra o seu rosto. — Quero nomes, datas

e locais!

— E-Eu darei, chefe. — Treme, desesperado. — Sob a condição de que você não me mate.

Finjo pensar e sorrio. Não sou eu quem vai matá-lo, será Enrico, então não irei descumprir minha palavra.

— *Va bene, non* matarei você. — Desligo o maçarico. — Desde que me diga cada detalhe.

Saio da sala com todos os nomes, informações, locais e a confissão sobre a morte de Rodrigo, o irmão de Kiara. Rodrigo havia descoberto a sua traição e o havia questionado e ameaçado de expor o *miserabile*. Pietro tentou, mas não conseguiu trazer Rodrigo para o lado dele e se livrou de um dos meus melhores homens... armou tudo, até o modo de tortura, para confundir-me.

Um covarde, isso que Pietro DiGrassi é. Se vendeu por algumas malas de dinheiro e entregou a todos por uma tortura que nem havia começado. Esse maldito é indigno de estar na Famiglia.

Bufo ao pensar como o infeliz arquitetou a

morte de Rodrigo para que pensássemos que ele era um traidor, como usou a ida dele à casa da suposta amante para isso. Como Kiara vai reagir?

— Todo seu o *figlio di puttana*. — Olho para Enrico.

— *Grazie*^[35], chefe.

Assim que ele entra, imediatamente, DiGrassi começa a gritar. Lucca olha para mim e eu faço um gesto para que fique de olho. Vou para casa cuidar de um assunto pendente.

A noite será longa feito um caralho e eu não vou ficar aqui para comprovar isso. Assim que saio da sala e a tranco, sou interrompido no corredor por Catarina.

— O que você quer?

Catarina se põe a chorar, descontrolada, me fazendo revirar os olhos.

— Eu sinto sua falta, Enzo. — Me toca e eu não reajo. — Mesmo que eu não tivesse você de verdade... eu sinto falta dessas mãos, desse corpo. Tudo o que nós...

— Esse nós não existe. Você sempre soube que eu me casaria um dia. — Seguro em seus braços e a puxo para que libere a passagem. — Saia da minha frente.

— Enzo, meu amor. — Se joga nos meus braços e me beija febrilmente. — Eu te amo tanto.

— Com licença? — Rebeca aparece no corredor. — Mandou chamar, chefe?

Empurro Catarina e ela sai imediatamente da minha frente, caminhando rapidamente pelo corredor. Havia me esquecido de Rebeca. Aponto para o corredor à frente, onde dará em meu escritório.

Seguimos para lá em silêncio e, ao entrarmos em minha sala, ela olha para mim. Com certeza está julgando o momento que viu com Catarina.

— Com todo o respeito, chefe... sua esposa e minha amiga não iria gostar de ver aquela cena. — Hesita. — Na verdade, nenhuma mulher gostaria de ser desrespeitada assim... mesmo que o casamento seja uma farsa.

— Que cena? — Pego um cigarro e o ascendo antes de sentar em minha cadeira.

— Catarina?

— Oh, aquilo. — Aponto para a cadeira em frente à minha mesa. — Esqueça.

— Posso fazer uma pergunta? Não de uma subordinada para o chefe. — Hesita. — Mas sim de

uma amiga para um amigo?

Tomo uma respiração profunda antes de trazer o cigarro à boca. Dou um trago e faço um gesto para que fale.

— Você mantém um caso com Catarina? Ou já traiu alguma vez? — Cruza os braços. — Seja sincero.

— Que porra de pergunta é essa?! — Soco a mesa. — Sou a porra de um homem, respeito as regras da Famiglia.

— E somente por isso não traiu Kiara? — Sua pergunta é quase uma afirmação.

Mesmo que eu não queira admitir, Rebeca é amiga e ela me conhece há muito tempo.

— Non. — Solto a fumaça devagar. — Isso não cabe a você.

— Ok, chefe. — Dá de ombros. — Por que me chamou?

— O que lhe agradaria mais? Uma joia com rubis ou safiras? — Volto a colocar o cigarro na boca.

Seguro a fumaça e a expressão de Rebeca é indecifrável para mim. Vejo quando ela solta o ar pela boca e se ajeita na cadeira.

— Me agradaria uma viagem romântica

com meu marido, ter um bebê com ele... isso me agradaria, Enzo. — Nega com a cabeça, como se fosse o óbvio. — Não tente comprar Kiara, vai torná-la ainda mais fria e distante. Não sei o que aconteceu, mas acho isso. Pense em algo que realmente vai fazê-la feliz... a começar pelo caderno do pai.

Rebeca simplesmente levanta e sai da sala. Presentear não é comprar. Ela ficou brava por eu ter desconfiado dela esta noite, um presente a faria me desculpar. Pelo menos é o que eu pensava.

Capítulo 23



KIARA

Depois da coisa toda com Salvatore na festa, Ettore me trouxe para casa e eu me trancafiei no quarto. É madrugada, mas os meus olhos não conseguem sequer se fecharem. Ainda não consigo acreditar que Enzo voltou a me bater, ele quase me matou novamente.

Fecho meu robe e abraço minhas pernas quando sento na espreguiçadeira da sacada do quarto. Ainda posso sentir aquela lâmina gelada em meu pescoço, o momento em que ele cravou a faca

na mesa.

"Sou egoísta demais para deixar você ir."

O que significou aquilo não importa. Nada que venha dele me importa, eu só consigo odiar Enzo Salvatore. Agora mais do que nunca.

Fecho os olhos com força quando uma forte náusea me toma e minha cabeça formiga. Solto o ar pela boca e sinto um arrepio gelado tomar minha espinha somente em pensar na possibilidade de uma gravidez.

Se ele é assim comigo, imagine com essa possível criança que se forma dentro de mim? Prefiro morrer à dar um filho a Enzo. Não quero que sofra com esse maldito tudo o que estou sofrendo.

Respiro fundo, querendo que essa náusea vá embora, não vou correr o risco de alguém desconfiar. Só preciso descobrir uma maneira de livrar esse bebê disso antes que a barriga cresça. Nem que eu precise me livrar dele.

— Kiara.

Me sobressalto ao ouvir a voz do meu marido, mas não ousa olhá-lo. Finjo não tê-lo ouvido.

— Entendo que não queira falar comigo...

mas deve ouvir o que tenho a dizer. É importante.

— Eu pedi, Salvatore... — digo, ainda de costas, raivosa. — Pedi para que não me agredisse mais.

Ouçõ seus passos lentos, como os de um animal feroz em busca de sua presa. Apressadamente, levanto-me e saio da sacada, quase esbarrando nele. Vou até a cama, retiro meu robe rapidamente e me deito, puxando o lençol para me cobrir, deixando claro que não quero falar com ele.

Lágrimas enchem os meus olhos e eu não sou capaz de segurá-las. Como posso viver com um homem que não confia em mim? Como posso dar a ele um filho quando sei que essa criança vai sofrer?

Não posso fazer isso, não posso condenar uma criança à essa vida de merda. Um soluço escapa dos meus lábios sem permissão com a possibilidade e Enzo não reage. Melhor assim.

— Eu te odeio. — Soco o travesseiro. — Te odeio, Enzo Salvatore.

— *Lo so.*

Enzo aparece em meu campo de visão e eu me encolho na cama, sem forças para lutar. Em sua mão há um caderno meio gasto, mas não presto

atenção. Só quero que ele saia daqui e me deixe em paz, se não o fizer, irei dormir em outro quarto.

— *Lo so* que me odeia... *non* tiro sua razão disso. — Estende o caderno para mim.

— Não vou pegar isso.

— É o caderno de seu pai. — Coloca na cama, ao meu lado. — Estarei no escritório.

Minha boca fica seca e eu sento na cama bruscamente. Olho para Salvatore, mas ele já está fechando a porta atrás de si. Volto minha atenção para o caderno e hesito antes de pegá-lo e abri-lo.

Na primeira página, vejo a foto de um casal. Começo a chorar outra vez somente porque reconheço a semelhança do homem da foto com meu irmão. Trago as mãos à boca, tratando de abafar os soluços desesperados que saem dos meus lábios.

Passo a ponta dos dedos nos contornos do belo casal sorridente e sinto um aperto em meu coração. Finalmente estou podendo saber um pouco mais sobre eles... eu sequer sabia suas feições.

— Me pareço com ela — murmuro.

Folheio as páginas, desesperada por informações sobre os meus pais, mas só vejo rotina e negócios. Nada nesse caderno cita a mim ou meu

irmão? Eu preciso saber!

Finalmente, na última página, que está escrita pela metade, encontro uma breve narração que me faz pensar ser sobre mim.

"Hoje, vi de longe uma bela menina dos cabelos negros que me conquistou desde o nascimento. Ela cresce rápido e poderá ter uma boa vida com nossa pequena ajuda. Não tem um único dia em que a minha Goretti não chore com isso. As coisas aqui ficam cada dia mais difíceis. Apesar da falta que ela faz, o coração se alegra em saber que ficará bem."

As palavras acabam aí, algumas folhas estão em branco. Folhas que nunca serão preenchidas por causa dessa máfia, dessa gente. Antes que eu possa fechar o caderno, um pedaço de papel cai dele e eu pego para ler. FRANZO o cenho ao ver o bilhete assinado por Enzo.

*Descobri o assassino do seu irmão.
Vá ao escritório para conversarmos.
Enzo.*

Descalça e sem me preocupar em pegar um robe, agarro o caderno e saio do quarto em direção ao escritório. Abro a porta sem bater e vejo Enzo parado de frente para a janela, com um copo de uísque na mão.

— Sabia que viria, *bella*.

— Não me chame assim. — Bato a porta.
— Quem foi? Quem o matou?!

Finalmente, ele me olha e ergue as sobrancelhas antes de me analisar por inteira.

— Deveria ter colocado uma roupa, à noite, os soldados circulam pela casa.

— Foda-se, Salvatore. Ninguém me tocaria, sabendo que sou sua esposa, não é? — Coloco o caderno em sua mesa, com força. — O que é isto? Por que me deu somente agora?

Ele se aproxima e eu recuo.

— Maneire seu tom comigo. — Senta-se em sua poltrona. — Esse era o caderno de seu pai... encontrei ao lado do corpo. — Dá um longo gole no uísque e eu fico imóvel. — Foi por esse caderno que eu soube que ele escondia algo... alguém. Você.

— Quem o matou? — Fungo. — Rodrigo? E meu pai?

— Um grupo inimigo matou seu pai. Cuidamos deles na semana seguinte. — Olha para o copo em sua mão. — Seu irmão foi assassinado por DiGrassi.

Fico quieta, sentindo-me extremamente mal. Aquele maldito matou o meu irmão? Como ele pôde? Me apoio na mesa e fecho os olhos. Escuto quando ele chama meu nome, mas não o respondo e não vejo mais nada.

ENZO

Depois das palavras de Rebeca, decidi levar o maldito caderno até Kiara. As palavras da minha esposa não saíram da minha mente. Eu sei que não há nada de bom em mim, mas ouvir aquilo dela foi dolorido. Algo em mim me fez sentir isso e eu detestei.

Depois de ter ouvido que me odeia, a deixei sozinha no quarto e segui para meu escritório. Me servi de uma dose de uísque e esperei.

Ver Kiara chorar me fez querer ir até ela e fazer alguma coisa para que parasse. Mas antes que eu pudesse dizer algo, ela se apoiou na mesa e

PERIGOSAS ACHERON

fechou os olhos.

— Kiara?

A mulher *non* responde e quando vejo que vai cair, corro para amparar sua queda. *Che cazzo?*

— *Bella?* — A coloco na poltrona.
— *Bella*, desperte... o que tem? Fale comigo.

Pela primeira vez, depois da morte da minha mãe, me preocupei com alguém. Ver Kiara inerte ali fez algo dentro de mim querer desesperadamente que ela acorde e mesmo que me odeie, pelo menos estará bem.

— *Per l'amour de Dio*, acorde! — Levanto sua cabeça quando escuto um som saindo de sua boca. — Que porra você tem?

Ainda com os olhos fechados, ela ergue a mão e toca meu braço. Um ato involuntário.

— Abra os olhos, *cazzo*.

Kiara solta um grunhido e abre os olhos devagar. Volto a encostar sua cabeça na poltrona, ela respira fundo, mas não ousa me olhar.

— Você está bem? — Olho para ela, mas a resposta não vem. — Responda, mulher.

— Estou.

— Vou chamar Filippo. — Pego o celular, que está ao lado do notebook.

— Não. — Segura meu braço. — Não precisa... estou bem. A notícia dos meus pais e de Rodrigo me deixaram atordoada, só isso... vou para o quarto. Preciso pensar, ficar sozinha.

Tenta se levantar e, em um impulso, eu a ajudo. Kiara se livra do meu toque com força e segue na direção da porta, pega o caderno e deixa o escritório sem dizer mais nada.

Ela me odeia e eu prefiro que seja assim, mesmo que isso doa de alguma forma dentro desse meu coração estragado. Pego o meu copo e bebo o resto do conteúdo amargo. Passo a mão nos cabelos e bufo.

Não voltarei ao quarto essa noite, já tive estresse o suficiente. Agora preciso pensar em como farei para acabar com o plano dos russos de roubarem minha mercadoria para revender.

Disgraziatos, me pagarão com sangue por tudo o que planejaram. Minha cabeça já começa a trabalhar em algo, Kiara poderá ser útil. Ela sempre quis agir, então poderá agir, somente desta vez.

Olho para a janela e os raios de sol

PERIGOSAS ACHERON

adentram o escritório da minha casa. Abaixo a tela do notebook e decido que é hora de dormir um pouco. A essa hora, Kiara já deve estar acordando e eu realmente quero silêncio para repousar um pouco e pensar em uma maneira iniciar meus planos.

Saio do escritório a tempo de ver um soldado passando pelo corredor. Aviso a ele que não vou para a empresa e nem ao cassino e ele fica encarregado de avisar a Ettore para que passe na empresa de automotivos.

Sigo para meu quarto e não encontro Kiara na cama quando entro. Impassível, sigo para a cama e resolvo deitar um pouco. Apesar de ser muito bem treinado para qualquer situação adversa, meu corpo pede descanso.

Quando deito, ouço a porta do banheiro ser aberta e sei que ela está ali. Ela parece ponderar antes de me dizer algo.

— Pensei que depois da nossa discussão, você tivesse voltado para o cassino — diz, baixo.

— Você passou mal. — Hesito. — Não poderia deixá-la sozinha.

— Eu estaria com Nicola e com seus soldados, não?

— Não é suficiente.

Olho para a minha esposa e ela fica parada, não demonstra nenhuma reação às minhas palavras.

— Vou descansar agora, deixe-me.

Em silêncio, ela termina de pentear os belos cabelos negros e sai do quarto. Então, somente assim, eu fecho os olhos e me forço a dormir.

Abro os olhos com a sensação familiar de que alguém está prestes a me matar em meu sono. Minha mão vai diretamente para debaixo do travesseiro, em busca da minha pistola, mas não empunho quando vejo Nicola arrumando a mesa do quarto com café da manhã.

— Bom dia, senhor Enzo, perdão. —
Abaixa a cabeça. — *Non* queria acordá-lo.

— *Va bene* — resmungo. —, saia.

A mulher balança a cabeça e sai do quarto. Olho para a mesa e o cheiro da comida me atrai. Sou vencido pelo meu corpo e decido levantar para comer alguma coisa.

Sento-me à mesa e antes que eu possa começar a comer, Kiara entra no quarto. Ergo

minha sobancelha, mas não falo nada. Ela começa a andar em direção ao cômodo em que guardamos nossas roupas e quando passa por mim, seguro seu braço.

— Sente.

— Não encosta em mim. — Puxa o braço com força. — O que você quer?

— Sente, Kiara. — A puxo com força e a faço sentar. — O assunto interessa a você.

A mulher cruza os braços e, pela expressão facial, deixa bem claro que não quer estar ali e me relembra as palavras de ontem.

"Eu odeio você."

— Pensei sobre as informações que DiGrassi me deu — digo devagar. — Vou precisar de você para colocar meus planos em prática.

— Está querendo me comprar agora?

— O quê?

— Eu sempre quis agir e você nunca, sequer, cogitou. Por que agora?

— Porque eu preciso. A *Famiglia* precisa.

— O que eu teria que fazer?

— Buscar informações. — Trago um croissant à boca e ela desce o olhar pelo meu peito nu. — É arriscado, pode negar se...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero — corta, impassível. — De quem devo buscar informações?

— Dos russos, os que trabalhavam com DiGrassi. — Me recosto na cadeira e vejo medo em seu olhar. — Você não deve demonstrar medo e muito menos se preocupar, vai estar sendo monitorada... qualquer ação contra você, eu atacarei.

— Não precisa fingir que se importa. — Dá de ombros. — Eu farei. Vou vingar meu irmão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24



"Eu sou humana
E eu sangro quando caio
Eu sou só humana
E eu me despedaço e eu me quebro
Suas palavras na minha cabeça, facas no meu
coração
Você me constrói e então eu desmorono
Porque eu sou humana"
Human - Christina Perri

KIARA

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando Enzo falou sobre agir, mesmo sentindo ódio dele, aceitei me passar pela esposa traidora e buscar informações com os russos. Aceitei porque minha vida também está em jogo, já que meu sangue pertence à máfia e eles jamais me deixariam simplesmente sair.

Penso nos enjoos e no desmaio que tive ontem e tento convencer a mim mesma de que não estou grávida. Coloco esse assunto em um canto isolado da minha mente e me concentro no que preciso fazer.

Olho para Enzo e o chamativo peito nu me faz desviar o olhar do seu por alguns instantes, mas lembro-me do que ele me fez e a raiva volta a permear em mim. Sinto como se esse sentimento, essa raiva, já estivesse grudada em mim... não consigo mais me livrar dela e sinto medo disso.

— Não estou fingindo que me importo. —
Cerra os punhos com muita força.

— Não acredito em você.

— Primeiro vamos à um evento beneficente, preciso manter minha imagem à sociedade. — Bebe um gole do suco e me olha. —
Amanhã.

PERIGOSAS ACHERON

— Imagem?

— Entenda, *bella*. Tudo está sob o meu comando. — Abre um sorriso cruel e frio. — Sou um homem caridoso, minha empresa de automotivos importados, em conjunto com a SQUAD, fazem doações a este orfanato todos os anos e sou convidado aos eventos que ele proporciona... a diferença é que os Monteiro não se envolvem diretamente comigo e fazem somente as doações. — Seu sorriso some. — Lembre-se de que estamos a favor do povo e não contra o povo.

Fico impressionada com as jogadas de Enzo.

— Então você faz isso para que qualquer pessoa que venha a acusar você pelos seus crimes, seja desmentida pelas pessoas que você ajudou? Busca apoio das pessoas?

— *Esatto*.

— E como devo ir à este evento, chefe? — Ergo uma sobrancelha.

— Pare com isso.

— E como devo chamá-lo? — Cruzo os braços. — Porque você me trata como se eu fosse um dos seus soldados desde que nos casamos.

— Você é a porra da minha esposa, aja

como tal! — se exalta.

— Eu sou gente. — Bato na mesa e fico de pé. Sim, estou me arriscando a levar uma surra, mas não vou aguentar isso. — Não mereço o modo que você me trata, não mereço!

Nesse momento, constato que algo em mim morreu. Minha esperança de fazer Enzo ser, pelo menos, maleável comigo. No fundo eu ainda a mantinha intacta.

Acabou.

— Você é odiável — cuspo as palavras com todo o meu coração. — Por que não me mata logo e acaba com a linhagem dos Moraes na Família?! Menos sofrimento para mim e um estorvo a menos para você.

— *Perché* preciso de você. — Abaixa a cabeça e soca a mesa, também se colocando de pé. — *Perché ti amo*.

As palavras não me afetam em absolutamente nada. Ele queria que eu fosse como ele, não é? Acho que aprendi.

— Boa piada, Salvatore.

— *Lo so* que *non* mereço seu amor, sou um maldito egoísta por prender você... mas simplesmente *non* posso te deixar ir. — Aproxima-

se e eu fico paralisada. — *Ti amo, piccola mia.*

— Não acredito em você. — Me afasto, sentindo meu corpo todo tremer. — Não tenho motivos para acreditar.

— *Lo so.* — Está sério. — Não quero que me ame... não mereço. — Bufo. — Essa coisa de amor ainda vai foder comigo, mas *non* posso controlar. Precisava dizer.

— De todas as coisas horríveis que você me disse, Salvatore... essa eu nunca pude imaginar. Está mesmo jogando muito baixo, mas saiba que eu não vou cair nessa.

Dou as costas e caminho firmemente até a porta do quarto. Não ousa olhar para trás. Saio transtornada e, mesmo não acreditando em suas palavras, aquilo mexeu comigo. Como ele consegue chegar a esse ponto? Como ele consegue fingir dessa maneira?

Desço as escadas com uma sensação estranha dentro do meu peito, algo que chega a doer. É como se eu estivesse sendo dominada aos poucos pela frieza. Ao chegar na cozinha, Nicola segura em meus braços quando eu quase esbarro nela.

— Está bem, senhora? — Toca meu rosto.

— Está pálida, parece que viu um fantasma.

— Estou... só preciso de água.

Imediatamente, ela pega um copo e enche com água antes de trazê-lo para mim. Sento-me no balcão e Nicola solta uma risadinha ao me ver fazer isso.

— Está parecendo grávida.

Pego o copo das suas mãos e bebo um longo gole da água, não respondo suas palavras e olho para ela como se isso fosse absurdo. As palavras de Enzo não saem da minha cabeça e eu penso em como é fácil para ele mentir e fingir. Devo estar ficando boa nisso.

— Tenho um evento para ir com Enzo amanhã. — Circulo o dedo na borda do copo. — Não sei como ele consegue ser tão cínico à ponto de se aproximar daquelas crianças inocentes.

— Senhor Enzo nunca fez mal às crianças... nem à inocentes — repreende.

Encaro seus olhos cheios de devoção por Enzo e sei que não importa o que eu fale, ela sempre irá defendê-lo. O que vê de tão bom naquele monstro?

— De qualquer forma, o destino me reservou isso. Gostando ou não, preciso suportar

isso.

Nicola balança a cabeça, pega o copo vazio das minhas mãos e segue para a pia. Desço do balcão e resolvo ir ajudá-la para me distrair.

Passo a manhã inteira na cozinha com Nicola, a ajudo em tudo e ainda procuro mais coisas para fazer. Manter a distância de Enzo é o melhor a se fazer.

— Senhora?

— Hum? — Ergo o olhar para ela.

— O almoço está pronto. — Abre um leve sorriso. — Senhor Enzo vai comer?

— Não sei. — Dou de ombros.

— Deve ir perguntar, sim?

Lembro-me do que Rebeca me disse sobre nunca transparecer os problemas com ninguém. Então, abro um pequeno sorriso e sigo para o escritório. Maldito, por que foi ficar em casa? Dou dois toques à porta e abro.

Dou de cara com meu marido sentado em frente ao seu notebook, com o cenho franzido. Enzo ergue o olhar para mim e parece se espantar ao me ver.

— O almoço está servido. — Puxo a porta para fechá-la, mas o ouço me chamar. — O que

quer?

— *Vieni qui.* — Acena para que eu vá até ele.

Tomo uma respiração profunda, juntando todas as forças em mim para entrar no escritório. Caminho devagar até ele e o vejo colocar-se de pé. Paro em sua frente, fechando as minhas mãos em punho ao lado do meu corpo.

— Depois do evento do orfanato amanhã, quero que procure exatamente um homem que trabalha para os russos em um bar na cidade. — Me fita com intensidade. — Ele a fará entrar... já estou providenciando escutas.

Balanço a cabeça, mantendo-me o mais distante possível dele.

.. DIA SEGUINTE ..

ENZO

Observo minha bela esposa desfilar no quarto à procura dos seus brincos. *Dio santo*, ela está linda. Suas costas morenas parcialmente nuas

PERIGOSAS NACIONAIS

me provocam de um jeito que não consigo evitar olhar.

Em frente ao espelho, arrumo minha gravata, fingindo não ver a mulher desfilar em seu vestido branco. A encaro e bufo, irritado. Quero saber porquê que ela me escondeu algo tão importante para a *Famiglia*.

Meu filho está em seu ventre e ela não me contou. *Maledetta!* Ela não sabe que eu sei e saberá de uma forma inegável. Ninguém me engana, *cazzo*.

— Me ajude com isso, *bella*. — Finjo estar atrapalhado com a gravata.

Kiara me lança um olhar gélido antes de vir até mim. Viro-me de frente para ela e suas mãos vêm direto para o nó iniciado da gravata. Levo minha mão à sua lombar e me controlo para não questionar sobre a gravidez.

— Está bom assim? — pergunta, indiferente, quando aperta o nó em meu pescoço.

— *Perfetto*.

Ela tenta sair dos meus braços, mas eu a prendo contra mim. Sua boca carnuda e quente fica próxima à minha e eu roço meus lábios nos seus.

— Tentadora.

PERIGOSAS ACHERON

— Me solte.

— *Non* posso beijar minha esposa? Ou tocá-la?

— A quem você pensa que engana, Salvatore? Não vou cair nessa sua história de que me ama — desafia, com os lábios quase colados nos meus. — Agora sou eu quem repito sua frase... eu nunca vou amar você.

— *Non* pedi para que acreditasse ou retribuísse, pedi? — rosno. — Puta merda.

Solto Kiara e me afasto. Mesmo *non* querendo o seu amor, por não merecer, eu gostaria de saber como é ser amado. Sou um homem temido, não amado... nunca fui amado.

Suas palavras não me machucam, pois fui criado para não sentir, não amar... sou uma máquina de matar. Fui programado para assumir os negócios da *Famiglia* e unicamente para isso. Saio do quarto sem dizer mais nada, vou esperá-la na sala.

Quando resolve descer, encaro a mulher firmemente. Meu coração bate de maneira estranha, mas não dou atenção a isso. Estendo meu braço para ela, que aceita de bom grado. Seguimos juntos para a saída da casa, onde um soldado nos espera

para irmos ao evento.

Abro a porta do carro e ela entra. Olho para Enrico e ele vem até mim.

— Já cuidou da segurança?

— Sim, chefe. Tudo pronto.

Aceno com a cabeça e entro no carro. Kiara está calada e não faz a mínima questão de olhar para mim. Aperto o botão ao meu lado e a divisória entre nós e o soldado sobe.

Kiara me olha de soslaio, mas continua quieta. A analiso com um olhar e cerro as mãos em punho. Fecho os olhos e tomo uma respiração profunda, reunindo toda a minha pouca paciência.

— Kiara.

— Estou ouvindo.

Nunca deveria ter confessado meus sentimentos para ela. Agora estou fraco, essa mulher sabe o que se passa em minha cabeça e em meu coração. Lembro-me do seu pedido na banheira, quando pediu para que eu parasse de agredi-la. Penso na criança que está em sua barriga e sei que devo melhorar com ela.

— Pensei sobre seu pedido.

— Que pedido? — Franze o cenho.

— Sobre. — Hesito. — Sobre parar de

PERIGOSAS NACIONAIS

agredir você.

— Ah? — surpreende-se. — E o que decidiu?

— Eu aceito seu termo. — Cerro com ainda mais força meus punhos. — Não vou mais agredir você, desde que colabore.

— Bom, pelo menos isso. — Dá de ombros. — Foi a única coisa que pedi a você.

Desvio o olhar dela, aperto o botão, para que a divisória desça. Observo o caminho pelo qual o soldado nos leva, em silêncio.

Quando meu soldado para o carro, vejo a imprensa se aproximar. O soldado me olha pelo retrovisor e eu aceno levemente com a cabeça. Assim que ele sai do carro, olho para ela e noto que tem o olhar fixo nas próprias mãos.

— *Bella* — chamo. — Temos que ir.

— Marina vai me encontrar com essa imprensa toda aqui.

— Não se preocupe com isso.

— Por quê?

— Eu já cuidei de tudo.

— Não entendo. — Franze o cenho.

— Apenas vamos — rosno.

Abro a porta do carro e desço primeiro.

PERIGOSAS ACHERON

Estendo a mão para ela, que segura firme para sair do carro e se colocar de pé ao meu lado. Coloco a mão em sua lombar e noto uma câmera muito perto.

— Senhor Salvatore, quem é a mulher que o acompanha esta noite?

— Kiara Salvatore, minha esposa. — Olho para ela, que sorri, parecendo desconfortável com a situação. — Estamos construindo uma família.

— Mais uma pergunta, senhor... o que tem a dizer sobre a investigação que foi aberta contra a sua loja?

Meu sorriso frio e cruel surge e o idiota do repórter empalidece. Sei que Kiara se espantou, pois apertou meu braço, mas se mantém impassível.

— *Mio caro*, eu sou um homem de negócios, como qualquer outro. — Ergo uma sobrancelha e o encaro. — Minha empresa de automotivos vai muito bem, não tenho nada a esconder e espero crescer muito no Brasil.

Olho para Kiara e sorrio outra vez, ainda mais frio.

— As crianças estão esperando para o início do evento. Se nos der licença.

Desvio dele com Kiara com o pensamento

na gravidez dela. Eu havia pensado em dizer que Kiara está esperando um filho, mas expor isso acabaria com os meus planos de infiltrá-la. Assim que entramos, aproximo meu rosto do seu ouvido e ela para de andar.

— Eu sei o seu pequeno segredo, *bella*.

A mulher me olha, com o cenho franzido. Essa é mesmo irmã do Rodrigo, tem uma capacidade incrível de ser cínica.

— A gravidez. — Ergo uma sobrancelha, instigando-a a falar.

— Não é segredo. — Abre um sorriso largo quando vê que estamos sendo observados. — Só não está confirmado... como sabe disso?

— Você é monitorada, são ordens minhas... desde que nos casamos, você não solicitou as coisas que vocês usam.

Ela dá um ar de riso e nega com a cabeça.

— Agora vejo a confiança que tem em mim, querido marido.

— Não me venha com drama, Kiara, fui mais esperto que você, assuma. — Forço sua lombar para que retomemos nossa caminhada.

Escuto quando ela solta um suspiro, resignado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está sendo investigado, não é? — murmura. — O que o repórter falou...

— Em casa falaremos sobre isso e sobre o bebê.

Olho para frente e me surpreendo ao ver o detetive que vive na minha cola há anos, mas nunca acha nada. Claro que não acha.

— Detetive. — Paro de andar e ela faz o mesmo. — *Buona Notte*.

— Senhor e senhora Salvatore — cumprimenta. — Queria mesmo falar com vocês.

— Mesmo? — finjo surpresa. — E qual o motivo?

— Lavagem de dinheiro.

— Isso é uma acusação? Porque se for, vai precisar lidar com os meus advogados, senhor detetive. Minha empresa trabalha dentro da lei, cuidado. — Sorrio, sem humor. — *Mi scusi*, tenho um evento para presidir.

Ele cumprimenta Kiara e eu a puxo para que nos afastemos dele. A mulher me olha, assombrada.

— O quão perto de você ele está?

— *Non ti preoccupare, bella mia*. Tudo vai ficar bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25



KIARA

Me surpreendo por ele não ter me mandado ficar de fora dos negócios quando perguntei sobre uma investigação contra ele. Enquanto seguimos até onde várias crianças brincam, penso na possível gravidez. Ele estava mesmo me monitorando? Merda, como não pensei nisso?

— Boa noite, senhor e senhora Salvatore, sejam muito bem-vindos ao evento dedicado especialmente às crianças — uma mulher que não passa dos 45 anos nos cumprimenta. — É um

prazer receber vossas doações.

Enzo apenas acena com a cabeça e eu sorrio. Voltamos a caminhar e, outra vez, ele se aproxima do meu ouvido.

— Vê? Sou um homem de bom coração.

— Não seja ridículo. — As palavras escapam da minha boca tão rápido, que não posso controlar. — Faz isso para encobrir parte dos seus rastros, não?

— *Esatto, bella.* Sua inteligência é magnífica, nem todos veem assim. — Ele sorri, diabólico. — Perceba que, para alguns, quero apenas mostrar minha empresa de automóveis, vindo aqui... para outros, quero apenas beneficiar crianças. Sentidos aguçados são para poucos.

— Sua empresa é a responsável pela lavagem de dinheiro da família? O detetive está certo quanto à isso?

— *Esatto*, a minha e outras, de boa parte dos negócios no Brasil. Rizzi toma conta disso.

— O capo da festa que deu no cassino?

Enzo apenas assente.

— Você não seria capaz de machucar essas crianças, não é? — O encaro, séria. — Pelo amor de Deus, Enzo, me diga que não... não me faça

odiá-lo ainda mais.

— *Per l'amour de Dio*, mulher! — Bufa. — Não machuco inocentes.

— E por que me machucou?

Ele olha ao redor e quando volta a me olhar, suas pupilas dilatam e ele respira fundo antes de estender a mão para mim e me guiar até o meio do salão, sem me responder. Enzo cola meu corpo no seu e me guia em uma dança lenta, ao compasso da música.

Sinto sua presença, seu rosto perto demais do meu ouvido e pescoço. O que merda ele está tentando fazer?

— Estamos sendo observados — sussurra. — Quero que se mantenha exatamente como está... relaxada.

— Como sabe? — pergunto, apavorada.

— Eu apenas sei. — Acaricia minhas costas, seminuas. — Relaxe, esposa... ou vão perceber que os notei.

Me aperto mais contra ele e, por incrível que pareça, me sinto protegida. Enzo é um monstro comigo, mas sua proximidade e seu abraço, por um momento, me faz ter calma.

— Tudo bem. O que vamos fazer? —

Encosto a cabeça em seu ombro, fingindo calma.

— Vamos continuar aqui. — Me faz olhá-lo. — Não podemos sair da festa beneficente que eu proporcionei antes do discurso, não é? Não se preocupe, meus soldados estão à postos lá fora... não coma e não beba nada a partir de agora.

Assinto lentamente, sentindo meu corpo inteiro tremer. Continuamos dançando lentamente. Sei que, com essa dança, ele quer observar melhor o lugar.

— Relaxe, *piccola mia*^[36]. — Beija de leve meu pescoço e eu sinto a minha pele incendiar. Ele sabe bem como provocar. — Dance comigo. Eu a protegerei.

Seu pedido rouco e baixo, mesmo em uma situação como essa, não esconde seu tesão. Salvatore me deseja e eu o desejo, apesar de odiá-lo por me tratar como se fosse um de seus soldados, que ele pode corrigir e aplicar castigos.

— No que está pensando? — pergunto baixinho.

— Em quem vou matar primeiro quando puser as mãos.

— Não estou falando disso — finjo hesitar, abrandando o tom de voz. — Estou falando de

mim, o que está pensando?

Mais uma vez, suas pupilas se dilatam e ele aproxima seu rosto do meu. A proximidade quase me fez fechar os olhos, quase.

— Penso em como poderia estar dentro de você agora. — Volta a colar o rosto no meu para que retomemos a dança. — Penso em como está bela e em como estou irritado por terem tantas pessoas com os olhos em você.

Depois de ouvir suas palavras e notando que ele não ficou confortável por me dizer isso, volto a deitar a cabeça em seu ombro. Esse homem tem que se sentir confortável comigo, precisa ceder.

— E você? No que está pensando... digo, sobre mim?

Ele parece ter dificuldades em falar sobre isso. Mesmo não podendo ver seu rosto, eu posso notar. O que ele esconde nas profundezas desse coração de pedra?

— Estou pensando que você não precisa ser sempre um monstro comigo — digo, sem olhar em seus olhos. — Que você não precisa segurar tudo sozinho, que se você não tivesse sido tão cruel comigo, eu poderia até amar você... um dia.

Enzo não diz mais nada, apenas tenciona os

PERIGOSAS NACIONAIS

músculos e continua dançando comigo. Noto quando ele olha ao redor e me puxa um pouco mais contra ele. O calor do seu corpo aquece o meu e eu me sinto momentaneamente protegida.

— Eles ainda estão aí?

— Sim — é seco.

Ergo um pouco a cabeça para olhá-lo e ele me encara, sério. Noto sua respiração descompassada e, logo, ele desvia o olhar.

— Vamos, vou discursar e nós vamos embora.

— Mas você não...

— Nós vamos — anuncia, firme. — Não vou arriscar você e o meu filho. Eles estão estranhos.

Fico quieta, depois de ouvir suas palavras, mesmo não acreditando e não querendo o seu amor. Preciso saber se isso é verdade ou apenas um truque para que eu me apaixone e faça as suas vontades. Isso não vai acontecer, Enzo Salvatore.

ENZO

Pego o microfone e aceno para a
PERIGOSAS ACHERON

organizadora da festa. A música para e todos silenciam, seguro a cintura de Kiara, querendo mantê-la segura.

— Boa noite, senhoras e senhores — começo. — É uma honra estar aqui na presença de todos como patrocinador desta festa para essas crianças.

Faço uma breve pausa e todos aplaudem, inclusive Kiara. Olho para os homens que suspeito estarem nos observando e finjo não tê-los notado.

— Todos os anos eu venho até aqui e me impressiono ainda mais com o trabalho feito com eles e vejo que minhas doações não são em vão. — Aponto para a diretora do orfanato e ela sorri. — Conheçam as crianças e apoiem a causa deste orfanato, as crianças e a diretora merecem a nossa ajuda.

Todos aplaudem mais uma vez e eu olho para Kiara, que sorri para mim. Ela está ficando muito boa em fingir. Saio com a mulher de perto do microfone e cumprimento a diretora do orfanato. Olho para Dante, que está sentado como um convidado, acenando com a cabeça para ele, que retribui.

— Precisaremos ir agora — anuncio para a

diretora.

— Tão cedo? — Ela sorri. — Fiquem mais um pouco, sim? As crianças adoram você, senhor Salvatore.

— Não podemos. — Olho para Kiara. — Minha esposa está enjoada por causa da gravidez, estamos indo.

— Oh, é mesmo? — Ela sorri, animada. — Deus abençoe sua gravidez, senhora.

— Obrigada. — Kiara sorri, surpresa.

Caminho com Kiara em direção a Dante e sinto seu corpo ficar tenso. Olho para ela e a mulher está impassível, é durona como o irmão era.

— Qual a ordem, chefe?

— Vamos embora — anuncio e olho para Kiara, que tem cara de preocupação. — E você, não se preocupe, nada vai acontecer.

Ela apenas assente, completamente séria e volta o olhar na direção das crianças. Minha esposa me odeia e eu prefiro que seja assim.

De repente, Kiara se solta de mim, saindo em direção às crianças. Matteo se prontifica em segui-la, mas eu o seguro, quero ver o que ela vai fazer. Ela para perto de uma das crianças que está afastada das outras, um menino. Agacha ao lado

dele e abre um sorriso que ilumina o lugar. Vejo quando ela fala com o menino e ele, tímido, responde e lhe lança um sorriso.

Olho ao redor dela, procurando algum perigo iminente e não identifico nada, mas querendo prevenir, caminho apressadamente até lá. Paro ao seu lado e ela ergue o olhar para mim antes de voltar a olhar para o menino.

— Vamos.

— Tenho que ir agora, sim? — Ela afaga os cabelos do menino. — Aproveite a festa.

Antes que ela possa levantar, o menino a segura pelo braço e sorri. FRANZO o cenho e cruzo os braços.

Quando ela se despede dele mais uma vez, finalmente fica de pé e me acompanha. Alcançamos Dante e ele nos segue até o carro, onde Pedro já está à postos, esperando.

— O que significou aquilo? — pergunto quando entramos no carro. — Com o menino.

— Eu sei o que é crescer sem os pais, Enzo. — Fita as mãos no colo. — Vi naquele menino a criança que eu era, só quis falar com ele, dizer que não está sozinho.

— Com licença, chefe. — Pedro nos olha

pelo retrovisor. — As imagens dos elementos foram capturadas e vão ser analisadas, logo descobriremos quem são.

— Ótimo, quero saber se são os mesmos nomes que DiGrassi me disse antes de morrer.

Quando volto a olhar para Kiara e ela está com o olhar fixo na janela, os braços cruzados e em silêncio. Desço o olhar para a sua barriga e sinto algo em meu peito, um calor, algo que não sinto há anos. Essa mulher despertou em mim coisas que nem lembrava que poderia sentir. Cerro os punhos, me controlando para não tocar nela.

Assim que Pedro coloca o carro na garagem da casa, Kiara sai sem esperar por mim para abrir a porta e segue na frente. A sigo para dentro da casa e vamos em silêncio até o quarto.

A mulher evita falar, olhar e até mesmo cruzar comigo. Depois da minha ameaça na festa no cassino, o pouco que falávamos deixou de acontecer. Ela segue para o banheiro e eu aproveito para tirar minhas roupas do evento. Não sei o que fazer, este casamento está se tornando insuportável.

Olho para ela quando sai do banheiro, usando uma camisola fina e exalando um cheiro delicioso. Me aproximo, apenas de calça social e

ela fica quieta.

— Posso... Posso tocar sua barriga?

Kiara hesita por alguns instantes, mas por fim, assente. Olho fixamente antes de levar a mão à sua barriga, ainda inexistente. A olho nos olhos e ela não esboça nenhuma reação.

— Nem tenho certeza se estou mesmo grávida — diz, indiferente. — Pelas minhas contas, esse bebê foi gerado antes do nosso casamento.

— Lo so.

— Hum. — Cruza os braços.

— Carregar um filho meu a perturba tanto assim?

— Não é a criança que me perturba... esse bebê não tem culpa de nada. — Hesita. — Se é que tem bebê... O que me perturba é ter você como uma ameaça iminente, não pense que esqueci o que me fez.

Fico em silêncio.

— Estou cansada disso.

— Senti ciúmes — confesso, derrotado. — Pensei que fosse me entregar... Não quis agredir você, mas não sei controlar meus sentimentos. Estava confuso.

É a vez dela de ficar quieta, me encarando

como se eu fosse um ser de outro mundo. Me sinto patético externando isso para ela.

— Ciúmes? De DiGrassi? Me poupe, Salvatore, eu vou dormir agora.

— Eu tinha que ser duro, você não entende? Eu sou o chefe da Famiglia, não posso mostrar minhas fraquezas e estou mostrando a você. — Cerro os punhos. — E além do mais, o que posso fazer, *cazzo*? Você saiu de perto de mim e foi atrás dele, o que eu pensaria?

— Que eu tinha algo melhor em mente, que eu sou a sua mulher e deve confiar em mim. — Ergue as sobrancelhas. — Já provei ser de confiança, não?

Não respondo, porque sei que ela já provou.

— Você não precisa ser desse jeito comigo, mantenha sua postura de chefe fora daqui, mas seja razoável comigo.

— Vou para o escritório, preciso verificar as escutas e os gps que serão instalados em suas roupas — mudo o assunto.

— Terei que ir amanhã? — Senta na cama.

— Não, quero treiná-la antes, aprimorar técnicas com armas e ensinar sobre facas. — Abro a porta e volto a olhar para minha esposa em nossa

cama. — Não me traia, Kiara, não importa sobre o que seja. Não me traia. Posso amar você, mas não perdoo uma traição, a Famiglia não perdoa.

A verdade é que, mesmo não merecendo seu amor, eu a quero perto. Se Kiara me trair e me entregar para os russos, uma guerra estaria armada e eu desceria o inferno na terra para matá-la com as minhas próprias mãos.

Os negócios vêm antes de tudo.

Capítulo 26



“Você me controla, me confunde
Me faz avançar todos os sinais
Fique em silêncio, fale comigo agora
Deixe-me entrar em sua mente
[...]

É perigoso, tão perigoso
Quero fazer isso de novo”
Dangerous - David Guetta

KIARA

Fico olhando para a porta quando ele sai, nervosa por ter que lidar com os russos, fingindo ser a esposa traidora da família. Amanhã ele quer me ensinar algumas coisas, mas isso ainda não me deixa confortável.

Fecho os olhos, junto as minhas mãos sobre o meu colo e antes que eu possa me concentrar em meus pensamentos, Enzo volta com tudo para o quarto. Me sobressalto e o encaro parado na porta. Será que vai me matar agora? O que será que aconteceu?

Seu olhar é selvagem, duro. Usando somente a calça social, que o deixa despojado, o homem respira forte. Sinto meu corpo traidor o desejando.

— Salvatore? Está tudo bem? — Fico de pé ao ver que ele não reage. — Estão aqui de novo? Voltaram?

De repente, ele fecha a porta e vem até mim, como um tigre. Calmo, mas demonstrando no olhar uma fúria incontrollável. Quando está cara a cara comigo, ele analisa meu rosto com um olhar e lambe os lábios carnudos e macios que já provei.

— Eu tentei a noite toda, Kiara, tentei disfarçar o que você está fazendo comigo, com a

minha cabeça, mas eu sinto isso queimando aqui — bate no peito com força. — Eu não queria tê-la ameaçado na festa, mas foi preciso, eu não poderia ser maleável com você. A Famiglia inteira estava lá, os meus soldados também, não posso perder a moral diante deles.

— Sim, já me disse isso — digo, indiferente. — É o porque de estar aqui diante de mim, agora?

— Não — confessa. — Estou aqui porque preciso tê-la esta noite, não aguento mais não tocar o que é meu e não ser tocado também.

Enzo chega ainda mais perto e eu posso sentir sua respiração pesada e quente contra meu rosto. Minhas pernas ficam fracas e meu corpo me trai, me deixando desejosa por ele. Não consigo acreditar nas suas palavras, algo em mim grita para não acreditar.

Então, ele me beija forte, no começo nossos lábios estão amassados um contra o outro, mas depois toma um rumo delicioso. Enzo pressiona sua língua nos meus lábios e eu o deixo entrar, tomando posse de mim.

Suas mãos estão em minha cintura, me segurando firme contra ele. Agarro os cabelos de

PERIGOSAS NACIONAIS

sua nuca e me mantenho na ponta dos pés para continuar o beijo. Um som animalesco sai de sua garganta e eu sei que está cheio de tesão.

Paro o beijo, já sem fôlego, e o olho nos olhos. Suas íris azuis estão ainda mais bonitas que o normal e seu olhar é urgente, feroz.

— Faça-me sentir vivo de novo, Kiara. Eu preciso disso, preciso de você.

Fico parada por alguns instantes, sem qualquer reação. Por fim, toco seu rosto e ele retesa a mandíbula, parece não gostar do ato, então eu retiro a mão imediatamente.

— Não — sussurra, me olhando. — Não precisa tirar sua mão, bella. Eu sou uma merda com isso.

Sorrio para ele pela primeira vez, sem que seja forçado diante das pessoas ou em eventos. O modo como confessou, isso me fez sorrir. Volto a tocar seu rosto e ele não desvia o olhar de mim, parece admirado.

Enzo força meu corpo para baixo e eu sento na cama, me apoiando nos cotovelos para esperá-lo. O homem me observa e vem para cima de mim, beijando meu pescoço. Um arrepio intenso percorre a minha espinha e eu solto um breve gemido.

PERIGOSAS ACHERON

Fecho os olhos quando ele desce as alças da minha camisola e beija meus seios antes de tomar meu mamilo entre os seus lábios, chupando-o. Minhas mãos vão para as suas costas nuas.

— Diga, bella mia. — Solta meu mamilo e ergue a cabeça para me encarar. — Você me quer?

O encaro, firme.

— Sinto tesão, Enzo — confesso. — Não consigo amar você.

— Non vou mudar, bella. Sou assim, nasci na Famiglia e fui programado minha vida inteira para ser assim. Tenho um dever a cumprir — afirma, completamente sério e parece hesitar. — Mas... posso tentar ser um pouco melhor com você e somente com você.

— Que bom.

— Acha que conseguirá? — Franze o cenho. — Um dia?

— O tempo vai dizer — afirmo, completamente firme. — Agora beije-me, eu o quero dentro de mim.

Uma luxúria que jamais havia visto, habita seu olhar, ele me toma em mais um beijo quente. Sinto-me encharcar com seu toque lento e sorrateiro em minha pele. Sua boca quente me

deixa zonga de desejo.

— *Mia* — sussurra entre os beijos. — *Mia bella donna*.

Enzo arranca de mim, de uma só vez, a camisola e a joga longe, aproveita e livra-se de sua calça. Admiro o corpo nu e cheio de cicatrizes dele e comprimo as coxas, lembrando-me do tanto de prazer que ele pode dar.

— Deite-se — ordena, com a voz rouca de tesão. — E abra as pernas para mim, vou provar de sua boceta.

Devagar, faço o que ele disse e o espero. Salvatore deita de bruços, com o rosto entre as minhas pernas e prende minhas coxas com seus braços. Olho para ele o vejo umedecer os lábios antes de cair com tudo em meu sexo.

— Malditamente viciante — rosna.

Agarro os lençóis e solto um gemido longo, sentindo um calor intenso tomar conta do meu corpo inteiro, me consumindo. Mordo o lábio quando ele lambe meu clitóris com vontade, me fazendo apertar sua cabeça entre as minhas coxas.

— Quieta, bella mia. Abra essas pernas.

Obedeço e deixo a cabeça soerguida para observar o homem trabalhar sua língua em mim. O

seu olhar intenso não desvia do meu nem por um segundo, enquanto ele usa seus lábios e sua língua de maneira violenta em meu sexo.

Me atrevo e coloco as mãos em sua cabeça, afundando meus dedos em seus cabelos macios. Suas mãos sobem das minhas coxas para os meus seios e ele brinca com eles, me fazendo rebolar em sua boca deliciosa.

— Você é deliciosa. — Morde minha coxa, sem desviar o olhar do meu. — *Perfetto*.

Meus dedos agarram seus cabelos, forçando-o a voltar a me chupar. O homem tem uma língua poderosa e sabe usá-la muito bem. Enzo volta a me chupar e meu coração acelera, meu corpo inteiro entra em combustão e minha mente não formula nada direito.

Contraio meu corpo quando ele me deixa à beira e para abruptamente, com um olhar maldoso.

— Vamos aproveitar, Kiara. Non queria gozar agora, certo?

Querer, eu queria.

Meu sexo chega a pulsar, querendo mais, mas quero saber o que ele tem em mente. Mordo o lábio e trago as mãos aos meus cabelos, quando ele fica de joelhos entre as minhas pernas, lambendo os

lábios.

Desço o olhar pelo seu peito nu e os pelos muito bem aparados dali me deixam louca para passar as mãos. Deixo meu olhar cair um pouco mais e vejo os músculos de sua barriga durinhos e bem marcados. Imponente, quente e delicioso.

Seu pau erguido em uma potente ereção, se mostra ao mundo como uma obra de arte. Ele agarra a base do pau e roça a glândula em meu sexo, provocando à mim e à ele mesmo. A pressão se intensifica e ele roça de maneira mais firme. Enzo geme, rouco, e morde o lábio.

Ele encaixa a cabeça do seu pau em minha entrada encharcada e a mexe ali. O homem me provoca, movendo de maneira intensa. Gemo e rebolo, querendo-o todo dentro de mim.

De repente, ele entra inteiro em mim, de uma só vez. Gemo alto e cravo as unhas nos lençóis; chamo seu nome baixinho, querendo tudo dele, tudo o que pode me causar, todas as sensações.

O homem curva-se sobre mim e apoia os antebraços ao lado do meu corpo, para me encarar mais de perto. Levo as mãos às suas costas e o puxo ainda mais para mim, olhando-o nos olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Salvatore estoca forte, me fazendo gemer, e se mantém dentro.

— Não pare — peço baixinho, contra os lábios dele.

— Quer mais, bella? Gosta como fodo você?

— Sim — sussurro, provocando-o. — Eu quero mais... muito mais.

Então, ele começa a investir contra meu sexo ainda mais forte e duro do que antes. A sensação de tê-lo todo dentro de mim com força, duro e intenso, é deliciosa. Uma das suas mãos alcança meu pescoço e ele o aperta sem que me machuque.

Seu olhar sonolento de tesão me faz abraçar seu quadril com as pernas e descer as mãos pelas suas costas duras, forçando-o a continuar. Ele está realmente me fodendo, a força que usa e a precisão das estocadas me deixam enlouquecida de prazer. O homem geme ao meu ouvido, passa a língua lentamente no meu pescoço, subindo até a orelha.

Gemo em seu ouvido e mordisco seu pescoço, tendo a visão das suas costas suadas ondulando de forma precisa. O peso do seu corpo sobre o meu é quente, intenso, delicioso... é algo

PERIGOSAS ACHERON

quase de outro mundo.

— Awn... — gemo. — Isso está tão gostoso.

Ouçó uma risada rouca e cheia de tesão sair dos lábios dele.

— Diga, bella, quem está fodendo gostoso? — rosna.

— Oh — gemo outra vez, sentindo seu pau me preencher inteira, com força. — Você, Salvatore.

— Agora, esposa. — Para de se mover e me encara de maneira firme. — Quero que cavalgue em mim.

Com o corpo completamente suado, Enzo ergue-se e sai de dentro de mim. O homem deita ao meu lado e me puxa com apenas um braço para cima dele. Monto no seu corpo duro e o olho nos olhos antes de colocá-lo dentro de mim outra vez.

Lembro-me do que Rebeca me disse sobre fazer Enzo ver a mulher que sou, fazê-lo me querer e somente a mim. Bom, de acordo com ele, está apaixonado por mim. Apesar de não acreditar, quero que ele me veja como única, que não queira mais ninguém além de mim e assim farei.

Seguro seu membro e o coloco para dentro

de volta, bem devagar, torturando-o. Ele espera que eu inicie os movimentos com meu quadril e me observa rebolar nele, hipnotizado. Suas mãos estão nas minhas coxas, paradas.

— Me toque, Enzo — peço e puxo suas mãos para os meus seios. — Me mostre o quanto me quer.

O homem apalpa meus seios e a sensação das suas mãos grandes e quentes contra a minha pele é insana. Então, eu começo a rebolar de maneira firme, passando minhas mãos por sobre as suas, instigando-o ainda mais.

Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás quando seu pau alcança um ponto sensível dentro de mim. Sinto as mãos grandes dele descerem por minha silhueta e agarrar minha cintura, me forçando a me mexer mais rápido.

Apoio as mãos no peito suado dele e o olho nos olhos. Enzo geme e comprime os lábios um contra o outro, me dando sinais claros de que está prestes a gozar. Eu também não estou longe disso, mas uso todo o meu controle para resistir mais um pouco. Isso está muito gostoso.

Salvatore volta a gemer e eu ondulo o meu corpo, usando as minhas táticas de dançarina.

PERIGOSAS NACIONAIS

Somente pelo olhar, sei que ele está gostando, Enzo está completamente hipnotizado. Então, eu explodo em um orgasmo libertador, estremecendo sobre ele e sendo assistida por seus olhos azuis em uma fúria intensa.

— Não pare — ordena.

Volto a me mover, sentindo meu sexo sensível por causa do recente orgasmo e gemo. Enzo senta comigo em seu colo e rosna, enlouquecido de prazer. Cravo as unhas em seus ombros e ele urra, me segurando firme pela cintura para que não me mova. Está gozando.

— Cazzo — xinga e me faz olhar em seus olhos.

— O quê? — Lambo os lábios e sinto o suor escorrer pelo meu corpo. — O que está xingando?

— Nada. — Nega com a cabeça. — Esqueça.

Enzo desce seu olhar pelo meu pescoço e toca o local, depois desce sua mão pelo colo dos meus seios e me arrepia com seu toque. As pequenas gotinhas de suor, ele enxuga todas.

— Quais as chances de eu não conseguir? — pergunto, séria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nenhuma — diz, tomando o tom sério e duro de sempre. — Você vai entrar.

Saio do seu colo e deito na cama, ao seu lado, ainda nua. Enzo continua sentado e não me olha.

— O que vai acontecer, Salvatore? — Não consigo esconder o tom de medo na voz.

Imediatamente, ele me olha e fica ainda mais rígido.

— Com você, nada — afirma. — Eu jamais deixaria que qualquer coisa acontecesse com você ou com meu herdeiro.

— Mas e se eu...?

— Com você, nada. Confie. — Deita ao meu lado e me olha fixamente. — Descanse um pouco.

Antes que ele faça menção de sair da cama, eu o seguro em um impulso. Estou apavorada com a ideia de me infiltrar, mas quero fazer isso. O homem olha para mim, confuso e isso me faz desviar o olhar do dele. Puxo o lençol para cobrir meu corpo e ele faz o mesmo para ficar me olhando. Acho que deve ter entendido que estou com medo.

— Durma, bella, deixe as preocupações

PERIGOSAS ACHERON

maiores comigo.

ENZO

Ver Kiara com medo me fez ceder ao seu pedido subentendido dela. Não posso dizer que mandá-la até os russos não me preocupa, mas eu jamais deixaria que algo acontecesse a ela. Jamais.

Estamos quietos, apenas nos olhando intensamente. Tenho receio de falar e estragar o nosso breve momento de paz, gosto disso.

— Como conseguiu as cicatrizes? — pergunta baixinho.

— Com a vida, Kiara. — Endureço; odeio falar sobre isso. — Descanse, isso não é importante.

A observo se aquietar de vez e adormecer. Afasto os cabelos do seu rosto, analiso seu corpo coberto apenas pelo fino lençol e fixo o olhar em sua barriga. Um herdeiro da Famiglia, toda uma vida para aprender sobre os negócios e sobre como tratar traidores, como ser implacável.

Penso se for um menino e em quando tiver que fazer o treinamento dele. Então, lembro-me do PERIGOSAS ACHERON

meu, das torturas que sofri e que fui obrigado a fazer. Eu odiei ainda mais o meu progenitor. Ele me dava surras de me deixar caído, me torturava para que criasse resistência... tenho cicatrizes no corpo por isso. Me afastou da mia mama e a matou.

Por fim, depois de muito pensar, deito ao lado dela e fico quieto. Está decidido. Se ela quer que eu melhore, serei melhor somente com ela, porque foi a única que foi leal a mim e à Família, mesmo me odiando.

Acordo em um pulo e olho ao redor, como sempre. Depois olho para onde Kiara dorme e não a vejo na cama. Sento-me imediatamente e saio da cama. Onde merda ela está?

Vou até o banheiro e nem preciso empurrar a porta para vê-la parada, com o olhar fixo no chão. Entro sem qualquer cerimônia e paro em sua frente. Kiara ergue o olhar para mim e fica quieta, me encarando.

— Se sente mal? — pergunto, depois do longo silêncio.

— Nada físico. — Solta o ar pela boca.

Ela volta a ficar quieta e eu não reajo. Cerro meus punhos e entro em uma luta comigo mesmo. Porra. Estendo os braços, mas recuo rapidamente; depois de hesitar puxo Kiara para mim e envolvo seu corpo quente e pequeno no meu. Mia mama sempre fazia isso comigo quando eu apanhava, isso me acalmava... talvez funcione com ela também.

Nunca fiz isso com ninguém e, no começo, penso se ela não vai retribuir. Devagar, ela se aconchega em meu peito e me abraça, respirando fundo. Passo a mão nos seus cabelos macios e fico em silêncio, apreciando a sensação estranha que me toma.

— *Non ti preoccupare, bella* — digo com o tom de voz baixo. — Deixe tudo comigo. Hoje você vai aprimorar sua mira com a minha ajuda. Vou ensinar algumas coisas básicas de defesa pessoal também.

— E se eu colocar tudo a perder? E se der errado?

— Então eu estarei lá com os soldados para salvá-la e dar início a uma guerra. — Faço com que olhe para mim. — Esse território é meu e eu não vou desistir dele... independente se você conseguir ou não. Venha, precisamos ir ao cassino.

Então eu a solto e saio do banheiro primeiro. Apuro os meus ouvidos e sei que está me seguindo. Observo enquanto ela pega seu robe e o veste, antes de calçar algo.

Descemos juntos para a sala de jantar e o nosso café da manhã é silencioso. Penso em alguma maneira de mantê-la focada, ou precisarei mandar que outra pessoa faça o serviço.

— Deseja mais um pouco de café, senhora?
— Nicola pergunta com um sorriso amistoso no rosto.

Kiara ergue o olhar para a mulher e sorri antes de assentir levemente. Nicola serve o café para ela e eu aceno para que saia.

— Está segura de que pode fazer isso?

— Sim — afirma. — Vou confiar em você.

— Perfetto. — A encaro firme antes de me colocar de pé. — Vou me aprontar para irmos.

Dou as costas e saio da sala de jantar, deixando-a. Sigo para meu quarto, pensando em quais técnicas sobre facas ensiná-la. Ela é baixa, deve atacar por onde lhe favorece.

Não posso deixar de pensar que a mulher já é impossível sem saber muita coisa sobre armas, agora ninguém será capaz de segurá-la. Ninguém,

PERIGOSAS NACIONAIS

exceto eu.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27



KIARA

Observo suas costas grandes, duras e musculosas, enquanto ele caminha até a escada. Desço um pouco o olhar e paro em sua bunda. O homem é delicioso por inteiro, seu corpo, sua voz, seu toque bruto... uma pena ser esse monstro sem controle.

Lembro-me do abraço que recebi mais cedo e da sensação de proteção que senti. Ainda me pergunto o que significou aquilo. O que ele realmente quer? Mostrar que me ama? Ou me

convencer a me infiltrar?

É tudo muito confuso.

Finalizo meu café e deixo a sala de jantar para seguir em direção à escada. Subo em silêncio e vou para o nosso quarto no final do corredor. Ao entrar, vejo o quarto quieto e o som do chuveiro chega aos meus ouvidos.

Respiro fundo e vou para o closet buscar alguma roupa para ir ao cassino. Tento memorizar algo bom e lembro-me de Marina, minha amiga querida. Sinto tanto a falta dela. Penso também em Rebeca, ela foi muito boa comigo desde que cheguei aqui, devo a ela por ainda estar viva. Se não fosse por ela, Enzo teria me matado de tanto apanhar.

Escolho uma calça jeans e uma blusa, depois saio do closet, afim de esperar Enzo sair do banheiro. Coloco as roupas na cama e vou para a sacada do quarto. Fecho os olhos quando o sol toca minha pele e puxo o ar com força. A breve sensação de liberdade me deixa um pouco aliviada, faz o coração bater mais forte. Me faz sentir viva depois de um tempo.

Então eu percebo que vou fazer o que é preciso, somente assim vingarei meu irmão e terei

um pouco de paz que seja. Querendo ou não, ajudando a tirar os concorrentes de Enzo daqui, estarei ajudando a Família.

— Kiara. — A voz forte me chama à realidade.

Viro-me para encarar o homem e o encontro usando somente uma toalha, que marca seu membro.

— Vá se aprontar, temos que ir.

Apenas assinto e passo por ele para ir até a cama para pegar minhas roupas. O cheiro delicioso que emana do homem me faz fechar os olhos e me deliciar em segredo. Ele não vai saber que me atinge, ele precisa saber que o mundo não vai estar aos seus pés.

Entro com ele na mesma sala em que Andreoli me ensinou a atirar e sinto uma tristeza profunda me tomar. Ele foi o único homem que me tratou bem antes de eu ser esposa do chefe.

— Esposa — chama. — *Vieni*^[37].

Olho para a sua mão e vejo uma pistola nela, a mesma que ele carrega sempre no cós da sua

calça. Me aproximo e ele se coloca atrás de mim, me entregando a arma.

— Atire.

Faço cada passo que Andreoli me ensinou e respiro fundo antes de atirar e acertar o alvo no final da sala. Enzo segura os meus braços, se mantendo atrás de mim.

— Firme, *così* — diz ao meu ouvido. — Só dispare quando estiver segura, sem pressa.

Lambo os lábios, que ficaram ressecados de repente, voltando a respirar fundo. Afundo o dedo no gatilho e o estampido é ouvido. O cheiro de pólvora no ar me faz abaixar a arma e olhar o buraco no meio do alvo.

— Você é boa — elogia. — Como seu irmão.

— Estou fazendo isso por ele. Para vingar sua morte.

— Sei disso. — Parece decepcionado. — Tente outra vez, sem minha ajuda agora. Pense em seu irmão e em como ele foi morto, em como o achou jogado.

Então eu tento outra vez, tentando focar o máximo possível no que é preciso fazer. Me vingar dos assassinos do meu irmão, dos que o torturaram

e depois enfiaram uma bala em sua testa. Não posso imaginar o quanto ele sofreu, sabendo que morreria e me deixaria sozinha.

A fúria que está guardada em mim aparece, uma sede de vingança incontrollável, algo que me corrói. Atiro diversas vezes contra o alvo e, sem qualquer permissão, lágrimas escorrem pelo meu rosto. Lágrimas de dor e raiva.

A munição acaba, Enzo faz com que eu abaixe a arma e a retira das minhas mãos. Enxugo o rosto com força, enquanto ele me encara.

— Precisa aprender a segurar isso, Kiara. Vai ficar cara a cara com os homens que mataram seu irmão. — Enxuga uma lágrima que ainda escorre em meu rosto. — Chorar é demonstrar sua fraqueza.

— Ele era o meu irmão — rosno, cheia de raiva. — Eles o tiraram de mim.

— Então chore agora. — Se torna incisivo. — Esse é o momento para chorar por ele, aqui comigo! Chore, Kiara, mas sua dor tem que ficar guardada aqui nesta sala.

Fixo meu olhar no dele, sentindo uma angústia sem tamanho em meu peito, mas me recuso a chorar outra vez, como ele diz. Se quero

ser forte, devo começar de agora.

— Estou bem.

— Ótimo. — Ele entorta os lábios em um sorriso que não decifro. — Facas agora.

Fico observando enquanto ele me dá as costas e vai buscar uma das facas que estão próximas às armas. Enzo escolhe uma delas e vem até mim, andando calmamente.

— Você é mais baixa. — Me entrega a faca. — Deve usar isso à seu favor se for atacada, entende?

— Entendi — aceno com a cabeça. — Me diga como.

— Pegue-o de surpresa. — Coloca a mão no meio do próprio peito. — Aqui. Mas tome cuidado, se cravar a faca no lugar errado, você perde a faca.

Ele pega minha mão e leva até seu peito, me fazendo sentir exatamente o lugar onde colocar a faca. FRANZO O CENHO, atenta.

— Agora teste.

O quê?

— O quê?

— Teste o golpe. — Me olha, firme.

Isso é mesmo um teste dele? Maldito Salvatore, deveria matá-lo mesmo. Respiro fundo,

sem desviar o olhar do seu. Seguro firme a faca e a direciono para ele com precisão, empunhando-a.

— Assim? — Paro bem perto do lugar que ele me indicou.

— Esatto.

— Pescoço também — continua. — Você precisa ser rápida e ter ousadia, porque vai enfrentar homens que sabem se defender.

— Tudo bem — aceno com a cabeça. — Tem mais algum lugar? Alguma dica?

— O fêmur. — Fica completamente sério. — Lembra-se de quando enfiei a faca em sua perna?

Recordando do dia em que nos conhecemos, fico séria. Ele poderia ter me matado ali.

— Claro que lembro.

— No seu caso, eu tive o cuidado para não atingir a artéria femural — explica. — Foi arriscado, eu estava cego de raiva, mas o fiz. Cravar a faca na coxa e puxá-la faz seu oponente cair e, com sorte, fazê-lo esguichar sangue até morrer.

— Não sei se terei coragem de fazer algo assim.

— *Guardami, bella.* — Segura meu queixo,

PERIGOSAS NACIONAIS

me fazendo encarar suas íris azuis. — Se você se ver em uma situação em que precisa sobreviver, você fará. Acredite em mim. Principalmente carregando uma criança aqui.

Toca minha barriga, sem desviar os olhos dos meus.

— Eu já matei um homem, mas foi diferente. Você sabe.

— Você fará. — Ele pega a faca das minhas mãos e coloca a lâmina em meu pescoço. — A vida nos obriga a fazer coisas, Kiara.

Seu tom é brando e ele me faz andar de costas, até me prender em uma parede fria. O encaro de maneira firme, ele não vai me machucar.

— Você precisa entender que a Famiglia vem antes de tudo.

— Está me ameaçando?

— Estamos conversando. — Desliza a ponta da faca pelo meu busto, com o olhar fixo no caminho que a lâmina faz até o colo dos meus seios. — São coisas diferentes.

— E onde essa conversa vai nos levar?

— Ao meu escritório. — Abre a passagem para mim. — Vamos, quero conversar algo com você.

PERIGOSAS ACHERON

Franzo o cenho, estranhando por Enzo querer conversar comigo fora daqui, mas sigo em sua frente. Ele mantém a faca na mão e me segue. Vamos juntos para seu escritório e, no caminho, sou cumprimentada por todos que passam. De repente, virei conhecida aqui. Ser esposa do chefe traz fardos pesados.

Vejo Catarina ao fim do corredor, antes de entrar junto com Enzo em sua sala. Lembro-me do dia em que ela apareceu na casa e sinto raiva da maldita, eu até tinha esquecido um pouco dela. Sei que o que eles têm é antigo, isso eu não posso mudar, mas Enzo me deve o seu respeito.

Tenho certeza que ele a viu, mas finjo não ter notado. Falar disso só vai inflamar uma briga e eu preciso que ele me ensine a me defender para que eu possa me infiltrar e acabar com os desgraçados que mataram meu irmão.

Escuto quando ele tranca a porta e sento na cadeira em frente à sua mesa, mas ele segue para o sofá no outro canto da sala.

— Bella — chama. — Balla per me.

— O quê?

— Dance para mim.

— Pensei que tivesse vindo para você me

dar mais instruções. — Fico de pé e me aproximo dele.

— E darei — diz com uma calma que desconheço nele. — Instruções de como cavalgar gostoso em mim. Gosto quando dança para mim.

Olho para a porta, hesitando, e tento pensar em alguma coisa sensual para dançar para ele. Lembro que Catarina está lá fora, louca para continuar a fazer a cabeça dele. Enzo lambe os lábios, me analisando inteira, seu olhar é puro desejo.

— Enzo, não seria melhor esperar? Em casa poderemos... — Sou interrompida por um puxão.

Enzo me faz cair em seu colo e segura os cabelos da minha nuca para me beijar com força. A dureza do beijo é maravilhosa, gosto do seu sexo duro e bruto.

— Foda-se, Kiara — rosna. — Eu quero fodê-la aqui e marcar cada pedaço desse seu corpo como meu, exclusivamente meu. *Balla per me.*

Cedendo, saio do seu colo e me coloco de pé em sua frente. Dou as costas e o olho por sobre o ombro, o que o faz abrir um sorriso torto. Me impressiono com a beleza do pequeno gesto e como um ato tão simples muda tudo em sua expressão.

Começo a me mover devagar, somente o quadril, atraindo seu olhar lentamente para ele. Me aproveito disso e rebolo ainda mais, ritmando mesmo sem música. Subo minhas mãos pelas laterais do meu corpo, lentamente, querendo fazê-lo desejar me tocar.

— Così — diz, rouco. — Perfetto. Dançando assim, poderá cavalgar em mim quando quiser.

Suas palavras me fazem ficar de frente para ele outra vez. Subo as mãos para os cabelos e rebolo sem qualquer pudor. Dançar é a coisa que mais gosto de fazer, é prazeroso.

— Venha. — Estende a mão para mim, seus olhos brilham, emanando todo o tesão que sente. — Dance em mim.

Subo em seu colo, montando nele. Olho firmemente nos seus olhos e rebolo bem em sua ereção por sob a calça, devagar. Enzo puxa o ar entre os dentes e traz as mãos fortes até minha cintura. Ele faz com que eu erga os braços e tira minha blusa em um único movimento, expondo o meu tórax.

Apoio as mãos em seus ombros e aproximo meu rosto do seu, deixando meus cabelos caírem

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre ele. Seu olhar ganha o tom de fúria já conhecido por mim. Suas mãos ávidas descem para a minha calça e a desabotoa sem pressa. Continuo rebolando em seu colo, sentindo tesão.

— Enzo — chamo contra o seu rosto. Preciso manter o meu jogo. — Diga que tudo vai dar certo.

Em um ato que não espero, ele traz a mão ao meu rosto de forma bruta, mas o dedo afagando minha bochecha deixa o toque um pouco mais leve. Não sei mais o que pensar; mesmo que, no fundo, eu queira acreditar que ele me quer, ainda não consigo e não vou demonstrar que estou em dúvida quanto a isso. Eu não o amo.

— Sim, bella mia, não se preocupe com nada. Lembra-se do que eu disse? Ninguém encosta em você... e se o fizerem, conhecerão o inferno mais cedo.

— Preciso que seja sincero comigo.

— Estou sendo — diz, incisivo. — Mesmo que não acredite em mim, eu a amo. Tenho minhas convicções e deveres para cumprir na Famiglia, mas a amo, Kiara. Para mim é ruim ter que assumir tal coisa, mas é o que sinto.

PERIGOSAS ACHERON

ENZO

Dizer essas palavras a Kiara é difícil, meu coração é a porra de uma pedra. Como ela conseguiu atravessar as duras paredes dele?

Com ela eu sinto meu coração aquecido, é como se eu me sentisse vivo. A quero sempre comigo, gosto da sensação. Ela e a possibilidade de um herdeiro são as minhas preocupações maiores agora, mas ninguém além dela pode saber disso. Não quero que inimigos se aproveitem.

Prometi melhorar com ela e o farei.

A faço deitar no sofá ao meu lado e retiro o resto de suas roupas sem pressa. A contemplo completamente nua para mim. Por mim, ela não iria mais ao encontro dos russos, mas nada tira da cabeça dessa mulher que deve vingar o irmão e eu não volto atrás com minha palavra.

Livro-me das minhas roupas também e me encaixo entre as suas pernas. Então, pela primeira vez, tomo cuidado com ela, fazemos sexo lento e a sensação é ainda mais prazerosa. Ver Kiara gemendo baixinho, sentindo o seu corpo deslizar contra o meu... preciso fazer isso mais vezes.

PERIGOSAS ACHERON

Lentamente, nos completamos e nossos corpos se unem em apenas um. O olhar para mim, seu toque, tudo nessa mulher me faz ficar rendido a ela. Não sei até onde iria para protegê-la, mas acredito ser capaz de tudo. Estou correndo um risco a mandando até eles, mas ela precisa ter sua vingança.

Quando gozamos juntos, Kiara toma a liberdade de me abraçar e me puxar para si. A puxo para que sente no sofá comigo, um de frente para o outro. Ela diz que não me quer e eu me alivio; pelo menos, se eu morrer, ela não sofrerá.

— Vou anunciar aos soldados que você vai se infiltrar. — A olho nos olhos e afasto uma mecha de cabelo do seu rosto. — Vai haver rejeição.

— Não me importa o que eles vão pensar, Salvatore. — Sua voz está carregada de dor. — Vou vingar meu irmão. Afinal, sou ou não a esposa do chefe?

— Sim, você é. — A puxo para montar em mim. — É a mulher mais poderosa da Famiglia, por isso é tão odiada. Está quebrando regras, bella.

— Sou? — Ela sorri.

— Não sabe o quanto estas puttanas

invejam você. — Toco seus lábios. — E com razão, é a mais bela delas e a mais poderosa também. É a esposa da máfia. — Hesito. — A mais atrevida também.

— Não é do meu feitio ficar calada... você sabe disso.

— Lo so... Pensei que corrigiria você se batesse. — Faço uma pausa antes e confessar: — Me arrependo disso.

— De verdade? — pergunta, incrédula.

Eu sei que Kiara não acredita nas minhas palavras e tem razão para isso.

— Sim.

A ausência da resposta dela me faz pensar que isso pode demorar, mas eu mereço e pagarei pelo que fiz com ela. Estou disposto a isso.

Meu celular toca e eu rosno, irritado. Kiara sai do meu colo e deita outra vez no sofá, me dando passagem para que eu saia do sofá e pegue o celular. Vejo o número de um dos capos na Itália, trago ao ouvido e espero.

— Chefe?

— Estou ouvindo. — Olho para Kiara e ela está quieta, me olhando.

— O carregamento de haxixe chegou nas

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos dos distribuidores na Espanha. Quais são suas ordens?

— Que distribua — decreto. — Avalie territórios e preços.

— Sim, chefe.

Encerro a ligação e volto para perto do sofá. Kiara me olha, em silêncio. Sinto vontade de alisar seus cabelos bonitos, mas não o faço.

— Vista-se, vou mandar você para casa.

— Me trouxe somente para foder comigo aqui? — Sua expressão demonstra que está brava.

— Não ensinei as técnicas para se defender? Aprimoramos sua mira... nada aqui pode ser feito de qualquer jeito; qualquer passo errado pode significar morte. — Bufo. — Nesse caso, a sua morte. Precisa de calma.

— Não me referi a isso. Falei sobre sua amante... ela estava nos observando antes de entrarmos aqui.

— *Non ti preoccupare*. Catarina não vai cruzar seu caminho. — Cruzo os braços. — Sente ciúmes?

— Não mesmo? — Ela sorri. — Você tem certeza que controla a sua puta?

— O que quer dizer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Catarina foi até a nossa casa, Salvatore... no dia seguinte da morte do Andreoli.

— O que ela disse?

— Por que está tão preocupado? É verdade o que ela falou? Ainda estão juntos?

— Maldita mulher, já passou da hora de tomar providências quanto a ela.

— Então é verdade, não é? — Cruza os braços. — Ou está comigo ou com ela, Salvatore. Você tem que escolher agora.

Sento-me ao seu lado.

— Bella mia. — Deslizo as pontas dos dedos em seu busto e seios, apreciando a maneira como arrepiam. — Nunca desonraria a palavra que dei a você naquele altar mantendo um caso com Catarina. Fodi uma prostituta uma vez, mas não voltei a repetir.

Observo enquanto ela senta e recolhe suas roupas do chão. Está brava?

— Voltarei aqui amanhã?

— Está brava pelo que fiz?

— Por que estaria? Nosso casamento é apenas para herdeiros. — Dá de ombros. — Voltarei ou não?

A frieza com que ela está tratando tudo me

PERIGOSAS ACHERON

surpreende. Eu a queria assim e agora consegui.

— Sim. — Observo-a vestir-se. — Quero sua mira perfeita.

— E não tem medo? — Abre um sorriso, enquanto veste a blusa. — De eu usar isso contra você?

— Não mataria seu marido, mataria? — Fico de pé e me aproximo.

— Não faça por merecer.

Sorrio da sua declaração, gostando de vê-la mais dura. Deixo o meu olhar trabalhar no seu corpo bonito e sinto o meu pau pulsar, querendo estar dentro da sua boceta outra vez.

— Por que não me chupa, hum?

— Porque você me mandou ir, Salvatore.

— Uma chupada de despedida, esposa.

A risada sincera que ela solta preenche a sala e eu entendo que ela está achando que é brincadeira. Nego com a cabeça e viro-me para pegar minhas roupas.

— Espere-me acordada, nosso assunto não acabou.

Espero que a mulher saia e peço a Dante para levá-la em casa. Antes que eu possa sair da sala para procurar Catarina, a mulher aparece.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A trouxe aqui para me provocar? Para ela se vangloriar com você?

— *Vieni qui.* — Estendo a mão, completamente calmo.

Ela se aproxima com um sorriso no rosto, é assim que chamo quando quero que faça algo em mim. Quando a mulher para diante de mim, acerto um tapa no seu rosto e ela cambaleia para trás.

— Foda-se para que caralhos eu trouxe a minha esposa, Catarina — brado e ela se encolhe. — Você está sendo transferida para um clube na Espanha. Eu só preciso falar com eles sobre a sua ida.

— Enzo...?

— A partir de agora somente Salvatore para você.

— Você não pode fazer isso comigo. — Chora. — Por que está me tratando dessa maneira?

— Já estou fazendo. Eu disse que ficasse longe da minha esposa, cazzo. — Aponto o dedo para ela. — Lembra-se quando me implorou depois que entregou Benjamim à imprensa? Deveria ter feito logo.

— Você me amava.

— Fazem anos, esqueça *questa merda!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então é assim que vai terminar? —
Enxuga o rosto e fica completamente séria.

— Já está terminado. Agora suma da minha frente antes que eu perca a paciência e coloque você em uma daquelas salas e trate como a traidora que você é!

A mulher me dá as costas e sai, pisando duro. Preciso resolver a ida dela e logo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28



KIARA

Entro no carro e Dante sorri para mim através do espelho retrovisor. Retribuo o sorriso e ele dá partida no carro. Cruzo os braços e fico quieta, pensando no que minha relação com Enzo se tornou.

Ele diz coisas, diz que me quer, diz que me ama... mas o fato de eu precisar fazer algo pela família faz a situação parecer cômoda. Não acredito que Salvatore me ame e não vou me iludir com isso, vou deixar que pense que estou caindo na sua.

Estou fazendo isso pelo meu irmão, apesar de sentir muito tesão quando estou com Salvatore.

Toco minha barriga e respiro fundo, me sentindo confusa. Não sei como será quando tiver uma criança, tenho medo que volte a ser agressivo. Lembro-me que falou sobre matar o próprio pai, a relação entre eles deveria ser terrível.

— Senhora? — Dante chama.

— Sim?

— Já chegamos. — Hesita. — Está tudo bem?

— Oh, sim! — Sorrio. — Obrigada.

Ele acena para mim com a cabeça e eu saio do carro. Sigo para dentro da casa e não procuro por Nicola, subo diretamente para meu quarto, preciso de um bom banho. Retiro as roupas e sigo para o banheiro.

O banho é rápido, mas revigorante, visto-me e contemplo a minha imagem no espelho. Penso no plano arriscado que tenho com Enzo de me infiltrar... sinto medo do que pode acontecer, da reação dos russos.

Respiro fundo e saio em direção à cozinha, quero fazer um lanche e falar com Nicola sobre a possível gravidez. Preciso de um conselho dela.

Desço as escadas cantarolando, tentando tirar os pensamentos ruins da mente. Cruzo a sala de jantar e estranho a cozinha estar em silêncio.

Solto um grito de horror quando, ao entrar de vez na cozinha, vejo Nicola caída e uma poça de sangue ao seu redor. Trago as mãos à boca e corro até ela, pegando a faca que está no chão ao seu lado.

— Nicola — chamo, batendo levemente no seu rosto. — Nicola, fale comigo. O que merda aconteceu aqui? Onde estão os soldados?

Sinto algo me puxar pelos cabelos e eu grito outra vez. Pânico me toma, onde estão os soldados? Enrico? Dante? Deus, estão todos mortos?

— Olhe só quem apareceu. — O homem, ainda agarrando os meus cabelos, me faz olhá-lo. — Solte a faca.

Ele é careca, tem uma cicatriz no rosto e tem um sotaque forte, mas não é italiano. A dor em meu couro cabeludo me faz fechar os olhos. Sinto algo em minha barriga e quando olho, noto o cano da arma pressionado nela.

— Solte a maldita faca. — Destrava a arma.

Seguro firme o objeto na minha mão e, em um golpe rápido, cravo no seu pescoço e a puxo. O

sangue do homem esguicha e ele me solta para levar a mão ao pescoço. Me afasto, perturbada com a cena dele emitindo um som horrível.

Quando ele cai, respiro fundo algumas vezes, sentindo o choque me tomar. Não posso ceder agora, não posso! Fico de pé e pego a pistola do homem, que ainda sangra, se ultimando. Sinto o meu couro cabeludo doer e passo a mão livre para tentar aliviar.

Olho ao redor, sentindo a minha respiração dificultando. Preciso sair daqui e chegar até Enzo. Me aproximo da porta da cozinha e ouço algumas vozes perto demais, então corro na direção oposta, para a porta dos fundos. Um disparo atinge a porta dos fundos, me fazendo parar de correr, tremendo.

— Paradinha aí, *princess*. Não acertei a porta porque errei... você sabe. Solte a pistola.

Fico quieta e empunho a arma.

— Solte.a.pistola. — Mira em Nicola, que geme, acordando, e destrava a arma. — Devagar.

Sem escolha, abaixo devagar e solto a pistola no chão, a chutando para longe. O homem sorri e se aproxima de mim.

— Q-Quem é você? O que quer?

— Eu quero você, *princess*. — Ele cheira os

meus cabelos. — Você vai me contar tudo o que sabe do seu maridinho. Vamos.

O homem me puxa pelo braço, empunhando a arma com a outra mão. Lágrimas silenciosas começam a rolar pelo meu rosto e eu penso em Enzo. Merda, merda. Mil vezes merda.

— Tente alguma coisa e eu mato você.

Sou puxada para fora da casa e arrastada pelo jardim. Vejo homens que nunca havia visto, empunhando armas. O que me arrasta faz um sinal e todos dirigem-se aos carros pretos na rua. Olho para trás e vejo alguns soldados mortos, isso acaba comigo.

— Por favor, deixe-me — imploro, com lágrimas rolando pelo meu rosto.

— Cala essa boca e anda. — Aponta a arma no meu rosto.

Quando sou empurrada para dentro do carro, um homem dentro dele me segura e eu chuto o ar. Ele aperta os meus braços com força e me manda ficar quieta. Quando arrancam com o carro, posso ver Enrico sair dos fundos da casa mancando, arrastando Dante consigo.

Grito o mais alto que posso, querendo que eles me ouçam, mas não funciona. Apenas sinto

uma forte dor em minha nuca e depois, mais nada.

Desperto com um balde d'água fria sendo jogado em mim. Tusso um pouco e quando vou me mexer, sinto minhas mãos e pés amarrados. Estou em um quarto escuro, a única luz que passa é de uma pequena e estreita janela.

Pânico me toma, remexo-me na cama, lutando incansavelmente para me soltar. Lágrimas voltam a escorrer pelo meu rosto. Quanto tempo faz que estou aqui? Será que Enzo já sabe?

Sinto o ar me faltar, medo e angústia pelo que vem pela frente me tomam. Penso em Nicola, na quantia de sangue que vi ao seu redor. Estará tudo bem? Penso também nos soldados que morreram e em Enrico e Dante. Por último, penso em Enzo. Será que virá por mim?

De repente, a porta é aberta outra vez, por outro homem e a claridade do lado de fora me ofusca. Cerro as pálpebras e tento focar na figura.

— Acordou, *princess*. — Aproxima-se da cama. — Te trouxe comida. Depois venho buscar respostas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho as respostas que você quer.

— Pode ter e pode não ter. — Ele ri. — Isso nós vamos ver.

O homem solta as minhas mãos e os meus pés, depois desliza a mão pelos meus seios cobertos pela blusa. Afasto sua mão com força e ele sorri, cruel.

— As difíceis e as que lutam são mais deliciosas. — Lambe os lábios. — Coma, depois voltarei.

Quando o homem bate a porta, imediatamente, levanto-me da cama e começo a procurar alguma saída. Subo na cama e, pelo basculante, vejo um lugar deserto. Apenas árvores... um vasto campo delas.

Deduzo estar em um primeiro andar, por conseguir ver as árvores de cima. Volto para baixo e olho a bandeja perto de mim na cama. Empurro para longe e me encolho, abraçando minhas próprias pernas.

Fecho os olhos e imploro mentalmente para que Enzo consiga me tirar daqui logo.

ENZO

PERIGOSAS ACHERON

Olho para Lucca, Ettore e Matteo, estamos traçando no mapa uma forma de alcançar novos territórios na Europa. Sei que preciso voltar para a Itália, a base do negócio é lá. Vim ao Brasil para ajustar as coisas aqui e acabei conhecendo pessoas. A SQUAD e meu quarteto de amigos, Kiara, que descobri ser da Famiglia...

Meu celular toca e eu bufo. Quando vejo o número de Enrico, acho estranho. Será que Kiara passou mal? Coisas de gravidez?

— Caligiuri?

— *Chefe!* — exclama. — *Invadiram a casa, levaram a senhora... mataram todos.*

— O quê?! — rujo, ficando de pé.

— *Russos, chefe.* — Faz uma pausa. — *Sobraram poucos.*

— A levaram? — pergunto, raivoso. — A levaram?!

— *Sim, chefe.*

— *Figlios di puttana!* — berro. — Arrumarei soldados e vou aí. Inadmissível, cazzo!

Desligo e bato o celular na mesa, sentindo meu corpo inteiro arder de raiva. Penso nela, na minha Kiara na mão dos russos. *Dio santo*, a culpa

PERIGOSAS NACIONAIS

é minha. Eu a mandei para casa.

— Salvatore? O que há?

— Os russos — digo, cego pela raiva. — Pegaram Kiara.

Olho para os três em minha frente e, imediatamente, ficam de pé.

— Quero a equipe de ataque pronta. — Bufo. — *Disgraziatos!*

Matteo sai como foguete pela porta e Lucca é o único que aproxima-se de mim. Olho para ele, bufando.

— Vamos encontrá-la e trazê-la de volta, Salvatore — diz.

— Ela está grávida — rosno. — Kiara está grávida, porra! Iríamos anunciar assim que ela confirmasse! Malditos fodidos! Não viverão, não viverão!

— Puta merda — Ettore solta.

— Saiam — ordeno. — Preciso pensar.

— Enzo, tome cuidado, qualquer passo agora pode ser decisivo para Kiara — Lucca aconselha.

— Eu sei. — Permaneço firme. — Saiam.

Encaro os dois e espero que saiam. Quando Ettore fecha a porta, alcanço o primeiro litro de

PERIGOSAS ACHERON

uísque que vejo e o arremesso contra a parede urrando como um louco. Penso em Kiara, em como ela entrou em minha vida e tomou todo o espaço vazio e escuro.

Passo as mãos nos cabelos, desesperado. Nunca senti nada assim antes, por ninguém. A mulher tomou para ela meu coração podre e eu não sei como amenizar isso... não sei se quero amenizar isso.

Soco a parede com força e sinto um corte ser aberto em minha mão. Olho para o sangue escorrendo e só consigo sentir raiva. Ouço batidas à porta e rosno para que entre.

— Chefinho? — Odilon entra.

— Diga. — Olho para ele, que se espanta com meu tom.

— Aconteceu alguma coisa? Está tento um alvoroço lá embaixo. — Olha para os cacos de vidro no chão, o cheiro adocicado do uísque está no ar. — Sua mão...

— Levaram Kiara. Bem debaixo do meu nariz, porra.

— Oh, Deus! — faz espanto. — Pegaram Kiki?

Olho para ele e faço um sinal para que me

deixe sozinho. Em menos de dois minutos, Lucca entra sem ao menos bater e para perto da porta.

— Diga logo, Pozzani.

— Os soldados que solicitou estão prontos para irem à sua casa. — Pigarreia. — Quer que me junte à você?

— Sim. Deixarei o clube sob os cuidados de Ettore e Matteo. — Passo a mão sem o corte nos cabelos. — Chame-os.

Lucca anui e sai. Pego o celular e ligo para Muccini, o Capo que está no comando dos negócios na Itália enquanto estou aqui.

— *Parlami.*

— Quero que prepare tudo, armamentos e homens. — Tensiono a mandíbula. — Vamos ter uma guerra.

— *Dio mio, Salvatore* — faz espanto. — *Com os russos?*

— *Esatto.* — Bufo. — Convoque todos os capos que estão aí, faça uma reunião... convocarei os que estão comigo aqui. Fui atacado e não vou deixar barato, Muccini.

— *Devo esperar instruções?*

— Sim. O *consigliere* vai passar o que deve fazer. — Olho para a porta sendo aberta por Lucca

e ele entra com Dante e Pedro. — Preciso ir.

— *Dio ti guida* (Deus te guia).

Desligo e olho para os três em minha frente, sentindo raiva queimar dentro de mim. Uma raiva que há muito não sentia, a raiva que senti quando vi *mia mamma* morta.

— Quais as instruções, chefe?

— Lucca irá comigo e os soldados até a casa, vocês estarão aqui e serão meus olhos e ouvidos... a partir de agora, ninguém vai saber dos nossos planejamentos, ninguém além de nós. — Soco a mesa. — Não quero correr riscos.

Ambos acenam com a cabeça e eu faço um sinal para Lucca. Vou encarar o que há naquela casa.

Desço do carro com Lucca e, no jardim, já vejo alguns soldados caídos. Agacho ao lado deles e checo a pulsação no pescoço. Mortos.

Empunho a arma e avanço pelo jardim e subo os degraus do terraço. Vejo sangue no chão e abro a porta da sala com cuidado. Enrico fica de pé e aponta a arma para nós, mas logo a abaixa e olha

para Dante ferido em meu sofá. Soco seu rosto por ter permitido que Kiara fosse levada e o encaro.

— Como demônios isso aconteceu?

— Eles eram muitos, chefe — explica, com a mão no local. — Mandaram alguns primeiro, logo depois da chegada da senhora sua esposa em casa. Depois mandaram um grupo ainda maior.

— Cansaram vocês? — rosno, passando as mãos nos cabelos.

— Sim, chefe. — Toca o corte na bochecha. — Entraram na casa logo depois. Eu levei uma paulada na cabeça e só acordei quando escutei gritos dentro da casa.

Ele para de falar, como se me pedisse autorização para continuar. Meus punhos estão cerrados e a arma chega a machucar minha mão.

— Procurei mais alguém vivo... encontrei Dante ferido e outro soldado, que está com Nicola na cozinha.

Paro ao lado de Dante no sofá e vejo o furo em seu braço sendo pressionado por ele.

— Chamem Filippo — ordeno. — Ele vai sobreviver.

Saio em direção à cozinha e vejo mais sangue no chão. Nicola está sentada e segura gelo

contra a cabeça, o soldado está ao seu lado e está ferido na perna.

Quando me vê, imediatamente, ele fica na postura de soldado e Nicola olha para mim. Ela cai em um choro desesperado e meu soldado abaixa a cabeça.

— Eu tentei, senhor Enzo, tentei não deixar levarem dona Kiara — chora forte. — Eu-Eu furei um deles com uma faca, mas, *Dio santo*, eram tantos...

— *Non ti preoccupare*. — A encaro. — Vou achá-la e matar todos que ousaram fazer *questa* merda.

— Tenha cuidado, senhor Enzo. *Per l'amour de Dio*.

Olho para meu soldado, ao lado de Nicola e ele dá um passo para frente.

— Filippo está chegando, ele vai cuidar dos ferimentos. Depois, volte para o cassino e se recupere.

— Mas chefe, eu...

— Obedeça, cazzo! Quando ficar bom, retornará.

Saio da cozinha em direção às escadas e sigo diretamente para meu quarto. Vejo as roupas

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela usava mais cedo na cama e as pego em um ato de desespero. Sento-me na cama e trago suas roupas ao meu nariz.

— Vou achá-la, *bella mia*. Espere por mim, irei por você. — Aperto a roupa, que exala seu cheiro, entre os meus dedos. — Vou mover céus e terras, não vou descansar. Eles vão pagar por isso. Eu quero sangue.

Fico quieto, pensando. Preciso ser esperto e rápido, ou Kiara não voltará viva para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29



"Ele é um cara mau com um coração podre
E até eu sei que isso não é sensato
Mas [...] eu estou apaixonada por um criminoso
E esse tipo de amor não é racional, é físico"
Criminal - Britney Spears

KIARA

Encolhida na cama, não faço ideia de quanto tempo passou. Só sei que já é noite por causa da luz que entrava pela pequena janela, que

cessou. O escuro domina o quarto e eu sinto medo, estou à ponto de enlouquecer aqui sozinha.

— Merda, está tão frio — murmuro, lembrando-me do balde de água fria que jogaram em mim.

Onde Enzo está? Será que está me procurando? Nunca pensei que fosse sentir tanto a sua falta...

Não posso deixar de pensar em todas as coisas horríveis que ele fez comigo, isso ainda me embrulha o estômago. É dolorido e ruim tudo o que ele me fez. Ele melhorou comigo depois de tudo e ainda não consegui distinguir se é por causa do que tenho para fazer ou não.

Penso no que os russos tanto querem com Enzo. Será que ele fez algo? Ouvi ele dizer sobre uma conquista de território nos negócios, será que mexeu com o território dos russos?

De repente, a porta é aberta de uma vez e um homem me puxa com força da cama, sem dizer nada.

— Onde está me levando? — Minha voz treme.

O lugar é sombrio. Paredes brancas manchadas, aparentando velhas, os móveis antigos

PERIGOSAS NACIONAIS

são a decoração do lugar e ainda assim são poucos. Portas velhas, poeira em todo lugar.

— Está me machucando. — Puxo meu braço e ele me segura ainda mais forte.

— Cale essa boca — rosna, me fazendo parar para encará-lo. — Ou eu vou fazer você calar arrancando a merda da sua língua!

Viro meu rosto, me recusando a chorar na frente dele e sou sacolejada com força para voltar a andar. Paramos em uma sala, onde há somente uma cadeira e cordas. Meu coração acelera, cheio de medo. Oh, merda, vão me torturar. Irei morrer, é aqui o fim da linha.

— Não — grito e me recuso a andar. — Não.

O homem me empurra, mas eu faço força, quase não saindo do lugar. Ele me suspende pelos braços e eu chuto o ar, esperneando o quanto posso.

Quando me coloca sentada na cadeira, segura minhas mãos atrás da cadeira e busca as cordas para amarrar meus pulsos unidos. Está tão forte que mal sinto as minhas mãos. Ele abaixa em minha frente, pegando a corda, distraído. Ergo a perna de uma vez, acertando o joelho em seu nariz, fazendo-o cair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cadela! — xinga, passando a mão no sangue que escorre.

Ele fica de pé e vem até mim, claramente raivoso, acertando um tapa forte em meu rosto. Em instantes, sinto o gosto amargo do sangue na boca.

— Não faça as coisas ficarem difíceis para você. — Agacha outra vez e amarra forte os meus pés. — *Cyka*^[38].

Olho para ele e uma lágrima quente escorre pelo meu rosto, fazendo-o sorrir. Nojento desprezível.

— Enzo virá — choro. — E vocês...

— Acha que ele dá a merda para você? — Cruza os braços, rindo. — Deveria saber que você é somente uma jogada nos negócios. Foi gente de lá que pagou para pegarmos você!

— Você não sabe o que diz — cuspo as palavras com raiva.

— Sim, eu sei, *cyka*. É melhor começar a falar o que sabe, ou sua morte será muito... muito lenta.

O homem simplesmente vira-se e sai, me deixando sozinha. Meu corpo começa a tremer na cadeira e eu penso na possível criança que carrego. Sinto tanto medo, mas preciso ser forte... preciso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditar que Enzo virá por mim. Ele não pode me deixar aqui, não pode ter me vendido.

— Olá, *princess*. — O homem que me sequestrou em casa entra. — Vejo que já está familiarizada com a sala.

Fico calada e não ousa mover um músculo.

— Quer começar me contando sobre os negócios do seu marido? Ou quer falar sobre Federici e DiGrassi?

— Não sei do que você está falando — minto.

— Bancar a Santa não vai ajudar. — Agarra meu queixo com força. — Melhor falar. Nós temos nossa vingança, ganhamos os milhões que Salvatore lucraria no nosso território e ainda protegemos você por ter nos entregado o seu marido. O que acha?

Fecho os olhos, mas antes que eu possa negar, um homem aparece na sala e o que estava me questionando afasta-se de mim. Vejo os dois conversarem em um idioma diferente, deduzo ser russo.

Por fim, ele vem até mim e apoia as mãos nas minhas pernas, para ficar cara a cara comigo. Mantenho-me séria e impassível.

PERIGOSAS ACHERON

— Parece que você estava mesmo certa... seu maridinho já começou a mover os pauzinhos.
— Ele ri. — Dois dos nossos galpões-estoque foram incendiados milagrosamente, matando alguns homens... além da mercadoria perdida.

Tenho vontade de rir, completamente aliviada, mas não o faço. Enzo vai vir e estou louca para vê-lo fodendo a vida desses miseráveis. Me espanto com meu pensamento, mas acabo conformada com ele. Está em meu sangue, afinal.

— Vocês começaram isso — digo, jogando uma verde.

— Nós? — Ele ri. — Seu marido é o chefe dos negócios dele, mas não deveria ter mexido com os nossos negócios. Muito ousado, *princess*, muito ousado.

— Ele não faria isso — me faço.

O homem ri, caindo no meu jogo. Ele precisa acreditar que eu não sei de nada, tenho que me manter viva até a chegada de Salvatore.

— Isso é o que ele diz a você, *cyka*.

ENZO

PERIGOSAS NACIONAIS

Ando de um lado para o outro em minha sala no cassino, impaciente. Olho para a bandagem feita por Rebeca no corte em minha mão e penso no ataque que programei em dois galpões russos.

Ettore está sentado no sofá, atento a qualquer coisa que possa ajudar. Matteo entra em minha sala e eu o encaro, esperando uma resposta.

— Está feito, chefe — diz.

— *Perfetto*. — Pego um cigarro. — Agora vamos esperar.

— Tem certeza de que vai dar certo?

— Ataquei o que mais tinha de valor nos negócios deles, Matteo, sua mercadoria. — Dou um trago profundo. — Eles vão me contactar para negociar Kiara.

Aceno para que sente-se e ele o faz.

— Acalme-se — ordeno, soltando a fumaça devagar. — Não está aqui para ficar de especulação, *maledizione*.

Fico quieto, esperando o contato. Com certeza, eles não vão me contactar por telefone, sabem que tenho equipamentos suficientes para rastreá-los. Tento me manter sério e frio, fingindo pensar apenas no herdeiro que ela carrega, mas também penso nela e farei um inferno na vida

PERIGOSAS ACHERON

daqueles *disgraziatos* se a machucaram.

Não deveria tê-la mantido na casa, deveria tê-la mandado para a Itália antes de mim e depois eu voltaria. Achei que comigo estivesse segura. *Maledizione*.

Dou mais um trago no cigarro e o aproximo do cinzeiro. Estreito o olhar, perdido em pensamentos e bato na ponta do cigarro, observando as cinzas caírem. Sorrio, soltando toda a fumaça.

— O que está pensando, Salvatore? — Ettore pergunta.

Ergo o olhar para ele, decidido.

— A equipe de ataque está pronta?

— Sim. — Fica de pé.

— Quero explosivos, muitos deles. Vamos negociar nossa paz. — Cerro o punho. — "Se um inimigo está à sua altura e pode ser um calo no seu sapato no futuro, negocie uma trégua", era o que o meu pai me dizia, ensinando-me o que eu precisava saber, no treinamento. Vou seguir o que ele me disse. Dê a ordem para prepararem tudo.

— Como quiser, chefe.

O consigliere e o Irmão saem juntos, indo preparar o que ordenei. Recosto-me e penso em

PERIGOSAS NACIONAIS

Kiara. Linguaruda como é, já deve ter desafiado os infelizes e temo que isso possa prejudicá-la.

— Chefe — Lucca diz, ao entrar na sala. — Dois russos vieram, querem falar com você.

— Sabia que viriam pela trégua. Desarme os dois, reviste e os traga para mim.

Com apenas um aceno de cabeça, Lucca deixa a sala. Apago o cigarro amassando-o no cinzeiro e o deixo ali, respiro fundo, reunindo toda a minha frieza e cautela.

Quando Lucca e outro soldado entram com os dois, aceno com a cabeça para que retirem a venda e eles o fazem. Os homens me olham e eu permaneço sentado, sério e com minha expressão dura.

— Sentem — ordeno.

Eles olham para trás, vendo Lucca e o soldado empunhando pistolas, e continuam parados.

— Vamos, estamos entre amigos, não? — digo. — Sentem.

Espero que façam o que mandei e os encaro sem expressão.

— Viemos para falar sobre...

— Eu já sei sobre o que vieram falar —

PERIGOSAS ACHERON

interrompo. — Quero saber onde ela está e somente assim estarei disposto a negociar, a oferecer uma trégua.

Ergo rapidamente meu olhar para Dante e Lucca e me pergunto se Pedro está com Odilon. Volto a olhar para os dois em minha frente e os vejo sussurrando. Reviro os olhos, impaciente. Desde quando os russos começaram a colocar incompetentes para negociar?

— Terei que esperar o dia todo por uma decisão tão simples? — pergunto.

— Quais os termos dessa trégua?

— Discutirei diretamente com seu chefe e com ninguém mais. — Ergo a sobrancelha. — E quando ela for liberta.

— Guiaremos até ele.

Fico de pé e, imediatamente, eles fazem o mesmo. Olho para Lucca e para o outro soldado.

— Levem-nos daqui e digam ao Irmão para que venha.

Omito o nome de Matteo, se for uma emboscada, não terão nomes e muito menos imagens do cassino para lembrar. Pozzani e o soldado vendam os homens novamente, os tirando da minha sala. Abro a gaveta onde estava o caderno

dos pais de Kiara e pego a arma de seu irmão. Talvez ela precise se defender lá.

Abro outra gaveta para pegar dois carregadores extras. Ao lado deles está a caixa de balas, a abro e me empenho em encher os ambos. Depois de cheios, pego minha pistola no coldre, aperto o pequeno botão e o pente cai em minha mão. Analiso o conteúdo para garantir e noto que está cheio. Devolvo o pente, a mantendo travada e voltando a colocá-la no coldre.

Matteo abre a porta e eu continuo empenhado nas armas. Tiro o carregador da arma do Rodrigo, que Enrico encontrou na casa de Kiara, e começo a colocar as balas para dentro.

— Dê a ordem e fique aguardando. — Olho para ele. — Todos estão prontos? Os explosivos?

— Terminando de montar os últimos, chefe.

— Ótimo. Eu vou em um carro com os dois *figlios di puttana* e com Lucca e com você — digo, sério. — Enrico está recuperado da cabeça?

— Sim, disse que vai agir... se sente culpado. — Hesita. — Dante ainda está fraco, mas gostaria de ir.

— Não. — Travo a arma de Rodrigo. — Diga a Enrico que se prepare.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa não é a arma de Rodrigo?

— Sim. Kiara pode precisar dela. —
Estendo a mão para ele. — O botão de
acionamento?

— Aqui. — Estende o aparelho para mim.

— Não vou hesitar se algo estiver errado,
explodirei aquela merda. Assim que estiverem com
Kiara, tirem ela de lá.

— E você, chefe? Por onde sai?

Fico em silêncio e me dirijo à saída da sala.
A cara que Matteo faz para mim é de espanto.

— Não podemos ficar sem o chefe!

— Então reze para que o filho que ela
carrega seja homem. — Paro de andar e o olho,
completamente sério. — Assim Ettore assumirá
provisoriamente. Se algo estiver errado, explodirei
aquela porra.

— Como quiser, chefe.

— Vamos.

No caminho até lá, meu pensamento não sai
de Kiara. Fui muito egoísta com ela nesse tempo
que nos conhecemos, a machuquei de muitas
formas e me arrependo disso. Vou salvá-la hoje,
não importa o que me aconteça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30



"Às vezes me pergunto se
Eu viveria o mesmo sem você
Se eu saberia esquecer você
Mas um momento passa e você é
Você é tudo que eu quis
Irrefutável desde já
Parecia uma outra história que
O tempo leva embora com ele
Nunca me deixe
Não me deixe"

Incancellabile - Laura Pautini

KIARA

Mexo os dedos da mão, mas mal os sinto; os meus pulsos estão muito apertados. O pé da minha barriga dói, estou com uma vontade enorme de fazer xixi. Oh, merda.

Peço mentalmente para que Enzo chegue logo e me tire daqui. Se me ama como diz, ele tem que vir. Vejo o homem se aproximar outra vez e ergo a cabeça para encará-lo.

— Por favor — peço. — Preciso ir ao banheiro...

— Quem no mundo está impedindo você?
— rosna.

Sinto as lágrimas queimarem nos meus olhos, querendo sair. Respiro fundo, engolindo o choro. Se eles não me machucaram ainda, é porque não têm intenção de fazê-lo, mas não significa que não farão se acharem necessário.

Penso em Rodrigo e em como ele falava em códigos... somente hoje entendo tudo o que ele dizia. Sempre corri perigo e depois que ele morreu, tudo virou de pernas para o ar.

— Quanto tempo mais ficarei aqui?

— Seu marido está vindo, vamos negociar.

— Ele ri. — Pelo menos é o que ele pensa.

Não.

Merda, Enzo tem que ter pensado em algo, sei que ele é muito mais inteligente do que qualquer homem aqui. Tem Matteo e Ettore para prepararem algo com ele, não pode ter caído na desses homens.

Eu sei que tenho razões suficientes para querer que ele morra, mas não quero. Preciso que ele me tire daqui, que me mostre mais sobre o mundo que é meu também. Vamos para a Itália ter o bebê lá, preciso saber mais sobre os meus pais, sobre quem os conhecia.

— O que você vai fazer? — choramingo, dando uma de vítima.

— Com você, nada. — Me olha. — Se ficar quieta.

Silencio imediatamente, quando ouço o barulho de motocicletas e carros se aproximando. Meu coração dispara, martelando forte em meu peito. Ele chegou.

O homem se agita quando um dos seus soldados entra e diz algo em russo. Merda. Queria ouvir quais os planos do infeliz contra Enzo, preciso fazer alguma coisa.

Adrenalina é despejada no meu sangue

PERIGOSAS NACIONAIS

quando o homem vem em minha direção e desamarra minhas mãos, depois os meus pés. Vão me negociar? Oh, merda.

— Quieta, *Cyka*, você vai comigo ver seu marido.

— Você é um covarde! Se os negócios entre vocês não vai bem, por que me pegar? — provoco.

— É o meu jeito de negociar.

Ele me sacoleja para que eu ande. O homem segura forte em meu braço e me arrasta pelos corredores empoeirados, me faz descer uma escada com ele e chegamos em um lugar que aparenta ser a sala principal da casa.

— Mande entrar — ordena.

Olho para a mão do homem ao meu lado e já o vejo com a arma. Estremeço com o pensamento do que ele pode querer fazer. Quando a porta é aberta, Enzo surge no meu campo de visão. Nunca pensei que fosse gostar de vê-lo.

Seu olhar encontra o meu, mas ele não demonstra nada. O homem me puxa para ele e coloca a arma em minha cabeça, fazendo ameaças que não me dou o trabalho de prestar atenção. Meu corpo inteiro treme e eu fecho os olhos, voltando a abri-los rapidamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Salvatore se mantém impassível.

— Solte-a — ordena. — Você mandou dois dos seus homens para negociar, mas eu vim pessoalmente para falar com você. Não foi para isso que os mandou?

— Quem me garante que...

— A minha palavra está garantindo, *cazzo*. Solte a mulher.

O homem me empurra e eu tropeço para frente, quase caindo. Recomponho meus passos e corro para Enzo, parando em sua frente, aturdida. Meu coração parece querer sair de mim, estou assustada com tudo isso; sinto medo pelo que pode vir a acontecer depois.

Enzo me olha nos olhos, pressionando algo duro em minha barriga. Assim que estou pronta para olhar para baixo e saber do que se trata, ele segura meu queixo, me forçando a manter o olhar no seu. Toco o objeto e noto que é uma arma.

— Não hesite — diz baixo. — Saia.

— Tramam algo. Cuidado.

Apenas desvio dele sem esperar mais nada e saio da casa. Encontro vários soldados da Família, empunhando armas na direção da casa. Procuro algum rosto conhecido e encontro o de Odilon.

PERIGOSAS ACHERON

Corro até ele, me jogando em seus braços.

— Tudo está bem agora, Kiki — diz, me abraçando e eu sinto algo diferente em sua voz, como se quisesse que aquilo fosse mesmo verdade. — Tudo está bem agora. Vamos, vou tirar você daqui com Matteo.

— O quê? Mas e Enzo? — Olho para a casa. — Ele ainda está lá.

— *Amore mio*. — Afasta os fios bagunçados do meu rosto. — As coisas vão ficar feias aqui se o representante do chefe russo armou alguma coisa. Instalamos explosivos nos arredores da casa, o controle está com Enzo.

— O problema é que ele armou.

— Por isso deve sair daqui e proteger o herdeiro do chefe — afirma, sério. — Ordens dele. Está decidido.

— Eu vou lá — digo, em pânico. — Posso acabar com aquele miserável, posso fazer isso.

— *Shh*.

— Deve entrar no carro agora — Ettore diz, tirando a pistola da minha mão. — Está sob a nossa responsabilidade. São ordens e devem ser cumpridas.

— Vamos, *darling*. Devemos obedecer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está louco — murmuro.

Quando sou forçada a entrar no carro, Odilon entra ao meu lado e Ettore entra na frente com Matteo. Olho para trás, vendo a casa ficar distante, deixando Enzo para trás. Vejo uma movimentação estranha e ouço um tiro; depois disso, os disparos ficam frequentes, me assombrando.

Odilon me puxa para ele e eu sou impedida de ver o que acontece em seguida, apenas ouço a explosão. Cubro o rosto com as mãos e contemplo a sensação de me sentir sozinha no mundo outra vez. Deixo que o choro me invada, os homens no carro não dizem nada e eu não quero que digam.

No caminho, penso no que pode estar acontecendo ali e só me vem a imagem de Enzo morto na mente. Não sei o que estou sentindo de verdade, mas a única coisa que sei distinguir é medo. Medo pelo que ainda pode acontecer, apenas medo.

Quando entro em casa com Odi, Nicola vem até nós. Me alivio completamente ao vê-la viva, ela tem apenas a beira dos olhos roxa e parece abatida. A abraço e choro forte, sem saber ao certo o motivo.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de Nicola garantir que cuidaria de mim, Odilon me deixa com ela e sai. A mulher me ajuda com um banho e me dá uma camisola para vestir. Depois, ao me ver agitada, me traz um chá de camomila e me faz tomar todo.

Ela explica como ficou desacordada e me conta sobre como Enzo se empenhou em me resgatar. Isso eu realmente não esperava. Conto a ela sobre o que aconteceu e externo a minha preocupação.

— Senhor Enzo vai ficar bem, senhora, ele vai criar seu herdeiro, vai ensinar a ser honrado e vai ensinar o negócio da Famiglia.

— Eu nem sei se tem bebê aqui, Nicola... quem dirá se é um menino ou não — digo, amargurada. — Na minha vida, eu sofri muitas perdas... meus pais, meu irmão, minha vida e agora, quando estou me adaptando a tudo isso, me vem outra rasteira. Não aguento mais.

— Fique calma, sim? — Afaga meus cabelos. — Esse chá vai ajudar. Tente dormir um pouco.

Apenas assinto, fazendo-a pensar que vou tentar. Deito-me e ela sai, apagando a luz, me deixando somente com o abajur da mesa de

cabeceira aceso. Fico imóvel, pensando no que a minha vida se tornou, em tudo o que passei. Se fosse para dizer algo àquela mulher de cinco anos atrás, que estava em meio à dor do luto, eu diria para fugir.

Enfrentei e enfrento tudo de cabeça erguida, jamais me permitirei me curvar. Mas só Deus sabe o quanto me dói ter perdido o meu irmão, o quanto me dói estar em meio a essa guerra, em meio a tanta morte. Só queria ter alguém que não me deixasse no caminho, que não me deixasse sozinha nesse mundo.

Meus pais, Rodrigo, Andreoli... e agora Enzo. Ele não é a melhor pessoa que já conheci, mas é o único que tenho, é o meu marido.

As horas se arrastam, me fazendo remexer na cama. As esperanças, que já eram poucas, se foram. Justamente quando Enzo estava melhorando comigo, quando dizia estar apaixonado, quando dizia estar disposto a se esforçar um pouco... mesmo com os sentimentos confusos e a raiva incessante, eu queria saber até onde ele iria.

De repente, ouço alguém mexer na porta do quarto e sento-me, em alerta. Quando a porta é aberta, na penumbra do quarto, reconheço a

silhueta dele. Sinto um arrepio tenso percorrer todo o meu corpo, juntamente com o coração disparado, e pulo da cama. Corro na sua direção e ascendo a luz, mas antes que eu possa falar, ele se apoia na parede, quase caindo.

— Oh, Deus — murmuro e olho para a perfuração profunda em seu ombro. — Venha, vou chamar Filippo e Nicola.

— Kiara — interrompe. — Apenas Filippo.

O apoio e seguimos para a cama, o faço deitar e, tremendo, pego o celular. Ligo para Filippo e mando que venha, não explico nada, ele vai entender quando chegar. Olho para Enzo e seu silêncio me faz ficar espantada, isso deve doer muito.

O quanto de dor ele pode aguentar? O quanto está condicionado a isso?

— Ajude aqui — ordena. — Isso precisa parar, ou meu corpo vai entrar em choque.

Salvatore está pálido, mas não se rende, faz força para sentar e geme de dor. O ajudo a tirar a camisa encharcada de sangue, expondo a perfuração de bala em seu ombro e algumas manchas roxas espalhadas pelo seu tórax. Estremeço ao ver o líquido de cor intensa

escorrendo.

— E-Eu... não sei fazer isso. E se eu piorar tudo?

— Pressione aqui, mulher! — Coloca a camisa enrolada em cima do ombro ferido e ne olha. — Faça o que estou dizendo!

Aproximo-me da cama e sento ao seu lado, colocando as mãos sobre a camisa e fazendo pressão sobre o ferimento. O vejo trincar os dentes e grunhir de dor. Sinto lágrimas vindo, não posso evitar de lembrar da cena do meu irmão morto no jardim da minha casa. A camisa encharca aos poucos e eu sinto o líquido quente melar as minhas mãos.

Mordo o lábio, tentando controlar minhas emoções e me concentrar nele até que Filippo chegue. Foca, Kiara, foca. Não é hora para isso.

— *Non piangere, bella* (Não chore, bonita) — pede, trazendo a mão livre ao meu rosto para enxugar as lágrimas. — Você consegue fazer isso? Prefere que eu chame um soldado?

Balanço a cabeça, negando, e respiro fundo.

— Quem... Quem sabe que você está aqui?

— Apenas os soldados que foram. — Faz careta de dor. — Estão espalhados no jardim da

casa e no quartoirão.

Silenciamos e ficamos quietos, um olhando o outro, sem saber ao certo o que acontecerá depois. Ele parece hesitar, querendo falar, mas quando abre a boca, Filippo entra com uma maleta nas mãos.

— Disse a Nicola que vim atender Kiara, fiz certo?

— Perfetto — Enzo diz.

Continuo parada, pressionando como Salvatore mandou. Filippo me olha e aproxima-se devagar, parece perceber o meu estado de tensão.

— Deixe comigo, senhora.

Saio da cama e ele toma meu lugar, retira a camisa de cima da perfuração e Enzo reclama em italiano. O homem analisa o local e ergue o olhar para mim.

— Se não quiser ver, senhora, sugiro que saia. Vou retirar a bala.

— À cru? — pergunto, espantada.

— Sim.

— *Non ti preoccupare* — Enzo tenta me acalmar. — Já fiz isso antes.

— Se quiser ficar, sua ajuda será bem-vinda.

— C-Como posso ajudar?

Enzo olha para mim, como se estivesse espantado com minha decisão de ficar. Eu preciso ser forte e agir alguma vez na vida.

— Preciso que segure seu marido para que não se mexa tanto enquanto eu estiver retirando o projétil — explica, completamente sério. — Ele é um *disgraziato* de força, mas uma ajuda, mesmo pequena, facilitará meu trabalho.

— *Vaffanculo!*^[39] — Enzo xinga.

Contorno nossa cama e subo no lado vago dela, aproximo-me dele e sento ao seu lado. Filippo diz para segurar em seu ombro bom e eu o faço.

— Me faria ficar quieto se sentasse em mim — diz.

Dou-lhe um tapa e ele dá um ar de riso, ergo o olhar para Filippo e ele também está rindo. Não conhecia esse lado brincalhão dele enquanto está quase em choque pela perda de sangue. Salvatore é uma caixa de surpresas, de maldade e de coisas ocultas.

Espero Filippo retirar as ferramentas médicas de sua maleta e volto a olhar o ombro machucado de Enzo. FRANZO o cenho, preocupada e sinto um toque em minha mão, que se mantém em

seu ombro bom.

— *Guardami*. (Olhe para mim.)

Desço o olhar para Enzo e ele tem seus olhos azuis fixos em mim. Vejo quando move os lábios, formando as palavras "bella mia". Evito dar atenção a isso e faço força em seu ombro, vendo que Filippo vai começar. O médico me olha de soslaio e eu aceno com a cabeça para ele antes de voltar a olhar para Enzo, que agora observa o que Filippo faz nele.

Depois de higienizar o local e as mãos com um algodão e álcool, Filippo coloca luvas e se concentra no ferimento. Sinto-me nauseada de repente, mas me mantenho firme. Quanto mais rápido terminarmos isso, melhor.

— Filippo, *disgraziato* carnicheiro — Enzo xinga quando o homem coloca uma espécie de pinça esterilizada dentro do ferimento e o alarga um pouco. — *Cazzo*.

Seguro firme quando sinto seus músculos retesarem de maneira intensa. Quanta força esse homem tem, por Deus. Filippo apenas sorri com os xingamentos.

— Quietos — pede. — Não estou conseguindo pegá-la... não me faça pegar o bisturi.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enzo rosna, com o corpo retesado, mas não se rende de jeito nenhum. Vejo suor brotando em sua testa e me concentro em segurá-lo. Filippo passa o antisséptico mais uma vez, retirando o sangue que escorre, fazendo o homem trincar os dentes.

Quando finalmente Filippo puxa a bala de dentro, mais sangue escorre e eu sorrio, aliviada. Observo-o colocar a bala em um pequeno saco e o veda completamente calmo. Ao voltar-se para Salvatore, continua a limpeza com o antisséptico e, por fim, pega sua agulha. A costura é mais rápida, assim como segurá-lo também se torna mais fácil. Enzo parece estar alheio a tudo. Vejo quando uma injeção é aplicada nele e Filippo me olha.

— Apliquei antibióticos — explica. — Sei que ele não vai querer ficar tomando comprimidos... assim que acordar, me ligue. *Capisce?*

— Tudo bem. — Olho minhas mãos sujas de sangue.

— Sugiro que, assim que ele melhorar, faça um exame para descobrir se há mesmo um herdeiro. A *Famiglia* precisa de uma confirmação.

— Farei. Obrigada. — Sorrio.

PERIGOSAS ACHERON

— Preciso que fique de olho, se ele tiver febre, me comunique imediatamente e eu virei.

— Sim, Filippo.

O ajudo a livrar-se das luvas, facilitando para que arrume seu material de trabalho. Sigo para o banheiro para lavar as mãos, tirando todo o sangue. À medida que a água de cor forte vai descendo, sinto a náusea crescer, me fazendo respirar fundo algumas vezes.

Acompanho Filippo até a porta do quarto, avisando que Nicola o guiará até a saída. Ele agradece, sorrindo para mim enquanto se retira. Fecho a porta, virando-me para Enzo, que me observa, quieto. Aproximo-me e noto seu olhar deslizando pelo meu corpo.

— Se estivesse em condições. — Grunhe de dor. — Faria você ter vestido algo, não quero ninguém vendo você com essas roupas.

Acabo sorrindo ao constatar que não coloquei ao menos um robe. Não lembrei de fazê-lo, estava concentrada em ajudar a tirar logo a bala dele. Não respondo e sento ao seu lado, abrindo o botão da sua calça e o ajudo a retirá-la.

— Descanse.

Coloco sua calça perto da camisa, ambos

PERIGOSAS NACIONAIS

sujos de sangue. Volto para perto dele e toco sua testa, averiguando se tem febre.

— Kiara. — Pega minha mão que está em sua testa e olha para a marca que a corda deixou no meu pulso. — Obrigado.

— É meu dever, não é? — Dou de ombros.

— Acha que poderá me perdoar pelo que fiz? — Fecha os olhos. — Fui um...

— Não é hora de falar sobre isso — corto, não sabendo o que responder. — Descanse, depois quero saber o que aconteceu lá.

Puxo o cobertor para cima dele, cobrindo suas pernas, e tomo meu lugar na cama. Desligo o abajur e me forço a dormir, meu corpo pede por isso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31



"Você é frio como gelo
Mas quando você é agradável, meu amor
Você é tão incrível em todos os sentidos"
Freak – Lana Del Rey

KIARA

Acordo sentindo a cama mexer, olho para Enzo, espantada. O homem está sentado. Fecho os olhos e respiro fundo, sei que não vai ser fácil mantê-lo nessa cama até, pelo menos, os pontos ganharem mais tempo.

— Onde pensa que vai? — pergunto.

Enzo me olha por sobre o ombro e fecha os olhos, como se não quisesse ser pego. Sorrio com a reação dele, é inevitável.

— Ao banheiro — mente descaradamente.

— Ia ao cassino. — Fico de pé e contorno a cama para me colocar em sua frente e averiguar se tem febre. — Nem amanheceu direito ainda, por Deus. Isso aqui pode infeccionar e te forçar a ficar na cama por muito mais tempo, sabia disso?

— Está preocupada comigo? — Ergue as sobrancelhas, parecendo surpreso.

Não respondo, apenas viro-me para ir até o closet, mas ele me segura pela mão, olhando fixamente a marca em meu pulso outra vez. Fico quieta, sentindo-o dedilhar a marca vermelha do local.

— Ver isso em você. — Ergue o olhar para mim. — Saber que eu não fui capaz de protegê-la, como prometi, dói mais do que o maldito tiro que levei. Você pode não acreditar, mas é a verdade.

— Isso já passou, Salvatore. — O faço levantar. — Agora, já que me acordou, vou ajudar você com um banho.

Orgulhoso como é, Enzo me faz soltá-lo,

fazendo questão de andar sozinho até o banheiro. Reviro os olhos, seguindo para preparar seu banho, enquanto ele se livra da cueca. Abro as torneiras e coloco os produtos na água, espero que alcance um volume bom para agitá-la até que a espuma se forme.

Verifico a temperatura antes de assentir, dando sinal para que entre. Salvatore adentra na banheira e agacha para sentar emitindo um som que não consigo identificar se é de dor ou de alívio. Agacho ao lado da banheira, levando a mão ao curativo; peço permissão com um olhar e ele assente. Com cuidado, retiro o curativo, fazendo careta.

— Precisa de limpeza e de um novo curativo. — Fico de pé, depois de analisar o local. — Vou buscar o material.

— Não é como se eu fosse morrer disso, Kiara.

— Sim, é. — Olho feio para ele.

Pego a caixinha de primeiros socorros no armário do banheiro e volto para perto da banheira em seguida. Coloco a caixinha aos meus pés e pego a esponja da mão dele para ajudá-lo com a limpeza do próprio corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que aconteceu lá? — pergunto. — Eu preciso saber... e por que não me deixou ajudar? Me ensinou para isso, não?

— Quis proteger você — explica. — Não podia arriscar você e meu herdeiro outra vez.

— O que aconteceu lá?

— Nós firmamos a trégua.

— Desse jeito? — Aponto para seu ombro.

— Um soldado do russo atirou em mim quando eu convenci o chefe deles a me ouvir. — Estreita o olhar. — Ele disse algo sobre ter matado seu pai... já matei muitos inimigos nessa vida, não é a primeira e nem a última vez que alguém quer vingar uma morte tentando me matar.

— Oh, Deus... — Estou compadecida.

— Meu tiro nele foi certo.

— E você não sente nada? Remorso? Culpa?

— Nada, Kiara... absolutamente nada.

Fico em silêncio por alguns instantes, absorvendo as palavras que acabei de ouvir. Por fim, tomo coragem para retomar.

— Você acionou os explosivos?

— Eu e o chefe deles já estávamos frente a frente... quando viu que o soldado atiraria, Yasikov

PERIGOSAS ACHERON

me empurrou. — Grunhe quando se remexe na banheira. — O tiro acertou meu ombro, mas eu caí e os explosivos foram acionados.

— E como você saiu de lá e ainda conseguiu a trégua?

— Quando chegamos lá, mandei os soldados instalarem os explosivos nos possíveis locais de fuga da casa. Então, a maioria deles estava nos fundos, tivemos alguns segundos para sair antes que aquilo tudo caísse e queimasse. — Bufo. — Alguns morreram, principalmente os que trabalhavam com ele, mas ao ver a merda que o soldado dele fez, Yasikov aceitou mais rápido a trégua. Dividimos territórios.

— Pelo menos algo bom nisso tudo.

— Sim, você está bem e os negócios da Família, intactos. — Fecha os olhos.

Apenas desvio o olhar do seu corpo nu dentro da banheira e me concentro em limpar sua pele, que tem manchas de sangue e fuligem. Aproveito seus olhos fechados, subindo com a esponja pelo seu peito, ombros — com cuidado — esfrego seu pescoço e volto a molhar a esponja.

Ouçó quando ele grunhe, satisfeito com o que estou fazendo. Reprimo os pensamentos

indecentes que tenho para poder continuar. Levo a esponja ao seu pescoço outra vez e subo lentamente para seu rosto.

— Me sinto estranho.

— O que está sentindo? — preocupo-me.

— Algo aqui. — Toca o próprio peito.

Franzo o cenho e paro, levando a mão ao local que ele indicou.

— Aqui?

— Sim. — Força minha mão contra seu peito. — Sinta.

— É o seu coração, Enzo.

Fico completamente séria ao ver que ele sorri.

— Ele costuma ficar assim quando você está perto. — Afaga minha mão sobre o seu peito duro. — Nunca vou ser o marido que você espera, com coisas românticas e demonstrações. Sou o chefe da máfia, tenho inimigos, só convivi com mortes a minha vida toda e você é a única pessoa que sabe dos meus sentimentos, é o meu ponto fraco.

Me olha nos olhos e um silêncio intenso se instala entre nós.

— Mas eu tenho certeza do que sinto,

PERIGOSAS NACIONAIS

Kiara.

— Não estou pronta para entregar meu coração a você, Enzo... não estou pronta para dar meu perdão ainda. — Respiro fundo. — Eu sinto medo que você tenha uma recaída e me bata outra vez... se eu me apaixonar, não tem mais volta.

— Lo so.

Fecho os olhos e fico de pé para pegar a toalha dele. Entendendo o que eu quero, Enzo fica de pé e pega a toalha antes de sair da banheira e enrolar em sua cintura.

— Vou limpar seus pontos e fazer um novo curativo — explico. — Preciso que vá para a cama e se sente.

Quando ele sai para fazer o que eu disse, pego o kit de primeiros socorros e respiro fundo, suas palavras ecoam em minha mente. Uma leve náusea me toma e eu sei que essa criança só vai me ligar mais a Enzo, não poderei evitar o que estou sentindo por muito tempo.

Eu o odiei muito... ainda há um resquício muito forte disso dentro de mim, tentei fazê-lo mudar comigo, me impondo... por não ter saída. Agora que ele mudou, que revelou a face que eu não conhecia, sinto medo.

PERIGOSAS ACHERON

ENZO

Quando ela sai do banheiro e vem até mim, penso nas coisas que dissemos e me sinto um fraco. Mostrei a Kiara todas as minhas fraquezas, contei sobre meu passado... ela me tem nas mãos. Minha ruína.

Fico quieto, observando enquanto senta-se ao meu lado e molha o algodão com o antisséptico que mais parece ácido. Contraio o corpo de dor quando ela coloca questa merda em meu ombro e ouço quando pede desculpas.

Observo-a fazer tudo com cuidado, tentando amenizar o incômodo que é a limpeza e fazer o curativo.

— Pronto — anuncia. — Vou pedir para Nicola preparar algo e vou ligar para Filippo.

— Precisa mesmo disso? — resmungo.

— Não importa quantos tiros tenha levado na vida, comigo você vai cuidar disso.

— Va bene — resmungo.

Por incrível que pareça, ela sorri.

— Posso dizer algo? — pergunta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode.

— Por que você não pode sorrir mais vezes? Fica bonito quando faz isso...

— Estou tentando fazer isso, Kiara. Não é fácil.

Kiara apenas assente, parecendo entender, e sai do quarto, ainda usando a maldita camisola. Cazzo. Olho para o criado mudo e vejo a arma de Rodrigo ao lado da minha. Ainda não disse a ela que a arma pertencia ao seu irmão, mas preciso fazê-lo.

Forço-me a ficar de pé e sinto o ombro doer intensamente, mas não dou atenção. Sigo para o closet e pego uma cueca para vestir, ouço a porta do quarto ser aberta e sei de quem se trata.

— Será que não posso deixar você sozinho por dois minutos? — reclama. — O que custa ficar na cama um pouco?

— Custa toda a minha paciência.

— Ok. — Dá de ombros, desistindo. — Trouxe seu café da manhã.

Termino de vestir a cueca e sigo para a mesa no quarto. Sento-me e ela faz o mesmo, espalhando as coisas da bandeja na mesa.

— Bella mia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum? — Serve duas xícaras de café.

— A arma que eu dei a você ontem.

— O que tem ela? — Olha para mim.

— Era do seu irmão... eu o presenteei com ela. Agora é sua.

Kiara ergue as sobrancelhas, parecendo perplexa.

— Está mesmo me dando uma arma?

— Sim. — Aceno com a cabeça. — Confio em você. Não me faça arrepender disso.

— Era mesmo dele? Do meu irmão?

— Sim.

As lágrimas dos seus olhos não caem e isso me faz sentir orgulho da mulher que Kiara é. Ela é forte e faz jus à posição que tem na máfia de esposa do chefe, minha esposa. Apesar de tudo, ainda tem suas obrigações com a Famiglia.

Observo enquanto ela coloca os pães quentes em minha frente juntamente com as frutas, o suco, o café e mais algumas coisas. Nicola sabe preparar um verdadeiro café da manhã.

— Esposa — chamo, fazendo-a sorrir. — Do que está rindo?

— Faz um tempo que não me chama assim.

— E você gosta?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu odiava. — Limpa os lábios com o guardanapo. — Talvez agora, depois que resolveu ser maleável comigo, soe um pouco melhor.

Apenas aceno com a cabeça e começo a comer, ela silencia, mantendo-se concentrada em seu café da manhã. Olho para sua barriga e penso no bebê que está ali, Kiara precisa de exames.

— Amanhã, Pedro a levará à um consultório — decreto. — Preciso saber como a criança está para anunciarmos à Família.

— Enrico está ferido?

— Sim. Vai sobreviver.

A mulher apenas assente e parece querer falar algo. Espero que sua hesitação termine, em silêncio.

— Gostaria de pedir Rebeca amanhã, já que vou ao consultório... quero levá-la comigo.

— Sabe que ela trabalha na organização do clube durante o dia — argumento.

— Eu sei, só preciso dela por algumas horas. Não vai lhe custar nada... não quero ir sozinha.

— Você não vai sozinha, Pedro estará lá.

— É diferente, Salvatore.

— Va bene.

PERIGOSAS ACHERON

Volto a comer e sei que ela abriu um leve sorriso. Quando foi que fiquei mole desse jeito? Maldita, está entrando em minha cabeça. Ouço alguém batendo à porta e Kiara limpa os lábios antes de levantar-se, alegando ser Filippo.

— O robe — rosno.

Ela para de andar e me olha, incrédula.

— Está com ciúmes?

— Apenas vista o maldito robe.

Meu olhar endurece e ela acaba cedendo. Quando está vestida com o robe, segue para abrir a porta para Filippo. Ele sorri e a cumprimenta, antes de entrar.

— Vim o mais rápido que pude, mia donna está doente. — Para ao meu lado e puxa a cadeira para sentar-se. — Vejo que tem um novo curativo. Fez bem, senhora.

— Quando vou poder voltar a trabalhar?

— Fique em casa, Salvatore. Pelo menos até os pontos cicatrizarem um pouco.

— Amanhã volto ao cassino — resmungo.

Filippo nega com a cabeça, sabe que irei mesmo. Pega seu bloco de anotações e em pouco tempo entrega o papel à Kiara.

— Se, por acaso, ele sentir mais dores que o

PERIGOSAS NACIONAIS

normal ou febre, mande algum soldado providenciar isso.

— Deixe comigo. — Ela sorri. — Obrigada.

Observo Kiara acompanhar Filippo até a porta e voltar para a mesa, mas ela não senta, fica de pé ao meu lado. Levo a mão à sua cintura e a puxo para que sente em meu colo.

— O que está fazendo?

— Quero sua boceta engolindo meu pau, Kiara. — Beijo seu pescoço. — Vamos foder.

— Enzo... — chama baixinho.

— Não me venha com sermões, Kiara...

Puxo sua nuca e trago sua boca para a minha. A mulher retribui o beijo, cheia de tesão, me fazendo sorrir por entre os beijos. Safada. Desço a mão pelas suas curvas deliciosas, apalpando cada pedaço de pele quente e cheirosa.

— Tire a roupa — ordeno. — Fique nua para mim.

Kiara prende o lábio inferior entre os dentes e começa a desfazer o nó do seu robe, rebolando lentamente no meu colo. Seu olhar não desvia do meu e, porra, ela sabe como entrar na minha mente. Mal aguento meu pau dentro da cueca, mas não quero parar de olhá-la se despindo para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando se livra do robe, segura nas pontas da camisola e as sobe por suas coxas morenas deliciosas. Isso vai ser interessante.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32



"O conto de fadas mais obscuro
Na calada da noite
[...]

Gloriosos, nós transcendemos
Em uma silhueta psicodélica
Eu nunca quis me apaixonar por você, mas eu
Estava enterrada e tudo o que eu podia ver era
branco"

Salvation - Gabrielle Aplin

KIARA

PERIGOSAS NACIONAIS

No colo de Enzo, esfregando-me nele sem qualquer pudor, vejo sua expressão repleta de tesão. Tomo cuidado com seu ferimento, mas ele não parece se importar muito.

— Traga a boca aqui — diz, apontando para os próprios lábios. — Beije-me.

— Enzo, devemos parar... seu ferimento.

— Eu quero a sua boceta, *bella*... — Beija o vão entre os meus seios. — Quero senti-la por dentro, quero vê-la gozar.

Meu corpo traidor está queimando por Enzo, anseio pelo seu toque, pelos gemidos selvagens e pelo calor que me proporciona. Então, eu o beijo, entregando-me ao homem que jurei odiar.

— Seria capaz de matar quem ousou tocar seu corpo antes de mim — sussurra, rouco, com seu sotaque acentuado. — Ah, *bella mia*, está me deixando louco.

Apenas ouço suas palavras, me deliciando com o tom rouco dele. Mantenho o ritmo da nossa fricção, sentindo seu membro quente e duro entre as minhas pernas. Meu corpo esquenta, querendo mais.

PERIGOSAS ACHERON

Ajudo Enzo a colocar seu membro rijo para fora, o agarrando firme para masturbá-lo, olhando nos olhos. Circulo o polegar em sua glande e ele geme, deslizando o dedo polegar nos meus lábios. Os olhos azuis fixos em mim são intimidadores, parecem o mar traiçoeiro, cheio de segredos.

— Me chupe, *bella*. — Lambe os lábios. — Quero sentir sua boca deslizando no meu pau.

— Gosta quando chupo você? — Aproximo os lábios dos seus.

— *Cazzo*, como gosto. Sua boca o faz como ninguém.

Saio lentamente do seu colo e ajoelho em sua frente, olhando-o nos olhos. Seguro seu membro, ainda o masturbando e o trago à boca. Passo a língua lentamente na sua glande rosada e ele contrai o corpo, soltando um gemido rouco. Meu corpo aquece e o meu sexo pulsa forte, o tesão já me domina.

Envolvo a sua glande com os meus lábios, os deslizando nela, vendo Salvatore lambe os lábios, me encarando. Deslizo os lábios mais para baixo, deixando-o entrar na minha boca; uso a língua para ajudar a acariciar e ele enlouquece.

— *Cazzo*, la bocca è uno schianto. (Porra, a

sua boca é gostosa.)

Não respondo, apenas continuo empenhada em chupar essa obra de arte e brinco com as suas bolas. Salvatore afasta os meus cabelos e os segura de maneira firme, sua pegada é deliciosa. Dou uma espiadinha no seu curativo e constato que está tudo bem.

Volto a chupar, mas, desta vez, com mais vontade, ainda brincando com as suas bolas. Enzo geme, mas parece estar preso à sua carcaça de homem duro, não está inteiramente solto.

— *Vieni, bella.* — Me faz parar. — Cavalgue em mim.

Lambo os lábios e monto nele, sem colocá-lo dentro de mim. Sua mão vem diretamente para a minha cintura e o seu olhar não desvia do meu. Olho para as cicatrizes no seu peito, praticamente escondidas por causa dos pelos bem aparados, e sinto vontade de saber sobre elas.

Movo meu quadril, fazendo meu sexo roçar no dele de maneira firme. Gemo, sentindo meu sexo molhado deslizando contra a sua carne dura. Ah, merda, isso está tão gostoso.

— Isso, bella... quero a sua boceta molhada em mim.

Me delicio com a sua voz rouca misturada ao seu sotaque forte, me sentindo ainda mais molhada. Sorrio para ele, usando a minha sensualidade treinada; as mãos nos cabelos, o corpo ondulando... ele está hipnotizado e é assim que eu o quero.

— Hum... — gemo, provocando.

— Deliciosa, esposa. — Traz a mão aos meus seios e os acaricia de maneira lenta. — Me coloque dentro.

Mordo o lábio e olho para ele fixamente, ajustando seu membro na minha entrada molhada. O coloco dentro de maneira lenta, sentando com cuidado.

— Così — sussurra, rouco. — Rebole, mulher.

Recebo uma palmada na bunda e isso me faz gemer. Salvatore me manda rebolar e eu me apoio no seu ombro bom, temendo machucá-lo. Então, começo a mover o meu corpo para cima e para baixo de maneira firme, sentindo que não vou demorar muito para alcançar o orgasmo.

Agarro os seus cabelos macios, vendo a sua expressão se tornar selvagem. O homem parece não se importar com o ferimento e move o quadril,

entrando no meu ritmo. Nossos corpos se encontram de maneira frenética, sinto um calor intenso se espalhando pelo meu corpo e os gemidos se tornam impossíveis de controlar.

Em instantes, nos entregamos ao orgasmo sem qualquer pudor. Gememos juntos, encontrando o alívio que os nossos corpos buscavam. Em uma rebolada final, Salvatore estremece, me fazendo sorrir e retirá-lo de dentro de mim.

— Bella. — Leva a mão ao ombro, como se estivesse incomodando. — Preciso dizer algo.

— Estou ouvindo. — Permaneço montada nele, exausta.

— Quero que comece a arrumar as coisas, vamos para a Itália ainda esse mês.

Não digo nada, a notícia me pegou de surpresa. Apenas balanço a cabeça e saio do seu colo, recolhendo a camisola e o robe.

— Vou tomar um banho; não faça nada.

ENZO

A mulher segue rebolando para o banheiro depois da nossa trepada. Depois do anúncio sobre PERIGOSAS ACHERON

irmos para a Itália, ela não pareceu muito animada. Não estou aqui para agradá-la, apesar de sentir coisas por ela; estou aqui para fazer os negócios da Famiglia crescerem.

Ouçó o barulho do chuveiro e fecho os olhos, relaxando um pouco na cadeira. Sinto o ombro incomodar e penso no tratado de paz que firmei com os russos. Foi a coisa certa a se fazer, ainda temos muita coisa com o que lidar.

Lá, Kiara poderá, finalmente, conhecer os demais capos da Famiglia e suas mulheres, poderá ver como se comportam. Fico de pé e me direciono ao banheiro, onde ela está. Fico parado, observando a mulher tomar banho e penso em como será difícil a nossa convivência; estou tratando de melhorar com ela, mas isso nunca fará mudar a pedra que eu sou.

— Salvatore. — A voz me tira dos pensamentos.

— *Parlami, bella.*

— Qual a cidade que vamos morar na Itália?

— Florença, minha cidade natal.

— Hum.

— Sei que não quer sair do Brasil, mas é

preciso, a base dos negócios é inteiramente lá... você é a minha esposa.

— Eu sei.

Kiara é completamente indiferente quando o assunto são os negócios. Sei que ela não cresceu conosco, mas vai se acostumar. Ela é a esposa da máfia, uma mulher poderosa, com capacidade para influenciar.

— Não vai vir? Posso ajudar você com um outro banho.

— Farei sozinho.

Deixo o banheiro, inteiramente nu, para buscar uma roupa para vestir depois do banho. Estou abrindo a gaveta de cuecas quando ouço os passos de Kiara. Ela entra no closet enrolada em uma toalha e segue para o compartimento onde estão as suas roupas; todas compradas por mim.

A pele morena cheia de gotículas de água me deixam louco. A vejo largar a toalha, ficando inteiramente nua, para colocar um vestido. Fiz questão que a maioria das suas roupas fossem vestidos, mulheres da Famiglia são elegantes.

Por fim, saio em direção ao banheiro para tomar um banho novamente depois da trepada deliciosa. Não quero que pense que virei um

inválido, posso tomar um banho sozinho, mesmo com os pontos. Preciso ir ao cassino resolver a ida de Catarina, ela precisa sumir.

Depois do banho, visto uma camisa juntamente com uma calça, fazendo um esforço tremendo. Ao sair, vejo Kiara olhando o celular, deve estar falando com Rebeca sobre o exame de amanhã.

— Enzo.

— Estou ouvindo.

— Catarina conhece os russos?

— O quê? — Me aproximo dela.

— Ela conhece os russos? Você disse alguma coisa a ela sobre o que contei?

A mulher olha para mim, parece abismada. Na tela do seu celular, vejo apenas o nome de Rebeca e uma conversa aberta. Catarina maldita.

— Disse?

— Depois do que me contou sobre ela ter vindo aqui, tratei para que fosse transferida para a Espanha. — Faço uma pausa. — Claro que foi ela, cazzo! Como não vi isso antes?!

Passo a mão nos cabelos e depois na barba, já crescida. Eu iria ao cassino somente amanhã, mas irei para lá agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nicola — grito, raivoso.

Em instantes, a mulher aparece no quarto, pálida. Gosto da minha capacidade de fazer as pessoas sentirem medo.

— Mande os soldados aprontarem o carro e a escolta, vou ao cassino.

Assim que a mulher deixa o quarto, começo a abotoar a camisa com dificuldade. Kiara se aproxima e começa a fazer o processo por mim. Encaro a sua expressão firme e noto o quão fria pode ser.

— Vou com você.

— Non — decreto prontamente. — Está grávida, deve se preservar... já passou por coisas demais.

— Enzo, eu vou com você.

— Bella mia, não...

— Quero ver aquela mulher sofrer. — Está séria, a raiva estampada no olhar. — Eu podia ter perdido o bebê, poderia ter morrido por causa dela.

Quando uma vingança precisa ser feita, a pessoa que foi injustiçada precisa saber que foi feito. Com Kiara não pode ser diferente, poderíamos ter perdido o herdeiro.

— Va bene. — A olho nos olhos. — Tem

PERIGOSAS ACHERON

certeza que vai ficar bem?

— Tenho. — Termina de abotoar a minha camisa e passa as mãos, estirando-a com cuidado.

— E você? Vai ficar bem com esse ferimento?

— *Non ti preoccupare.*

A raiva que estou sentindo da maldita chega a queimar dentro de mim. Ela vai pagar por cada coisa que fez contra a minha Kiara. Não sei do que seria capaz se ela se machucasse.

Vejo a mulher seguir para o banheiro, dizendo que vai apenas pentear os cabelos. Porra, devo estar ficando louco em deixar que Kiara presencie uma tortura. As esposas da máfia não se envolvem nos negócios, no que fazemos. Alcanço a minha pistola e a coloco na calça, dispensando o coldre desta vez.

— Vamos.

Desço do carro escondendo a pontada que sinto ao fazer força e estendo a mão para Kiara. Ela segura, receosa, saindo do carro. Entramos juntos e Catarina está ensaiando no palco.

Rebeca praticamente corre até nós com um

sorriso no rosto. Ela abraça Kiara e se emociona ao ver a amiga bem.

— É tão bom vê-la bem, minha amiga. —
Elas trocam um sorriso. — Fiquei horrorizada quando soube.

— Obrigada.

— Rebeca, onde Matteo está?

— Está cuidando de umas estratégias que Ettore requisitou, chefe.

— Lucca?

— Não o vi hoje.

— Encontre-o e mande que vá até a minha sala, é um assunto urgente.

Ela lança um olhar cúmplice para Kiara e se afasta, indo fazer o que mandei. Seguro a cintura de Kiara, evitando olhar para o palco onde Catarina está ou perderei o controle que estou tentando manter. Elegante é completamente tranquila, Kiara caminha comigo, cumprimentando a todos que passam por nós.

— O que pensa em fazer? — pergunta baixinho.

— Você sabe o que penso.

Ela silencia, sabe que vou fazer Catarina sofrer antes de morrer. Se ela quer ver, não irei

impedir, Kiara é dona de si e impôs isso desde que a encontramos. Tentei controlá-la, moldá-la, mas a mulher tem um espírito rebelde... isso me desagrada e ao mesmo tempo me faz aquecer por dentro.

Kiara me faz sentir, coisa que eu não estava acostumado.

Capítulo 33



KIARA

Salvatore está irritado, sua expressão não nega isso. Só não sei decifrar o que há em seu olhar; será que está balançado por sua amante ter me entregue aos inimigos?

— Kiara.

Ergo o meu olhar para ele, sem responder.

— O que você tem? Está tendo o que queria, a sua vingança.

— Não tenho nada, você parece ter.

Salvatore soca a sua mesa, me assustando.

PERIGOSAS NACIONAIS

O que merda ele tem?

— O que agora? Vai me bater de novo?

— Estou começando a me cansar dessa palhaçada — rosna. — Você não vai ter a porra do seu príncipe encantado.

— Por acaso eu pedi isso? Você me prometeu ser razoável, prometeu tentar. — Passo as mãos nos cabelos, me sentindo subitamente mal. — Eu vou procurar Rebeca, não me sinto bem. Faça o que quiser com Catarina, torture, foda, mate... toda sua.

Saio calmamente, fechando a porta atrás de mim. Minha vontade era sair batendo tudo, mas os soldados que circulam aqui não precisam saber do inferno que é este casamento.

Sinto o meu corpo tremer de raiva enquanto caminho pelo corredor e dou de cara com Catarina sendo arrastada para a sala onde, um dia, fui torturada. Aceno para que os soldados parem e sinto o rancor, a raiva e o ódio, já conhecidos, aflorarem.

— O que você quer? O que vão fazer?! — grita, desesperada. — Foi você, não foi?! Quer me prejudicar!

— Aproveite a sua estadia no inferno.

PERIGOSAS ACHERON

— Senhora — Lucca chama, aproximando-se. — Não se altere, pode prejudicar o herdeiro. Rebeca está no salão.

Olho para o sub-chefe sorrindo para mim e apenas aceno com a cabeça. Ele estende o braço e eu aceito, saindo de perto de Catarina para voltar a ouvir os seus gritos.

— Não se altere por causa dela, senhora. Catarina sempre foi um problema para todos, mas Salvatore precisava dela. — Faz uma pausa e eu ergo o olhar para ele. — A mulher quem tirava informações dos homens com quem dormia, tinha uma função importante como associada.

— E tinha a importante função de dormir com o meu marido também, não se esqueça disso. Agora que estou grávida, Salvatore não precisa mais se obrigar a me foder.

Lucca parece chocado com as minhas palavras, deve ser porque não é acostumado a ouvir isso das mulheres da família. Eu não sou como as demais, eles sabem disso.

— Salvatore sempre foi assim... depois que assumiu a Famiglia isso piorou.

— Os pais dele?

— Mortos, senhora. — Desce a escadaria

do salão do cassino comigo. — O pai matou a esposa e tirou a própria vida em seguida... Enzo encontrou os dois.

A declaração do Lucca me faz franzir o cenho. Enzo me disse que havia matado o pai; ele forjou isso?

— Que coisa triste — comento, perdida nos pensamentos.

— Sim, mas eu não disse nada.

— Pode deixar. — Sorrio.

Lucca retribui o sorriso e eu sinto algo bom em estar perto dele, parece ser um bom homem. Sei que todos aqui são assassinos, negociadores e torturadores profissionais, mas ele passa algo bom.

Paramos diante de Rebeca e ele pede licença antes de se retirar. O observo até que suma novamente nas escadarias. Fico pensando no que me disse sobre a família do meu marido... qual das versões é verdade?

— Está me ouvindo, Kiara?

— Desculpe, estava pensando.

— Algo importante? — Toca o meu ombro.
— Mais alguma desconfiança?

— Não. — Sorrio. — Quero agradecer por ter pensado junto comigo e me ajudado e descobrir

o que Catarina fez.

— Gosto de você, Kiara, da sua força. — Segura as minhas mãos. — Tenho você como uma amiga muito especial, ajudarei no que for preciso.

— Obrigada. — Meus olhos enchem-se de lágrimas ao lembrar que logo irei para a Itália. — Você sabe, não é? Que irei para a Itália?

— Oh, minha amiga. — Me abraça. — Iremos logo depois de vocês... Matt precisa ficar para resolver algumas coisas e partiremos em seguida.

— Mesmo?

— Sim! — Ela sorri. — Sentirei falta do Odilon.

— Falando nele... — Aceno com a cabeça ao vê-lo vindo na nossa direção.

— Olá, darling. — Me abraça. — Que cara de enterro é essa? Alguém morreu?

— Ainda não.

— Me conte isso.

— Catarina foi quem me entregou aos russos... contou tudo sobre a casa e os soldados. Por isso entraram.

— Beca, isso é verdade? — Está perplexo. — Sabia que a cascavel sem chocalho tinha o dedo

PERIGOSAS NACIONAIS

nisso.

— Sempre odiei aquela mulher. — Rebeca diz, cheia de raiva.

Franzo o cenho, olhando para ela, querendo saber mais. Tenho quase certeza que tem relação com Matteo essa carinha brava. Oh, Deus, são todos assim? Até mesmo Matteo que foi a salvação de Rebeca?

— Veio assistir de camarote a maldita morrer, Kiki?

— Eu ia, mas não estou muito bem... me sinto enjoada e Enzo me perturba. Preferi vir ver vocês.

— A mais nova gravidinha do grupo... as invejosas da família estão se roendo.

— Odilon!

— Amanhã vou fazer um exame de sangue para confirmar para todos. — Dou de ombros. — Pedi a Enzo que você fosse comigo, Beca.

— Me senti rejeitado e excluído.

Sorrio para ele, que retribui, pedindo licença para organizar algumas coisas no salão. Rebeca faz vários planos sobre o bebê, ela está muito mais empolgada do que eu. A própria mãe.

PERIGOSAS ACHERON

ENZO

Quando Kiara sai da sala calmamente, sinto o meu sangue fervendo. Não importa o quanto ela tente, sempre serei a rocha inquebrável. Estou apaixonado por ela, mas isso não muda quem eu sou. Nunca vai mudar.

Abro a porta, um pouco mais calmo, para sair na direção das salas metálicas. Digito a senha no painel e já escuto o choro desesperado de Catarina. Ela poderia ter matado o meu herdeiro, poderia ter matado Kiara... isso eu jamais perdoarei.

Sinto o ferimento incomodar, mas a minha raiva é maior que a dor. Fui condicionado a ignorar a dor e eliminar o inimigo. Entro na sala em que ela está e encaro as suas feições de medo.

— Salvatore, eu fui forçada a entregar... eu juro!

— E onde estão as marcas da tortura que a forçaram?

Um silêncio sepulcral toma conta da sala e eu sei que está mentindo. Catarina teve a capacidade de nos trair, agora vou arrancar dela

PERIGOSAS ACHERON

tudo o que disse para eles e terminar o serviço.

Calmamente, caminho até a mesa de ferramentas, sentindo todo o prazer me dominar. Meu sangue corre mais intensamente pelas minhas veias, meu coração bate acelerado. Alargo as narinas e aspiro o cheiro de morte no local, nada é mais prazeroso do que matar um traidor.

— Salvatore, por favor...

— Pare de implorar, eu ainda não comecei com você.

— Dante! — grito.

Em instantes, o homem abra a porta e não ousa olhar para Catarina.

— Chefe?

— Segure a mão dela aberta para mim.

— Não! — grita e eu ouço a cadeira arrastando no chão. — Não, por favor! Dante!

Pego o alicate, voltando o meu corpo para onde Catarina está. A mulher chora copiosamente e eu nem comecei o que pretendo. Aproximo-me, curvando o meu corpo para frente, ficando cara a cara com ela. Não sinto absolutamente nada.

— Engula a porra do seu choro.

Desço o olhar para a sua mão e a vejo fazer força, mas Dante a segura. Prendo a sua unha no

alicate, fixando o olhar no seu. A mulher grita desesperadamente quando forço, arrancando sua unha. Seu olhar desesperado e aterrorizado apenas me causa repúdio, saber que um dia já confiei nela.

Olho para o sangue que escorre do seu dedo e a vejo desfalecer. Ninguém condiciona o seu corpo à dor tão bem quanto nós da Família; nosso treinamento faz o nosso cérebro esquecer a dor e pensar no princípio maior, os negócios e a Família. Dante olha para mim, esperando uma ordem.

— Acorde-a.

— Sim, chefe.

Deixo a sala, negando com a cabeça. Aceno com a cabeça para Pedro e ele entende. Voltarei quando a mulher acordar e estiver mais calma.

— Onde está a minha esposa? — pergunto a Enrico, já no corredor.

— Com Rebeca no salão, chefe.

Sigo na direção da escadaria e desço rapidamente. Com um olhar, procuro Kiara e a encontro sentada no bar com Rebeca. Me aproximo, lançando um olhar para a sua amiga, que entende, pedindo licença em seguida.

— Esposa.

A mulher apenas vira-se na cadeira para me olhar. Solto o ar com força, me sentindo estranho em ter vindo aqui somente por isso.

— Como se sente?

— Melhor. — Fica de pé. — Vou acompanhar você.

— *Non*. Quero que vá para casa.

— Eu quero vê-la, Salvatore... já estou melhor.

Resignado com a sua teimosia, estendo o braço para ela, que aceita de bom grado. A mulher segura firme e eu começo a caminhar, fazendo-a me acompanhar. Ela não esboça reação, mas o peito subindo e descendo um um pouco mais rápido me faz perceber que não é totalmente de ferro ainda.

Em silêncio, Kiara me assiste digitar a senha no painel e a porta metálica se abrir. Ela estremece quando adentramos, mas não demonstra nada. Sei que já sentiu medo neste lugar, que já ficou aterrorizada, como Catarina está agora.

Kiara é cumprimentada por Pedro e ele abre a porta da pequena sala onde a mulher está amarrada. Dante está ao lado dela, que parece fora de si. Desço o olhar para a sua mão e ela está

coberta de sangue, que também pinga no chão.

— Kiara... por favor — implora. — Faça-o parar com isso.

Vejo Kiara engolir em seco, mas me mantenho em silêncio.

— Você sabia que não haveria misericórdia... mesmo assim me entregou a eles.

Catarina começa a chorar copiosamente, sabe que não há saída para ela. Faço com que Kiara me solte e me aproximo da mesa de ferramentas. Lanço um olhar para ela antes de pegar o alicate novamente.

— Diga-me, Catarina. — Me aproximo dela de maneira calma. — O que exatamente você contou aos russos?

O silêncio dela faz a minha raiva aumentar ainda mais. Então, mais uma vez, curvo o meu corpo e prendo outra das suas unhas. Catarina grita alto, esperneando na cadeira; o suor escorre pelo seu rosto juntamente com as lágrimas.

— Perderá todas elas até que fale o que eu quero. — Olho para o seu pé e depois os seus olhos. — Não tenho pressa.

Olho para Kiara e ela está quieta, impassível, assistindo a tudo. A mulher me encara e

PERIGOSAS NACIONAIS

volta a olhar para Catarina sangrando na cadeira. Seu silêncio me intriga, não consigo decifrar o que ela está pensando.

— Dante.

— Chefe.

— Devo continuar nas unhas? — Olho para o alicate cheio de sangue. — Ou devo passar para os dentes?

— Dentes, chefe.

— Tudo bem... eu confesso — grita, puxando o ar com força.

— Estamos ouvindo.

— Entreguei Kiara a eles, falei sobre a segurança da casa... colhi informações quando fui vê-la.

— Maldita — rosno.

— Eu não ia fazer nada... mas quando você disse que iria me mandar para outro clube, eu precisava fazer alguma coisa.

— Isso só piorou a sua situação, Catarina... não enxerga? — Kiara pergunta. — Essa sua doença pelo meu marido só te jogou ainda mais para baixo.

A mulher olha para a minha esposa, cheia de raiva.

PERIGOSAS ACHERON

— Enzo Salvatore me ama, Kiara! — Faz uma pausa e olha para a mão sangrando. — Não importa o que você faça, ele...

Aperto o seu dedo, fazendo Catarina espernear na cadeira. O seu olhar para mim é de desespero, mas isso não me atinge em nada.

— Meça as palavras antes de falar com a minha esposa, *cazzo*!

— Me mate de uma vez! — chora. — Não é o que você quer?

Estreito o olhar para a traidora diante de mim e só consigo sentir vontade de continuar com a tortura. Solto o seu dedo, enxugo o sangue na sua roupa e sorrio antes de segurar o seu maxilar com força. Ela pagará por desafiar desta forma, vou inflingir a dor.

— Salvatore — minha esposa chama de maneira suave.

Não respondo, apenas ergo o olhar para ela de maneira firme e, com um sinal, ordeno que Dante saia. Kiara espera o homem sair para aproximar-se de mim.

— Termine logo isso.

Fico em silêncio e abro um sorriso, isso tem que ser uma brincadeira. A mulher se aproxima de

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, calma.

— Ela jamais esperaria passar por isso nas suas mãos. — Hesita antes de tocar o meu braço. — Olhe para ela... já é o suficiente.

— Catarina nos traiu, não se meta na punição dela! Temos um jeito próprio de punir!

— Me mate, Salvatore! — grita.

— Vou continuar com isso, Kiara. Traidores não podem morrer fácil, todos têm que saber que sofrerão muito antes de morrer. — Bufo antes de descer o olhar para a sua barriga. — Vai continuar vendo isso?

— Ficarei aqui.

O olhar resignado dela não me afeta em nada; apenas aperto o seu queixo, voltando para Catarina. Os gritos que se sucedem não se comparam a nada que eu ainda pretendo fazer com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34



KIARA

Quando a cabeça de Catarina arria para frente, analiso a mulher ensanguentada. Salvatore tem uma fina camada de suor no rosto e alguns pingos de sangue nele.

Foi cruel e ensurdecedor.

— Está feito. — Larga o alicate sobre a mesa.

Fico em silêncio, sem saber exatamente o que sentir ou pensar. Meu corpo inteiro treme, as emoções estão se confundindo dentro de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo o que assisti aqui mexeu comigo... e pensar que poderia ter sido eu, se não tivesse conseguido convencê-lo que não sabia de nada.

— *Bella*. — Bate na porta de metal e para diante de mim. — *Stai bene?*^[40]

— Sim. — Olho para o seu rosto sujo de sangue.

— Viu o que queria? Eu sou assim e nada vai mudar.

— Eu sei. — Desvio o olhar para a mulher mole na cadeira.

Dante entra na sala, entrega um papel para que Enzo possa enxugar o rosto e as mãos. Em seguida, ele segue para retirar o corpo de Catarina da cadeira. Pedro entra para ajudá-lo e o meu marido me puxa para sairmos da sala.

— *Guardami*.

Volto a olhar para ele, que limpa as mãos e o rosto com o papel. Vejo quando faz uma leve careta e lembro-me do seu ferimento, notando a mancha de sangue no seu ombro.

— Isso está sangrando. — Aponto a mancha de sangue na sua camisa.

— Não é nada demais.

— Vamos para casa cuidar disso. — Toco o

PERIGOSAS ACHERON

local e ele faz outra careta. — Se infeccionar, será mais complicado de tratar.

Vejo quando o homem pensa um pouco, mas acaba cedendo. Ele me estende o braço bom e eu aceito sem dizer mais nada, ainda não consigo digerir o que vi.

Com o algodão e o antisséptico na mão, aguardo que Enzo sente na cama, já sem a sua camisa. Me aproximo, sentando ao seu lado para observar os pontos antes de colocar o algodão em cima. Enzo emite um som, mas não dá o braço a torcer.

— Isso está feio.

— Vai ficar bom logo — diz, calmo.

Meu olhar encontra o seu rapidamente e as imagens da tortura de Catarina voltam à minha mente. Os gritos da mulher, a impassividade dele... é um lado que eu já conheço, mas que hoje se revelou ainda mais para mim. O meu marido é um assassino de sangue frio.

— Amanhã, quando chegar em casa com o resultado. — Me faz encará-lo. — Me comunique.

Apenas balanço a cabeça, não sabendo o que falar. Deslizo o algodão sobre o ferimento, com cuidado; o silêncio recai sobre nós de maneira intensa.

— Vai ficar calada?

— E dizer o quê? — Ergo a minha sobrancelha, concentrada nos pontos. — Você mesmo diz que não somos um casal normal.

Encerro a limpeza dos pontos e Salvatore segura o meu pulso antes que eu possa sair da cama. Meu olhar encontra o seu outra vez e eu noto a barreira ali; Salvatore é um homem duro, isso eu já aceitei que não conseguirei mudar.

— Ao chegarmos na Itália, anunciaremos o herdeiro em uma reunião da Famiglia.

— O grande negócio — digo, cheia de sarcasmo. — É um bebê, Salvatore, uma criança inocente. Precisa expor como um troféu?

— É um herdeiro — rosna. — Isso não muda.

Fico de pé, me afastando.

— Não vou permitir que trate essa criança como uma mercadoria.

— Entenda...

— Não vou entender isso! Qualquer coisa,

menos isso!

— Kiara, *per l'amour de Dio*. Sem escândalos.

— Você não se comove em nada com a ideia de ser pai, Salvatore?

O seu silêncio e a sobrancelha levemente erguida me dizem que não. O que ele tem no lugar do coração? Como vou acreditar que sente mesmo o que diz?

— Não tem com o que se comover, esposa, é um herdeiro. Tenho coisas com que me preocupar, você também deveria estar cuidando da nossa ida para a Itália.

Sigo até a mesa no canto do quarto, sem dizer mais nada, vedo o antisséptico antes de descartar o algodão sujo de sangue. Passo as mãos nos cabelos, tentando me acalmar para não me sentir mal. Por fim, deixo o quarto, sentindo o meu peito arder em angústia e preocupação com o que pode acontecer.

Essa ida à Itália vai ser muito pior do que imaginei. Paro no corredor e respiro fundo outra vez, querendo apenas correr para longe de tudo isso. Entro em uma das portas do corredor e me tranco no quarto de hóspedes, preciso ficar sozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou conseguir — murmuro para mim mesma.

Já passei por muita coisa, hoje posso conversar com Enzo sem que ele erga a mão para mim. Posso passar por mais essa.

De repente, uma possibilidade passa pela minha cabeça, mas a descarto imediatamente. Não seria capaz de matar esse bebê somente para me livrar da pressão do meu marido. Toco a minha barriga, receando o que precisarei enfrentar na Itália.

Não sei quem são as pessoas que precisarei enfrentar. Rebeca me disse que as mulheres da Famiglia costumam se unir quando não se agradam de um casamento. Mas o que elas têm com isso? Será a causa da falta do que fazer?

Deus, eu estou apavorada.

— Senhora? — A voz de Nicola me puxa para a realidade.

— Hum?

— Tudo bem? — Entra no quarto, se aproximando. — Fui ao seu quarto à sua procura, mas o senhor Enzo disse que tinha deixado o quarto.

— Estou bem... só preciso de um tempo

PERIGOSAS ACHERON

sozinha.

— Desculpe por isso, mas o detetive está aí querendo falar com o senhor Enzo. — Faz uma cara de preocupada. — Ele não pode ver o ferimento... senhor Enzo quer descer com a senhora.

Escuto a tudo sem muita reação e saio do quarto sem responder a Nicola. Me apresso pelo corredor, afim de chegar ao nosso quarto. Meu coração está disparado, meus lábios estão ressecados... nunca fiz nada errado, a única vez que lidei com a polícia, foi por causa do assassinato do meu irmão. Abro a porta do quarto e encontro Salvatore arrumando a camisa social de maneira calma.

— Me ajude com isso.

— Por que está tão calmo? — sussurro, me aproximando.

— Porque não fizemos nada de errado, *bella mia*. — Aperta o meu queixo entre o seu polegar e o indicador. — Nós vamos descer e responder a tudo o que ele quiser saber.

— Eu nunca fiz isso.

— Apenas olhe para mim sempre que estiver insegura.

Balanço a cabeça, ajudando-o com a camisa.

— E esse ferimento?

— *Non ti preoccupare.*

Quando termino os botões, aliso a camisa, arrumando-a. Respiro fundo e Enzo sussurra para que me acalme. Por fim, passo as mãos nos cabelos e balanço a cabeça, tenho que fazer logo isso.

— Vamos.

Seguro o seu braço e isso parece deixá-lo surpreso. Saímos juntos do quarto, caminhando pelo corredor. O silêncio é tão intenso que, se brincar, posso ouvir os batimentos do meu coração. Oh, merda.

Descemos as escadas como um bom casal apaixonado, de braços dados. Salvatore sabe fingir muito bem quanto ao seu ferimento, ele está impassível. Nos aproximamos do homem sentado na sala e ele se coloca de pé, estendendo a mão para Enzo.

— Senhor e senhora Salvatore.

— Detetive. — Enzo aperta a sua mão. — A que devemos a honra da sua presença?

Cumprimento o homem com apenas um sorriso. Aceno para que volte a sentar-se na

PERIGOSAS NACIONAIS

poltrona e me acomodo com Enzo no sofá.

— Vim fazer algumas perguntas.

— Claro.

— Na noite do atentado ao carro do senhor Federici, onde esteve?

Meu coração dispara e eu sinto vontade de correr para longe daqui. O dia volta com tudo, me fazendo olhar para a escada, onde quase morri.

— Creio que já respondi essa pergunta, não?

— Preciso da resposta novamente.

— Eu estava com a minha esposa. — A resposta me faz olhar para ele. — Estávamos em lua de mel.

— Hum. — Me encara. — Se conhecem há muito tempo?

Oh, Deus, quantas perguntas.

— Com licença, um cafezinho. — Nicola chega, colocando uma bandeja na mesa de centro.

— Obrigado. — O detetive volta a nos olhar, aguardando a resposta.

— A conheci há pouco tempo, mas nos apaixonamos. — Enzo olha para mim e isso não me comove em nada. — Um mês foi o suficiente para nos casarmos.

PERIGOSAS ACHERON

Sorrio, querendo que o detetive acredite e que vá embora logo. Meu corpo inteiro está trêmulo, preciso me manter calma... ou tentar passar isso.

Depois de algumas perguntas, o detetive se dá por vencido e vai embora. O acompanho até a porta e sorrio quando ele acena com a cabeça, deixando a casa. Fecho a porta, sentindo um alívio sem tamanho.

— Eu disse que conseguiria. — Enzo continua sentado no sofá.

— Quase morri por estar fingindo. — Trago a mão ao coração.

— Mas não o fez, isso prova que está se tornando forte.

Antes que eu possa me aproximar do sofá, Nicola vem para a sala com outra bandeja. Identifico imediatamente o que vem nela, seus pãezinhos caseiros deliciosos. Mas ao sentir o cheiro deles, meu estômago embrulha, me fazendo trazer a mão à boca.

— Estão quentinhos...

— Oh, Deus — murmuro.

Salvatore ergue o olhar para mim e eu noto que está espantado. Dou meia volta e subo as

escadas correndo na direção do banheiro. Não sobra nada dentro de mim, é tão forte que chega a doer. Tenho certeza que o nervoso juntamente com o cheiro da comida causaram isso.

— Kiara? — Enzo chama do outro lado. — Abra a porta.

Em silêncio, me organizo dentro do banheiro, ouvindo os protestos do outro lado, antes de abrir a porta. Dou de cara com uma expressão que não consigo decifrar.

— *Stai bene?*

— Sim... foi somente um enjoo.

Enzo entorta os lábios, parecendo pensativo. O movimento o deixa um pouco menos duro e isso me faz sorrir levemente.

— O quê?

— Nicola disse que isso é normal.

— Sim. — Ergo as sobrancelhas, surpresa. — Você não sabia?

— Não tenho contato com grávidas.

Comprimo os lábios, sem saber muito bem o que dizer. Salvatore olha para a minha barriga e depois volta a fixar o olhar no meu.

— Vou estar no escritório.

Não sou capaz de responder porque ele,

imediatamente, vira-se, caminhando na direção da porta. Já tentei, mas não consigo entender Enzo Salvatore, ele esconde algo ali dentro.

ENZO

Estou reunido com Lucca, Matteo e Ettore, discutindo sobre os detalhes da nossa volta para Florença. Pozzani parece um pouco contrariado e não preciso perguntar para saber do que se trata.

Anos atrás, ele se apaixonou por uma das moças da Famiglia. Uma Giordano. O casamento com ela foi negado pelo seu pai, Luigi, porque a moça já estava prometida ao Muccini, o homem que está tomando conta dos negócios enquanto estou aqui no Brasil.

Eles se encontram algumas vezes, mas Lucca me garantiu que nunca a tocou. Sei que, mesmo com esse espírito de puto que tem, Pozzani ainda ama aquela mulher e isso é um grande problema. Logo ele vai precisar se casar, não se admite um homem sem uma esposa e filhos dentro da Famiglia.

De repente, toques à porta interrompe a

PERIGOSAS ACHERON

nossa conversa. Ordeno que entre e vejo a minha esposa entrar na sala, completamente séria. Ela já tem o resultado.

— Desculpem, não sabia que estavam em reunião.

— Não se preocupe, senhora. — Matteo levanta, apontando o lugar para ela. — Podemos continuar isso depois.

Aceno com a cabeça para Lucca e Ettore, que levantam e a cumprimentam antes de deixar a sala. Fico de pé antes que ela possa sentar e me aproximo, esperando pela resposta. A Família precisa de uma confirmação.

— E então?

— Estou mesmo grávida.

Seu olhar se fixa no meu e minha única reação é anuir. Ótimo, se for um herdeiro era o que eu precisava para dar continuidade, para deixar um legado. Preciso ensinar os negócios, o meu cargo é perigoso, Kiara pode ficar sem mim. Se for uma menina, será ensinada, treinada e terá um bom casamento.

Kiara cruza os braços como se esperasse uma reação minha e eu olho para a sua barriga. Não consigo sentir nada com a ideia de ser pai; o que

consigo sentir é a vontade de ter Kiara, de poder tentar consertar as merdas que fiz com ela. Mas isso não será possível.

— Vá para casa, ainda tenho muitas coisas para resolver aqui.

A mulher apenas nega com a cabeça e me dá as costas, saindo da minha sala em seguida. O que porra ela queria que eu fizesse? Não sou como os meus amigos Benjamim, Anderson, Celso e Felipe, eles foram criados em mundos diferentes.

Não sinto nada em relação à criança, a não ser a responsabilidade de fazer o certo pela Família, mas sinto algo em relação a ela e isso chega a doer. Quando Kiara está perto, meu coração de pedra estremece... é como se ela fosse capaz de penetrar isso.

— Cazzo — xingo, passando as mãos nos cabelos.

Respiro fundo, recuperando o meu controle; Kiara tem o dom de mandá-lo para longe. Abro a porta e ordeno a um soldado que chame Lucca, Matteo e Ettore de volta para que possamos terminar os nossos preparativos da volta para a Itália.

Volto para a minha mesa, ascendo um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cigarro e dou um trago profundo. Penso em Kiara e em como ela está ainda mais indiferente desde ontem. Solto a fumaça calmamente e vejo os três entrarem na sala novamente.

— Vamos retomar isso.

— Perfetto — Ettore resmunga. — O quanto antes resolvermos isso, melhor.

— Ettore está certo — Matteo apoia. — O Brasil não é totalmente seguro para nós, há muitas brechas para que inimigos se aproximem.

— Aprendi a gostar daqui — Lucca comenta, parece distante. — Mas sinto saudades de casa. *Il mio locale*.

— Você e Ettore precisam arrumar boas esposas.

— Lo so, Salvatore.

— Tenho planos para uma das moças da Famiglia, assim que voltarmos. — Ettore cruza os braços. — Os capos estão em cima para que nos casemos, Pozzani.

— Sinto saudades de quando a pressão era somente no Salvatore. — Ele ri.

— Agora já tenho a minha esposa e ela está grávida. — Mantenho cigarro entre os dedos. — A *Famiglia* saberá quando retornarmos à Florença.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perfetto.

— Vamos retomar — decreto, sério. —
Quero sair deste país o mais rápido possível.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35



KIARA

Ao sair da sala do Salvatore, Rebeca agarra o meu braço e me puxa para um canto. Não sei exatamente o que estou sentindo neste momento.

— E então?

— O quê? — Ergo a sobrancelha.

— Como ele reagiu?

Abro um sorriso, sem ânimo.

— Como esperava que ele reagisse? Apenas me mandou ir para casa.

Uma expressão decepcionada aparece no

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto dela, que me abraça em seguida. Retribuo o seu abraço e me sinto feliz por tê-la como amiga.

— Estou assustada.

Silenciamos quando Lucca, Matteo e Ettore passam por nós, voltando à sala do meu marido. Matteo cumprimenta a esposa com uma piscadela, o que a faz sorrir. Eles são lindos juntos.

— Com o quê está assustada? — Me olha, retomando o assunto.

— Acho que estou sendo contaminada por isso... essa escuridão tóxica que Salvatore tem.

— Não está. — Segura as minhas mãos. — Isso é coisa da sua cabeça... tem um bebê com que se preocupar agora.

— Enzo está pouco se fodendo para esta criança — sussurro.

— Apenas fique firme e me ligue sempre que precisar... quando você for para a Itália, ficaremos alguns dias separadas, mas isso não vai mudar nada. — Toca a minha barriga. — Assim que eu chegar, irei vê-la.

— Não me deixe sozinha, ou irei enlouquecer.

— Senhora. — Pedro se aproxima. — Precisamos ir.

PERIGOSAS ACHERON

Apenas faço um gesto para que espere um pouco e abraço Rebeca. É reconfortante poder conversar abertamente com ela, saber que me entende. Trocamos um sorriso quando nos separamos e eu sigo com Pedro para a saída do cassino. Ele segue atrás de mim e isso me deixa angustiada, não estou acostumada com guardacostas.

— Pedro. — Olho por sobre o ombro.

— Senhora?

— Como estão os ânimos por aqui depois da morte de Catarina?

— Perdão? — Abre a porta do carro para mim.

— Você me entendeu.

Entro no carro e o vejo fechar a porta. Quando toma o seu lugar no banco do motorista, Pedro pigarreja antes de me olhar pelo retrovisor. Estou completamente séria, aguardando a sua resposta.

— Então?

— Todos estão surpresos — hesita e faz uma longa pausa enquanto dá partida no carro. — Já que... bom, Catarina e o chefe eram próximos.

— Traição é morte. Você, mais do que eu,

sabe disso. — Penso um pouco. — Amigos perto, inimigos mais perto ainda.

O homem me olha rapidamente pelo retrovisor e o seu olhar me passa pena. Ele sente pena de mim, pensa que não sei sobre Catarina ou sobre ele ter comido uma das putas do cassino.

— Não sinta pena de mim, Pedro. — Ele gagueja, me fazendo sorrir. — Não preciso disso.

— N-Não quis passar isso, senhora. Perdoe-me.

— Fique tranquilo. — Sorrio. — Não vou matar você por isso... na verdade, já estou acostumada.

O homem silencia e se concentra no caminho para a minha casa. Penso na criança que carrego dentro de mim e no que será de nós quando chegarmos à Itália. Para mim, é algo completamente novo e estranho, mas não consigo odiar o bebê que cresce dentro de mim. É como se eu já o sentisse de maneira muito intensa.

Assim que Pedro para o carro em frente à casa, ele desce primeiro e se certifica se tudo está bem antes de abrir a porta para mim. Salto do carro, parando diante dele.

— Obrigada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É o meu trabalho, senhora.

Sigo pelo jardim calmamente, sentindo o sol aquecendo a minha pele. Respiro fundo, mantendo a minha compostura, e entro na casa. Nicola corre ao meu encontro, abrindo um sorriso enorme para mim.

— *Benvenuta*. (Bem-vinda.) — Hesita. — Já sabe sobre a gravidez?

— Sim. — Sorrio pelo seu ânimo muito maior que o meu. — Estou mesmo grávida do seu querido Enzo.

— Que felicidade, senhora! — Me abraça. — Um bebê vai trazer alegria.

Apenas sorrio, querendo me desviar do assunto.

— Vou subir agora, preciso ficar um pouco sozinha.

— Não quer alguma coisa?

— Não, obrigada. — Sorrio.

Assim que ela começa a se afastar, viro-me para subir as escadas. Lembro-me da reação dele ao saber que estou realmente grávida, o homem não demonstrou absolutamente nada. Não é ele quem queria filhos?

Herdeiros. Não filhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro a porta do quarto devagar, imersa nos meus pensamentos e lembranças. Sinto a minha cabeça fervilhando e fecho a porta antes de seguir para a cama. Sento-me, colocando a bolsa de lado, não sei mais o que fazer em relação ao meu casamento... tudo só vai por água abaixo e Salvatore parece estar pouco se fodendo.

Já sei quem matou meu irmão e sei um pouco sobre os meus pais. O que me resta agora é ir para a Itália com o meu marido e ter o bebê, já que não tenho outra saída.

O pior de tudo é saber que o meu coração está caindo na armadilha do Salvatore. Estou sentindo algo por aquele maldito mafioso e não estou fazendo nada para evitar isso. Estou me apaixonando pela escuridão tóxica dele e de todas essas pessoas.

ENZO

— Ettore vai repassar as minhas ordens. Podem ir.

Pozzani e Barbieri se retiram, ficando somente Matteo comigo na sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chefe. — Pigarreia.

— *Parli.* (Fale.)

— Rebeca quer falar com o senhor. Não sei do que se trata.

— Mande-a entrar.

O homem assente, me dando as costas para sair. Pouco tempo depois, Rebeca entra na sala e abre um leve sorriso para mim, o que me faz estreitar o olhar. Alguma coisa ela quer.

— Posso? — Aponta para a cadeira e eu faço um gesto com a cabeça. — Vim falar sobre algo importante.

— *Parlami.*

— A dançarina que todos gostavam de ver era Catarina, depois da sua morte... bom, tenho recebido alguns comentários em torno da mulher que está em seu lugar. — Faz uma pausa. — O que sugere que façamos para melhorar isso?

— Treine outra mulher e continue testando habilidade das outras. O clube não pode parar, tempo perdido é dinheiro indo para o ralo.

— Exato.

— Fale com Lucca para que contate Muccini sobre isso, precisamos de mais mulheres.

— Muccini não é o homem que...

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, mas Pozzani é o sub-chefe e Muccini é o responsável pelas prostitutas. Eles sabem o seu dever.

— Claro. — Hesita. — Por falar em dever... podemos falar sobre a gravidez de Kiara?

— Não.

Rebeca é a única que tem coragem suficiente para me encarar de frente, além de Kiara e Ettore. Eu mesmo já a torturei e sei que é fiel a Matteo e à Famiglia.

— Salvatore, por favor... ela não pode ficar sozinha em um momento como esse. Precisa do seu apoio.

— Basta, Rebeca. Saia.

Meu olhar duro para ela não deixa dúvidas, ninguém questiona a minha autoridade. Principalmente quando se trata do meu casamento. Sinto algo por Kiara, mas isso não muda o que sou dentro da Famiglia. Rebeca fica de pé, sem abaixar a guarda, e segue para a porta. Antes que possa sair, olha para mim uma última vez.

— Ela só tem você... lembre-se disso.

Quando a porta é fechada, relaxo meu corpo na cadeira, passando as mãos no rosto. Preciso me concentrar na nossa saída do Brasil, ninguém pode

se inteirar disso. Precisa ser rápida, eficaz e sem imprevistos.

Fico de pé, alcançando o celular antes de sair da sala, preciso ir à loja de automotivos saber como as coisas com as contas estão indo. Depois, irei até a casa do Benjamim falar sobre a minha volta para a Itália.

Toco a campainha e confiro a hora no meu relógio de pulso. Benjamim já deve ter chegado da SQUAD. A porta é aberta por ele, que tem a filha nos braços.

— Entre, Salvatore.

— Tio Enzo!

Ellen estica os braços para mim e eu fico quieto, olhando a pequena criatura querendo me abraçar. Ela quer mesmo isso?

— Não vai pegá-la? — meu amigo pergunta.

— Não.

Entro no apartamento quando Benjamim me dá passagem e sigo para onde Lara está. A cumprimento e ela sorri antes de desviar o olhar

para o marido.

— Não vai me abraçar, tio Enzo? — Faz bico.

— Ellen gosta de você — Lara comenta de maneira calma. — Mesmo que sempre tenha evitado contato.

— Vocês sabem o porquê de eu evitar.

— E você sabe que nós somos amigos acima de tudo — Benjamim completa.

Olho para a menina e ela abre um sorriso para mim, o que me faz querer sorrir de volta, mas me contenho. Estendo os braços, suspendendo Ellen, trazendo-a para mim. Sou abraçado com força e beijos estalados são deixados pelo meu rosto.

Meu coração se aquece dentro do peito e, por alguns instantes, me sinto amado. Mas isso é errado, minha alma é perversa, manchada pela quantidade de sangue que já derramei. Essa menina é uma criatura pura, não devo manchá-la também. Não me arrependo dos meus atos, mas não quero sujar Ellen com isso.

— Tio Enzo, vai me abraçar mais vezes? Vai? — pergunta, quando a coloco no chão.

— Veremos isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá brincar um pouco, Ell... logo a mamãe chega lá.

Espero Ellen deixar a sala para sentar e encarar o casal diante de mim.

— Precisarei voltar à Itália. — Olho para Benjamim. — Deixarei a empresa de automotivos sob a sua responsabilidade, para registrar tudo... exatamente como estamos fazendo.

— Claro, você sabe que pode contar comigo.

— Sei que sim.

— Onde está Kiara? — Lara pergunta. — Gosto de conversar com ela.

— Em casa com os enjoos da gravidez.

— Ela está grávida? — Abre um sorriso enorme. — Meus parabéns a você e a ela.

Apenas assinto, querendo me esquivar do assunto. Não quero que comecem a fazer perguntas sobre bebês e casamentos felizes, isso não existe no meu mundo.

— Quando você vai?

— Muito em breve, Benjamim. Por isso vim pessoalmente garantir que você fique tomando conta da empresa. — Fico de pé. — Preciso ir agora.

PERIGOSAS ACHERON

— Fique tranquilo.

Benjamim me abraça rapidamente e eu cumprimento Lara quando ele me solta. Ellen reaparece e me faz dar um beijo nela antes de sair do apartamento. Essa família é especial para mim, Benjamim e os amigos me mostraram o verdadeiro significado de amizade e lealdade.

Por fim retorno para a minha casa e penso no que ainda preciso ouvir quando chegar em casa. Dio santo, aquela mulher vai me tirar o pouco de sanidade que ainda me resta. Ao cruzar a porta, espero Nicola vir correndo me bombardear com perguntas sobre o jantar, mas isso não acontece.

Respiro fundo, aliviado, seguindo para subir as escadas e encontrar Kiara. Enquanto caminho pelo corredor, penso sobre a criança que carrega e lembro-me de Ellen. Não sei exatamente o que sentir nesse momento, mas sei que Kiara ainda será a razão da minha queda.

Abro a porta do quarto, entrando sem prestar muita atenção, mas o silêncio nele me faz estranhar. Kiara não está aqui, mas o seu cheiro levemente adocicado marca que esteve há pouco tempo. Pensativo, dou meia volta para descer novamente, preciso saber onde ela está.

Ao me aproximar da cozinha, escuto a sua voz e algo dentro de mim me faz ficar aliviado. Uma breve risada é dada por Nicola e eu me concentro para prestar atenção na conversa.

— Esse medo todo é apenas no começo, é normal em mães de primeira viagem.

— Imagino que sim. — Sua voz está baixa.

— Senhor Enzo está demorando hoje.

O silêncio da minha esposa faz o meu sangue ferver nas minhas veias. Essa porra de casamento está me matando aos poucos todos os dias e não ter Kiara de verdade está acelerando isso.

Apareço para vê-la sentada no balcão, ajudando Nicola com a verdura. O olhar se direciona a mim, fazendo os cabelos caírem nos seus ombros. Dio santo, eu poderia comê-la gostoso ali.

— Kiara, *vieni qui*^[41].

— Deseja jantar, senhor Enzo?

— Não.

Espero a mulher descer do balcão e lavar as mãos antes de vir até mim. Seu cheiro delicioso e o seu olhar de quem não tem medo me provocam de maneira incontrollável. Passo as mãos nos cabelos,

PERIGOSAS NACIONAIS

me acalmando, antes de dar espaço para que siga na minha frente.

De volta ao quarto, a observo inteira, mas a mulher não reage. Decido me aproximar e ela cruza os braços, desafiadora. Penso no que Rebeca me disse e, pela primeira vez, sinto dúvida quanto ao que fazer.

— O que quer falar?

Me aproximo ainda mais para segurar o seu queixo entre o meu dedo polegar e o indicador. A mulher me encara de maneira firme e eu faço o mesmo.

— Bella mia — sussurro, sentindo meu tesão crescer. — Não quero falar.

Inclino um pouco a cabeça, querendo sentir a sua boca macia na minha outra vez. A mulher solta um leve suspiro, fazendo o ar quente alcançar o meu rosto. Quando estou quase encostando os lábios nos seus, Kiara recua.

— Enzo, não. Já chega... eu já estou grávida, é o que você queria. Vamos parar com isso.

— Mas eu não quero parar — confesso, sentindo que a estou perdendo de vez. — Não quero parar, Kiara... quero você.

PERIGOSAS ACHERON

Ficamos um longo tempo nos encarando, ela ofega, afobada.

— Aguentei muita merda fodida nessa vida, mas ver a sua indiferença com o que sinto está me corroendo.

— Sente... — a palavra morre nos seus lábios.

— acredite em mim — peço, deixando de lado a minha capa. Com ela. — Bella.

Seu olhar perdido me diz que acredita, no fundo ela acredita. Me aproximo novamente, devagar, segurando as suas mãos.

— Você me pediu para não bater mais, me pediu para ser maleável... o que mais quer? O que mais eu preciso fazer? — Nego com a cabeça. — Nunca, em toda a minha vida, pensei que fosse sentir algo assim... que me fizesse ceder nas minhas regras. Ti amo, Kiara. Cazzo!

A mulher continua quieta, surpresa. Nem mesmo quando criança, abri meu coração dessa maneira... nem mesmo para mia mamma. Então, faço a única coisa que me resta. Curvo o meu corpo, sentindo o conflito interno se transformar em uma guerra. Ajoelho diante da minha esposa, lembrando-me do que me foi ensinado no

PERIGOSAS NACIONAIS

treinamento.

"Um homem da máfia nunca ajoelha. Esse ato significa rendição, entrega da luta."

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36



KIARA

Tenho o chefe da máfia ajoelhado diante de mim, o homem mais poderoso dela. O simples ato parece feri-lo profundamente somente pela sua expressão. Estou completamente paralisada, sem reação.

— E-Enzo, eu...

— Kiara, eu estou aqui diante de você para que me dê um veredito. — Faz uma pausa, parece mesmo estar sofrendo. — Se vai me odiar pelo resto da vida ou vai tentar comigo... estou disposto

a ser melhor com você. Sou um mafioso, um assassino impiedoso, isso nunca vai mudar... mas eu quero ser diferente com você.

As palavras dele me causam um impacto grande. Vê-lo falar dessa maneira, abrindo o coração para mim... ajoelhar. Ele não parece estar fingindo. Eu realmente não esperava isso nesse momento, não quando ele falou que o bebê é somente um herdeiro. Estou confusa.

Meu coração me diz para ceder, eu quero ceder, mas sinto medo do que ele possa estar armando por trás disso. Sinto medo de abaixar a guarda e ele voltar a fazer tudo o que fazia antes.

— *Parlami, bella.* (Diga-me, bonita.)

Derramo lágrimas sem mesmo querer, recordando-me de tudo o que ele já me fez e das coisas que passei. Meu coração se aperta dentro do peito e Salvatore se mantém em silêncio. Ajoelho diante dele, enxugando as lágrimas, mas não ousei tocá-lo.

— Não sei se serei capaz de perdoar você pelo que me fez. — Fungo. — Nem sempre o amor é o bastante, Enzo. Você me machucou, não somente o meu corpo... me deixou em pedaços.

Enzo abaixa os braços, largando-os ao lado

do seu corpo. Meu corpo inteiro treme diante da situação e eu não sei identificar o que realmente estou sentindo.

— Mas, você tem melhorado um pouco... então acho que podemos recomeçar daqui se me prometer... sem erros, sem recaídas.

Enzo estende a mão para tocar o meu rosto e o gesto faz um arrepio tomar o meu corpo. Sinto algo por ele, mas não posso demonstrar agora, não posso. Preciso saber se sua rendição é real, verdadeira.

— *Ti prometto.* — Acaricia o meu rosto, como se fosse me quebrar a qualquer momento.
— *Ti prometto.*

Fico em silêncio mais uma vez, sentindo o seu toque duro. Fecho os olhos, sentindo o meu coração traidor acelerar ao vê-lo sendo sincero comigo. Meu medo de acreditar nisso fala alto dentro de mim, mas o que sinto me faz querer ceder um pouco... eu preciso de um pouco de paz.

Toco a sua mão, que ainda está no meu rosto, sem desviar o olhar do seu. As íris azuis do meu esposo têm um brilho diferente, algo que nunca vi antes.

— Me ensine a ser um homem melhor com

você. — Se aproxima um pouco, ainda de joelhos, ficando frente a frente comigo. — Você sabe que fui criado e programado para comandar a Famiglia, para matar... preciso que me ensine a amar. Sei o que sinto, mas não consigo fazer isso sozinho... dói como um inferno assumir isso.

— Não é vergonhoso assumir o que está sentindo... principalmente para mim, Salvatore.

— *Non* devo demonstrar fraqueza, *cazzo*! Amor é fraqueza... você é a minha fraqueza!

— Demonstre apenas para mim... somente nós dois saberemos o que se passa. Não é assim que deve ser?

Então, sem que eu espere, Enzo avança para tomar os meus lábios em um beijo. Me deixo levar pelo toque quente e retribuo, levando as mãos ao seu rosto também. Sua barba, já crescida, roça nos meus dedos e eu adoro a sensação.

O beijo não é aprofundado, Enzo se atém apenas aos meus lábios. Depois de encerrar o beijo, ele cola a sua testa na minha e fica em silêncio. Confesso que não sei exatamente o que sentir, tudo me parece ridiculamente estranho.

— Você está mesmo disposto a isso, Enzo?

— *Sì, bella*. — Me puxa para ele em um

abraço duro, ele não sabe muito bem o que está fazendo, mas gosto de vê-lo tentar. — Esse sentimento estranho está me corroendo.

Fecho os olhos, apreciando o calor do seu corpo contra o meu.

— Está me corroendo também — murmuro, falando pela primeira vez sobre os meus sentimentos. — Eu acabei me apaixonando pelo homem que me torturou... isso é insano. Me apaixonei pela sua escuridão tóxica, estou me tornando fria como você.

— Não está se tornando. — Me faz olhar para ele. — Carrega isso no sangue, Kiara... você pertence à Família.

— Sinto medo disso.

— Não sinta... isso é o que vai fortalecer você.

Ergo o meu corpo, ficando de pé. Salvatore também faz o mesmo, me encarando de maneira firme. Seus olhos me passam a sua frieza; mesmo em um momento como o que acabamos de ter aqui, ele consegue ser frio. Me aproximo dele devagar, sentindo o meu corpo trêmulo.

Estou acostumada a enfrentar Salvatore e ser violenta, receber violência... não a termos uma

conversa assim. Isso me deixa nervosa. Nervosa porque me apaixonei, não sei como me deixei levar por isso, mas é o que sinto.

Ergo a mão devagar, sem tirar o olhar do seu. A respiração dele se torna forte, fazendo o seu peito subir e descer de maneira rápida, também está nervoso. As pontas dos meus dedos alcançam o seu rosto e ele fecha os olhos, cerrando os punhos com força. Solto um suspiro antes de deixar os meus dedos deslizarem por sua pele e barba.

— Isso incomoda você?

— Mentiria se dissesse que não. — Abre os olhos. — Ninguém jamais fez isso comigo além da *mia mamma*.

— Você quer que eu pare?

— *Non*. — Toca a minha mão que está no seu rosto. — Quero sentir mais disso... essa coisa estranha que carrego no meu peito. É bom.

Acabo sorrindo e ele se mantém sério, me observando. O seu olhar é algo intrigante, não dá para saber o que realmente se passa com ele, com os seus sentimentos. Pelo jeito, o treinamento pelo qual eles passam é realmente duro e cruel. Enzo sabe esconder muito bem o que está sentindo.

— Estava no clube? — pergunto, quebrando

o silêncio.

Me afasto, não sabendo muito bem como agir daqui em diante. A única coisa que havíamos trocado até agora foi ódio, estou perdida quanto a isso.

— Na casa do Benjamim.

— O CEO?

— *Esatto*. — Se aproxima outra vez. — Fui tratar com ele sobre a empresa de automotivos... já que voltaremos em breve para a Itália.

— Hum.

— *Stai bene?*

— Sim, eu só não sei o que fazer agora... com nós dois, depois de tudo o que dissemos.

— Não sou o melhor com isso, mas gostaria de começar beijando-a outra vez.

— Mesmo?

— Não gostaria?

— Bom, sim... — Silencio e ele aproxima os nossos lábios, mas antes que o beijo realmente aconteça, o interrompo: — Mas e depois?

Vejo um ensaio de sorriso brotar no seu rosto e comprimo os lábios, ainda insegura.

— Depois você pode me ensinar a ser melhor. Somente com você.

Apenas assinto, o que o faz voltar a aproximar os nossos lábios e me beijar. Ele sussurra algo em italiano entre os beijos e o seu sotaque me faz sorrir levemente. Sinto o êxtase da escuridão me dominar, é intenso, frio, mas acolhedor... a máfia é o meu lugar. Consegui fazer Enzo mudar comigo e agora estamos apaixonados, isso é o que eu precisava para continuar.

Sou a esposa da máfia e vou cumprir o meu dever.

ENZO

Dizer a Kiara o que sinto foi uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida. Me obriguei a me despir de todos os meus impedimentos porque preciso desesperadamente ser amado por ela... preciso do seu toque. Me ajoelhar foi prova disso.

— Você vai jantar comigo? Ou já jantou na casa do seu amigo?

— Não jantei ainda, bella mia.

— Então vamos descer, a comida de Nicola está cheirosa demais para ser desperdiçada.

Ver Kiara falar sem xingamentos, sem
PERIGOSAS ACHERON

agressões e sem raiva me faz ver o quão doce ela pode ser. Sei que ainda há um longo caminho a percorrer, se eu quiser tê-la inteiramente. Kiara cedeu, mas ainda não acredita inteiramente, preciso provar a ela que a quero.

Descemos as escadas juntos, mas ela não permite que eu me aproxime demais. Sentamos à mesa e Nicola vem nos servir. Não tiro os olhos dela e não posso deixar de sentir um peso a menos nos meus ombros. Quando nota o meu olhar, Kiara sorri de canto, retraída.

— Obrigada, Nicola — diz.

A mulher se retira, nos deixando a sós. Observo Kiara experimentar a comida e se deliciar com ela.

— Não vai comer? — pergunta ao notar que ainda não comecei.

— Sì.

Começo a comer e a comida morna e saborosa me remete à mia mamma.

— Enzo, eu tenho uma pergunta.

— *Parli.*

— Ouvi alguém no clube dizer que o seu pai havia matado a sua mãe e cometido suicídio. — Hesita, abaixando o tom. — Você me disse que

PERIGOSAS NACIONAIS

havia matado o seu pai por ele ter assassinado a sua mãe.

— Isso mesmo. Como acha que ainda estou aqui, bella? — falo baixo. — Eles precisavam de uma história para justificar aquilo e eu dei. Você é a única que sabe disto... disse algo quando ouviu a versão?

— Não... apenas afirmei que não sabia de nada.

— *Perfetto*. Mas quem estava falando sobre isso?

— Não direi as minhas fontes, Salvatore. — Ela sorri ao ver a minha expressão. — Não se preocupe, a pessoa não disse por mal.

— *Va bene*.

Volto a comer e ela faz o mesmo. Continuamos a nossa refeição em silêncio e eu aprecio as reações dela à comida saborosa. De repente, um soldado entra na sala de jantar, tenso.

— Chefe, creio que precisaremos adiantar a sua ida.

— Por quê?

— Um membro da Famiglia morreu.

— Morreu? — Ergo uma sobrancelha. — Quem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A mãe do capo Muccini, chefe... estava doente.

— *Dio santo*. — Faço o sinal da cruz. — *Va bene*, contate Lucca, Matteo e Ettore. Mande que venham aqui.

O soldado pede licença e sai para fazer o que mandei. Olho para Kiara e ela está sem entender nada.

— Muccini é o capo que está tomando conta dos negócios na Itália enquanto estou fora. — Coloco a minha mão sobre a sua, que está na mesa. — Vamos embora ainda hoje.

— Tudo bem... eu só preciso arrumar as coisas.

— *Perfetto*. — Volto a comer. — Quero que suba assim que o sub-chefe, o irmão e o consigliere chegarem.

— Vai mesmo me excluir disso?

— Negócios ainda são negócios... ditames da Famiglia. — Aproximo o meu rosto dela. — Prometi ser melhor com você, quanto aos negócios, serei o mesmo.

Kiara me encara por alguns instantes antes de assentir. Ela não foi acostumada a isso, mas deve aprender que deve ficar fora dos negócios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok, Salvatore. — Coloca os talheres sobre o prato e fica de pé. — Vou chamar Nicola para começar a arrumar as coisas para a partida.

— Arrume o básico, deixe o menos importante... não podemos nos atrasar.

Kiara deixa a sala sem dizer mais nada e em pouco tempo, encerro o meu jantar. Evito subir para o quarto, preciso focar no que deve ser feito e não na vontade foder a minha esposa. Logo, Matteo, Lucca e Ettore entram e param na sala de estar. Aponto para que se acomodem e eu sei que Pozzani vai protestar quanto à nossa ida por causa do Muccini.

— A mãe do Muccini faleceu, precisamos regressar à Itália para o velório.

— Cazzo! — Lucca xinga.

— Pozzani, sei sobre os seus poréns, mas não é hora para eles.

— Lo so!

— Vou precisar do jatinho ainda esta noite, quero chegar para o velório. Providencie isso, Ettore.

— Quem de nós vai com você? — pergunta.

— Lucca e você. Matteo tem coisas a resolver aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou mandar preparar o jatinho. — Ettore ergue o corpo.

— Perfetto. — Fico de pé também. — Lucca irá designar os nossos melhores soldados para a viagem. Matteo, você cuidará do cassino até que Rizzi possa assumir; depois, volte à Itália.

— Sim, chefe.

— Encontro vocês em duas horas.

Quando todos se retiram, viro-me para subir as escadas calmamente. Ao me aproximar do quarto, ouço a voz de Nicola e sei que está com Kiara. Entro no quarto e os olhares se voltam para mim. Me mantenho sério enquanto me aproximo e Nicola abaixa a cabeça, esperando a ordem.

— Vá aprontar as suas coisas, temos duas horas.

— Sim, senhor Enzo.

Espero que a mulher saia e observo Kiara andar de um lado para o outro, buscando as roupas.

— Esposa. — Me aproximo da mala em cima da cama.

— Sim? — responde de dentro do closet.

— Já saiu do Brasil alguma vez?

Ela ri, aparecendo de volta, com algumas roupas nas mãos para colocá-las na mala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, mas Rodrigo me fez tirar o passaporte... me disse que era para o caso de uma urgência. — Hesita. — Foi aí que comecei a desconfiar do seu trabalho.

— O infeliz realmente pensou em tudo para proteger você... não nega ser da Famiglia.

— Meu irmão era... — faz uma pausa, os olhos estão cheios de lágrimas. — Era o meu melhor amigo, sempre cuidou de mim e me deu o amor que eu não tive dos meus pais por nunca tê-los conhecido.

— Sabe que ele é considerado um traidor, não é? Por manter você longe?

— Sim, andei me informando... ele só quis me proteger. — Olha nos meus olhos. — Eu me entregaria se soubesse que ele estava correndo risco por mim.

— Não há como mudar nada mais e agora você está à salvo com a Famiglia.

— É por isso que estamos seguindo adiante... não é?

Me aproximo devagar. Penso em tocá-la, mas não o faço.

— *Sì, bella mia.*

Ela sorri levemente, amargurada.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode. — Faz uma pausa. — Pode me abraçar? Sinto falta disso... o meu irmão sempre me abraçava para me consolar.

O pedido me pega de surpresa, nunca esperei algo assim... e principalmente vindo da minha esposa. Sem dizer nada, me aproximo, sem saber muito bem como fazer isso. Kiara comprime os lábios, com os olhos cheios de lágrimas, e eu a envolvo com os meus braços. Puxo a mulher um pouco mais contra mim, sentindo o meu coração bater de forma acelerada por tê-la perto.

— Assim?

— Sim — murmura, se aconchegando no meu peito.

A sensação de ter Kiara assim em um momento tão íntimo me faz pensar no que me tornei, no que ela me causou. Kiara é o meu maior pecado. O amor que sinto por ela não pode virar alvo de ninguém, não sei do que seria capaz se algo a acontecesse novamente.

Bella mia.

Capítulo 37



KIARA

O perfume amadeirado e o calor do corpo do meu marido me fazem querer ficar um pouco mais no seu abraço. Me solto devagar, preciso terminar de arrumar as malas para a nossa ida à Itália.

Enzo coloca a sua pistola sobre a cama antes de sair em direção ao closet. Olho fixamente para ela, as lembranças de tudo o que passei, as coisas horríveis que ele me disse... meu inconsciente me manda pegar a pistola e eu o faço.

O peso dela nas minhas mãos me faz sentir um calor subindo pelo meu corpo, eu poderia me vingar agora.

Os pensamentos se misturam, as lembranças ainda me doem e eu ouço um forte zumbido. Ergo o olhar e vejo Enzo parado, dizendo algo. *O que ele disse?* Não importa.

— Kiara, cosa fai?!^[42]

Dessa vez o ouço.

— Você vai me matar? — Aproxima-se, ficando com o peito perto demais do cano da pistola. — Faça.

Salvatore fixa o seu olhar no meu, sem tremer ou hesitar. Seguro firme a pistola, sentindo o meu corpo ceder, o zumbido vai cessando aos poucos e nós ficamos nos encarando, com a pistola nos separando.

— Atire, esposa.

Sua voz e sua imagem vão ficando distantes, tento me manter firme, mas não consigo. Não tenho controle sobre o meu corpo, então me entrego à escuridão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro os olhos sentindo o meu corpo pesando. Olho em volta, procurando pelas malas, mas não encontro. O quarto está vazio. Sento-me exasperada, olhando em volta, à procura de Enzo. Há quanto tempo estou aqui? Ele me deixou?

De repente, a porta do banheiro é aberta e Enzo sai completamente nu, enxugando os cabelos. Ele não demonstra nada ao me ver, mas enrola a toalha no quadril e vem até mim.

— *Stai bene?*

— Sim — murmuro. — Pensei que tivesse me deixado.

— Nunca deixaria a minha esposa para trás. — Estende a mão. — Vamos.

Seguro a sua mão, ficando de pé e cara a cara com ele. Salvatore não demonstra nada em relação ao acontecido e eu só tenho um borrão como memória.

— Enzo...

— Não vamos falar sobre isso. — Segura o meu queixo. — Já provou que fará e saiba que eu farei também... se necessário.

Fico em silêncio, ainda querendo entender o que aconteceu comigo para agir daquela maneira. Minha mente não obedecia, ela comandava.

PERIGOSAS ACHERON

— Vá trocar essa roupa, precisamos ir. Nicola terminou as malas por você e deixou um vestido para usar no funeral.

O que mais me impressiona é o fato de Salvatore não estar bravo. Pode estar querendo me fazer sofrer depois pelo meu pequeno surto... ou pode realmente me amar e querer esquecer isso.

— Tudo bem.

Respiro fundo, indo na direção do closet e dou de cara com um vestido preto. Não penso muito, começo a me despir rapidamente, tentando não pensar muito sobre o que aconteceu. Coloco o vestido e quando menos espero, Enzo me faz ficar parada para me ajudar com o zíper.

Fecho os olhos, sentindo o seu toque quente contra a minha pele. Ao perceber as minhas reações ao seu toque, Enzo afasta os meus cabelos e deixa um beijo no meu pescoço. O simples ato deixa a minha pele arrepiada e me faz sentir um intenso frio na barriga.

— Está pronta?

— Falta apenas dar um jeito nos cabelos e estarei pronta. — Subo nos saltos.

— *Perfetto.*

Viro-me para ficarmos frente a frente mais

uma vez. O homem possui uma beleza fora do comum e a sua barba crescida o deixa ainda mais feroz. Passo por ele para terminar de me arrumar e sinto algo em meu coração. Mesmo estando confinada há dias, não queria deixar o meu país, mas preciso ir.

Termino de me arrumar e olho o resultado no espelho. Enzo está olhando algo no celular e sua expressão continua a mesma, impassível. Volto-me para ele e começo a me aproximar.

— Está tudo bem?

— Sim. — Digita mais algumas palavras e guarda o celular. — Vamos.

Pego o seu braço e ele começa a caminhar em direção ao corredor. Descemos as escadas em silêncio e Enrico está nos esperando na sala.

— Tudo pronto chefe, podemos ir. — Olha para mim e acena com a cabeça. — Senhora.

— Senhor Caligiuri — cumprimento.

— Vamos, então.

Seguimos para fora da casa, onde existem dois carros pretos. Os soldados armados estão fora e Nicola está ao lado deles, nos esperando. Enzo para antes dos carros e me faz olhar para ele.

— Escute bem, bella mia — sussurra para

PERIGOSAS NACIONAIS

que somente eu ouça. — Vamos em carros separados, não quero que corra riscos.

— O quê?

— Entenda, você está esperando um herdeiro... não posso e não vou arriscar. Vou no primeiro carro e você segue no segundo com Nicola.

— Não me deixe sozinha — murmuro.

— É somente até chegarmos ao aeroporto, Kiara... fique tranquila e faça o que eu digo.

Salvatore me entrega uma pistola e eu hesito antes de pegá-la. Lembro-me do que aconteceu mais cedo e sinto medo de mim mesma.

— Tome cuidado.

— Você também, bella mia. — Faz um sinal da cruz na minha testa. — *Dio ti guidi*.

— O que isso quer dizer?

— Deus te guie.

Troco a pistola de mão e também faço o sinal da cruz em sua testa.

— *Dio ti guidi* — repito.

— Vamos, não podemos mais esperar.

Enzo segue para o primeiro carro e entra nele com alguns soldados. Chego perto de Nicola e deixo que ela entre primeiro, três soldados nos

PERIGOSAS ACHERON

acompanham armados. Fico atenta ao caminho, sentindo o meu coração martelando no peito. Olho para a pistola no meu colo e respiro fundo, com o pensamento no meu marido.

— Vai ficar tudo bem — Nicola sussurra para mim. — Senhor Enzo sempre tem tudo sob controle.

Apenas aceno com a cabeça, sorrindo para ela. Penso em Rebeca, a minha amiga querida, queria poder contar com ela neste momento. Infelizmente ficaremos uns dias separadas, terei que ser forte no meio das mulheres da Família agora que finalmente vou conhecê-las. Sinto medo disso.

ENZO

No carro, indo em direção ao aeroporto, penso no que aconteceu há pouco entre mim e Kiara. A mulher tinha um olhar diferente, como se não estivesse realmente ali. Não era ela.

Decido afastar esses pensamentos por enquanto e focar no que é preciso fazer. Comigo dentro do carro estão Enrico e mais três soldados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante e Pedro ficarão no Brasil cuidando do cassino.

Quando Enrico para o carro na pista de decolagem, já avisto Lucca e Ettore lado a lado. O caminho até o aeroporto foi tranquilo, não houve qualquer imprevisto. Desço do carro e sigo para o veículo onde a minha esposa está, a vejo descer e vir até mim aparentemente calma.

— Como procedemos agora, chefe?

— Vamos embarcar e sair de uma vez deste país.

Olho para a aeronave na pista e em seguida para Kiara, a mulher entende, segurando o meu braço para subirmos. A coloco para subir na frente, seguindo logo atrás dela. Indico um lugar mais afastado para que se acomode e eu tomo um assento em frente ao seu.

— Salvatore — Ettore chama. — Um minuto.

Ettore cumprimenta a minha esposa e eu fico de pé, me afastando com ele enquanto os outros se acomodam. Cruzo os braços e espero o que ele quer me dizer.

— Estou preocupado com a reação do Pozzani quando reencontrar Muccini e a esposa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dio santo, Barbieri. — Olho para Lucca que está se acomodando em um assento. — Fale com ele antes que eu perca a porra da minha paciência. Antonella é casada com Muccini, ele tem que aceitar isso antes que acabe prejudicado.

— Falarei com ele.

— Se não funcionar, eu mesmo tomarei uma providência. — Bufo. — Nem que eu tenha que afastá-lo.

— Sim, Salvatore.

Aceno com a cabeça e dou as costas, voltando para o meu assento. Vejo Kiara sorrindo com algo que Nicola lhe diz e admiro o pequeno gesto da minha esposa. Ao notar que a observo, Kiara reduz um pouco o sorriso e Nicola volta para o seu assento. Volto a me acomodar, vendo Kiara se curvar para falar comigo.

— Nicola me confessou que tem medo de avião.

— Mesmo?

— Sim. — Ela sorri. — Mas nada com que se preocupar.

— E você? — Também curvo o corpo para frente, ficando perto dela para tocar a sua barriga. — Está bem?

PERIGOSAS ACHERON

— Estou... só espero não enjoar lá em cima.

Aceno mais uma vez com a cabeça e volto a me acomodar quando a voz do piloto ecoa pela aeronave. Afivelo o cinto e vejo Kiara afivelar o dela; a mulher, ao notar que ainda a observo, sorri levemente.

— Descanse — digo, abrindo o botão do blazer preto. — A viagem será longa.

Kiara recosta na poltrona e se mantém quieta enquanto a aeronave decola. Desvio o olhar dela para a janela e me concentro no que devo fazer quando chegar de volta à Itália.

Abro os olhos quando a voz do piloto anuncia que já estamos sobrevoando a Itália. Olho o meu relógio de pulso e noto que a viagem se sucedeu muito bem. Foram mais de onze horas de voo.

Fiquei acordado durante as primeiras horas, vigiando o sono de Kiara. Alguns soldados revezaram as horas de sono e eu não dormi mais que três horas. Olho para Kiara e observo o seu sono mais uma vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer que eu prepare um café da manhã, senhor Enzo?

— Non. — Ergo a mão. — Já estamos sobrevoando a Itália, logo estaremos em casa.

— A senhora Kiara deve estar exausta, esteve acordada praticamente todo o tempo que o senhor dormiu.

Olho para a mulher adormecida na minha frente e a analiso por alguns instantes.

— Ela vai ficar bem, é forte.

Espero a mulher voltar para o seu assento e resolvo acordar Kiara. Levo a mão à sua perna e chamo o seu nome duas vezes antes que ela acorde e olhe para mim.

— Chegamos, bella... acorde.

— Oh, Deus. — Se espreguiça. — Estou exausta.

— Iremos direto para o velório, depois poderá descansar na nossa casa.

— Tudo bem, Salvatore.

O piloto pousa a aeronave com sucesso e nós somos autorizados a desembarcar. Espero a minha esposa para descermos juntos e vejo quando Enrico se aproxima.

— Tudo certo com o carro, chefe, um

PERIGOSAS ACHERON

soldado já está nos esperando e Lucca irá com Ettore em outro carro.

— *Perfetto*. — Olho para Kiara. — Vamos, esposa.

Descemos do jatinho e eu já vejo o soldado nos esperando com o carro na pista. Mando Nicola com outro soldado para casa e sigo com Kiara para o carro. Cumprimento o homem e abro a porta do veículo para a minha esposa. Enrico entra na frente, ao lado do soldado que nos esperava e eu dou a ordem para seguirmos.

No caminho até a casa do Muccini, Kiara não desvia o olhar da janela, concentrada nas paisagens do meu país. Vejo quando cruza os braços, está com frio. Estendo um casaco para ela e a mulher abre um leve sorriso para mim, agradecendo.

— Depois poderei conhecer esses lugares bonitos? — pergunta baixinho.

Aperto o botão, subindo a divisória entre nós e os que estão no banco da frente. Kiara continua olhando para mim e eu quero tanto beijá-la. Avanço para satisfazer a minha vontade e ela recua, abrindo um leve sorriso.

— Não me respondeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, levarei você aos pontos turísticos... cazzo, me beije, mulher.

Kiara desmancha o sorriso antes de inclinar um pouco a cabeça na minha direção. Beijo a mulher de maneira faminta, eu a desejo tanto que chega a doer. Mergulho a língua em sua boca, deixando que o nosso contato se torne mais íntimo.

— Hum — ronrona, parando o beijo. — Estamos indo a um velório, Enzo... fazemos isso depois.

Fixo o meu olhar no seu, limpando os lábios com o dedo polegar. A mulher vira o rosto para a janela, voltando a admirar as paisagens e eu fico duro, querendo mais dela. Maldita brasileira sedutora.

Quando o soldado para o carro diante da casa do Muccini, desço imediatamente, estendendo a mão para Kiara. A mulher desce do carro completamente graciosa e segura o meu braço. Na frente da casa estão os carros da Famiglia e vários soldados, fazendo a guarda do local.

— Vamos — digo para Kiara e olho para Lucca, que está descendo do carro com Ettore. — Trate de se controlar, Pozzani. Precisamos da Famiglia unida.

PERIGOSAS ACHERON

— Lo so, Salvatore.

— Bom.

— Vamos de uma vez, quero me livrar disso — Ettore reclama.

Ouçõ uma breve risada da minha esposa, concordou com o consigliere. Começo a andar junto com Kiara e subo a pequena escadaria para alcançar a porta principal. Entro na casa e já é possível ver Muccini ao lado da esposa, ambos ao lado do caixão. Antonella, a esposa, está usando preto e parece se espantar ao nos ver, principalmente Lucca.

— Chefe — o homem cumprimenta.

— Sentimos muito a morte da sua mãe, Muccini.

O capo aceita as minhas condolências com um aceno de cabeça e olha para Kiara.

— Essa é Kiara, minha esposa.

— Meus pêsames.

— Obrigado. — Puxa a esposa para apresentar a Kiara. — Esta é Antonella, minha esposa.

As duas se cumprimentam com um aceno de cabeça. Aperto um pouco a cintura da minha esposa e me afasto com ela para que Ettore e Lucca

cumprimentem os enlutados. A parte com Ettore corre muito bem, até que Lucca se aproxima. Maldito não sabe esconder uma paixão antiga. Apesar do Muccini não saber, Lucca não faz questão de esconder.

— Me surpreende que tenha vindo, Pozzani
— Muccini alfineta. — Você sempre com dez pedras na mão comigo.

— Vim pelo bem da Família.

— Você não pensou no bem da Família quando...

— *Basta cosi!*^[43] — rosno, bravo. — Cazzo! A Família é mais importante, sempre! Muccini, não permitirei que ascenda uma briga!

Olho para Lucca e ele tem o olhar fixo em Antonella. Dio santo, isso vai ser difícil. Olho para Kiara e ela está com uma expressão preocupada.

— Tem razão. Obrigado por terem vindo.

— Viemos para ficar — afirmo. —, viva o seu luto e em três dias me encontre no clube para que possa me informar do que aconteceu.

— Ok.

Me afasto com Kiara e ela me olha, como se pedisse uma explicação. Finjo não ver isso e sigo com ela para cumprimentar os demais membros

presentes da Família e apresentá-la. A mulher vai começar a conviver com eles agora, precisa conhecê-los. Isso pode ser difícil para ela, mas vai conseguir.

Kiara é teimosa o suficiente para colocar todos os engraçadinhos em seu devido lugar.

Capítulo 38



"Eu faço tantas coisas estúpidas
Eu estou longe de ser bom, é verdade
Mas, ainda assim, eu te encontro ao meu lado
Há algo no jeito que você
Sempre olha para o lado positivo
Ignora toda a bagunça esparramada
Sempre parecendo que isso é fácil
E ainda assim você me quer"
Next to me - Imagine Dragons

KIARA

Depois do enterro, Enzo me trouxe imediatamente para casa, me senti enjoada. A casa é ainda mais bonita do que a do Brasil, uma verdadeira mansão. O jardim e a escadaria que dão acesso à casa são de tirar o fôlego. Dentro dela, móveis em tonalidades harmoniosas e as escadas em mármore, igual à casa do Brasil.

Os soldados estão espalhados pelo jardim e na frente da casa, o lugar é uma fortaleza. Armas, câmeras e até uma saída subterrânea para emergências, que Enzo prometeu me mostrar depois.

— Esposa?

— Hum? — Olho para trás.

— Gosta do jardim?

— Sim... é muito bonito. — Cruzo os braços. — Mas aqui já está ficando frio.

— Vamos entrar.

O tom brando do meu marido me faz lembrar de tudo o que ele me disse no Brasil. Ainda estou confusa quanto ao que sinto por ele, é intenso, mas ainda sinto medo de derrubar as barreiras. Subimos as escadas juntos e eu estranho que ele esteja me levando para o quarto. Ao

PERIGOSAS NACIONAIS

entrarmos, ele fecha a porta e para diante de mim, parece não saber muito bem como falar.

— Terei três dias em casa, devido ao luto do Muccini. — Começa a desabotoar a camisa. — Só posso voltar ao clube quando ele puder me passar sobre tudo o que foi feito na minha ausência.

— Hum.

Retiro os saltos, sentando-me na cama.

— Poderei levar você... para conhecer alguns pontos da cidade.

— Mesmo? — Me animo.

— *Sì, bella mia*. Sairemos amanhã cedo.

— Tudo bem, então. — Abro um sorriso para ele, tentando ser mais maleável.

O homem não reage, apenas pigarreja e continua retirando a sua roupa.

— Mandeí que providenciassem agasalhos para você, já estão todos no closet.

Apenas balanço a cabeça, sentindo todo o cansaço da viagem me atingir como um soco. A cama macia em que estou sentada colaborou com isso.

— Vou tomar um bom banho agora. — Fico de pé. — Depois irei descansar um pouco.

— Estarei no escritório.

PERIGOSAS ACHERON

Espero que ele saia do quarto e olho em volta, o lugar é aconchegante, tem cores harmoniosas, diferentemente da casa do Brasil. O quarto não possui varanda, mas uma janela panorâmica que dá uma linda visão do jardim. Sigo para o banheiro e fico impressionada com o luxo dele, tudo em mármore piguês.

Ignoro a banheira e tomo uma ducha quente e relaxante. Visto um roupão quentinho e saio do banheiro penteando os cabelos. Sigo para a cama e deito antes de pegar o meu celular. Sorrio comigo mesma ao ver uma mensagem de Rebeca.

"Como estão as coisas?
Chegou bem?"

Digito a resposta:

"Estou bem, minha amiga.
Obrigada."

Bloqueio o celular e o coloco na mesinha de cabeceira. Mal percebo quando o sono me atinge.

Sinto algo deslizar no meu rosto e mexo a cabeça, na intenção de fazer parar. Instantes depois, algo volta a deslizar na minha bochecha e eu me forço a abrir os olhos. Enzo está me olhando fixamente e eu vejo que era a sua mão que estava me acariciando.

— *Bella addormentata*.^[44]

— Que horas são?

— Já é tarde... Nicola me convenceu a vir acordar você, quer alimentá-la.

— O voo longo acabou comigo.

— *Lo so*. O fuso horário também vai deixar você um pouco confusa uns dias. — Ele afasta os lados do meu roupão, expondo os meus seios. — Nicola pode esperar um pouco... enquanto se recupera comigo.

Sorrio com a malícia estampada no olhar dele, com certeza não está brincando. Seus dedos brincam com os meus mamilos, os deixando enrijecidos. Grunho baixinho, olhando fixamente para ele, isso está muito gostoso.

Olho para o cachinho que se forma nos seus cabelos desgrenhados e o acho a coisa mais linda desse mundo. Sua barba crescida e bem cuidada o

deixa com um ar mais sério do que antes, mas gosto disso. Nem parece que Enzo é um mafioso.

— Quero vê-la gozar nos meus dedos, esposa... olhando nos seus olhos.

Não digo mais nada, apenas deixo que Enzo me toque de maneira lenta e enlouquecedora. O que se sucede são gemidos, calor e prazer. O homem me leva ao céu, me faz agarrar os lençóis e me faz gemer como nunca. O orgasmo é tão intenso e gostoso que me deixa fora do ar por instantes.

— Oh, Deus — murmuro, respirando fundo.

— *Vieni.* — Sai da cama. — Vamos descer.

.•. DIA SEGUINTE .•.

ENZO

No escritório, estou concentrado no meu laptop, traçando novas rotas para a entrega da mercadoria no Brasil, quando toques leves à porta me fazem desconcentrar. Mando que entre e, ao ver a minha esposa, estendo a mão para que venha até mim. A mulher entra e fecha a porta atrás de si

antes de caminhar até mim.

— Bom dia... Nicola me disse que já estava trabalhando. — Apoia a lombar na mesa, ficando de frente para mim. — Já tomou café da manhã?

— *Buongiorno*. Ainda não. — Abaixo a tela do laptop. — Vamos, depois a levarei para o passeio, como prometi.

Fico de pé, observando o vestido simples que usa, juntamente com um casaco fino. Os cabelos estão presos em um rabo de cavalo e o rosto livre de maquiagem... *bella*.

— Onde vai me levar?

— Ao Palazzo Vecchio, onde funciona a prefeitura da cidade e também um museu, depois à Galleria degli Uffizi... não sei se gosta de arte, mas lá existem muitas obras renascentistas. — Estou sério e ela, atenta a tudo o que digo. — Depois à Ponte Vecchio.

— Estou ansiosa para conhecer.

— Há muitas coisas para conhecer em Florença... temos três dias.

Aponto para a porta do escritório e ela segue na minha frente, sem responder. Descemos as escadas juntos e Nicola abre um enorme sorriso ao nos ver.

— Venham, venham!
Preparei *la colazione*^[45]!

Kiara olha para mim em busca de uma tradução e eu olho para Nicola, que está imensamente empolgada.

— Café da manhã, bella — sussurro para que somente ela escute.

— Fiz cornetto^[46], caffè... — Olha para Kiara. — Tem algumas frutas também, é bom para o bebê.

— Obrigada.

Sentamos à mesa e Kiara olha tudo com atenção, o cheiro está delicioso. Sirvo café para mim e ela e espero a sua pergunta.

— Por aqui não se come nada salgado pela manhã? — pergunta baixinho.

— *Non...* temos o costume de comer coisas doces pela manhã. — Olho em volta e pego um pequeno recipiente. — Aqui, pasta de queijo, a única coisa salgada da mesa.

Ela agradece e eu sinto que está um pouco mais fácil conversarmos, isso é bom. Quero ganhar a confiança dela.

Tomamos o nosso café da manhã e eu subo para colocar um terno. Kiara muda o vestido

simples para uma saia preta que agarra as suas curvas e uma blusa com estampas. Solta os cabelos e os cachos bonitos caem nos seus ombros. Porra de brasileira linda.

— Estou pronta. — Pega um casaco e o pendura no braço.

— *Perfetto*. Vamos.

Kiara fica calada durante o percurso do quarto até o carro, já nos esperando na rua. Abro a porta para ela, entrando logo depois, e Enrico toma o seu lugar no banco do motorista. No caminho, ela faz algumas perguntas sobre a cidade e eu respondo algumas. Nunca fui fã de história, mas fui obrigado a aprender tudo.

— Chegamos — Enrico afirma, parando o carro. — Vou buscar um lugar para estacionar, alcanço vocês.

— Uau — ela murmura, descendo do carro.

Saio junto com ela e espero que aprecie o Palácio onde funciona a prefeitura. É realmente bonito.

— Vamos entrar? — pergunta.

— Sì. — Estendo o braço e ela aceita.

Atravessamos a praça apinhada de turistas para entrar no palácio. Kiara está encantada com a

PERIGOSAS NACIONAIS

paisagem e com o estilo de construção. Entramos de uma vez e eu uso os meus conhecimentos para contar a ela um pouco sobre o lugar. Não sabia que ela gostava de artes, muito menos de ouvir sobre história... ainda tenho muito a aprender sobre essa mulher.

Visitamos a Galeria degli Uffizi, onde a própria me contou algo que eu não sabia sobre uma das obras de Sandro Botticelli. Depois de algumas horas de visita, nos dirigimos a Ponte Vecchio. Enrico fica um pouco mais atrás e eu paro com ela, para que veja a bela paisagem.

— Enzo.

— Estou ouvindo.

— É perigoso para você estar aqui? — O olhar me lembra o que falei sobre o perigo do amor quando se tem inimigos. — Estarmos juntos?

— Não só para mim, *bella mia*. Me preocupo por você.

Kiara balança a cabeça e desvia o olhar para a água, está admirada. Me aproximo um pouco, vendo que ela está com frio. Ficamos em silêncio por um bom tempo, até que ela resolve falar:

— Me conte sobre os seus pais... sobre a sua infância.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto raiva por ela querer saber disso, das minhas coisas. Das coisas que sempre escondi de todos. Absolutamente todos.

— Aqui não é lugar para isso.

— Quero saber um pouco mais sobre você, Enzo. — Chega mais perto, apoiando os antebraços na mureta. — Se você quer que eu confie, precisa confiar também... uma relação precisa ser mútua. Você sabe absolutamente tudo sobre mim.

Lanço o meu olhar raivoso para ela, que não parece se abalar. Kiara ergue a mão para tocar o meu rosto, afagando levemente a minha barba. Cazzo, eu daria a porra do mundo se ela me pedisse.

— *Va bene* — resmungo. — Quando penso na minha infância, lembro da mia mamma.

Minha esposa fica séria, sabe parte da história de assassinatos da minha família.

— Ela era doce e boa. — Desvio o olhar do dela. — Cantava, tocava piano e cozinhava como ninguém... eu a idolatrava. Meu pai era o chefe, meu antecessor, vivia fora de casa, dormia nos clubes, mas sempre que chegava em casa era uma guerra. Eu ouvia gritos à noite... eu era um covarde, sentia medo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você era uma criança, Salvatore.

— Quando alcancei a idade, fui levado de casa para o treinamento... não quis me despedir dela, entendi que o seu amor por mim a prejudicava, ele me odiava e descontava tudo nela.

Kiara coloca a sua mão sobre a minha e eu coloco a palma para cima, para segurá-la. Sua mão fria e pequena se esconde na minha.

— Ele me fodeu naquele treinamento. — As imagens do meu progenitor voltam à minha mente. — Me torturou, me impediu de dormir por dias, me deu surras, baldes de água fria para me tirar da cama, me treinou para matar, para não hesitar, não errar. Eu precisava virar um homem... não poderia assumir a máfia hesitando.

— Torturou? — sussurra.

— As cicatrizes do peito são marcas permanentes disso.

— Por que, Enzo?

— É parte do treinamento, Kiara. — Volto a olhá-la. — Me recusei a matar um homem... isso foi no início de tudo, eu nunca tinha matado na vida. Era fraco.

— Era o filho dele... meu Deus.

— Os pais são quem treinam os filhos, bella

PERIGOSAS ACHERON

mia... eles conhecem as fraquezas e precisam acabar com elas.

— Quanto tempo isso durou? E a sua mãe?

— Seis meses. Giusepe queria que eu o substituísse, que fosse tão implacável quanto... precisava me treinar muito bem, me fazer uma máquina. Eu já lutava desde os cinco anos, praticava tiro também... isso não era problema para mim. — Faço uma pausa. — Só voltei a ver mia mamma quando retornei, mas me mantive distante, não poderia deixar que ela sofresse por minha causa.

— Imagino que ela deve ter sofrido da mesma forma.

— Muito menos sem mim, acredite. Eu sempre ficava até tarde no clube, trabalhando, fodendo e bebendo... ou fazia algum mandado do meu pai.

Ficamos em silêncio por mais um tempo, as lembranças dela ainda me machucam, mas eu não posso mostrar isso. Kiara abaixa a cabeça, tocando a barriga, parece sentir medo.

— Eu passei a gostar de torturar, de ver o desespero e o medo estampado no olhar do inimigo. — Dou de ombros. — Me fazia sentir grande... e

PERIGOSAS NACIONAIS

foi assim que fiquei conhecido dentro da Família, o grande.

— Não sei o que dizer.

— Um dia, ela o confrontou, disse que ele havia me transformado em um monstro — continuo, lembrando do momento. — Eles gritaram... Giusepe puxou a arma e a matou antes que eu pudesse impedir. Ela estava grávida, era uma menina.

Kiara se apoia na mureta, está realmente abalada com o que estou contando. Ela pediu isso. Por mim, jamais exporia essa merda de história.

— Lembro de como eu quis torturá-lo da pior maneira quando o dominei no chão, mas isso me prejudicaria, então decidi apenas atirar em sua cabeça. Vinguei mia mamma e o culpei.

— Pense que, pelo menos, a menina não teve que sofrer.

Me mantenho duro e não respondo. Insistente como é, Kiara sobe a mão para o meu ombro e me faz virar para ficar na ponta dos pés e envolver o meu pescoço com os braços. Sutilmente, levo as mãos à sua cintura.

— Não precisa fingir que não sente — sussurra. —, pelo menos não para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Só sinto por mia mamma. — Faço com que olhe para mim e abaixo o tom da voz: — O resto são regras, jamais me queixarei disso. Foi o treinamento que me fez um chefe respeitado, o homem da máfia.

A minha esposa abre um leve sorriso e acaricia o meu rosto. De repente, ela encosta a cabeça no meu ombro e deixa a sua mão repousando no outro. Sinto algo forte no meu peito, uma sensação boa por tê-la assim... devo ter um coração, afinal.

Capítulo 39



KIARA

Ouvir tudo aquilo da boca de Enzo Salvatore foi muito impactante. Ele não demonstra sofrimento, esconde os seus sentimentos muito bem. Saber o quanto amou a sua mãe e a viu morrer me doeu, me fez lembrar o quanto senti falta de uma mãe.

— Vamos voltar — decreta. —, preciso resolver algumas coisas.

— Tudo bem. — Me solto dele e penso um pouco. — Incomodou você? Eu ter abraçado?

— *Non.* — Toca o meu rosto. — Nada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disso, *piccola mia*. Realmente preciso voltar para terminar de desenhar as rotas da mercadoria.

— Qual delas?

— Cocaína — sussurra. — Curiosa. Sabe que não deve...

— Me meter nos negócios da família, eu sei.

— *Esatto*.

— Vamos, então.

Visto o casaco e seguro o seu braço para começarmos a caminhar até Enrico. O homem fica de pé e nos espera passar na frente para nos acompanhar. Subitamente, lembro-me do Andreoli e sinto um aperto no meu coração. Ele morreu por mim.

— Está ouvindo?

— Hum?

— Perguntei se gostou do passeio.

— Desculpe. — Sorrio e ele se mantém sério, como sempre. — Sim, adorei... poderíamos conhecer algo mais amanhã.

— Pensarei sobre isso.

Espantada com a resposta, olho para ele, querendo averiguar a veracidade.

— Isso é sério?

PERIGOSAS ACHERON

— Temos três dias, não temos? Não sou um homem de brincadeiras.

Contenho um sorriso e chego mais perto, agarrando um pouco mais o seu braço. Estou sentindo o meu coração ceder a ele, quebrar aos poucos as barreiras. Os meus sentimentos estão começando a ficar mais claros para mim e eu sinto medo da proporção que eles estão tomando.

Enzo abre a porta do carro para mim e espera que eu entre para falar algo com Enrico. Ah, mas eu odeio esses segredos dos negócios. Quando entra no carro, Enzo me olha, mas estou completamente séria.

— Lucca e Ettore estão indo para a nossa casa, vou precisar deles.

— Falando no Lucca. — Abaixo o tom da voz. — O que ele tem contra o Muccini? O homem me pareceu bom de convivência...

— O problema do Pozzani não é Muccini... ele é apenas uma canalização.

— O que quer dizer?

— Lucca e Antonella tiveram um romance antes de a mulher casar-se. Ele nunca a tocou, mas eram apaixonados.

— Que coisa triste. — Cruzo os braços,

com frio.

— Ambos sabem seus deveres e as regras. Venha, se esquite aqui.

O homem parece hesitar antes de envolver os meus ombros com o braço e me puxar para ele. Não reclamo, estou mesmo com frio e surpresa com o seu gesto.

— Filippo quer reunir a Famiglia e anunciar a sua gravidez assim que se passarem os três dias do luto.

— Tudo bem.

— Você é uma mulher esperta, apenas desvie de comentários e fofocas que algumas mulheres da Famiglia inventam.

— Devo me preocupar, Salvatore?

Ergo a cabeça para olhá-lo, me referindo a algo que sei que posso ouvir sobre ele. Rebeca me disse sobre fofocas que precisam ser filtradas. Deus, preciso dela aqui comigo e logo.

— *Non*.

Resolvo acreditar nele, mas algo me diz que terei aborrecimentos com essas "algumas mulheres".

Quando Enrico entra com o carro na garagem da minha nova casa, saio do abraço quente

do meu marido e desço do carro. Enzo me acompanha para dentro, mas se separa de mim na sala, quando segue para o seu escritório. Retiro o casaco e sigo para a cozinha, à procura de Nicola.

— Senhora! *Benvenuta*^[47]!

— Olá. — Sorrio. — Vi uma moça na casa, devo me preocupar?

— *Non*, ela ajuda na limpeza.

— Tudo bem.

— Gostou do passeio? Florença não é linda?

— Sim, eu adorei! — Lembro-me das coisas que Enzo me disse no museu e na galeria. — Salvatore me contou um pouco da história, é incrível.

— Senhora. — Olha em volta e em seguida volta a me olhar. — Está se dando melhor com o senhor Enzo?

— Bom, sim. Um pouco.

— *Grazie a Dio!* — exulta. — Vai anunciar o seu bebê em breve, não deixe que nenhuma das provocadoras a tire do sério ou que plante a semente da discórdia na sua cabecinha. Ouça tudo e filtre o necessário, senhora. Na Famiglia há muitas mulheres e homens bons, mas o mal está em todo

lugar.

— Obrigada, Nicola.

— Aviso porque gosto da senhora, não quero vê-lo absorvendo veneno.

— Apenas Kiara — corrijo. — Muito obrigada pelas dicas.

A mulher abre um sorriso simpático para mim e me estende um prato com bolinhos.

— Coma um pouco, precisa se alimentar por dois agora.

— Do que são esses?

— Massa de batata com queijo, aprendi no Brasil.

— Gostou disso? — Sorrio, trazendo um bolinho à boca. — Está uma delícia.

Nicola agita a mão no ar, me fazendo parar antes de parabenizá-la. Sento-me em cima do balcão, como de costume, e vejo Enrico entrar na cozinha.

— Onde o senhor Enzo está?

— No escritório, aconteceu alguma coisa?

O homem sai sem dizer mais nada e eu me aborreço.

— Senhora — faz uma pausa. — Kiara, não deve se preocupar com essas coisas... deve pensar

PERIGOSAS NACIONAIS

no seu bebê.

— Eu penso. — Ouço a voz do consigliere.
— Ettore e Lucca chegaram.

— *Dio santo*, vou preparar um café.

— Quer ajuda?

— *Non!* Trate de comer os bolinhos!

Nego com a cabeça, me divertindo com o agito natural de Nicola. Ela cuida de mim como uma mãe e eu nunca soube muito sobre ela.

— Nicola.

— Diga, querida.

— Você tem filhos? — Dou de ombros. — Não que seja da minha conta, claro.

— Sim, tenho dois. — Suspira. — Meus tesouros, são soldados.

— Mesmo?

— Sim. — Ela sorri. — Virão me ver hoje à noite, estou morrendo de saudades.

— Imagino que sim.

— Eles não são muito apegados, mas eu sei que sentem saudade de mim.

— Claro que sentem, se você é maravilhosa comigo, não imagino com eles.

A mulher sorri, emocionada, e não diz mais nada. A observo fazer o café forte e o cheiro dele

PERIGOSAS ACHERON

domina a cozinha, Nicola arruma uma bandeja com as xícaras, o açúcar e um bule com o café.

Saio com ela da cozinha, mas meu destino é o quarto, quero me livrar dessa roupa. Ao passar em frente ao escritório, noto a porta aberta e eu vejo o meu marido conversando de maneira séria com o seu sub-chefe e o consigliere. Enzo ergue rapidamente o olhar para mim e repuxa os lábios em um sorriso de canto.

Fico parada por alguns instantes, ainda processando o leve sorriso que recebi. Algo tão sutil que é quase imperceptível. Por fim, decido subir de vez e ver se há mensagens de Rebeca do Brasil.

ENZO

Me despeço do Lucca e do Ettore e mando que Enrico os acompanhe até a porta. Deixo o escritório em seguida e subo as escadas, indo diretamente para o meu quarto. Encontro Kiara lendo um livro, sentada na poltrona perto da janela panorâmica.

Algo dentro do meu peito se aquece. A

PERIGOSAS ACHERON

mulher tomou mesmo um espaço dentro do meu coração de pedra. Não pensei que alguém fosse capaz de penetrar dessa maneira... e principalmente ela. Ao notar a minha presença, Kiara fica de pé, fechando o livro.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta, se aproximando.

— Esses três dias de luto estão me dando dor de cabeça, preciso voltar ao clube e resolver o que falta.

— Achei bonito esse ato de todos aderirem ao luto do Muccini. — Cruzo os braços.

— É um ato de respeito da Famiglia.

— Até que não são de todo ruins. — Dá de ombros. — Mas isso eu só posso confirmar quando encontrar todos.

— Não deve se preocupar, é a minha esposa. — Afasto uma mecha dos seus cabelos do rosto. — Tem autoridade para calar qualquer um apenas com uma palavra.

Vejo quando a mulher desvia o olhar, parecendo ressentida. Mas o que eu disse?

— Enzo, eu... eu tenho algo para falar.

— *Parli.*

Minha intuição treinada me diz que é algo

sério. Será sobre o herdeiro?

— Pensei muito sobre o que vou dizer a você. — Respira fundo. — Tive momentos terríveis com você, te odiei muito por isso.

Fico em silêncio e completamente sério, evitando interrompê-la. Não sei onde ela está querendo chegar com isso, mas vou encarar o meu julgamento de pé até o final, como sempre jurei que faria. Meus pecados são grandes demais para pedir perdão.

— Depois da morte do Andreoli, algo mudou entre nós, mas o ódio que eu sentia não passava. — Hesito. — Não acreditei quando você disse que me amava, como poderia com tantas provas do contrário?

A observo falar, pela primeira vez, sem rebater algo. Quero saber o que sente em relação a mim.

— Você tem melhorado um pouco comigo e eu me descobri tentando ver e acreditar em sua melhora real. Jamais imaginei que esse ódio andasse tão próximo de outro sentimento... amor. — Faz uma pausa, me deixando surpreso. — Eu... eu te amo, Enzo Salvatore. Me odeio por isso, mas é o que sinto... e você se ajoelhar, deixando de lado

os seus princípios para me provar me fez ver isso.

Fico em silêncio, sentindo o efeito da pequena expressão reverberar dentro do meu coração duro. "Eu te amo".

— Por um tempo eu não quis sentir isso, quis reprimir... ainda não confio totalmente, mas não consigo mais segurar isso. É muito confuso.

— *Ti amo, piccola mia*^[48]. — Fico firme.
— Tem todos os motivos para não confiar e eu estou disposto a esperar e provar isso.

— Somente comigo.

— *Esatto, bella.*

Vejo a mulher abrir a boca para falar, mas eu a interrompo com um beijo. Seguro os seus cabelos e deixo a mão livre apalpar as suas curvas ao meu dispor. As suas mãos alcançam os meus ombros e ela os aperta um pouco, me deixando aprofundar o beijo.

Kiara geme na minha boca e eu a puxo ainda mais para mim para esfregar seu corpo delicioso no meu pau. Sua boca macia me deixa fora de mim de tesão, preciso fodê-la agora.

A mulher continua se esfregando contra o meu pau e me provocando com os lábios deslizando nos meus. Dio santo, o que está

acontecendo comigo? Não penso em outra coisa a não ser ir para a cama com ela agora... tenho coisas da Famiglia a resolver.

— Ao inferno — xingo. —, vou fodê-la neste momento.

Kiara dá uma breve risada e envolve o meu pescoço com os braços para voltar a me beijar. Suspendo o seu corpo e ela envolve o meu quadril com as pernas. Agarro a sua bunda macia, subindo o vestido que ela usa, o meu pau urge por estar dentro dela.

Coloco a minha esposa sobre a cama e começo a me livrar da camisa. A vejo sentar-se para retirar o vestido rapidamente, olhando para mim. Ficando somente de calcinha e sutiã, Kiara me observa com um olhar intenso.

— *Cazzo* — xingo, arrancando a camisa e a jogando longe.

Apressado e sentindo o meu pau pulsar, abro o botão da calça e o zíper, me livrando da calça em seguida. Subo na cama, voltando a tomar a sua boca em um beijo urgente. Forço o meu corpo contra o dela, a fazendo deitar para que eu fique por cima.

— Quero tê-la, esposa — digo baixo,

PERIGOSAS NACIONAIS

descendo para beijar o seu pescoço. — Diga que vai se entregar a mim.

— Me entregarei se você se entregar também. — Ergue o quadril, se esfregando na minha ereção. — Esposo.

— Sou seu, Kiara... me rendi a você quando me ajoelhei. — Tensiono o maxilar. — Isso é irrevogável.

A mulher fica séria e não diz mais nada. Deixo o tesão voltar a falar por mim e ela permite, se deixando ser levada por mim. Tiro dela a sua lingerie e permito que me ajude com minha cueca. O cheiro da sua pele me deixa tonto, preciso tê-la.

Sinto a sua mão atrevida deslizando pelo meu peito calmamente, brincando com os pelos aparados. Quando encontra as cicatrizes, ela demora um pouco nelas, mas não diz nada. Paro para contemplá-la e as suas unhas raspando a minha pele me deixam louco. Meu corpo fica tenso, na expectativa de ter a sua mão envolvendo o meu pau, batendo uma para mim.

— Bella mia. — Abaixo a cabeça para cheirar o seu pescoço outra vez.

— Quero você dentro de mim, Salvatore...

O sussurro sensual e rouco me deixa louco.

PERIGOSAS ACHERON

Deslizo a mão pelos seus seios bonitos, brincando com os seus mamilos, a vendo suspirar. Continuo descendo com mão para a sua boceta e noto que está molhada, quente e acolhedora. Não resisto e brinco com os dedos nela, a penetrando com um deles, arrancando um breve gemido seu.

— Sua boceta macia é a minha fraqueza, esposa.

— Bom saber. — Abre um sorriso.

Me encaixo entre as suas pernas, fixando o olhar no seu, e a mulher traz as mãos às minhas costas. A penetro lentamente, controlando a minha vontade de foder forte e duro. Kiara fecha os olhos, gemendo contra o meu rosto, e isso me encanta.

— *Cazzo!* — xingo.

Rosno, sentindo meu pau afundar nela, sendo acolhido da maneira que deve ser. Posso senti-la molhando o meu pau, me engolindo inteiro. Fico parado por alguns instantes, apreciando a sensação. As respirações ofegantes se cruzam e eu sinto beijos leves sendo deixados pelo meu pescoço ao passo que sua mão acaricia a minha barba.

Inicio a movimentação firme em vaivém, o que faz Kiara voltar a espalmar as mãos nas minhas costas. Sinto os seus dedos cravando na minha pele

juntamente com as suas unhas e gemo junto com ela, sentindo a sua boceta encharcar ainda mais.

— *Così*, esposa... — digo, atento às suas reações. — Gema gostoso para mim, enquanto afundo na sua boceta.

Ela não diz nada, apenas me provoca com os gemidos, o que me faz intensificar as estocadas. Seus peitos macios roçam em mim ao passo que os movimentos se intensificam, o meu corpo se move praticamente sem controle. Kiara emite sons sensuais, me provocando, se esfregando e mordiscando.

— Deliciosa — rosno. — *Cazzo*.

— Isso está delicioso, Salvatore... oh...

— Vire-se. — Me controlo, saindo de dentro dela. — Fique de bruços.

A mulher abre um sorriso safado, virando-se lentamente, sem tirar o olhar do meu. Dio santo, que provocadora.

— Vou foder forte, esposa. — Seguro os seus cabelos. — Como você merece.

— Mal posso esperar por isso, esposo.

Seguro de maneira firme os seus cabelos e dou uma palmada no seu bumbum durinho. A mulher geme, adorando a pegada. Afasto as suas

pernas com as minhas, ficando de joelhos entre elas, quero ir fundo nessa mulher. Seguro a sua bunda com a mão livre para ter a bela visão do meu pau afundando nela.

Encaixo o meu pau na sua entrada molhada e penetro de uma só vez. Sinto-o ir fundo nela e gemo, segurando os seus cabelos de maneira firme. Kiara morde o travesseiro, abafando um gemido alto e longo. Deixo o meu olhar passear pelo corpo que tira a minha paz e lambo os lábios.

Coloco força nas pernas, fazendo as investidas se tornarem ainda mais duras. Os gemidos dela são combustível para que eu continue e me controle para não terminar isso logo. Kiara empina a bunda deliciosa para mim e eu adoraria comê-la. Levo o meu polegar até o seu ânus e o circulo, sem parar de estocar forte. Kiara geme, mas me olha por sobre o ombro, desconfiada.

— Relaxe, esposa... aproveite.

Sentindo o meu corpo arder, paro as investidas e me curvo ela, apoiando as mãos ao lado do seu corpo suado. A mulher coloca as mãos sobre as minhas e entrelaça os nossos dedos, segurando firme as minhas mãos. Paro por alguns instantes para olhar as nossas mãos unidas e ela faz

o mesmo. Kiara afrouxa o aperto, soltando um suspiro.

— *Non.* — Prendo os seus dedos entre os meus. — Fique.

Beijo o seu ombro, voltando a me mover de maneira a arrancar gemidos dos seus lábios. À medida que ela aperta mais forte, a intensidade das investidas aumenta também. O suor escorre pelos nossos corpos, mostrando o desejo crescente, o ardor do tesão e o desespero por alívio.

Desprendo uma das suas mãos para segurar o seu maxilar, virando sua cabeça para o lado. Alcanço a sua boca com a minha, enquanto vou fundo nela com força. Kiara geme, começando a contrair o corpo, está perto do orgasmo.

— Vamos, esposa — rosno em seu ouvido. — Goze gostoso em meu pau...

— Hmn... Enzo...

Continuo segurando firme o seu maxilar e sinto o seu corpo estremecer embaixo do meu. Os gemidos que escapam dos seus lábios me deixam enlouquecido. Em pouco tempo, despejo o meu gozo dentro dela, gemendo intensamente, dominado pelo prazer.

— *Dio santo.* — Beijo o seu ombro. —

Perfetto.

Saio de dentro dela e largo-me na cama ao seu lado. A mulher vira o corpo para cima e permanece deitada, ofegando. Direciono o meu olhar para ela e não resisto em me demorar pelo seu belo corpo nu brilhando com a fina camada de suor sobre ele. Cazzo. Jamais me imaginei percebendo detalhes tão pequenos e os achando incrivelmente bonitos.

Paro o olhar em sua barriga e penso no herdeiro que cresce ali. Tento, de todas as maneiras me imaginar sendo o pai que ela imagina, mas não consigo. Para mim, a criança ainda é apenas um herdeiro.

— Enzo. — Olha para mim.

— *Parli, bella.*

— Me prometa que nunca mais irá agir daquela forma comigo, que vai me respeitar e me ouvir também. — Está séria. — Eu quero muito ter uma trégua, não me engane.

— Prometo. — Toco o seu rosto e ela desvia o olhar do meu. — Machuquei você de diferentes maneiras, mas...

— Nossas cicatrizes devem nos lembrar de onde viemos. — Toca as cicatrizes do meu peito e

PERIGOSAS NACIONAIS

barriga. — Mas não pode ditar para onde vamos... temos que tomar um caminho diferente agora. Somos pais e essa criança precisa de nós.

A puxo para mim, beijando sua testa rapidamente. Kiara se aconchega e fica quieta. Sinto uma pontada no meu peito e porra, isso é tão novo que chega a ser estranho. A felicidade deixa as pessoas vulneráveis, não posso esquecer dos perigos que nos ronda, não posso me descuidar.

Os inimigos estão por toda a parte, esperando apenas um vacilo para destruir tudo. Assim como eu espero apenas um vacilo para acabar com eles também. Devo proteger a Famiglia e a minha esposa. É o meu dever.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40



KIARA

Fecho os olhos, tomando uma respiração profunda. É como se um peso fosse retirado das minhas costas. Enzo Salvatore cedeu, prometeu ouvir e me respeitar, me sinto mais leve por isso.

— Dario ou Paola — o homem diz.

— O quê?

— Os nomes, gosto desses.

— Para o bebê? — Sorrio.

— Sim, o herdeiro. — Olha para o teto, evitando contato visual comigo.

— Gostei das suas sugestões, anotarei

PERIGOSAS ACHERON

depois.

Deslizo os dedos pelo seu peito duro e suado, achando sexy vê-lo assim. As cicatrizes me chamam a atenção e eu as toco outra vez. Dedilho o pedaço de pele deformada e eu vejo a respiração dele se alterar. Inclino a cabeça e beijo o local, sem tirar o olhar dele.

— O que está fazendo?

— Não gosta? — Sorrio, sacana.

O homem alcança os meus cabelos e sorri levemente, me fazendo parar e olhar, surpresa. Enzo está mesmo sorrindo.

— Como ele fez isso? — Passo a mão nelas novamente. — O seu pai.

Salvatore parece ponderar se deve me contar ou não. Por fim, ele solta um breve xingamento por ceder ao meu pedido, o que me faz sentir um leve contentamento. É estranho estar de bem com ele, mesmo estando apaixonada... é como se fosse outro homem. Gosto disso.

— Giusepe me queimou com bitucas de cigarro, fez cortes com facas e me deu socos... não o odeio por isso. — Faz uma pausa. — Você sabe.

— Sei.

— O treinamento é a parte mais importante

PERIGOSAS NACIONAIS

na vida de um homem... é o momento que ele deixa de ser um menino e passa a ser o homem que a Família necessita.

— E as outras cicatrizes? — mudo o assunto. — Como as ganhou?

— São ferimentos de bala... todas em conflitos. Ninguém teve a audácia de atentar contra a minha vida e saiu ileso.

— Tenho medo disso.

— Não tenha.

— Como não vou ter? — Fixo o meu olhar no seu. — Tenho um filho seu crescendo dentro de mim, Salvatore. Eu não quero ficar viúva.

— E não vai ficar.

— Me prometa.

O homem fica em silêncio, apenas me encarando. Sei que o que estou pedindo é impossível de prometer, mas preciso que ele pense na promessa que me fez antes de agir.

— Enzo!

— *Cazzo*, mulher! Não posso prometer algo assim! — Ergue uma sobrancelha. — Nada vai acontecer nem a você e nem a mim, não se preocupe.

Resolvo silenciar, sentindo o meu coração

PERIGOSAS ACHERON

apertado. Não sinto segurança nas palavras dele, sabe os riscos que corre, principalmente quando um "herdeiro" está em jogo.

— Desmanche essa cara. — Segura o meu queixo. — Vamos retomar de onde paramos.

Enzo me puxa para montar nele e eu inclino o corpo para frente, querendo beijá-lo. O homem é quente e eu o quero dentro de mim outra vez.

Abro os olhos, ouvindo a voz do Enzo, parece falar ao telefone. Me mantenho imóvel.

— Acabarei com todos assim que esses três dias se passarem, Muccini. A *Famiglia* respeitará o seu luto. — Fica em silêncio, ouvindo. — Deixe-os nas salas do clube, a morte lenta que lhes darei será pior do que se tivessem confessado. *Maledizione*^[49].

De repente, a terrível tortura de Catarina me vem à mente. Eu assisti a tudo anestesiada, cheia de dúvidas e medos. No dia eu estava apavorada, mas me fiz de forte, afinal, era o que ela merecida... não é? Oh, merda! Já não me reconheço mais, não consigo ver em mim a mulher que eu era.

Enzo Salvatore é a causa disso e mesmo assim, o homem conseguiu despertar em mim o amor. O meu coração é dele e ele me provou que o seu também é meu. Um amor obscuro e errado, mas inevitável.

Um xingamento dele me faz acordar dos pensamentos e me mexer. Olho para ele, sentando-me na cama e puxando o lençol para cobrir a minha nudez. Enzo encerra a ligação rapidamente e eu finjo não saber de nada.

— Está tudo bem?

— *Sì*. — Para ao lado da cama. — Acordei você?

— Não. — Sorrio. — Bom, sim... mas preciso mesmo levantar.

— Nicola já bateu à porta para que desçamos para comer algo.

Levanto da cama, parando em frente ao meu marido e ele coloca o celular de lado para voltar a me olhar de maneira firme. Seguro a minha vontade de perguntar sobre os negócios, não quero um desentendimento agora. Posso sondar isso depois.

— Vou tomar um banho — começo. —, vem comigo?

— Tentador. — Beija a minha testa. — Mas

tenho algo a fazer.

— Tudo bem.

Sigo para o banheiro e ligo as torneiras da banheira. Minha pele arrepia pelo frio e eu olho em volta, buscando um roupão para depois do banho. Nicola deve ter esquecido de colocá-los, tem muitos afazeres. Me aproximo novamente da porta e ouço a voz dele, abro com cuidado para não atrapalhar sua ligação e saio do banheiro.

— Quero que vá ao clube e desconecte o celular da minha esposa dos nossos computadores.
— A frase me faz parar. — Sì, Kiara é de confiança. Não há mais necessidade de rastreá-la. Faça isso agora, Enrico.

É como se um abismo se abrisse e me engolissem com força. Claro, estava bom demais para ser verdade. Toda essa baboseira de amor era para me testar, para me controlar e espionar.

— *Andiamo*^[50], preciso ligar para Matteo e Benjamim para saber como andam as coisas no Brasil.

Ao encerrar a ligação, ele vira o corpo e me vê. Enzo não demonstra absolutamente nada, já eu, estou demonstrando toda a minha indignação apenas no olhar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vi você aí.

— Venho buscar um roupão e ouço isso... eu estava mesmo sendo controlada, Salvatore?

— Kiara...

— Estava?!

— *Sì*.

— Então é só isso que tem a me dizer? *Sì*?

— Me aproximo, inclinando um pouco a cabeça. — Eu acreditei em você e naquela coisa toda de amor... aquilo também era um teste?

— Não confunda as coisas, porra. Você tinha acabado de se casar comigo, era nova na Famiglia, recém-descoberta... claro que eu não confiaria.

— Eu dei provas a você. Muitas provas. — Engulo o choro, mas uma lágrima insiste em rolar pelo meu rosto, não sei o que me deu, eu só quero despejar o que estou sentindo. — Não disse onde você estava quando aquele homem me prendeu em um quarto do clube, no Brasil... menti para a polícia e não disse nada aos russos, quando poderia, simplesmente, ter dito tudo e me safado.

— Não seja paranóica.

— Eu me declarei, Enzo. Me declarei para o homem que parecia...

PERIGOSAS ACHERON

— *Non* duvide! — se exalta. — Sabe o quanto me custou ajoelhar e implorar o seu perdão? Mas eu precisava, não aguentaria passar mais um dia sem ter as suas mãos em mim, como uma esposa normal. Coloquei de lado os princípios da *Famiglia* por você!

— Você não confiou em mim.

Ele se aproxima e enxuga o meu rosto, o que me faz afastá-lo.

— Estava esperando um momento para deixar somente o GPS do seu celular conectado com o sistema. — Insiste em se aproximar. — Não tínhamos tempo, eu queria fazê-lo na noite em que pedi o seu perdão... mas a mãe do Muccini morreu, nós viemos... não duvide dos meus sentimentos.

Fico em silêncio, processando tudo o que acabei de ouvir. Já não sei mais o que pensar sobre o que vivemos de bom.

— *Ti amo, piccola mia*. Não se afaste, acredite em mim. — Hesita. — *Per favore*.

Ergo o olhar para encará-lo e o noto completamente sério. Enzo é bom em mentir e fingir, mas não creio que esteja mentindo... eu espero que não, ou farei desse amor novamente todo o ódio que eu sentia.

— Não minta para mim, Salvatore. Você não sabe do que sou capaz.

— Isto é uma ameaça, esposa? — Me puxa para ele.

— Chame da porra que quiser, eu...

Sou silenciada com um beijo e eu não resisto, me entrego novamente a ele. Enzo Salvatore é a razão da minha loucura, o dono do meu desejo... apesar de tudo, sei que ele é. A proporção que esse sentimento toma dentro de mim é assustadora.

ENZO

Ver Kiara brava fez todo o meu controle ir por água abaixo, eu não poderia deixá-la pensar algo assim. Eu a amo e isso não se muda. O detalhe sobre o celular foi um descuido.

— Confie em mim, *bella mia*.

— Tudo bem.

Kiara aceita o meu beijo novamente e eu acaricio o seu rosto.

— Ettore já marcou o jantar para anunciarmos a sua gravidez e ficou encarregado de
PERIGOSAS ACHERON

convidar a Famiglia.

— Será aqui?

— *Sì*. Nicola já providenciou ajudantes para a cozinha.

— Ela não gosta de ajuda na cozinha. — Ela abre um leve sorriso divertido.

— Mas é necessário... não quero ninguém desmaiando de tanto trabalhar.

Kiara balança a cabeça e segue para buscar o roupão e em seguida entra no banheiro. Observo a sua bunda bonita até que entre no banheiro. *Dio santo*, por mim, passaria o dia todo na cama com ela.

— Não demore — digo. —, quero fazer a barba antes de treinar.

.•. DIA SEGUINTE .•.

Paro diante da catedral de Santa Maria del Fiore com a minha esposa e ela está abismada. Observo um leve sorriso surgir no seu rosto e ela desvia o olhar para mim.

— Ela é linda, Enzo.

— Tem mais de setecentos anos. — Seguro
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a sua cintura para entrarmos juntos. — Costumava de vir aqui para pensar, antes ir ao Brasil.

Faço o sinal da cruz e ela o faz também, logo depois de mim. Olho em volta e percebo que senti falta de vir aqui clarear as ideias para usá-las contra os inimigos.

— É fantástica — sussurra para mim. — E grandiosa.

— Ela é uma... — Uma movimentação me faz silenciar e os meus sentidos ficam em alerta.

— O que há? Aconteceu alguma coisa?

Olho para Enrico e ele me entende, fazendo um gesto. Viro-me para a minha esposa e o seu olhar assustado me faz segurar as suas mãos.

— Olhe para mim, Kiara... mantenha-se séria e impassível. Faça o que eu digo e nada vai acontecer, eles não podem ver medo em você.

— Tudo bem.

— Enzo Salvatore — o homem diz. — Quanto tempo, não é mesmo?

Dio santo, vou matá-lo.

— O que quer?

— Assim me ofende. — Ele sorri e desvia o olhar para Kiara. — Sua esposa? Não sabia que havia se casado...

PERIGOSAS ACHERON

Kiara aperta o meu braço e não diz nada, mantendo-se séria e impassível como pedi.

— O que você quer, *cazzo*? — repito a pergunta.

— Estamos na casa de Dio, Salvatore. — Faz o sinal da cruz. — Não podemos tratar algo assim aqui dentro. Preciso que me acompanhe, sozinho.

Aceno com a cabeça para Enrico e viro-me para Kiara, a cobrindo da visão do homem.

— *Bella mia...*

— Não vá — pede baixinho. —, por favor. Não confio nele.

— Vou me defender, se necessário. Enrico a acompanhará de volta para casa.

— Volte inteiro. — Faz o sinal da cruz na minha testa. — *Dio ti guidi*.

Ouvi-la falar o meu idioma me faz sorrir, ela me faz sorrir. A amo demais para colocá-la em perigo.

— *Grazie, bella.* ^[51] — Faço o sinal na sua testa também. — *Dio ti guidi*.

Viro-me de volta e Enrico está encarando o meu antigo conhecido. Tampouco confio nele, mas hoje ele não sairá vivo, não é mais útil para a

PERIGOSAS NACIONAIS

Famiglia.

— Caligiuri, acompanhe a minha esposa, irei com o nosso antigo amigo.

— Sim, chefe.

Saio com o homem sem olhar para trás, sei que o olhar de Kiara iria querer me fazer repensar e eu não posso hesitar. Ainda sou o chefe da Famiglia e devo proteger os negócios antes de tudo. Sei o meu dever.

Logo estarei com ela em casa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41



KIARA

Não estou com uma boa sensação em relação a esse homem e, pelo jeito, Enrico também não. Observo o meu marido ir sozinho e tenho certeza que ele deve ter algo em mente, tem que ter.

— Enrico.

— Senhora.

— Quem é aquele homem?

— Não tenho permissão para falar sobre isso, senhora... melhor levá-la de volta para casa.

— Por favor. — Dou de ombros. — Só queria sair um pouco e conhecer alguns lugares,
PERIGOSAS ACHERON

mas agora...

— Não se preocupe, o chefe vai voltar logo.

Sorrio para ele, que apenas acena com a cabeça, me dando passagem para seguir na frente. Meu pensamento não sai do Enzo, não consegui acreditar naquele homem, com certeza, ele também não. Se já se conhecem, Enzo tem algo em mente, preciso confiar nisso.

Sigo com Enrico para o carro e, ao vê-lo entrar, sua semelhança com Andreoli me faz sorrir levemente. Era um bom soldado.

No caminho de volta para casa, penso o tempo todo no meu marido. Aquele homem não me passou confiança, o olhar dele, a postura... algo ruim. Onde estarão agora?

— Senhora?

— Hum? — Sou desperta dos pensamentos.

— Chegamos.

— Oh, sim. — Tento sorrir. — Obrigada.

— Fique tranquila, ele vai voltar. — Hesita.

— E se não o fizer, eu mesmo me encarrego de buscá-lo... o chefe não faz nada sem pensar, tem algo em mente.

Aceno com a cabeça, abrindo a porta do carro e saindo em seguida. Eu espero muito que ele

tenha mesmo pensado em algo, aquilo me pareceu um encontro surpresa. Entro em casa e cruzo a sala como foguete, mas quase esbarro em Nicola.

— Já de volta? — pergunta.

— Ahn... sim. — Dou de ombros. — Enzo precisou se ausentar e eu decidi voltar para casa.

— Oh, Dio... e o bebê? Sentiu mais enjoos?

— Não. — Sorrio. — Está bem tranquilo.

— Isso é ótimo! Os enjoos me deixavam de cama o dia todo... eu odiava. — A mulher analisa o meu rosto. — Está preocupada com algo?

— Não. — Resolvo ocultar as minhas dúvidas. — Está tudo bem, vou aproveitar que estou em casa e começar a organizar tudo para o jantar da Família aqui.

— Faça isso. — Toca o meu rosto, me fazendo sorrir outra vez. — Vou voltar ao trabalho.

Assim que ela me deixa, sento-me nos degraus da escada e toco a minha barriga. Maldito seja Salvatore por me deixar preocupada assim. Meu celular vibra dentro da bolsa e eu o alcanço imediatamente. Sorrio ao ver uma mensagem do Odilon, mas eu esperava que fosse Enzo.

"Hey, darling.

Como está aí na Itália?
Estou louco para saber o sexo do bebê."

Digito a resposta:

"Sem você, um pouco
menos divertido. Sobre o sexo
do bebê, teremos que aguardar um pouco."

Volto a bloquear o celular e resolvo subir de
uma vez para tirar essa roupa.

Horas.

Fazem horas que estou sem notícias. Já li, já
fiz minha refeição, já caminhei pelo jardim,
conversei outra vez com Nicola, troquei mensagens
com Odilon e Rebeca... e nada. Nenhuma ligação,
nenhuma notícia.

Fixo o meu olhar no jardim, lá embaixo, e
cruzo os braços. Respiro fundo, querendo de todo o
coração que alguma notícia chegue. Jamais
imaginei que, um dia, fosse me preocupar dessa
maneira com Enzo. De repente, Nicola entra no

quarto, me fazendo olhar para ela.

— Caligiuri deseja vê-la.

— Tem notícias do meu marido?

— Pelo jeito, sim.

Me apresso, cruzando o quarto quase tropeçando nos meus próprios pés. Desço as escadas com rapidez, ouvindo Nicola me pedir cuidado para que não caia. Ao chegar na sala, vejo a expressão fechada do Enrico e solto o ar pela boca.

— Onde ele está?

— O chefe enviou uma mensagem para o nosso sistema de rastreamento, Lucca e Ettore descobriram o local.

— Eu vou com vocês.

— Senhora, melhor não se arriscar.

— Não foi um pedido, Caligiuri. — Hesito.

— Vou buscar a minha arma, me espere aqui.

— Tem certeza de que vai? — Nicola me segue novamente pelas escadas. — Está grávida, *per l'amour de Dio!* Não sabe o que pode encontrar lá!

— Nicola, eu vou buscar o meu marido.

— Teimosa como o irmão! — Junta as mãos. — *Che la Vergine Maria vi protegga!*^[52]

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que isso quer dizer?

Entro no quarto, seguindo direto para o closet, onde guardo a pistola carregada. Abro a pequena caixa ao lado dela e alcanço mais um pente carregado, nunca se sabe.

— Estou pedindo interseção da Virgem por vocês.

— Obrigada. — Ergo o corpo e beijo o topo da sua cabeça. — Estou indo agora.

Pego o casaco e deixo o quarto, acomodando a pistola na minha calça. Desço as escadas apressada e encontro Enrico na sala, exatamente onde o deixei.

— Quantos vão conosco?

— Doze homens, senhora. Os melhores.

— Ótimo, vamos.

O homem acena para que eu siga na frente e eu o faço. Desço a escadaria para o jardim e vejo os doze homens em suas motos.

— Posso pegar o carro para acompanhá-la.

— Onde está a moto dele?

— Na garagem, senhora.

— Traga-me, por favor. — Cruzo os braços.
— Sei pilotar.

— Sim, senhora. — Olha para outro

PERIGOSAS ACHERON

soldado. — Arrume um colete para ela.

O meu coração está a ponto de sair pela boca, não sei o que vou encontrar, mas não sinto medo. Estou preocupada. Quando o soldado me entrega o colete, retiro o casaco, visto o colete e volto a colocar a peça, abotoando-a para cobrir o meu pequeno segredo.

Enrico se aproxima com a moto do Salvatore, a observo por alguns instantes. A moto é inteiramente preta, grande e potente. Ótimo, dá para correr bem na estrada.

— Vamos.

Ele me entrega a chave da moto e o capacete. Assim que estou pronta, subo, ligo o motor e espero todos. Enrico, que comanda a operação, arranca na frente e eu o sigo. O barulho dos motores que nos segue faz o meu coração se aquecer.

A viagem é um pouco longa e se torna complicada por conta das estradas que não conheço. Temo pelo bebê que carrego devido à viagem de moto, mas agora é preciso focar no meu marido. O tempo todo, os homens se comunicam durante a viagem, são códigos.

Ao pararmos diante de uma casa que parece

abandonada, desligo o motor e desço da moto. Todos fazem o mesmo, sacando as suas pistolas. Retiro o capacete, o coloco sobre o assento da moto e saco a pistola também.

Olho em volta e sinto um calafrio, o lugar é no meio do nada. Uma casa velha em um terreno aparentemente abandonado e isolado.

— Senhora. — Enrico se aproxima. — Vamos entrar. Sob qualquer anormalidade, fuja sem olhar para trás... há um herdeiro em seu ventre que é preciso proteger.

— Claro. — Destravo a pistola. — Vamos.

Os soldados entram primeiro e Enrico me acompanha, mais atrás. Ao abrirem a porta principal, vejo dois homens caídos, rodeados de sangue, e sinto um embrulho. Quando estamos dentro da casa, observo as paredes velhas e um arrepio toma o meu corpo ao ver sangue nelas também. O local cheira a sangue e morte.

Cruzamos a sala e eu sinto o meu coração disparado, o silêncio na casa é sepulcral. Onde Enzo está? Tento levar a minha mente para pensamentos positivos, mas nada me ocorre, não com tanto sangue espalhado pela casa.

Sigo para o corredor, para o desespero do

Enrico, que se apressa em me acompanhar. Olho o primeiro quarto e só há alguns móveis quebrados e empoeirados. Passo para a segunda porta, essa está entreaberta e eu ouço um grunhido.

Enrico me segura e se coloca na frente, fazendo o meu coração disparar. O homem chuta a porta e empunha a arma. Ao ver Enzo caído no chão, corro até ele sem querer saber de nada.

— *Che cazzo*^[53] Kiara faz aqui, Enrico?!

— Não fale como se eu não pudesse ouvir, Salvatore — repreendo, olhando o sangue que mancha as suas roupas. — Você está bem? Está ferido?

— Não é meu sangue.

— Ela insistiu, chefe.

— Droga de mulher! — reclama. — Sabe o risco que está correndo?

— Você é louco se acha que eu iria ficar em casa esperando! — Toco o seu abdômen e ele o encolhe de dor. — O que aconteceu?

Enrico sai de fininho, nos deixando, quando Enzo gesticula para ele. Levanto a sua camisa e noto o local que toquei com um hematoma.

— Matei inimigos, *bella mia*... outros virão.

— Precisava vir sozinho? — Toco outra vez

o local e ele me olha, exasperado.

— *È pazza?*! [\[54\]](#)

— Pare de falar Italiano e trate de me contar o que exatamente aconteceu aqui.

— Oh, *Dio santo!* Vamos embora primeiro, depois conversamos!

— Enrico — chamo. —, vamos.

ENZO

Pilotei na volta para casa, mesmo estando fodido. Kiara caiu no choro quando sua crise de fúria sobre mim passou. Não permiti que ninguém além de Caligiuri a visse chorando, esperei que melhorasse para poder sair. Ele me disse que gravidez tem dessas coisas, estou começando a achar que tem mesmo.

Desço da moto e caminho com ela para dentro da casa, sou acomodado no sofá e Nicola corre para buscar gelo. Kiara senta ao meu lado e me ajuda com a camisa, completamente séria.

— Nunca mais faça isso, entendeu? — Seguro o seu pulso. — Se colocou em risco.

— Não conseguiria ficar em casa
PERIGOSAS ACHERON

esperando... você sabe que eu não sou as mulheres da família.

— *Lo so...* se fosse, não teria me enfrentado daquela maneira na frente do Enrico.

— Eu estava nervosa, não quis desautorizar você... havíamos feito uma promessa.

— *Esatto...* não a descumpra.

Ela silencia, sabe que foi precipitada. Nicola desce as escadas e para diante de nós, no sofá.

— Enchi a banheira com gelo, senhor Enzo... um dos soldados foi avisado sobre a sua condição antes que chegasse.

— Obrigado. Saia.

Kiara fica de pé e eu me forço a fazer o mesmo, sem a sua ajuda. Meus treinos condicionaram a minha mente a ignorar a dor e focar no importante. Dor e medo são os melhores professores que alguém pode ter na vida, controlando a mente, controlam-se os dois.

Subo com a minha esposa ao meu encalço e agradeço por termos conseguido paz. Quando entro na banheira, sinto o meu corpo responder com mais dor. Trinco os dentes e foco no importante. Abro os olhos, ignorando completamente as dores, e encaro

a minha linda esposa.

— Eu sabia que era uma emboscada — começo. —, mas queria ver até onde o inútil seria capaz de ir. Queria ver a sua cara de desespero quando me visse dar o golpe final.

— Como você soube? — Ajoelha do lado de fora da banheira.

— No primeiro dia que saímos para visitar a ponte e o palácio, notei alguém nos seguindo... depois, vi esse mesmo homem na catedral. — Estreito o olhar, fitando o gelo dentro da banheira. — Apenas liguei os pontos.

— Então foi você quem matou aqueles dois homens.

— *Sì*. Não poderia deixar sair ileso quem ameaça a Famiglia e a minha esposa.

Kiara abre um leve sorriso e afaga o meu rosto. Deve haver alguns cortes, a luta com aqueles dois homens me deu um pouco de trabalho antes de conseguir destruí-los.

Entro na casa e olho em volta, preparando a minha mente e o meu corpo para uma luta iminente.

— *Queremos negociar, Enzo.*

Esses inúteis já negociaram comigo uma vez e tentaram me dar um golpe, mas desistiram de última hora. No tempo, usei isso ao meu favor, os fiz trabalhar para mim por alguns meses... mas agora eles estão armando, não merecem perdão. Não me servem de nada.

— *É mesmo? — Me faço. — Qual mercadoria querem repassar?*

— *Todas as que você fornece... vamos tomar o negócio.*

— *O negócio é meu. — Viro-me para ele. — Sinto desapontar você, amador.*

— *Era!*

O homem ataca e eu me defendo. Alcanço um pedaço de madeira do chão e acerto o seu rosto, fazendo-o cair. Outro homem avança com a pistola nas mãos; avanço também, agarrando o cano da pistola e o colocando para cima. Um tiro é disparado e eu aproveito o momento para socar o rosto do infeliz, que cambaleia, soltando a arma.

— *Assim que você morrer, aquele Muccini vai ceder à minha proposta!*

— *Eu não vou morrer antes de você.*

Eles se juntam e avançam de uma vez. Me acertam um golpe no tórax com um pedaço de ferro

e eu curvo o corpo. Tento recuperar o ar o mais rápido possível, condicionando a minha mente a me concentrar. Eu preciso ficar vivo. Por Kiara e pela Família.

Antes que o homem acerte outro golpe, agarro a barra de ferro e a puxo com força, a rodando para trás. Além de tomar a barra de ferro, dobro o seu braço para trás, dominando-o. Tomo a arma que está no coldre em sua calça e aponto a arma para o suposto negociante em nossa frente.

— Salvatore, podemos conversar... podemos resolver isso sem mortes.

— Ao inferno, maledizione.

Miro na cabeça do homem e disparo sem hesitar. Ele cai, espalhando sangue e os miolos pelo chão. Puxo com força o braço do homem que ainda está dominado e ele implora por sua vida, afirmando ter filhos.

O solto e ele fica estático por alguns instantes, pensando que o seu apelo funcionou. Aponto a arma para ele novamente e antes que possa virar-se e correr, miro e disparo, acertando o seu abdômen. Quando ele cai, paro ao seu lado, trazendo a mão até a barriga, onde sinto uma forte dor.

— Ninguém tenta enganar a Família e sai ileso. — Coloco o sapato sobre o buraco da bala e ele berra de dor. — Boa viagem ao inferno.

Dou as costas e praticamente me arrasto para o quarto, ouvindo o desespero do homem por saber que morrerá lentamente e sozinho. Envio uma mensagem para o sistema de rastreamento da Família e me escondo no quarto. Se mais alguém resolver aparecer, não haverá hesitação.

Capítulo 42



.. DIAS DEPOIS ..

KIARA

Me olho no espelho uma última vez antes de respirar fundo e rebobinar tudo o que Rebeca e Nicola me disseram sobre as cobras que a família tem. Estou usando um vestido longo, verde, tem um decote na frente e mangas compridas. Enzo sai do closet arrumando o belo smoking feito sob medida, o homem está lindo.

Analiso o seu rosto e noto que os pequenos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cortes cicatrizaram. Depois daquele dia ele capturou três homens e estão desde então no clube. Enzo tem os torturado todos os dias, garantindo que vivam para entregar quem está por trás disso.

— Está pronta? Todos estão lá embaixo.

— Sim.

— Comprei algo para você. — Me dá as costas e entra novamente no closet, me deixando curiosa. — Quero que use hoje.

Fico em silêncio, esperando que ele volte. Assim que o faz, traz consigo uma caixa retangular, revestida de veludo vermelho, que tem um pequeno laço delicado em cima. Enzo me entrega a caixa e passa as mãos nos cabelos.

— Abra.

Faço o que ele disse e me deparo com um lindo colar que me tira o fôlego.

— Enzo, isso é... é lindo.

— Você gostou? — Toca o lindo pingente cravejado de brilhantes.

— Sim. — Olho para ele e abro um sorriso. — Obrigada.

— Deixe-me colocar. — Se apressa. — Temos que descer.

Salvatore se posiciona atrás de mim e o seu

PERIGOSAS ACHERON

olhar encontra o meu através do espelho. O colar é longo, fica sobre os meus seios, chamando atenção para eles.

— *Dio santo*, isso será de foder, mas eu tenho a esposa mais bonita da *Famiglia*. — Me vira para ele. — Sabe que será crucificada por todas ao usar isso, não é?

— Eu sei. — Toco o seu peito. — Elas podem ir à merda.

Finalmente, ele abre um sorriso torto e sacana, adora a ideia de me ver calando as esposas da *Famiglia*. As fofoqueiras, apenas. Ele me disse que algumas são muito polidas e boas, que devo aprender algo com elas. Brigamos por isso.

— Nós fomos criados em mundos diferentes, apesar de pertencermos apenas a um.

— *Esatto...* agora você está aqui.

Apenas aceno com a cabeça, ergo um pouco a cabeça e o beijo. Os saltos facilitam o meu alcance aos seus lábios quentes e macios.

— Vamos — murmura entre o beijo. — Antes que eu desista deste jantar e foda você.

— A ideia não é tão terrível — brinco.

Enzo me estende o braço e eu o pego para sairmos juntos do quarto. Caminhamos em silêncio

pelo corredor e eu posso ouvir vozes vindas lá de baixo. Vou ver rostos que já vi em meu casamento, mas agora terei de anunciar o bebê e aguentar conversas fúteis de mulheres fúteis.

Paramos no topo da escada e todo silenciam para prestar atenção. Seguro um pouco mais firme o braço do meu marido, me forçando a ficar aqui e não sair correndo de volta para o quarto e me encolher na cama.

— *Buona Notte*, amigos — Enzo começa. — É muito bom tê-los aqui na nossa casa e é bom estar de volta, apesar do momento triste que Muccini viveu.

Olho para os rostos atentos a nós e já posso ver duas mulheres cochichando. Oh, merda, descobri que preciso de mais paciência do que tenho para aturar. Abro um sorriso largo, respirando fundo.

— Mas hoje é um dia alegre, eu e minha esposa queremos anunciar que estamos esperando uma criança. — Toca a minha barriga e o seu olhar encontra o meu. Ele ainda é o mesmo Enzo de sempre, frio e duro quando preciso. — E queremos partilhar a nossa alegria em gerar herdeiros para a *Famiglia*... faremos prosperar!

Todos erguem suas taças e um garçom sobe com uma bandeja nas mãos e duas taças sobre ela. Há champanhe em uma e água em outra. Sorrio, pegando a taça com água, e Enzo pega a que sobra.

— *Brindiamo!*^[55] — Muccini puxa, erguendo a taça.

Desço o olhar novamente sobre as pessoas e vejo Lucca conversando com Ettore. Deixo o meu olhar caminhar até Antonella, a esposa do Muccini, e ela está observando o sub-chefe. Aqueles dois não conseguem mesmo disfarçar.

Ergo a taça e, quando o meu olhar encontra o de Antonella, ela nota que eu a estava observando e desvia o olhar. O medo ela deve sentir do marido, não de mim... a regra é clara, traição é morte. Bebo um gole da minha água e sorrio para os presentes.

Descemos as escadas para nos juntarmos a eles. Muccini é o primeiro a nos cumprimentar, ele beija o dorso da minha mão e aperta a do Enzo. Antonella abre um sorriso, o que me faz retribuir, e me abraça.

— Parabéns pela criança. — Seu olhar me passa algo bom, gostei dela. — Desejo felicidade.

— Obrigada.

Enzo a cumprimenta com um aceno de

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça e os dois se afastam para deixar que outro casal se aproxime. Todos nos cumprimentam e nos felicitam pela gravidez. Tento aprender o nome de todos e presto atenção quando Enzo pergunta pelos filhos de todos.

— Salvatore — Rizzi cumprimenta, ao lado da sua esposa.

Sorrio para a mulher e ela faz o mesmo, me analisando.

— Muito bom saber que a Famiglia está prosperando. — Ele sorri. — Apesar de ter achado que se casaria com a filha do DiGrassi... fico feliz que a sua esposa esteja se adaptando às nossas regras.

— Ela está — diz, seco.

— Antes comigo do que com a filha do traidor, não acha? — pergunto, dando um tom descontraído.

— *Dio santo!* — O homem dá risada e a sua esposa arregala os olhos para mim. — Bem que disseram que ela é boa com as palavras.

Enzo olha para mim e o seu olhar não me diz nada. Ele é muito bom em esconder o que sente.

— Minha esposa está certa, talvez ele estivesse comandando agora e eu estivesse morto...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afinal, a filha dele estaria comigo todos os dias, isso daria a ele mais informações.

— Sì! Não quero nem pensar nessa possibilidade, a Famiglia ruiria. — Bate duas vezes no ombro do meu marido. — Aquele maldito nos entregaria aos inimigos.

— E pensar que um dia acreditamos no canalha.

— Você é um grande chefe, Salvatore, assim como o seu pai foi... a linha dura que vocês seguem era exatamente o que a Famiglia precisava.

— Tudo pelos negócios, Rizzi.

— Tudo pelos negócios — repete.

Quando ambos saem, abro um sorriso e olho para Enzo, que está claramente incomodado por Rizzi ter citado o seu pai. Dou a taça a um garçom que passa e paro frente a frente com ele.

— Está chateado? — sussurro. — Foi o que eu disse?

— *Non*. — Passa as mãos nos cabelos. — Apenas não gosto de falar sobre Giusepe.

— Salvatore! — Lucca se aproxima. — Devo parabenizá-la novamente, senhora?

Sorrio pela brincadeira dele e Ettore faz cara feia ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais respeito — o consigliere resmunga.

— Você é muito sério, Ettore. — Dá de ombros. — Não está vendo? Ela está sorrindo da minha brincadeira.

— *Dio santo*, calem a boca. Vocês precisam de esposas... rápido.

Por vezes, sinto que Enzo tem vontade de matá-los e, ao mesmo tempo, sinto que há uma amizade ali. É muito diferente do que estou acostumada a ver.

— Não vou me casar com uma menina da Famiglia, Salvatore — Lucca abaixa o tom de voz. — Quero peitos suculentos... preciso de uma mulher. Falaremos sobre isso amanhã, pensei em uma das filhas de um dos capos da Espanha.

Ettore segura forte o braço do Pozzani e eu abro um sorriso, me divertindo. Nunca os havia visto dessa maneira.

— Barbieri, retire este infeliz da minha frente. — Enzo está com um leve sorriso no rosto. — Amanhã, quando o efeito do álcool passar, trataremos sobre isso.

Assim que ambos se retiram, o meu marido olha para mim e eu ainda estou sorrindo.

— Tenho vontade de matá-los, às vezes.

PERIGOSAS ACHERON

— Lucca está se divertindo. — Me aproximo dele enquanto falo e toco o seu peito de maneira suave. — Deixe que esqueça o que habita em seu coração.

Ele fixa o olhar em algo atrás de mim e eu viro a cabeça para olhar. Um casal se aproxima e eu noto que Enzo está incomodado.

— Algum problema? — pergunto.

— *Non*.

Abro um sorriso para o casal e a mulher não tira o olhar do meu marido, assim como ele também não. Uma sensação terrível toma o meu peito; há algo aqui que eu não estou sabendo.

— Martinelli — Enzo cumprimenta, dando um aperto de mão no homem. —, quanto tempo!

O homem sorri e olha para mim, que não consigo esboçar nada nesse momento.

— Senhora, essa é a minha esposa Tiziana Martinelli.

— Muito bom conhecer a esposa do chefe.

— Abre um sorriso que não me convence em nada.

— Espero que possamos ser amigas.

Não gostei desta mulher, algo dentro de mim grita, me avisando para ter cuidado. Ela percebe a minha expressão e recua um pouco. A

cumprimento com um simples aperto de mão e observo o seu olhar se voltar para o meu marido outra vez.

Martinelli se empenha em uma conversa com Enzo e a mulher olha para mim. Tento ser um pouco mais simpática e abro um sorriso.

— Tem filhos? — pergunto.

— Sim, dois pequenos. — Ela sorri. — Logo iniciarão o treinamento.

— Imagino que deve ser uma grande alegria ver um filho se tornar um homem.

— E é. — Agarra um pouco mais o braço do marido. — Soube que é irmã do Rodrigo... sua história é intrigante.

O que ela quer dizer com isso?!

— Intrigante?

— Bom, viver sem saber da verdade por tanto tempo... — Deixa a frase no ar.

— Então está sugerindo que estou mentindo sobre como vivi esse tempo todo?

— Não foi o que eu quis dizer — tenta se sair. — A gravidez pode alterar os nossos ânimos, eu entendo...

Estreito levemente o olhar para ela, sentindo a raiva borbulhando em meu sangue. Mas que

PERIGOSAS NACIONAIS

maldita fingida.

— Não ligue para Tiziana, senhora — Martinelli a repreende com apenas um olhar. — Tenho certeza que não quis acusá-la. Peço desculpas.

Ergo a sobrancelha, completamente séria.

— Realmente espero que não.

Os dois se retiram e eu o vejo repreendê-la. Enzo dirige o seu olhar para mim e eu o encaro na mesma medida, ainda séria.

— Estão com inveja. — Antonella se aproxima, sorrindo. — Queriam as suas filhas casadas com o chefe, mesmo sendo tão novas.

— Jamais me casaria com uma criança — Enzo comenta. — Procuraria uma esposa em outras Famílias que negociam conosco.

— Temem que Kiara possa ser um mau exemplo.

— Não sou eu quem fico fofocando pelos cantos.

— Vejo que estão se dando bem. Vou deixá-las — Vira-se para mim e beija a minha testa. — Não revide provocações.

Assim que ele se afasta, volto o meu olhar para Antonella e a noto triste de repente.

PERIGOSAS ACHERON

— Está tudo bem?

— Sì. — Abre um sorriso. — Vamos arrumar um lugar para sentarmos.

ENZO

Deixo Kiara com a esposa do Muccini e sigo na direção dos capos. Uma mão feminina me detém pelo braço e, em um impulso, puxo o braço rapidamente.

— Tiziana.

— Vai fingir que não me conhece agora?

— *Non iniziare*^[56] — resmungo.

— Vamos conversar um pouco... meu marido está entretido nos negócios. Sem qualquer intenção.

— Estou prestes a me entreter nos negócios também. — Olho para Kiara, entretida na conversa com Antonella. — Fique longe dela, isso é a porra de uma ordem.

— Mas eu não fiz nada. — Dá de ombros.
— Ela que é muito arredia.

— Fique longe dela — rosno, autoritário e sem qualquer humor.

— Algum problema aqui, Enzo? — Kiara para entre mim e a mulher.

Estava tão imerso na raiva que não a notei se aproximando. Ergo o olhar para Antonella e ela tem um olhar assustado, sei que acompanhou Kiara para evitar algo maior. Volto a olhar para a minha esposa e a fração de segundo que separa a sua pergunta da minha resposta parece infinita.

— Tiziana estava se desculpando pelo mal entendido. — Levo a mão à sua cintura. — E já estava indo conversar com as amigas.

Kiara não está satisfeita com a desculpa, meus instintos treinados dizem que não. Por fim, ela abre um sorriso para Tiziana e a mulher pede licença. Nos encaramos por alguns instantes, guerreando com apenas olhares.

— Vamos, Kiara? — Antonella chama, nervosa. — Ainda não me contou como trabalhava usando dança.

— Vá com ela esposa, se divirta.

— Você também.

Me mantenho sério e impassível, observando-a ir com a nova amiga. Kiara não é tola, preciso ter muito cuidado. Ao ver que ela se restabeleceu com Antonella, retomo o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

caminho até os capos.

— Salvatore, estávamos falando justamente sobre os dois homens que foram capturados.

— O que sobre eles?

— Estávamos querendo saber se confessaram ou disseram algo — Rizzi comenta.

— *Non*. — Lembro-me da tortura que já infligi aos dois. — Eles são treinados... meu próximo passo será seguir para o choque elétrico.

— Ótimo, precisamos de informações logo.

— Estou fazendo a minha parte nisso, não queiram interferir — rosno. —, eles já estão consumindo o pouco que tenho da minha paciência.

— Apenas cuide para não perder o controle.

— Alguma vez eu já perdi o controle de algo, Muccini?

— Nunca, Salvatore. — Hesita. — Preciso falar algo sobre as prostitutas que solicitou para o clube do Brasil.

— Vamos ao meu escritório.

Sigo com Muccini para o meu escritório e nos empenhamos no atual problema. Precisamos de mulas para levar a carga para o Brasil e de prostitutas para o mesmo destino. Faremos duas coisas em uma só.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 43



KIARA

Já é dia quando o último convidado deixa a nossa casa, estou exausta. A noite foi produtiva porque pude observar cada componente da Família melhor, principalmente Antonella e Lucca. Eles ainda se amam e essa história está me deixando cada vez mais curiosa.

Ela é uma boa mulher, apesar de ser um pouco fechada. Muccini parece ser um bom homem, mas pelos comentários que ela fez, notei um certo tom de desgosto.

Enzo está no escritório e eu não me dou

PERIGOSAS ACHERON

trabalho de ir vê-lo, apenas subo as escadas, desejando a minha cama. Depois conversaremos sobre aquela mulher, ela é muito estranha. Sei que, antes de mim, ele conheceu pessoas, mas nenhuma das mulheres presentes trocou tamanho olhar com ele.

Abro a porta do quarto, já me livrando dos saltos. Emito um som aliviado ao sentir os meus pés tocando o chão frio, os sinto doloridos. Começo a desfazer o penteado diante do espelho, soltando os fios aos poucos.

Ouço a porta ser aberta e olho por sobre o ombro, conferindo se realmente é Enzo. Volto a me concentrar nos meus cabelos, colocando os grampos de cabelo em uma pequena caixa. Pelo espelho, o vejo se aproximando de mim com um olhar intenso. Sinto as suas mãos na minha cintura e sou puxada para ele, sentindo a dureza do seu peito nas minhas costas.

— *Buongiorno.* — Beija o meu ombro e pescoço. — *Bella mia.*

— Bom dia.

— Falei com Filippo, ele irá acompanhá-la na sua primeira ultrassonografia, amanhã.

— Você não vai? — Me afasto, virando-me

para ele.

— Não, tenho assuntos para terminar no clube.

— Vai mesmo me deixar sozinha na primeira ultrassonografia?

— Kiara, não sou um exemplo de pai e nós já conversamos sobre essa criança. — Me dá as costas e começa a folgar a gravata.

Fico em silêncio, desistindo de brigar por causa disso. Nunca havia pensado sobre filhos, mas agora que estou grávida... a sensação é completamente nova e, me arrisco a dizer, boa. Sigo para o banheiro, preciso de um banho e de umas boas horas de sono.

Abro os olhos e sinto o vazio ao meu lado na cama, Enzo não está. Olho para o relógio na cabeceira da cama e noto que já é tarde.

— Estou faminta — murmuro para mim mesma.

— *Anche io.*

— Deus do céu, Salvatore!

Sento-me em um pulo, para olhar Enzo

PERIGOSAS NACIONAIS

arrumando a camisa social diante do espelho. Ele abre um leve sorriso, sem olhar para mim.

— *Non* quis assustar você... pensei que estivesse falando comigo.

— Apenas pensei alto. — Franzo o cenho. — O que significa anche io?

— Eu também. — Vira-se para se aproximar da cama. — *Stai bene?*

— Sim... por quê?

— Teve um sono agitado. — Alisa os meus cabelos. — Fiquei pensativo.

— Deve ser cansaço.

Uma memória retorna com tudo e eu lembro o motivo do meu sono agitado. Sonhei com Rodrigo e foi terrível.

— Então descanse, mandarei Nicola trazer sua refeição aqui no quarto. — Beija os meus lábios e faz uma breve pausa. — Ligue se algo acontecer.

Fico surpresa com a sua última frase, mas apenas balanço a cabeça. Ele não diz mais nada, apenas levanta da cama e se direciona à saída do quarto. O jeito dele de cuidar de mim é bruto, deve ser a falta de costume em tratar alguém assim tão intimamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Volta para casa hoje ainda? — pergunto.

— *Sì*. — Olha para mim. — Preciso terminar alguns assuntos e assim que o fizer, retornarei para você.

— Para mim? — pergunto para confirmar.

— Para você. — Passa as mãos nos cabelos, com um olhar sacana. — *Ciao*.

Deixo que ele saia do quarto para sair da cama e esticar os braços, me espreguiçando. Sinto um enjoo repentino e corro para o banheiro. Quase não tenho tempo de alcançar o vaso antes de colocar tudo para fora.

Depois de colocar até a minha alma para fora, me organizo novamente e deixo o banheiro, me sentindo um pouco fraca. Nesse momento, Nicola entra no quarto com uma bandeja, sorrindo.

— Trouxe sua refeição. — Olha para mim atentamente. — Está pálida.

— Não me sinto muito bem. — Sorrio, sem ânimo. — Deve passar logo.

— Quer que eu arrume uma maçã? Ou gelo?

— Não... não irei conseguir colocar nada na boca agora.

— Então venha, vamos dar uma volta no

PERIGOSAS NACIONAIS

jardim para que melhore desse enjoo. — Pega a minha mão. — Vista um casaquinho.

Obedeço, pegando um casaco de tecido mais leve e saio do quarto com ela para darmos uma volta. Nos sentamos em um banco e ela me faz respirar fundo algumas vezes, me contando dos tempos das suas gravidezes. Enjoos, desejos loucos, insônia e sono excessivo, dependendo do dia, inchaço... Deus do céu.

— Você tem sorte por enjoar pouco, menina... essa criança está ajudando.

Nicola toca a minha barriga, me fazendo sorrir levemente.

— Acha que vou conseguir dar conta? Eu nunca tive contato com bebês.

— Claro que vai. — Sacode a mão no ar. — Ser mãe é muito mais do que, simplesmente se dar em bem em trocar uma fralda... você é uma boa moça.

Assinto, desviando o olhar para o jardim em nossa frente. O vasto verde da grama junto com as folhas das árvores harmonizam o local, me fazem ficar mais à vontade. Cruzo os braços e volto a respirar fundo, sentindo a brisa fria alcançar o meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Se sente melhor?

— Sim, obrigada.

— *Grazie Dio!* — Toca o meu rosto. —

Agora vamos entrar, você precisa se alimentar.

— Ainda não sinto fome.

— Mas vamos, nem que seja um pouco... vou fazer um bom café para que lanche.

Acabo sorrindo e aceito o lanche, já que ela está tão empenhada em me fazer sentir bem.

ENZO

Deixar Kiara exigiu de mim um esforço grande. Ela chamou pelo irmão enquanto dormia, isso me preocupou, tentei acordá-la e não consegui. Não suporto a ideia de ver Kiara chorando ou sofrendo... eu infligi dor a ela, a fiz sofrer.

Nunca me esquecerei do som do seu choro, da forma como a dor e a raiva se expressavam nos seus olhos. Não serei capaz de vê-la sofrendo novamente, precisaria de muito mais força do que eu fui treinado para ter. O amor é uma fraqueza e acabará sendo a minha ruína.

— Tudo pronto, Salvatore. Vai começar
PERIGOSAS ACHERON

agora?

— Sì.

Fico de pé, guardando os pensamentos referentes à minha esposa. Tenho algo importante para focar agora, os dois malditos presos nas salas de tortura. Dispenso o Lucca e deixo a minha sala em direção aos dois infelizes que me esperam.

— Enrico — chamo.

— Chefe.

— Venha, precisarei de auxílio. Se não arrancar a verdade dos malditos agora, hoje mesmo estarão se encontrando no inferno.

— O foco não é mais a informação que eles têm?

— Claro que é. — Olho de soslaio para Caligiuri. — A família deles é quem vai me contar tudo.

— Você os tem? — Parece surpreso.

— Ettore cuidou disso.

— O que pretende fazer?

— Apenas faça o que eu mandar.

Faço um gesto para Enrico, ouvindo os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gritos do homem pendurado, o lugar cheira a urina e sangue. Ele desliga o aparelho e a cabeça do homem pende para frente. Me aproximo, agarrando os cabelos do miserável.

— Nada? — pergunto ao homem em minha frente e ele se mantém calado. — Busque a mulher, Caligiuri.

Meu soldado obedece e eu escuto um grito antes de poder me virar para ver a cena. A mulher se solta das mãos de Enrico e corre para ver o seu filho. Limpo o sangue das mãos e espero o drama terminar.

— Se eu disser o que sei, você o deixa ir? — a mulher pergunta.

— Viu? Sua mãe sabe negociar.

O homem força as correntes que o amarram, querendo avançar em mim. Nego com a cabeça, completamente sério. Faço um gesto para que passe na minha frente e a senhora obedece. Ouço um grito do homem, implorando para que ela não diga nada.

— Me prometa que vai libertar o meu filho, por favor.

— Minha palavra vale muito, senhora. Por isso que o seu filho está ali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenha piedade... e-eu direi.

Abro a porta da minha sala e deixo que a mulher se acomode. Ofereço água para que se acalme e sento-me, completamente calmo.

— Dei saídas ao seu filho e ele recusou todas.

— Eu sempre disse a ele que isso ia dar errado... sempre! — Chora copiosamente. — Tenha piedade, eu imploro... você não tem mãe?

— *Non.*

— Eu direi tudo. — Enxuga o rosto. — Apenas me prometa que vai libertá-lo.

— Tem a minha palavra.

A mulher despeja todas as informações de uma vez, as mulas, os chefes, os traidores, os comandantes, os receptores, as rotas mais usadas e os horários. Perfetto! Quem diria que uma mãe desesperada seria a salvação do dia?

Ouçó tudo atentamente, guardando todas informações com cuidado e ligando as pontas soltas que já tenho. Quando ela termina, fico de pé imediatamente.

— Mandarei que organizem o seu filho para que saia com você daqui. — Contorno a minha mesa, me aproximando. — Um carro irá levá-los.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada por sua piedade, senhor... muito obrigada. — Beija a minha mão.

Me solto dela, caminhando em direção à porta da sala. Ao sair, encontro Caligiuri de prontidão.

— Então, chefe?

— Ela disse tudo. Agora irei ter a minha última conversa com o infeliz. — Paro e olho para o soldado. — Fez o que mandei com o outro?

Digito a senha no painel, fazendo a porta metálica se abrir, e continuo a caminhada, descendo as escadas de maneira calma.

— Sim, chefe. Ele já está apodrecendo por aí.

— *Perfetto.*

Paro diante da porta, a abrindo em seguida. O homem ergue o olhar e o desespero volta a permear nele. O amor é sim a maior fraqueza de todas.

— O que fez com ela? — grita. — Maldito!

— Cale essa boca e pare de fazer drama. ela está bem. — Faço uma pausa proposital. — Por enquanto.

— Deixe-a em paz!

— Você não está em posição de pedir nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cruzo os braços. — Eu e ela fizemos um acordo e agora eu vim dar um aviso a você. Se algo vazar, ela é quem paga, me entende? Infligi dor em você e será muito pior se tentar bancar o esperto comigo.

— O que você quer que eu faça?

— Você vai sair daqui, porque eu sou um homem piedoso. — Solto as suas mãos e ele cai, de joelhos. — E você vai sumir com a sua preciosa mãe... e lembre-se que, de mim, você nunca poderá se esconder. Eu irei buscá-los se descumprir sua palavra. *Capisce?*

— S-sim, eu juro que nunca mais me verá.

— *Perfetto*. — Jogo as roupas de volta para ele. — Tem cinco minutos para sair.

Deixo a sala e mando Enrico ficar de olho nele. Chamo um soldado e dou as instruções de para onde exatamente levar os dois e o que fazer. Sigo para o meu escritório e ao entrar, encontro Matteo, Lucca e Ettore juntos diante do meu quadro de rotas.

— Chegou mais cedo, Matteo.

— Sim, chefe. — Ele balança a cabeça. — Deixei Rebeca na sua casa, ela queria muito ver a amiga, e vim diretamente para o clube.

— Alguma novidade?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Non*, as coisas no Brasil continuam bem.

— *Perfetto!* — Puxo a minha cadeira e sento. — Estive pensando, agora que fizemos as pazes com os russos, podemos casar Ettore ou Lucca com uma das filhas dos capos... ou do Yasikov.

— Ou ambos — Matteo alfineta.

— Porque um pesadelo não basta ser apenas um, tem que ser completo e com bônus — Ettore resmunga.

— Barbieri reclamão.

— Vocês não têm escolha, *cazzo*. — Fico de pé, me aproximando do mapa do painel, e aponto. — Iremos à Rússia negociar os casamentos... muito em breve.

— *Va bene*.

— Muccini e Matteo ficarão aqui tomando conta de tudo. — Solto o ar com força dos pulmões. — Vou para casa agora, qualquer anormalidade, me comuniquem.

Deixo a sala, trazendo comigo a minha pistola e o celular. Não preciso olhar para saber que Enrico está me acompanhando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desço na garagem e entro em casa, alcançando a sala pela porta de acesso. Avisto Kiara sentada, conversando com Rebecca, ambas sorridentes.

— Vejo que estão se divertindo.

Imediatamente, Rebeca se coloca de pé e sorri. Me aproximo das duas e Kiara também fica de pé.

— Bem-vinda.

— Obrigada.

Olho para a minha esposa e ela permanece séria.

— Vou deixar as duas.

Antes de ouvir qualquer resposta, tomo o caminho para o quarto. Preciso de descanso, torturar homens é muito mais cansativo do se que imagina.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 44



KIARA

A surpresa que Rebeca fez de aparecer assim e fazer a viagem em segredo me fez muito feliz. Estava morrendo de saudades dela.

— Agora eu preciso ir. — Coloca o copo sobre a mesa de centro. — Obrigada pela conversa, adorei ver você, minha amiga.

— Obrigada por ter vindo. — A abraço. — Estava mesmo precisando conversar.

Acompanho Rebeca pela escadaria principal e jardim, até a saída, e ela entra no carro com o soldado que a trouxe. Ao ver o carro tomar

PERIGOSAS ACHERON

distância, Enrico se aproxima e fecha o portão por mim. O cumprimento e faço o caminho de volta para dentro de casa.

Subo as escadas, me preparando psicologicamente para manter o assunto Tiziana longe. Preciso saber quem ela realmente é, preciso descobrir... se perguntar, Enzo encobrirá tudo. Entro no quarto e vejo uma cena um tanto incomum. Enzo está somente de cueca, sentado na poltrona e com os cabelos molhados, lendo um livro.

— Venha, *bella mia*.

— Estava admirando um pouco a cena.

— Cena? — Franze o cenho, fechando o livro.

— Sim. — Me aproximo lentamente. — Você tranquilo e em casa.

— Voltei porque me liberei dos infelizes e estava preocupado com você.

Paro de andar e Enzo fica de pé, chegando perto de mim.

— Tive alguns enjoos mais cedo, mas me sinto bem agora... Nicola me ajudou.

— Ótimo! — Segura as minhas mãos. — *Bella*, terei que viajar para a Rússia à negócios em

alguns dias.

— Mesmo? Deixe-me adivinhar... pela cara que está fazendo, você vai sozinho.

— *Sì*.

Fico parada, olhando para ele, sem saber direito como reagir. Será que isso é mesmo verdade?

— Logo estarei de volta para você e, além do mais, ainda não temos uma data fixa.

— Temos?

— Irei com Barbieri e com o Pozzani.

— Oh, sim... algo relacionado às esposas?

— Isso mesmo, ambos precisam de um casamento. — Me olha, firme. — Mas não vamos falar sobre isso.

Enzo solta uma das minhas mãos e toca o meu rosto, deslizando a mão para a minha nuca. Fecho os olhos, sentindo o meu corpo cedendo, se entregando.

— Enzo — murmuro.

— Não diga nada agora, *bella mia*. — Beija o meu pescoço de maneira lenta. — Quero aproveitar para os dias em que estiver longe.

Abro um leve sorriso e ele para, me olhando, analisando cada detalhe do meu rosto. De

repente, sinto uma sensação estranha me tomar, algo no seu olhar me faz sentir isso.

— Está tudo bem? — pergunto.

— *Sì*. — Balança a cabeça antes de colar a testa na minha. — *Sì, bella mia*.

Salvatore avança devagar para tomar a minha boca em um beijo apaixonado. Minhas mãos sobem para os seus cabelos macios e eu os aperto entre os dedos, sentindo a sua língua afundar na minha boca e as suas mãos passearem pelo meu corpo.

Sou puxada um pouco mais de encontro ao seu corpo duro e quente e me entrego. Deus, como ele consegue se apoderar dessa maneira dos meus pensamentos? Das minhas sensações?

Desço uma das mãos para o volume na sua cueca e o apalpo com calma. Salvatore fica mais selvagem, o tesão o está dominando. Ele aperta o meu bumbum, me puxando para esfregar nele levemente.

O faço sentar de volta na poltrona e analiso todo o seu corpo potente com um olhar. O homem é dono de uma intensidade fora do comum, o seu corpo grande e musculoso se mostrando sem nenhum pudor... os olhos azuis repletos de frieza, a

expressão séria, o maxilar quadrado... não sei como definir isso.

— Venha, *bella mia*.

Me aproximo um pouco, dando a entender que vou montar nele, mas paro e ajoelho entre as suas pernas. O ajudo a retirar a cueca e expor o pau para mim. Seguro na sua base, apoio os cotovelos nas suas coxas grossas e começo a masturbá-lo de maneira lenta e firme, olhando-o nos olhos.

— Puta merda, Kiara — xinga.

— Gosta? — Aproximo os lábios da sua glândula e ele paralisa.

Sorrio, adorando ver como está ansioso por ter a minha boca no seu pau.

— Você é a porra de uma provocadora.

— Sou mesmo. — Lambo os lábios. — Gosto disso.

Passo a língua de maneira delicada na glândula, sem pressa. Enzo retesa um pouco os músculos e emite um som selvagem, completamente grave e rouco. Adoro ouvi-lo gemer.

— Não pare, esposa... isso está delicioso.

Obedeço, envolvendo o seu pau com os meus lábios, o colocando praticamente inteiro

dentro da boca. Deixo que ele deslize pelos meus lábios, enquanto brinco com as suas bolas. Ouço um xingamento em italiano, mas mantenho o meu ritmo lento e o chupando com vontade.

Acaricio as suas bolas e deixo os meus lábios correrem até a glândula, a chupando de maneira firme. Enzo geme outra vez, trazendo as mãos aos meus cabelos, os segurando de maneira firme. Mantenho o meu olhar sacana para ele e o retiro da boca para dar uma boa lambida em toda a sua extensão. As veias cravadas ali me deixam com ainda mais água na boca.

Mantenho o ritmo firme, deixando Enzo Salvatore ensandecido de prazer, louco por mais. Olhares, chupadas firmes, beijos, carícias... quero vê-lo louco.

— Venha. — Me faz parar de chupá-lo. — Levante os braços.

Obedeço e ele puxa o meu vestido para cima, retirando-o de mim. Eu mesma retiro a minha calcinha e entrego a Salvatore, que abre um leve sorriso e a leva ao nariz. O homem me faz deitar no chão, retirando a sua cueca em seguida.

— Abra as pernas para mim.

O vejo ajoelhar no chão, me olhando

intensamente, e faço o que me disse. Os dedos habilidosos alcançam o meu sexo e me acariciam lentamente. Enzo curva o corpo para frente, apoiando-se no chão para fazer a sua boca alcançar o meu sexo.

— Vou fazê-la gemer, *bella mia* — diz baixo e rouco. —, vou chupar a sua boceta molhada, saboreá-la...

Ergo a perna e passo a ponta dos dedos do pé nas suas costas.

— Linda, esposa — diz, carregado de sotaque e traz a mão livre aos meus seios.

Abro um leve sorriso e o vejo mergulhar a língua em mim, saboreando sem qualquer pudor. Gemo, arqueando o corpo quando a sua língua alcança o meu clitóris e o seu dedo me penetra lentamente.

— Enzo — chamo baixinho, agarrando os seus cabelos. — Bem aí... não pare.

O homem não tira os olhos de mim e eu me perco na imensidão azul dos seus olhos. Mordo o lábio, abafando um gemido alto, quando ele atinge o meu ponto G com o seu dedo. Me contorço e o sinto fazer pressão para que eu me mantenha quieta.

— Hum... que gostoso — murmuro, sentindo um calor intenso tomar o meu corpo.

Enzo penetra mais um dedo e começar a me foder com eles, ao passo que a sua língua ávida e experiente brinca com o meu clitóris. Arqueio o corpo mais uma vez, sentindo-me ser levada à beira. Então, de repente, ele para e me olha. Ofego, sentindo o meu corpo reclamar a interrupção.

— Agora, *bella*. — Lambe os lábios, se afastando e erguendo o tórax para se ficar de joelhos. — Vou me afundar na sua boceta deliciosa e saciar o tesão que estamos sentindo.

Abro um sorriso sacana, vendo-o acariciar o membro. Levo os pés ao seu peito e deslizo as pontas dos dedos nele, sentindo a sua dureza. O homem desliza a mão livre pela minha perna, apertando a minha coxa em seguida.

— Mantenha assim, Kiara. — Posiciona-se melhor, deixando as minhas panturrilhas apoiadas nos seus ombros. — Vou fodê-la desse jeito... irei fundo em você.

Encaixa o seu membro na minha entrada molhada, pincelando com a glândula de maneira intensa. Gemo baixinho, sentindo o ar me faltar... estou enlouquecendo de tesão. O homem mantém a

PERIGOSAS NACIONAIS

pequena tortura, subindo e descendo com o seu pau esfregando no meu clitóris.

— Enzo — gemo o seu nome. —, preciso de você dentro de mim... oh.

Quando ele começa a me penetrar lentamente, solto mais um gemido, sentindo-o me alargar. Suas mãos deslizam pelas minhas pernas, ao passo que ele movimenta o quadril firmemente, adentrando inteiro em mim.

— Cazzo — xinga baixinho.

Meu olhar encontra o seu e eu trago as mãos aos meus seios para provocá-lo. Me toco sem pudor, sendo contemplada por ele. Quando está inteiramente dentro de mim, Enzo para por alguns instantes antes de recommençar a mover o quadril em um vaivém delicioso.

— Sua boceta é deliciosa, esposa. — Aperta as minhas coxas, estocando de maneira firme. — Molhada e quente... irresistível.

— Esse seu sotaque... — Deixo a frase no ar.

— Excita você, *bella*?

Fecho os olhos e sorrio, apreciando o som rouco e repleto de sotaque.

— Muito, Salvatore.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem apenas sorri, mantendo o ritmo lento dos movimentos do seu quadril, indo fundo e saindo quase completamente. Deixando um beijo na minha perna, ele me faz abri-las para curvar o corpo para frente e apoiar as mãos no chão, ao meu lado, ficando cara a cara comigo.

Levo as mãos ao seu rosto, fazendo com que o seu olhar se mantenha no meu. Enzo inclina a cabeça e beija a minha boca, emitindo um som de satisfação. As investidas contra o meu sexo se tornam firmes e um pouco mais duras, me fazendo parar o beijo e gemer contra a o seu rosto.

— *Oh, cazzo.* — Franze o cenho, o que o deixa mais selvagem. — *La tua fica... deliziosa.* (A sua boceta... deliciosa.)

O safado está fazendo de propósito, sabe que o seu jeito de falar me deixa enlouquecida.

— Hmn... Enzo, me foda — sussurro em meio a um gemido.

Soltando um gemido junto comigo, Enzo intensifica as estocadas, me fodendo forte. Sinto o orgasmo se aproximando de maneira intensa e agarro os seus braços duros com força.

— Goze... — Beija o meu pescoço. — Me olhando nos olhos.

PERIGOSAS ACHERON

O gozo me atinge forte, fazendo todo o meu corpo estremecer e eu o detenho para que pare de se mover. Os gemidos são inevitáveis, o homem é um furacão no sexo.

Quando o meu corpo se acalma um pouco, ele retoma as investidas e eu sinto o meu sexo sensível. Salvatore está gozando e eu o provoco com beijos sacanas no seu pescoço, sussurrando o quanto quero o seu gozo dentro de mim.

Então, em uma estocada final, ele se liberta dentro de mim, urrando de prazer. Os olhos fechados com força e os músculos retesados, mostram o quanto está sendo gostoso. Por fim, Enzo solta o ar pela boca e arria ao meu lado no chão, me fazendo sorrir. Me aconcheço no seu peito suado e ele beija os meus cabelos, ao passo que alisa as minhas costas.

ENZO

Fecho os olhos, exausto. Sexo com Kiara é sempre assim, gostoso, intenso... me sinto o seu homem. Sou dela, não importa o que isso me custe. Não sei mais o que é viver sem essa mulher, ela me

PERIGOSAS ACHERON

enfeitiçou, me fez querê-la unicamente.

— Enzo. — Ergue a cabeça.

— *Parli.*

— Não quero ter que ficar sozinha e preocupada com você aqui... não conheço esse lugar direito.

— Não vai estar sozinha. — Acaricio o seu rosto. — Enrico e Matteo estarão aqui juntamente com Rebeca e Nicola, todos você conhece bem.

— Você não vai levar o Enrico? E quem vai cuidar da sua proteção?

— *Non ti preoccupare...* vou ficar bem, é para isso que eu treino.

— Como é teimoso! — resmunga, me fazendo sorrir.

— *Ma io so come infiammare la tua fica.*

— O quê?!

— Mas eu sei como inflamar a sua boceta.

Kiara me bate no meu peito, sorrindo e negando com a cabeça. Então eu percebo que estou feliz. Esse sentimento é assustador porque vem junto com o medo... o medo de que isso acabe, esse momento, essa felicidade. Fico sério quando um pensamento passa pela minha cabeça, o pensamento de perdê-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que há? — Beija o meu queixo. — Ficou sério de repente.

— Eu estou feliz, *bella*... a felicidade deixa as pessoas vulneráveis. — Olho para ela e prendo a sua mão ao meu peito. — Temo pela sua segurança... temo que algo esteja acontecendo neste momento e isso que estou sentindo esteja me deixando cego.

— Nada está deixando você cego, Salvatore. — Abre um leve sorriso. — Eu também estou feliz com você... a felicidade pode ser assustadora, mas você se acostuma com ela.

— É perigoso.

— Você não gosta? — Entrelaça os nossos dedos. — De estar aqui comigo?

— *Sì. Gosto muito.* — Olho para as nossas mãos unidas. — E me arrependo amargamente de ter feito da sua vida um inferno.

— Você estava seguindo as regras da família... e, além do mais, eu já perdooi você. — Hesita. — Não significa que esqueci, mas que quero seguir em frente... você me prometeu ser bom comigo e está recebendo a sua chance.

— *Lo so.* — Beijo a sua mão. — Cada vez que lembro o som do seu choro, do seu olhar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

raivoso e das suas lágrimas... me sinto o monstro que o meu pai era com *mia mamma*.

— Você não é ele e nem será! Eu não vou permitir isso, Enzo!

A encaro por alguns instantes e a beijo levemente nos lábios.

— Algo ainda o está incomodando... o que é?

— Lembra-se da lua de mel? Quando a machuquei no banheiro?

Kiara fica tensa e apenas acena com a cabeça.

— Aquilo... aquela coisa que eu me torno.
— Faço uma pausa. — Não sou eu, Kiara. Sempre mantive o controle de tudo, aprendi isso muito cedo... mas a minha mente insiste em me controlar em algumas situações.

— O que quer dizer?

— Não tenho controle sobre isso, é como se eu estivesse longe observando o que o meu próprio corpo faz. —Franzo o cenho. — Em momentos assim, uma raiva fora do comum me domina e... o prazer que isso traz...

Olho para Kiara e ela está atenta, apenas ouvindo a tudo, acariciando o meu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foram poucas as vezes que perdi o controle daquela maneira... geralmente, eu consigo conter, mas. — Seguro o seu queixo para que preste ainda mais atenção. — Me prometa que, se eu perder completamente o controle, você me impedirá. Você irá me parar.

— O quê? Enzo, não...

— Apenas prometa que vai me parar, Kiara.
— Acaricio o seu rosto.

— Não pode me pedir algo assim, não vou matar você. — Tenta me empurrar, mas eu a mantenho nos meus braços. — Peça a um dos seus soldados, ou ao Ettore.

— Eu só confio em você para isso. — A puxo para mim, ainda deitado no chão. — Você é a única que pode me parar. *Per favore*, eu jamais me perdoaria por machucar você outra vez... me prometa.

Vejo uma lágrima escorrer pelo belo rosto da minha esposa e a contenho.

— Tudo bem. — A voz está trêmula. — Eu prometo.

— *Grazie*. — Beijo a sua testa. — *Ti amo, piccola mia*.

— Eu também te amo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 45



"E são amores estranhos
Que fazem crescer e sorrir
Entre as lágrimas
Quantas páginas a serem escritas
Sonhos e feridas a serem divididas"
Strani amori – Laura Pausini

KIARA

O pedido e a confissão dele me fizeram sentir algo forte dentro do peito. Enzo, agora, confia em mim ao ponto de me contar as coisas

PERIGOSAS ACHERON

mais profundas da sua vida e do seu coração. Fazer aquela promessa me custou, mas se o tranquiliza, o fiz.

Sorrio ao ver que ele se aproxima enquanto penteio os cabelos molhados, afastando os pensamentos.

— Vou estar no escritório resolvendo algumas coisas dos negócios.

— Tudo bem... logo é a hora do jantar.

Enzo apenas inclina a cabeça e beija os meus lábios. Ao nos separarmos, abro um sorriso e ele retribui, me deixando sem ar com a beleza do simples ato. Em silêncio, ele me dá as costas e deixa o quarto à passos firmes, porém calmos.

Sinto o coração bater forte dentro do peito e lembro das palavras que ele me disse, todas elas. Um arrepio toma a minha espinha de repente. Não quero nem pensar em algum possível mal.

"A felicidade deixa as pessoas vulneráveis."

Desço as escadas de maneira calma e encontro Filippo na sala, me aguardando. Sorrio para ele e me aproximo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Buongiorno*, senhora. — Estende o braço. — Vou acompanhá-la até a clínica.

— Bom dia, Filippo. — Seguro o seu braço. — Agradeço.

— A senhora Rebeca não vai acompanhá-la também?

— Não. — Sorrio. — Matteo precisou dela hoje.

Ele apenas sorri e nós começamos a andar juntos. Na escadaria, ele me ajuda e tem bastante cuidado comigo, o que me faz sorrir. Filippo é um bom homem, me mostrou isso desde o dia em que costurou a minha perna.

O caminho para a clínica não é longo, mas me permite ver uma parte da cidade que ainda não conhecia. Assim que o soldado para o carro, Filippo desce e segura a porta para mim. Agradeço ao sair e contemplo a clínica, um pouco nervosa.

— Pronta, senhora?

— Sim. — Sorrio, afastando os pensamentos. — Apenas um pouco nervosa.

— Tudo vai estar bem e esse herdeiro será saudável e forte para orgulhar a Famiglia.

— Você fala bonito.

Começamos a caminhar na direção da

PERIGOSAS ACHERON

entrada do prédio.

— Estou errado?

— Meu útero é importante para eles e o meu bebê é somente uma moeda de troca.

— A Famiglia tem uma forma única... ninguém toca nos seus e sai ileso.

— Você é um bom homem, Filippo — corto o assunto anterior. — Mesmo.

Ele não responde, apenas segue comigo para dentro da clínica e nós paramos no balcão de atendimento. Filippo trata tudo em italiano e eu fico somente aguardando. Ele senta ao meu lado e começa a me contar sobre a sua esposa, quando pergunto sobre ela.

Damos algumas risadas, pulando de um assunto para outro como se fôssemos amigos de infância. É muito bom poder conversar com alguém assim, descontraído.

— Kiara Salvatore. — Meu nome é chamado e eu fico de pé, nervosa.

Filippo me acompanha em tudo e explica para a mulher que é meu médico e que vai traduzir tudo para mim. Deito na mesa, subindo o vestido e a mulher já vai melando a minha barriga com o gel. Sinto as minhas mãos trêmulas e cerro os punhos,

querendo controlá-las.

Com a mulher explicando, Filippo a espera terminar para começar a frase para me dizer. Ela pressiona o aparelho na minha barriga, fazendo a imagem começar a aparecer no visor.

— Esse aqui é o seu bebê, senhora.

Olho para a imagem e sorrio comigo mesma, encantada. Estou tão impressionada que nem respondo. Aquela coisinha pequena é o que está me causando tantas emoções confusas e eu sinto algo forte dentro do meu peito.

— Deseja ouvir o coração?

— Sim.

O som forte dos batimentos começa a ecoar na sala e um sorriso involuntário aparece no meu rosto. Filippo sorri também, ao ver a minha alegria.

— É tão rápido — comento, afastando as lágrimas.

— Bom, isso é normal.

— Está tudo certo com o bebê?

— *Sì*, pelo que estou vendo, não há nada com ele.

— Que notícia maravilhosa. — Fungo. — É o que importa... passei por muitas coisas no início da gravidez, fiquei com medo que afetasse em algo.

— Ainda pode ter afetado... algumas coisas só se descobrem com o nascimento da criança. Mas não encuque nada, sua gravidez e seu bebê serão saudáveis.

Balanço a cabeça e vejo os dois médicos conversarem em italiano. Por fim, Filippo olha para mim e pega alguns papéis para auxiliar na limpeza da minha barriga. Sento-me para arrumar a roupa e salto da cama logo em seguida.

— *Grazie.*

Deixamos a sala de ultrassonografias e tomamos o caminho de volta para casa. Penso em Enzo e daria tudo para saber o que sente realmente em relação à criança.

ENZO

Estudando os relatórios, com a cabeça cheia, pego um cigarro e me detenho para olhar para ele. Lembro-me do dia em que Kiara me disse sobre o cigarro me matar e o largo na lixeira juntamente com a caixa toda.

Mas o que essa mulher está fazendo com a minha cabeça?

Lembro-me que hoje é o dia da sua ultrassonografia e bufo. Ela me queria por perto quando fosse, mas é melhor não. Pego o celular e procuro o seu nome para realizar a ligação. aguardo alguns instantes até ouvir a sua voz bonita.

— *Bella*, já está de volta?

— *Sim, acabei de chegar. Filippo me deixou aqui e está indo aí.*

— E como foi lá?

— *Perfeito.* — Pelo tom da voz, está sorrindo. — *Pude ouvir os batimentos do bebê e ver o seu tamanhinho através do visor.*

— Você está feliz?

Um silêncio domina a linha telefônica por alguns instantes.

— *Sim.* — Hesita. — *Apesar de não me sentir pronta ainda para dar esse passo, estou feliz... eu já amo muito esse bebê.*

Muccini abre a porta e sinaliza que precisa falar comigo.

— Preciso desligar agora, depois conversamos.

Encerro a ligação e guardo o celular no bolso interno do blazer, acenando para que o

PERIGOSAS NACIONAIS

homem sente.

— Aqui está a lista com os nomes das mulheres que vão trabalhar no Brasil e levar parte da carga. — Estende um papel para mim.

— Já testou todas? — Pego o papel.

— Sim, todas foram rigidamente testadas e instruídas.

— *Perfetto!* Quando vão?

Leio rapidamente os nomes e idades disponíveis na lista e a devolvo.

— Em três dias. — Ele recusa o papel. — Essa cópia é sua.

— Ótimo, dentro do prazo.

Guardo a lista dentro da minha pasta e aperto a mão do Muccini antes de ele levantar e deixar a sala. Volto a atenção aos relatórios dos capos e me afundo neles e em seus mínimos detalhes. Nada pode sair errado com os negócios, um erro e tudo está perdido.

Com a cabeça latejando, deixo a minha sala. Olho no meu relógio de pulso e constato que já é bem tarde, já se pode ouvir a música alta no clube.

PERIGOSAS ACHERON

Enrico me segue e nós saímos pelos fundos.

No caminho para casa, recebo um e-mail do Benjamim com o endereço da SQUAD. Resolvo ligar de uma vez e tratar tudo.

— *Salvatore* — Benjamim exulta.
— *Quanto tempo!*

— *Sì, amico mio*^[57]. — Sorrio. — A palhaçada de vocês faz um pouco de falta, confesso.

— *A gente sabe que você nos ama!*

— *Dio santo* — resmungo. —, ainda na SQUAD?

— *Sim, aqui ainda são cinco da tarde. Esqueceu, porra?*

— O que queria comigo?

— *Bom, é relacionado à sua empresa de automotivos aqui no Brasil.*

— *Parli. Aconteceu algo?*

— *Nós conseguimos fazer o que pediu, já mandamos para o gerente e eu decidi, por bem, comunicar a você.*

— *Grazie a Dio!* Aquele maldito detetive agora sai do meu pé! — Solto o ar pela boca. — Bom saber disso, meu amigo! Grande abraço nos quatro *figlios di puttana*, na Lara e na pequena

Ellen.

— *Obrigado! Abraço em você e na sua esposa!* — Encerra a ligação.

Guardo o celular e volto a massagear as têmporas. A única coisa que quero neste momento é ver a minha linda esposa sorrir para mim. É bom estar com ela, o sentimento que me traz é algo inexplicável. Nunca pensei que o amor fosse algo realmente bom... para mim nunca havia sido.

Ao entrar em casa, a noto silenciosa. Dou as orientações a Enrico para que repasse aos soldados e ordeno que vá descansar. Começo a caminhar pela casa em direção às escadas. Pela hora, Kiara deve estar deitada.

O silêncio da casa faz a pressão na minha cabeça aliviar um pouco e eu agradeço por isso. Abro a porta com cuidado e vejo o quarto na penumbra, somente com um abajur aceso. Kiara está deitada, adormecida. Fecho a porta atrás de mim e começo a retirar as roupas.

A mulher emite um som virando-se para mim, abrindo os olhos lentamente. Me aproximo da cama e toco o seu rosto devagar.

— A acordei?

— Não — diz baixo. —, eu estava em um

PERIGOSAS NACIONAIS

sono leve... aguardando você.

— Tive mais coisas para fazer hoje.

— E tudo deu certo?

— Sim. — Curvo o corpo para beijar os seus lábios macios. — Agora descanse.

Um raio de sol atravessa o pequeno espaço entre as cortinas e isso me faz abrir os olhos. Ergo o olhar para a mesa de cabeceira e vejo as horas no relógio. Viro-me de volta e abraço Kiara, adorando ter o seu calor contra mim.

— Que horas são?

— É muito cedo. — A aconchego nos meus braços. — Podemos ficar aqui mais um pouco.

— Mesmo?

— *Sì, bella*. — Beijo o seu rosto.

— Você nunca fica.

— *Lo so*, mas eu posso agora.

Ela deixa que eu continue a abraçando e acaricia a minha mão, que pousa na sua barriga.

— Gostei da ideia de ficar um pouco mais na cama. — Faz uma pausa. — Enzo.

— *Parli*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tenho uma pergunta. — Vira-se na cama, ficando cara a cara comigo. — Prometa ser sincero comigo.

— Faça. — Afasto alguns fios rebeldes do seu rosto.

— Tiziana significa algo para você? Como Antonella significa para Lucca?

Fico em silêncio por alguns instantes, ela notou. *Dio santo*, tudo o que eu menos precisava agora era falar sobre Tiziana Martinelli.

— *Non*. — Me mantenho calmo. — Tiziana sempre me quis, mas eu nunca me interessei.

— Vi que trocaram alguns olhares no jantar aqui em casa... e aquela conversa de vocês dois me deixou pensativa.

— Porque, no passado, nos envolvemos... mas não deu certo. — Hesito. — Não se sinta ameaçada por ela, eu estou com você e lhe entreguei tudo o que tenho.

— Eu sei.

— Você é com quem quero estar agora, minha esposa e mãe do meu filho.

A mulher cede, abrindo um sorriso e encosta a testa no meu queixo, me abraçando. Eu sabia que Tiziana a incomodaria, agora só preciso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

manter aquela mulher longe.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 46



.. ALGUMAS SEMANAS DEPOIS ..

KIARA

Me fazendo de forte, me aproximo do meu marido e arrumo a sua gravata. Ele vai hoje para a Rússia juntamente com Lucca e Ettore para que os dois escolham as suas noivas.

— Não vá dormir com nenhuma prostituta, entendeu? — resmungo.

O vejo abrir um leve sorriso sacana, que me deixa ainda mais apaixonada. Os últimos dias

PERIGOSAS ACHERON

foram maravilhosos, parecem um sonho bom e distante.

— Claro, esposa... ficarei ansioso para estar nos seus braços novamente.

Lembro-me da noite passada e mordo o lábio; transamos na banheira e na cama incansavelmente. Ao terminar de arrumá-lo, me afasto dele e toco a minha barriga levemente saliente. Não consigo parar de contemplá-la no espelho quando estou diante de um, é uma fofura.

— Estou falando sério. — Sorrio.

— *Lo so, bella.* — Me puxa para ele e eu coloco as mãos no seu peito. — Eu também estou.

— Queria que a sua ida não fosse necessária, não acho isso seguro.

— Preciso negociar com Yasikov, é a filha dele... preciso dar a minha palavra. Vai ficar tudo bem. — Coloca a mão sobre a minha. — Mandarei uma mensagem assim que pisar em solo.

— Vou aguardar.

— Preciso ir agora, não podem haver atrasos.

O seguro mais um pouco, levando a mão ao seu rosto e a deslizando para a sua nuca. O homem lambe os lábios, entendendo o que eu quero, e

avança para me beijar. Seus lábios quentes em contato com os meus me deixam em êxtase, sua língua avança sobre a minha para se enroscar nela em uma urgência fora do comum.

Que sensação é essa no meu peito? Por que isso se parece tanto com uma despedida?

Encerro o beijo e o meu olhar encontra o seu. Enzo afaga o meu rosto, beija a minha testa rapidamente e segue para o criado-mudo para alcançar a sua pistola.

— Volte, Enzo — murmuro. —, custe o que custar.

— Eu irei.

Sem dizer mais nada, Enzo pega a mala e deixa o quarto. Respiro fundo, acariciando a minha barriga, e sigo até a janela panorâmica. Em pouco tempo, ele aparece no meu campo de visão e dá algumas instruções aos soldados que estão reunidos nas escadarias, Enrico está com eles.

Quando o vejo entrar no carro, alguns soldados tomam os seus postos e outros entram nos dois carros que o irão escoltá-lo até o aeroporto. Enrico fica na casa, como Enzo disse que ele ficaria, para cuidar da minha segurança. Quando os três carros somem do meu campo de visão, me

afasto da janela panorâmica e sento na poltrona.

Espero mesmo que essa sensação não seja nada demais... estou com medo disso.

ENZO

Depois de horas de voo, pousamos na Rússia. Yasikov designou alguns dos seus soldados para nos acompanhar até o hotel e se encarregarem da nossa segurança. Quando estou estabelecido no quarto, coloco a mala sobre a cama e pego o celular, Kiara precisa de notícias.

— *Enzo!*

— Já estou no hotel, *bella mia*. — Faço uma pausa. — Amanhã iremos nos reunir com Yasikov para falarmos sobre a filha dele e a de um outro capo.

— *Há uma previsão para a volta?*

— Está com saudades do seu esposo? — brinco.

— *Você sabe que estou preocupada.*

— E não vai ficar com saudades?

Ouçó uma breve risada, o que me faz sentir uma satisfação sem tamanho. Eu a amo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Claro, Enzo.* — Contém o riso. — *E você?*

— Já estou sentindo, Kiara. — Abaixo o tom da voz. — Adoraria fodê-la neste quarto, tem uma linda vista para a cidade.

— *Mas que safado... gosto disso.*

— Eu sei, *bella mia.* — Sento-me, me concentrando na conversa. — Daria tudo para ter você aqui e foder a sua boceta quente e molhada, seria...

— *Pare agora mesmo, Enzo Salvatore. Não vou deixar me provocar e sair ileso disso.*

— *Va bene.* — Sorrio. — Tenho que desligar agora.

— *Beijos, pense em mim quando estiver no banho.*

Sem esperar resposta, ela desliga o telefone, me deixando perplexo. Essa mulher está me tirando do eixo cada dia mais, não sei esconder o que sinto e que a quero foder toda hora. É incontrollável. Ouço batidas à porta e me forço a ir até ela, estou exausto.

— *Dio santo, não enjoam de me ver?*

— Seu rostinho é lindo demais para cansar, Salvatore — Lucca brinca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Vaffanculo!* — xingo.

— Queremos saber os nomes das moças. —
Ettore entra no quarto primeiro. — Precisamos,
pelo menos, dos nomes.

— Olga, filha do Yasikov. — Olho para
Ettore. — Sua noiva.

— Olga — repete.

— Avani, filha de um dos capos. — Olho
para Lucca. — Sua noiva.

— Devo levar flores ou algo assim? —
Lucca pergunta. — Eu nunca vi a mulher.

— Se quiser agradá-la, leve, Pozzani. —
Franzo o cenho. — Estão mesmo me pedindo
conselhos?

— Você se casou primeiro, queremos
algumas dicas.

— Casamento é o melhor arranjo para os
negócios. — Faço uma pausa, porque Kiara
contraria tudo isso. — Não há amor.

— Isso não é verdade — Lucca diz,
amargurado. — Essas coisas acontecem quando
menos se espera, Salvatore.

— Você precisa esquecer Antonella, Lucca,
pelo bem da Família — Ettore repreende. — Vai
se casar agora.

PERIGOSAS ACHERON

— Barbieri está certo.

— Nada vai mudar o que eu sinto por aquela mulher, não me importa se ela está casada.

— Cerra os punhos. — Eu irei cumprir o meu dever, assim como ela está cumprindo o dela.

— *Perfetto*, bom saber.

Entramos nos carros que Yasikov mandou para que os soldados nos acompanhem. Seguimos para a casa dele, onde o pai da Avani também nos espera. O caminho é um pouco longo e isso me dá tempo para pensar um pouco sobre os noivados que vamos fechar.

De repente, quando carros trancam os nossos, meus sentidos aguçados me indicam perigo iminente. Saco a minha pistola imediatamente e ouço os soldados de Yasikov trocarem algumas palavras em seu idioma.

Minha mente trabalha, buscando alguém que faria isso. O russo quebraria o nosso juramento?

Ao recebermos alguns códigos dos soldados do russo, noto que isso não se trata de algo armado

PERIGOSAS NACIONAIS

por eles. Yasikov, como eu, tem muitos inimigos, devem pensar que ele está em um destes carros. *Dio santo*, vou lutar uma luta que não é minha.

Destravo a arma e espero, juntamente com os soldados. Quando os homens descem do carro, uma ordem é dada e o tiroteio começa. Me abaixo dentro do carro e abro a porta, saindo devagar, sem ser notado. Avisto Ettore e Lucca empenhados no tiroteio e procuro um local que eu possa ter uma visão melhor.

Por trás de um dos carros, miro e atiro, acertando um dos homens que nos ataca. De repente, sou puxado e um soco me deixa desnortado por instantes. Me recupero o mais rápido possível e avanço no infeliz que aponta a arma para mim.

Golpeio a sua garganta com um chute e isso o faz cair, largando a arma. A chuto longe e acerto a sua cabeça com um tiro. Antes que eu possa me virar, algo atinge a minha cabeça, me fazendo cair, tonto.

Alcanço a minha pistola e acerto quem ousa se aproximar. Após ver o homem cair, sinto-me extremamente tonto e perdido, a pancada me

PERIGOSAS ACHERON

deixou desnorteadado. Uma sonolência me atinge e eu não consigo resistir a ela.

Grunho, sentindo dor na cabeça, ao abrir os olhos. Olho em volta e trato de esquecer a dor, estou em um lugar desconhecido. *Cazzo!* Olho para o lado e um médico está deixando o lugar em que estou. De repente, Ettore e Lucca entram no quarto, me fazendo aliviar um pouco.

— Chefe! Como se sente?

— Onde estou?

— Na casa do Yasikov... quando foi comunicado sobre o ataque, ele mandou ajuda.

Sento-me na cama e passo as mãos no rosto. Penso em Kiara, mas resolvo decidir primeiro os noivados, depois a comunicarei sobre esse pequeno incidente. Yasikov entra no quarto e abre um sorriso para mim.

— Aquela emboscada era mesmo para mim. Preciso agradecer a você e ao seu consigliere juntamente com o seu sub-chefe por segurarem a barra por mim... em recompensa, tratarei logo sobre o casamento de Olga e Avani.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando viram os carros, pensaram que eram vocês e confesso que preferi estar na hora para matar alguns filhos da puta.

— A minha Olga já está permitida, em sinal de confiança a vocês. Tem certeza de que está bem, Salvatore?

— Sim, estou bem.

Ettore acena com a cabeça, agradecendo, e eu sorrio levemente. É bom saber que, agora, estamos em paz com os russos e eu espero que resolvam essa questão com quem quer tomar o negócio dele. Quero seguir sem impedimentos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 47



KIARA

Passei o dia com essa sensação estranha no meu peito, não consegui parar de pensar nele. Sei que não devo ligar porque estão tratando sobre os negócios e os casamentos serão importantes para as famílias.

De repente, o meu celular toca e eu vejo o nome do meu marido na tela. Não espero dois segundos, o atendo. Quando ele me conta sobre o ataque, preciso me sentar para não cair no chão.

— Eu senti que isso aconteceria — murmuro. — Você está ferido, Salvatore?

PERIGOSAS ACHERON

— *Apenas com a cabeça dolorida, nada demais... logo estarei em casa, de volta para você.*

— Não demore, por favor.

— *Já fez a ultrassom para descobrir o sexo?* — muda o assunto.

— Ainda não... Filippo vai comigo amanhã, talvez Rebeca vá também.

— *Perfetto.* — Faz uma pausa. — *Tome cuidado, não saia desarmada e me avise sobre o resultado.*

— Claro, Salvatore. Como foram os noivos?

— *Bem. Yasikov já fechou o casamento da filha com Ettore, apesar de eles ainda estarem se conhecendo... o pai de Avani preferiu que a filha e Lucca se conhecessem um pouco mais antes de firmarem algo.*

— Mas ele quer esse casamento?

— *Sì, menos mal.*

— Ótimo! Então vocês já podem voltar!

— *Não se preocupe, bella mia... quando menos esperar, estarei de volta.* — Pigarreia.
— *Preciso desligar. Se proteja.*

Enzo encerra a ligação sem esperar resposta e eu passo as mãos no rosto, preocupada. Ele foi

atacado e age como se nada tivesse acontecido... como consegue? Ele poderia estar morto agora, ou gravemente ferido, e eu estaria enlouquecida, sozinha com um bebê nesse mundo.

— Senhora. — Enrico bate à porta do meu quarto.

— Entre.

— Com licença, a senhora Antonella Muccini está lá embaixo querendo vê-la. — Faz uma pausa. — Não parece bem, quer que eu diga para voltar depois?

— Não! Está tudo bem. — Sorrio. — Onde Nicola está?

— Na cozinha, senhora.

— Avise a Antonella que já estou descendo. Obrigada.

O homem deixa o quarto e eu acho estranha essa visita tão de repente. Respiro fundo, solto os cabelos e deixo o quarto, seguindo na direção da sala. Desço as escadas com um sorriso no rosto, apesar de tudo. Nunca se sabe com quem estamos lidando dentro da família, isso Enzo me ensinou bem. Mesmo confiando, devemos desconfiar de todos.

— Que surpresa. — A abraço quando a

PERIGOSAS NACIONAIS

alcanço. — O que a traz aqui?

— Bom, vim porque gostaria de conversar um pouco com você... me sinto sozinha. — Dá de ombros. — Mas não quero atrapalhar, se tiver algo...

— Não. — Me compadeço da mulher. — Sente-se um pouco, vamos conversar... Rebeca também deve estar chegando.

— Obrigada.

A mulher se acomoda no sofá e eu sorrio.

— Quer alguma coisa?

— *Non*, apenas a conversa será suficiente.

— Estou aqui. — Seguro as suas mãos. — Quer desabafar algo?

— Não posso — murmura. —, apenas gostaria de conversar sobre algo diferente.

Fico sem fala por alguns instantes, a tristeza que cruza o seu olhar me deixa pensativa. Ela sabe sobre o noivado de Lucca?

— Soube que Lucca e Ettore vão se casar.

Bingo.

— Bom, sim. — Sorrio, fingindo não me dar conta da sua tristeza. — O casamento com as russas firmarão o acordo de paz entre as duas famílias.

PERIGOSAS ACHERON

— Pelo que ouvi, Lucca precisa mesmo de uma noiva.

— É um caso complicado porque as meninas demoraram um pouco a nascer na família... mas será bom para selar a paz de uma vez com os russos.

— Sim, claro — diz, distante.

— Tudo bem? Está meio distante.

— Estou bem... não se preocupe.

Mudamos o assunto, mas mantivemos o foco, os filhos da família. contei que vou descobrir o sexo do bebê amanhã e ela ficou imensamente feliz e que acha que é um menino. Com mais um pouco de conversa, Antonella fica de pé e diz que precisa ir porque Muccini deve estar chegando.

— Pensei que fosse esperar Rebeca para conversarmos um pouco mais.

— Infelizmente não posso.

— Tudo bem. — Também fico de pé. — Volte mais vezes para conversarmos mais.

Nos despedimos com um leve abraço e ela segue o seu caminho até o carro. Gosto da moça, apesar de ela parecer estar sempre nervosa. Nunca perguntei, mas gostaria de saber um motivo para ela e Muccini não terem filhos, ela é bastante

jovem ainda.

A médica pressiona o aparelho na minha barriga e Rebeca aperta a minha mão, ansiosa. Olho para Filippo e ele está sério, concentrado no visor onde aparece o meu bebê.

— Vamos, bebê — murmuro. —, nos mostre.

A médica pergunta algo, sorrindo, e eu olho para Filippo, esperando a tradução.

— Já pensou em nomes? — traduz.

— Dario ou Paola.

— São nomes lindos, Ki — Rebeca diz. — Enzo sabe sobre isso.

— Sim, ele quem sugeriu... eu estava sem ideias.

Ela sorri, me lançando aquele olhar cheio de perguntas. Rebeca não sabe que estamos nos dando bem, bom, sabe apenas algumas partes. De repente, a médica sorri e diz algo

— *Bambino!*^[58]

— Ele mostrou. — Filippo sorri. — É um menino!

Olho para Rebeca e ela solta a minha mão para dançar pela sala. Dou risada com a loucura da minha amiga e mesmo assim, algumas lágrimas insistem em cair. Não sei se é medo, ou emoção, mas a única coisa que consigo pensar é que ele, um dia, será tirado de mim para passar pelo treinamento.

— O herdeiro dos negócios da Famiglia!

— Meu filho — corrijo e o silêncio se instala na sala.

Estou começando a me cansar de tratarem o meu filho como uma mercadoria e apenas isso. Ele é um bebê e vai receber todos os cuidados necessários.

ENZO

Desço do carro e entro em casa esperando ver a minha linda esposa. A cabeça ainda está dolorida, mas nada que os carinhos dela não cure. Nicola chega até mim com um sorriso no rosto.

— Kiara? Onde está?

— No jardim, senhor Enzo. — Suspira. — Chegou há pouco da ultrassonografia.

Aceno com a cabeça, deixando a mala no chão para sair pela porta principal em direção ao jardim. A vejo sentada, completamente linda. Os cabelos ao vento e a simplicidade com que está vestida me deixam ainda mais louco.

Me aproximo por trás e pego o presente que comprei no bolso interno do blazer. O tiro da caixa e o mantenho na mão. Apareço na sua frente e o olhar assustado rapidamente se transforma em surpresa. Kiara se joga nos meus braços, me abraçando com força.

— Não sabia que estava voltando. — Me solta e abre um sorriso lindo. — Eu estava me preparando para contar a você.

— Contar?

Ela pega a minha mão livre e leva à sua barriga ainda pequena, o que me faz sentir algo bom dentro de mim. Desvio o olhar da barriga para ela, sem entender.

— É um menino.

— Um menino? — Ergo as sobrancelhas, surpreso.

— Sim. — Ela sorri. — Eu estou tão feliz...

— *Dio santo, mio bambino.* — Aliso a sua barriga. — Obrigado, Kiara.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lembro-me do presente que trouxe e guardo as emoções para depois. Penduro a joia diante dela, que desvia o olhar de mim para o presente.

— Trouxe para você. Gosta?

— É lindo. — Toca a pedraria de rubi do colar. — Mas não precisava.

— Sim, precisava. — A faço virar de costas para mim. — Quero presentear a minha esposa.

Fecho a atadura do colar e ela vira para mim novamente. Ficou perfeito nela, exatamente como imaginei que ficaria.

— Tudo bem. — Hesita. — Você está feliz? Com a notícia do menino?

— Claro, *bella*. — Toco a sua barriga. — Ser pai é um grande momento, principalmente para um homem da Famiglia.

Kiara avança e beija a minha boca sem se importar por estarmos no jardim, na presença dos soldados. Acabo sorrindo em meio ao beijo, mas não o paro, está bom demais para ser interrompido dessa maneira.

— Você está bem? — pergunta ao nos separarmos. — Se feriu no ataque? Não me esconda nada, Enzo.

— Estou bem, *piccola mia*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mesmo?

— Sim. — Toca o meu rosto. — *Dio* quis que eu vivesse... me acertaram a cabeça e acharam que eu estava morto. Yasikov garantiu que teria vingança e eu confio nele.

— O que importa é que você está aqui comigo... é o pai do meu filho, não pode morrer entendeu?

— Entendi. — Sorrio. — Agora vamos para o quarto, quero matar as saudades.

— Foram apenas dois dias — se faz de difícil.

— Mas tenho certeza que sentiu saudades.

A mulher apenas sorri e segue na minha frente, balançando o quadril à medida que anda. Ah, mas essa brasileira maldita me tira o sono e ainda ascende o meu tesão, vou dar o que ela merece, uma foda repleta de tesão, paixão, amor. Serei gentil, mas também serei bruto, mostrarei as saudades e o amor que sinto por ela.

PERIGOSAS ACHERON

BÔNUS

KIARA

Depois do cochilo do nosso pós-foda, abro os olhos, saciada. Espalmo a cama e não encontro o Enzo. Mas onde esse homem está?!

Sento-me na cama e me assusto ao vê-lo de costas para mim, usando somente a cueca. Ele respira fundo diversas vezes, com o celular nas mãos, como se tentasse se acalmar.

— Enzo? Está tudo bem?

— Fique longe, Kiara. *Per favore.*

— O que há? — Visto uma camisola e me aproximo. — É algo com os negócios?

Me aproximo dele e o homem emite um som raivoso. Toco o seu ombro e ele se livra do meu toque com força, me assustando. Então, lembro-me do que ele disse sobre perder o controle. Enzo realmente foi transformado quando passou pelo treinamento.

— Enzo, se acalme, esse não é você.

— Cale a boca — rosna.

Penso nos momentos de carinho que tivemos há pouco e lembro das palavras que me disse sobre a sua perda de controle. É inevitável, não tem como não sentir medo dele. Enzo vira-se para mim e eu me mantenho firme, escondendo o medo. Não é ele.

— Você não vai me machucar e eu não vou machucar você. — Tremo. — Entendeu? Você me prometeu!

Não é ele, Kiara! Se concentre!

— Nós temos um bebê agora. — Toco a minha barriga. — Você e eu estamos juntos nisso e eu não vou permitir que você fique dessa maneira.

O homem se aproxima e bufá contra o meu rosto, raivoso. Estremeço outra vez, sentindo ainda mais medo. Peço silenciosamente proteção para o meu bebê e encaro a fera diante de mim. O olhar frio e duro me mostra um Enzo que eu já vi uma vez, quando ele me machucou na banheira em nossa lua de fel. Ergo a mão e toco o seu rosto, fazendo o homem retesar a mandíbula com força.

— Enzo, volte para mim. — Não consigo evitar as lágrimas. — Não vou suportar se precisar cumprir a promessa que fiz a você... por favor,

volte.

Sua mão vem ao meu pescoço e ele não o aperta. Então, o olhar dele vai mudando e Enzo parece cair em si. O alívio que me toma é indescritível. De repente, vejo lágrimas nos olhos dele e ele se afasta, parecendo acuado.

— *Dio santo.* — Chora. — *Dio santo!*

— Enzo. — O abraço por trás.

— Se afaste, Kiara, eu não sou digno... tentei não ser dominado por isso, mas não consegui.

— Não vou me afastar, Salvatore. — O solto. — Olhe para mim.

O homem vira-se, ficando de frente para mim. Volto a me aproximar e toco o seu rosto, o acariciando com calma.

— Me perdoe — pede. —, me perdoe, Kiara.

— Eu estou aqui. — O puxo para um abraço. — E sei que você estará comigo também... estamos juntos, lembra?

Enzo cai sobre os joelhos diante de mim outra vez, sem conter as lágrimas. Ajoelho na frente dele, sentindo o meu coração apertado com a sua angústia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gosto de ver que você não segura mais as emoções comigo. — Beijo o caminho molhado que as suas lágrimas deixam. — Nós estamos juntos nisso agora.

Ele fica em silêncio, apenas olhando para mim.

— Se sente melhor? — Aliso os seus cabelos.

— Sim. — Funga. — Obrigado, Kiara... obrigado por, mesmo depois de tudo o que eu fiz, ainda ser capaz de me perdoar e de me amar.

Apenas sorrio para ele, ainda acariciando os seus cabelos.

— Me apaixonei quando você se esforçou por mim, quando entendeu que não somente eu teria que ceder para que isso desse certo. — Hesito. — Isso... essa sua crise, vai passar.

Pego a sua mão e a trago à minha barriga. Nosso pequeno Dario vai curar você.

— Não posso, não vou conseguir fazer isso... vou machucar você e a criança.

— Não, não vai. — Enxugo o rosto dele e o meu. — Vamos voltar de onde paramos.

Beijo a sua boca e ele retribui, cheio de desejo. Monto no seu colo no chão mesmo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

querendo curá-lo disso, querendo ter o meu Enzo de volta, o Enzo que eu ajudei a descobrir... um Enzo que somente eu conheço.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo



.. ALGUNS MESES DEPOIS ..

KIARA

— Oi, pequeno. — Sorrio para ele, que está dentro do berço. — Hora de mamar.

Pego Dario nos braços com cuidado e sigo para a poltrona perto do seu berço para amamentá-lo. Fazem dez dias que ele nasceu e eu estou completamente apaixonada. Nicola me ajuda em tudo e Rebeca é a madrinha mais babona que

PERIGOSAS ACHERON

existe, presenteia o pequeno praticamente todos os dias.

Ainda não o apresentamos à família, mas alguns capos estiveram aqui para ver o futuro chefe, inclusive Muccini e Antonella. Enzo entra no quarto, me tirando dos pensamentos, e eu sorrio para ele. Estou completamente feliz por ter conseguido fazê-lo enxergar que o bebê é muito mais que apenas um herdeiro.

Os últimos meses foram perfeitos, pude acompanhar o meu bebê crescer tranquilamente. Enzo tentava se acostumar com a ideia, mas acabou cedendo quando foi a uma das últimas ultrassonografias comigo. Pude jurar que o vi emocionado, mas ele não se permitiu mostrar isso.

— Ei, *bambino* — diz, acariciando a testa do filho. — Coma e fique forte para que cresça e possa ficar no meu lugar.

Sorrio ao ver o menino vidrado nele, mesmo enquanto mama. Enzo sorri de canto e olha para mim.

— Estarei esperando você na cama, precisa de alguma coisa?

— Não. — Sorrio.

— Preciso dormir um pouco, tenho alguém

para arrancar algumas verdades amanhã e um carregamento para ser concluído.

— Tudo bem. Boa noite.

O observo deixar o quarto caminhando tranquilamente e olho para o pequeno. Dario é o pai todo, inclusive os olhos azuis dele, somente os seus cabelinhos são parecidos com os meus.

— Você é a coisa mais linda que já vi na vida, Dario. — Acaricio o seu rosto. — Sinto medo do futuro, mas não vou permitir que nenhum mal aconteça a você... daria a minha vida se fosse preciso.

ENZO

O choro do bebê me desperta e eu vejo Kiara adormecida ao meu lado. Ela está em um sono profundo, está exausta.

— *Dio santo.*

— Veja para mim, por favor... acabei de me deitar, não é fome.

Reúno as forças que tenho e saio da cama em direção ao quarto dele. Não preciso ligar a luz para ver a sua agitação, o abajur me dá a visão dele

dentro do berço. Ao me ver, Dario chora um pouco menos.

— O que você quer? — pergunto, como se a criança fosse me responder. — Trate de ir dormir, está me deixando exausto.

Enquanto ouve a minha voz, o menino vai se acalmando, mas não para de se mexer dentro do berço, completamente desperto. Bufo e decido pegá-lo nos braços, ou vai acordar Kiara outra vez. O acomodo nos meus braços e saio com ele do quarto, seguindo em direção às escadas.

Desço com cuidado e o soldado de guarda se afasta. Sento no sofá, me acomodando, e olho para o meu filho.

— Um dia você será como eu, tomará o meu lugar. — Faço uma pausa. — Será um chefe respeitado, vai comandar a Famiglia quando eu não puder mais.

Dario emite um breve som e eu acabo sorrindo. É como se falasse comigo, como se entendesse as minhas palavras.

— Você precisa parar de tomar a sua mãe de mim o tempo todo, moleque. Dio santo, preciso dela também.

Ouçó passos na escada e não preciso olhar

para saber que Kiara nos observa. Aprendi a amar o menino, quando Kiara insistiu para que eu fosse acompanhá-la em uma ultrassonografia. Os meus dois bens mais preciosos, que me tiraram da escuridão em que eu vivia mergulhado.

Sinto a mão da minha esposa no meu ombro e sorrio para ela. Nada muda o que eu sou. Tenho o cargo de chefe da Famiglia, sou responsável por levar os negócios para frente custe o que custar. Sou um homem treinado, assassino, torturador, um mafioso, isso não muda. Mas da porta para dentro, sou o pai do Dario e o esposo apaixonado e cheio de tesão.

— *Il mio piccolo angelo e la mia bella donna.* [\[59\]](#)

Ela abre um sorriso e senta ao meu lado, me fazendo companhia. Agora eu entendo o meu quarteto de amigos brasileiros, a família é tudo para eles e eu farei tudo para proteger a minha, eles me salvaram.

PERIGOSAS NACIONAIS

PRÓXIMO LIVRO

LUCCA

PERIGOSAS ACHERON

AUTORA

Obrigada a você que chegou até aqui! Essa jornada, eu não poderia fazê-la sozinha. Espero que tenha curtido a história.

Lembrando que a autora é contra toda e qualquer formas de violência narradas no livro.

FACEBOOK (PERFIL E GRUPO): Autora
Eduarda Gomes

E-MAIL: autoraeduardagomes@hotmail.com

INSTAGRAM: @egautora

Beijinhos, Duda.

^[1] Santo Deus.

^[2] Porra.

PERIGOSAS NACIONAIS

- [3] Entendeu?
- [4] Ótimo, vamos.
- [5] Esta mulher.
- [6] Maldição.
- [7] Diga-me.
- [8] Filha da puta.
- [9] Bom dia.
- [10] Exato.
- [11] Filhos da puta.
- [12] Maldita.
- [13] Maldição.
- [14] Eu gosto.
- [15] Está bem.
- [16] Não se preocupe.
- [17] Assim.
- [18] Façamos assim.
- [19] É muito bela.
- [20] Esta merda.
- [21] Vou foder essa mulher.
- [22] Maldição.
- [23] Por que esta mulher...
- [24] Olhe para mim.
- [25] Porque.
- [26] Pelo amor de Deus.
- [27] Meu amigo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- [\[28\]](#) Eu sei.
- [\[29\]](#) Maldito.
- [\[30\]](#) Desgraçado.
- [\[31\]](#) Desgraçado!
- [\[32\]](#) Meu caro.
- [\[33\]](#) Esse desgraçado.
- [\[34\]](#) Dê-me.
- [\[35\]](#) Obrigado(a).
- [\[36\]](#) Minha pequena.
- [\[37\]](#) Venha.
- [\[38\]](#) Cadela.
- [\[39\]](#) Vá tomar no cu!
- [\[40\]](#) Você está bem?
- [\[41\]](#) Venha aqui.
- [\[42\]](#) Kiara, o que está fazendo?
- [\[43\]](#) Já chega
- [\[44\]](#) Bela adormecida.
- [\[45\]](#) Café da manhã
- [\[46\]](#) Tipo de pão doce típico da Itália.
- [\[47\]](#) Bem-vinda.
- [\[48\]](#) Minha pequena.
- [\[49\]](#) Maldição.
- [\[50\]](#) Vamos.
- [\[51\]](#) Obrigado, bonita.
- [\[52\]](#) Que a Virgem Maria a proteja.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[\[53\]](#) Que porra...?

[\[54\]](#) Está louca?!

[\[55\]](#) Brindemos!

[\[56\]](#) Não comece.

[\[57\]](#) Sim, meu amigo.

[\[58\]](#) Menino!

[\[59\]](#) O meu pequeno anjo e a minha bela mulher.

PERIGOSAS ACHERON